



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

INSTITUTO DE LETRAS

PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA



Ione Pereira dos Santos Oliveira

Adverbiais no período arcaico do Português:

estudo linguístico e registro lexicográfico

SALVADOR

2022

IONE PEREIRA DOS SANTOS OLIVEIRA

**ADVERBIAIS NO PERÍODO ARCAICO DO PORTUGUÊS:
ESTUDO LINGUÍSTICO E REGISTRO LEXICOGRÁFICO**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutora em Linguística Histórica.

Orientador: Prof. Dr. Américo Venâncio Lopes Machado Filho

SALVADOR
2022

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA),
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Oliveira, Ione Pereira dos Santos

Adverbiais no período arcaico do português: estudo
linguístico e registro lexicográfico / Ione Pereira
dos Santos Oliveira. -- Salvador, 2022.

301 f.

Orientador: Américo Venâncio Lopes Machado Filho .

Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Língua
e Cultura) -- Universidade Federal da Bahia,
Instituto de Letras, 2022.

1. Adverbiais. 2. Português Arcaico. 3.
Conceituação. 4. Categorização. 5. Dicionário. I. ,
Américo Venâncio Lopes Machado Filho. II. Título.

Ione Pereira dos Santos Oliveira

Adverbiais no período arcaico do português: estudo linguístico e registro lexicográfico

Salvador, 29 de novembro de 2022

Prof. Dr. Américo Venâncio Lopes Machado Filho

Prof. Dr. Paulo José Tente da Rocha Santos Osório

Prof.^a Dr.^a. Ana María García Martín

Prof.^a Dr.^a. Lisana Rodrigues Trindade Sampaio

Prof. Dr. Natival Almeida Simões Neto

Para *Berenice e Amanda*, um *continuum* de **amor** em origem e direção.

AGRADECIMENTOS

Àquele que é “*dono de toda ciência, sabedoria e poder*” e de cuja mão provém cada conquista e alegria.

Ao meu esposo, **Admilson**, cujo altruísmo sempre foram molas propulsoras para minha trajetória pessoal e profissional. E por contribuir para a esta tese de diferentes maneiras: pelas aulas de química para entender o funcionamento do átomo, por ser o primeiro sensor dos usos de elementos, revisor das tabelas numéricas e tantas outras tarefas que surgiram ao longo desta jornada.

À minha família: pais, **Valmira** e **Antônio Carlos**, e irmãos, **Táfine**, **Jéfite**, **Raquel** e **Rafael**, sempre desempenhando o papel de contribuir para minha felicidade. Agradeço especialmente à minha mãe por assumir responsabilidades que eram minhas para que eu pudesse ter mais tempo para este trabalho. Créditos especiais para o auxílio de Raquel com as tabelas de Excel e para o design da capa da tese criado por Jéfite.

A **Américo** em sua generosidade em orientar, ensinar e compartilhar lições de vida e de academia. Nunca expressarei bem minha gratidão pelo impacto positivo do convívio com você. Também agradeço à sua família pelo acolhimento carinhoso de sempre.

Aos professores **Paulo Osório** e **Ana María Martíns** que me acolheram e fizeram eu me sentir em casa em seus países, além de contribuírem de forma tão significativa com suas expertises para este trabalho com nossas conversas.

Ao **Grupo Nêmesis**, pela amizade compartilhada nos textos, varandas, seleções e burocracias.

À **CAPES** pela bolsa de Doutorado Sanduíche na Universidad de Salamanca e tudo o que essa experiência acrescenta aos meus dias.

Aos **amigos** que são verdadeiros tesouros, sobretudo aos que contribuíram com este trabalho: Arnóbio Cerqueira, Isamar Neiva, Lisandra Pimentel, Priscila Luz.

Aos **colegas de trabalho** que proporcionam dias de paz e companheirismo raro.

E a **todos que torcem, incentivam e ficam alegres com minha alegria**.

Linguagem e figura do entendimento: e **assi** e verdade q a boca diz qnto lhe manda o coração e não outra coisa.

Fernão de Oliveira (grifo nosso)

É uma das condições necessárias a pensar certo é não estarmos **demasiado** certos de nossas certezas.

Paulo Freire (grifo nosso)

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Propostas de periodização da língua portuguesa.....	28
Quadro 2. Periodização da língua portuguesa em <i>continuum</i>	36
Quadro 3. Quadro sinóptico das abordagens tradicionais.....	57-58
Quadro 4. Características semânticas dos advérbios.....	62
Quadro 5. Advérbios Espaciais e Temporais.....	66-67
Quadro 6. Classificação semântica proposta por Castilho (2010).....	69
Quadro 7. Quadro sinóptico das abordagens de trabalhos linguísticos.....	73
Quadro 8. Espaço bidimensional das classes de palavras, adaptado de Croft (2001).....	80
Quadro 9. Fases da gramaticalização de Lehmann (1995).....	88
Quadro 10. Correlação de parâmetros da gramaticalização adaptado de Lehmann (1995).....	89
Quadro 11. Classificação dos elementos advérbios prototípicos.....	269-270
Quadro 12. Levantamento de dados dos <i>corpora</i>	271-278
Quadro 13. Advérbios “arcaicos” e suas ocorrências nos <i>corpora</i>	281-282

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. <i>Continuum</i> temporal de gramáticas de língua portuguesa.....	46
Figura 2. Taxionomia das classes de palavras.....	79
Figura 3. Relação entre elementos de uma categoria.....	84
Figura 4. Diagrama relacional dos objetos teóricos dos estudos do léxico, em função do sistema linguístico e do grau de gramaticalidade ou lexicalidade.....	104
Figura 5. <i>Continuum</i> temporal de ocorrências dos itens ‘assy’, ‘asy’, ‘assi’ e ‘assim’.....	105
Figura 6. Chaves para consulta dicionarística (adaptado).....	131/137
Figura 7. <i>Continuum</i> de traços dos nominais, adverbiais e conectivos.....	242
Figura 8. Recorte do <i>continuum</i> de gramaticalidade das classes de palavras.....	244
Figura 9. Gradação entre adjetivo, substantivo e advérbio.....	245
Figura 10. Evolução dos modelos atômicos.....	254
Figura 11. Modelo atômico-linguístico estático de classes de palavras.....	255
Figura 12. Modelo atômico-linguístico de classes de palavras em movimento.....	256
Figura 13. Distribuição dos elementos unifronteiriços.....	259
Figura 14. Distribuição dos elementos bifronteiriços.....	259
Figura 15. Distribuição dos elementos trifronteiriços.....	260
Figura 16. Distribuição dos elementos quadrifronteiriços.....	260

RESUMO

Este trabalho pretende observar o comportamento morfossintático dos advérbios no período arcaico da língua portuguesa, com base em *corpora* literário e não-literário, de variados gêneros textuais, escritos entre o século XIII e primeira metade do XVI, contribuindo para o conhecimento do processo de constituição histórica do português. Os *corpora* foram compostos por vinte textos do português arcaico, a saber: *Cantigas de Santa Maria*, *Foro Real de Afonso X*, *Notícia de Torto*, *Testamento de Afonso II* (século XIII), *Diálogos de São Gregório*, *Flos Sanctorum*, *Foros de Garvão*, *Documentos Notoriais do Mosteiro de Vilarinho*, *Documentos Notoriais do Mosteiro de Chelas* (século XIV), *Crônicas de Dom Pedro I*, *Orto do Esposo*, *Carta de Pero Vaz de Caminha*, *Documentos Notoriais do Mosteiro de Vilarinho*, *Documentos Notoriais do Mosteiro de Chelas* (século XV), *Crônica Troiana em Linguagem Portuguesa*, *Auto da Índia*, *Auto da Barca do Inferno*, *Auto de Inês Pereira*, *Gramática da Linguagem Portuguesa de Fernão de Oliveira* e *Gramática da Língua Portuguesa de João de Barros* (século XVI). A partir disso, objetiva-se discutir o conceito e classificação dispensados atualmente para a classe dos advérbios, considerando os fundamentos epistemológicos da Lexicografia Histórico-variacional, seu objeto teórico e métodos que lhe dão suporte. Como produto desta pesquisa, um inventário desses elementos é oferecido por meio de um Dicionário de Advérbios do Português Arcaico. Constatou-se que a análise linguística sistemática é o único meio para o oferecimento de um conceito e uma classificação adequadas aos advérbios; que a variedade lexical dos advérbios dos *corpora* revela vieses importantes de seu processo de mudança linguística; que as mudanças observadas ao longo do tempo interferem nos outros valores que os elementos vão assumindo; e que os diferentes gêneros literários e características socio-históricas dos documentos que compõem os *corpora* corroboram para a figuração das particularidades que os advérbios tem assumido na história.

PALAVRAS-CHAVE: Advérbios, português arcaico, conceituação, categorização, dicionário.

RESUMEN

Este trabajo pretende observar el comportamiento morfosintáctico de los adverbios en el período arcaico de la lengua portuguesa, a partir de *corpus* literarios y no literarios, de diversos géneros textuales, escritos entre el siglo XIII y la primera mitad del siglo XVI, contribuyendo al conocimiento del proceso de constitución histórica del portugués. Los *corpus* estaban compuestos por veinte textos en portugués antiguo: *Cantigas de Santa Maria*, *Foro Real de Afonso X*, *Notícia de Torto*, *Testamento de Afonso II (siglo XIII)*, *Diálogos de São Gregório*, *Flos Sanctorum*, *Foros de Garvão*, *Documentos Notoriais do Mosteiro de Vilarinho* (siglo XIV), *Documentos Notoriais do Mosteiro de Chelas* (siglo XIV), *Crônicas de Dom Pedro I*, *Orto do Esposo*, *Carta de Pero Vaz de Caminha*, *Documentos Notoriais do Mosteiro de Vilarinho*, *Documentos Notoriais do Mosteiro de Chelas* (siglo XV), *Crônica Troiana em Linguagem Portuguesa*, *Auto da Índia*, *Auto da Barca do Inferno*, *Auto de Inês Pereira*, *Gramática da Linguagem Portuguesa de Fernão de Oliveira* e *Gramática da Língua Portuguesa de João de Barros* (siglo XVI). El objetivo de este artículo es discutir el concepto y la clasificación actualmente utilizada para la clase de los adverbios, considerando los fundamentos epistemológicos de la Lexicografía Histórico-Variacional, su objeto teórico y sus métodos. Como resultado de esta investigación, se presenta un inventario de elementos a través de un Diccionario de Adverbiales en portugués arcaico. Se observó que el análisis lingüístico sistemático es la única forma de ofrecer un concepto y una clasificación adecuada para los adverbios; que la variedad léxica de los *corpus* adverbiales revela importantes sesgos en su proceso de cambio lingüístico; que los cambios observados en el tiempo inciden en los demás valores que asumen los elementos; y que los diferentes géneros literarios y las características sociohistóricas de los documentos que componen los *corpus* ratifican la conformación de las particularidades que los adverbios han asumido a lo largo del tiempo.

PALABRAS CLAVE: adverbiales, portugués arcaico, conceptualización, categorización, diccionario.

ABSTRACT

This paper aims to observe the morphosyntactic behavior of adverbials in the archaic period of the Portuguese language, based on literary and non-literary corpora, of various textual genres, written between the 13th century and the first half of the 16th century, contributing to the knowledge of the process of the historical constitution of Portuguese. The corpora were composed of twenty archaic Portuguese texts, namely: *Cantigas de Santa Maria*, *Foro Real de Afonso X*, *Notícia de Torto*, *Testamento de Afonso II* (13th century), *Diálogos de São Gregório*, *Flos Sanctorum*, *Foros de Garvão*, *Documentos Notoriais do Mosteiro de Vilarinho* (século XIV), *Documentos Notoriais do Mosteiro de Chelas* (14th century), *Crônicas de Dom Pedro I*, *Orto do Esposo*, *Carta de Pero Vaz de Caminha*, *Documentos Notoriais do Mosteiro de Vilarinho*, *Documentos Notoriais do Mosteiro de Chelas* (15th century), *Crônica Troiana em Linguagem Portuguesa*, *Auto da Índia*, *Auto da Barca do Inferno*, *Auto de Inês Pereira*, *Gramática da Linguagem Portuguesa de Fernão de Oliveira* e *Gramática da Língua Portuguesa de João de Barros* (16th century). From this, the objective is to discuss the concept and classification currently dispensed for the class of adverbs, considering the epistemological foundations of Historical-variational Lexicography, its theoretical object and methods that support it. As a product of this research, an inventory of these elements is offered through a Dictionary of Archaic Portuguese Adverbials. It was found that systematic linguistic analysis is the only way to offer a concept and an adequate classification for adverbials; that the lexical variety of corpora adverbials reveals important relevant perspectives of their linguistic change process; that the changes observed over time affect the other values that the elements assume; and that the different literary genres and socio-historical characteristics of the documents that make up the corpora corroborate the figuration of the particularities that adverbials have assumed in history.

KEYWORDS: Adverbials, Archaic Portuguese, conceptualization, categorization, dictionary.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
1.1 BREVE PERCURSO SOBRE A CONSTITUIÇÃO HISTÓRICA DA LÍNGUA PORTUGUESA	25
2 REVISITANDO OS ADVERBIAIS: o estado da questão	39
2.1 REVISÃO DAS ABORDAGENS SOBRE ADVERBIAIS	40
2.1.1 Gramáticas históricas do português	40
2.1.2 Gramáticas tradicionais	46
2.1.3 Estudos linguísticos	59
2.2 CONCEITUAÇÃO E CATEGORIZAÇÃO EM XEQUE	74
2.2.1 A teoria dos protótipos	77
2.2.2 A teoria da gramaticalização	86
3 FUNDAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS DA CIÊNCIA LEXICAL EM PERSPECTIVA HISTÓRICO-VARIACIONAL	91
3.1 LEXICOGRAFIA HISTÓRICO-VARIACIONAL: alcance, objeto e método	101
3.2 O LUGAR DO LÉXICO NA ESCOLA	107
3.3 OS <i>CORPORA</i> DA PESQUISA	111
3.4 METODOLOGIA EMPREGADA	128

4 DICIONÁRIO DE ADVERBIAIS DO PORTUGUÊS ARCAICO	133
5 ANÁLISE DOS DADOS	232
5.1 “DANDO NOME AOS BOIS”	232
5.2 UMA CLASSE DE ADVERBIAIS?	234
5.3 ORGANIZAÇÃO GRAMATICAL EM <i>CONTINNUM</i>	239
5.4 OS ADVERBIAIS DOS <i>CORPORA</i>	250
5.5 CASOS ESPECIAIS	278
5.5.1 Estruturas Correlativas	278
5.5.2 Adverbiais “arcaicos”	280
6 CONCLUSÃO	286

REFERÊNCIAS

1 INTRODUÇÃO

“- Povo de Sucupira, meus conterrâneos, apresento-me como candidato a prefeito dessa cidade com as mãos limpas e o coração nu, despido **stripteasicamente** de qualquer ambição de glória, movido **apenasmente** pelo anseio de servir o povo dessa cidade que se encontra sedento de justiça, de paz [...]”.

A maioria das pessoas, ao conhecer *O Bem Amado*, de Dias Gomes, guarda uma memória letífica dos característicos discursos pronunciados pela personagem principal, Odorico Paraguaçu, como o transcrito acima. Quis o autor que o coronel dispusesse dos vocábulos da língua portuguesa adaptando-os à sua necessidade de expressão e extrapolando as formas e funções comumente relacionadas aos elementos pela gramática tradicional, o que não passou despercebido e foi maximizado nas versões apresentadas na televisão e no teatro (a exemplo do excerto acima).

À utilidade deste trabalho, é possível destacar o uso de diversos elementos com o sufixo *-mente*, usualmente associados aos chamados adverbiais, a maioria em formação inusitada, como pode-se extrair de Gomes (2020):

- a. *Povo sucupirano! **Agoramente** já investido no cargo de Prefeito, aqui estou para receber a confirmação, a ratificação, a autenticação e por que não dizer a sagração do povo que me elegeu. (p. 29)*
- b. *Botando de lado os entretantos e partindo pros **finalmente**, é uma alegria poder anunciar que **prafrentemente** vocês já poderão morrer descansados, tranquilos e desconstrangidos, na certeza de que vão ser sepultados aqui mesmo, nesta terra morna e cheirosa de Sucupira. (p. 29-30)*



- c. *Na próxima vez que o senhor vier aqui já quero lhe falar da inauguração. Aliás, a Igreja devia ajudar. É uma obra cristã, e que, **entremetemente**, vai render dividendos para a paróquia. Benzimento de corpo, encomendação de alma... (p. 32)*
- d. *Ora, o circo que se mude. Chega das palhaçadas de **antigamente**. **Prafirentemente**, vamos tratar de coisas sérias. Pode levar isso daqui. (p. 34)*
- e. *(...) E agora que o cemitério está pronto caem de pau em cima de mim, me chamam de demagogo, de tudo, **somentemente**, porque aconteceu o que não devia acontecer. Ou melhor: só porque não aconteceu o que devia acontecer. Como se eu tivesse culpa! (p.40)*
- f. *Sei lá, dona Dorotéa, sei lá. Passo dia e noite pensando nisso e não encontro jeito. É uma situação **deverasmente** embaraçante. (p. 43)*
- g. *Fique tranquila, dona Dorotéa, pela honra das donzelas juramentadas de Sucupira respondo eu. Zeca Diabo não vai tocar em nenhuma delas... **não obstantemente** isso vá ser uma deceptude pra algumas... (p. 64)*
- h. *Quero nada. Quero só que volte a morar aqui, na sua terra natal. Um dos **principalmente** de minha plataforma política é a pacificação da família sucupirana. (p. 65)*
- i. *Sei. Parece que o senhor teve um desaguizado com o finado Coronel Lidário... Mas o acontecido **pratrasmente** não conta. O que vale é o que o cidadão possa fazer **prafirentemente**. (p. 65)*
- j. *(...) Pra que o senhor se sinta **perfeitamente** tranquilo e à vontade nesta terra, vou nomear o senhor para um alto posto da administração municipal. (p. 67)*
- k. *Em política, dona Dorotéa, os **finalmentes** justificam os não obstantes. (p. 70)*
- l. *(...) Era um borboletista juramentado. Passava o dia todo com aquela rede, pelos matos, borboleteando, nem ligava pra mulher. **De repentemente**... vocês não acham que tudo isso são sintomas de loucura? Vou chamar um especialista da capital e vocês vão ver. (p.115)*

m. *Sei não... alguma coisa que colocasse o povo do meu lado **novamente**.* (p. 117)

Não custa confessar que, ao ler a afirmação de Almeida (1985, p. 321), “É erro, portanto, dizer *apenasmente*; o sufixo só se acrescenta a adjetivos; *apenas* já é advérbio. Dizer *apenasmente* é o mesmo que dizer *derrepentemente*, ou seja, é dizer tudo, menos português”, foi impossível não remeter a contextos de uso como os listados acima. No entanto, o tom burlesco ou a figura caricata da personagem principal talvez dificultem o estranhamento às composições por parte dos utentes comuns da língua. É possível que, por estar numa variedade de fala, a princípio, os usos incomuns citados sejam tolerados e construções como as de abaixo não causem indisposição aos falantes correntes da língua.

n. *Eu vou ficar daqui **longezinha**; eu quis realmente prestigiar nossa mãe¹.*

o. - *Pedro, quer me matar do coração é? Que susto!*

- *E quem **anda zanzando** uma hora dessas feito morcego se assusta?*

- *Tava zanzando nada!*

- *O que é que tu tava fazendo? Pelo tempo que demorou, não foi só urinar não!*

- *Pois fui!*

- *Vai **urinar comprido** assim nos quintos dos infernos!²*

Fato é, contudo, que a maioria das construções como essa e aquelas, ou como as que apresentam-se a seguir, têm condição suficiente de incomodar, ainda que minimamente, os que julgam poder apresar os elementos em classes gramaticais. Afinal, quem poderia preliminarmente conciliar o uso dos elementos destacados acima com os requisitos comumente

¹ Trecho da entrevista apresentada no Jornal BATV, no dia 02/02/21, em que uma devota de Iemanjá explica sua posição no festejo tradicional em homenagem à orixá durante a pandemia de COVID19.

² Trecho da novela Tieta.

listados pela gramática tradicional para nomear um elemento como “advérbio”? E como classificar os usos dos elementos destacados nos trechos considerando as premissas atualmente postas?

Esse incômodo demonstra o quão importante é reconhecer os processos linguísticos que movimentam a língua, como a categorização. Categorizar é uma ação primária da raça humana, mas, em se tratando de língua, a que nível cabe categorizar? Seria essa uma tarefa da morfologia? Como considerar o fluxo de elementos tradicionalmente categorizados que parecem por vezes funcionar como itens de outra categoria? E como o nome usado para denominar um grupo de elementos pode fazê-lo de maneira a condizer satisfatoriamente com as formas/funções desse grupo?

Observem-se os exemplos acima. Considerando a prescrição tradicionalista da gramática, qual(is) pode(m) ser chamado(s) de “advérbio(s)”? Como categorizar um elemento com o sufixo *-mente* cujo uso apresenta variação morfológica ou é precedido por determinante? O que justifica o acréscimo de *-mente* a elementos facilmente associados aos “advérbios”? O que dizer da justaposição de locuções para a adjunção de *-mente*? Seriam os elementos compostos com o sufixo *-mente* protótipos do grupo? Como analisar morfossintaticamente os usos dos elementos destacados em *o*? Que elemento(s) está(ão) em condição de escopo(s) desses “adverbiais”? Apesar de “advérbios” ser um termo consolidado, está adequado à natureza dos elementos que têm nomeado?

Muitas são as perguntas, a cujas “respostas” tem-se a esperança de alcançar. Numa análise pouco elaborada dos exemplos acima, é possível supor que em: *a, c, e, f, g* e *l* tem-se elementos compostos por uma base conhecida como adverbiais, acrescida do sufixo *-mente* num provável movimento de reforço do caráter “adverbial”; nos segundos destaques de *b* e *d* e em *i*, pode-se supor o mesmo movimento de reforço citado anteriormente, com a peculiaridade de estarem as locuções justapostas e amalgamadas ao sufixo como um só elemento; no primeiro destaque de *b, h* e *k* é possível ver elementos, que só pela presença do sufixo *-mente*, são tipicamente chamados de “advérbios” funcionando como nomes precedidos, inclusive, por determinantes – note-se que a variação na concordância pode sugerir a dúvida da adequação

gramatical que muitas vezes transparece em situações de uso; por fim, o primeiro destaque em d, j e m exibem elementos corriqueiramente considerados como “advérbios”, sem nenhum traço incomum de uso.

Uma reflexão necessária para “responder” a última das perguntas feitas acima já adianta a conclusão a que se chega aqui: o termo “advérbio” não condiz com a natureza dos elementos a que tem nomeado. Como é sabido, **advérbio** vem do latim *adverbium*, e recebeu esse nome por estar *ad* (próximo, perto, junto) ao *verbium* (verbo). Fato é que, há muito tempo, a observação desses elementos revela que essa aproximação não se restringe apenas ao verbo; qualquer gramática vai indicar o “adjetivo” e outro próprio “advérbio”, ultimamente já é possível até ver a inclusão de frases, como escopos possíveis desses elementos. Porém, é preciso levar em consideração que elementos de outras naturezas também estão próximos de verbos, com outras funções, claro. Daí, pode-se afirmar que o que diferencia esses elementos de outros não é sua natureza de satélite, mas sim o cariz de seu comportamento nessa proximidade. Muitos estudiosos têm dito que o “advérbio” modifica seus escopos. Mas essa noção de modificação merece ser revista observando que: 1. O termo “modificação” é usado para

definir o papel temático dos constituintes do sintagma nominal que não o substantivo “cabeça” e seus determinantes, e o dos constituintes do sintagma verbal que não o verbo, seu auxiliar e o sintagma nominal objeto. Assim por um lado, o adjetivo epíteto, o complemento nominal e a relativa são modificadores do sintagma nominal e, por outro lado, os advérbios de modo, as subordinadas e adjunto de tempo, lugar, etc., são modificadores do sintagma verbal. (DUBOIS *ET AL.*, 2014, p. 385).

2. Existe um grupo de elementos dentro da classe a que se atribui a noção exatamente contrária: a de não-modificadores. Sobre isso, há que se refletir se o mais adequado seria pensar binariamente em modificação vs. não-modificação ou uma hierarquia de características que possa justificar as divisões internas do grupo. É de suma importância observar se a ação realizada por esses elementos sobre seus escopos não seria a de atribuir uma especificidade de condição ou de circunstância. No capítulo 5, o tema será retomado e detalhado.

Pensando nisso, e com vistas a dar continuidade ao trabalho de pesquisa desenvolvido no mestrado, sob a orientação da professora Sônia Bastos Borba Costa, intitulado

Gramaticalização de advérbios formados com o morfema -mente, defendido em março de 2014, na Universidade Federal da Bahia, propõe-se agora observar o comportamento morfossintático dos advérbiais no período arcaico da língua portuguesa – delimitado no subcapítulo ‘Breve percurso sobre a constituição histórica da língua portuguesa’, a partir de *corpora* literário e não-literário, de variados gêneros textuais, escritos entre o século XIII e primeira metade do XVI, contribuindo para o conhecimento do processo de constituição do português, a cuja linha de pesquisa (Linguística histórica, filologia e história da cultura escrita) se filia.

Para Perini, em sua *Gramática Descritiva do Português* (1996, p. 338), “[...] os ‘advérbios’ do português estão muito pouco estudados em seu conjunto”. O que, ainda hoje, em pleno século XXI, indica a necessidade que novas pesquisas sejam empreendidas em direção de recuperar o lapso existente, e colaborar para o conhecimento da trajetória histórica da língua portuguesa.

Nesse sentido, vale destacar que, embora muito já tenha sido pesquisado sobre o português arcaico, muito ainda há de se observar, sobretudo no que concerne ao inventário das unidades léxico-gramaticais e seu comportamento morfossintático. Considerando que a Universidade Federal da Bahia, através do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, tem se configurado como centro acadêmico em que as pesquisas têm procurado desvendar diferentes aspectos da história da língua, passando a ser referência em trabalhos de Linguística Histórica *stricto sensu*, a proposta de investigar o comportamento passado das unidades atribuidoras, em uso durante o período arcaico, constitui-se em tarefa necessária e relevante, mesmo porque pode contribuir para projetos de pesquisa mais amplos, a exemplo do Projeto Dicionário Etimológico do Português Arcaico (MACHADO FILHO, 2013a), que, embora já encontre seus primeiros volumes publicados, demanda pesquisas que se concentrem em categorias gramaticais específicas, a exemplo de advérbiais, qualificativos, locativos etc., para além de seus aspectos etimológicos.

Convém registrar que o Projeto Dicionário Etimológico do Português Arcaico fomenta, para além da construção de obras lexicográficas variacionais e históricas por meio dos projetos individuais dos integrantes do Grupo Nêmesis/UFBA, o trabalho de cunho filológico, a

construção continuada de *corpora* informatizados composto de textos literários e não literários datados dos século XIII a meados do século XVI, bem como a especialização de uma metodologia que sirva de suporte à edição de textos e à lexicografia histórica. Por isso mesmo, dispõe o referido projeto de banco informatizado de textos que recobre todo o período arcaico da língua e que serve para o processamento automatizado de unidades lexicais por fragmentadores e concordanciadores, a exemplo do WORDSMITH, UNITEX, NOOJ e similares.

Machado Filho (2012, p. 382) diz que a falta, no período arcaico do português,

de uma ortografia balizadora, que, como se sabe, só viria efetivamente a conhecer a língua portuguesa nos inícios do século XX, com Gonçalves Vianna – não obstante os esforços dos primeiros ortógrafos desde os anos de quinhentos –, faz do trabalho lexicográfico histórico um campo de pesquisa deveras idiossincrático, já que, diferentemente da lexicografia contemporânea, a conservação da diversidade de usos da escrita, isto é, o pleno registro da variação gráfica, é muito mais requerido naquela do que nesta, passando essa ideia a se configurar como uma das linhas metodológicas norteadoras do trabalho de pesquisa diacrônico do léxico, nomeadamente no que se refere à construção de dicionários históricos da língua, em especial daqueles que objetivem registrar o período que antecede as novas posturas sociais, comportamentais e linguísticas do período renascentista em Portugal.

Equivale isso a dizer que é esse período da língua um momento especial para a observação da variação linguística que em algum grau se constituiu em mudança, o que tem demandado algumas investigações históricas, no intuito de salvaguardar para a posteridade parte do que um dia teria sido padrão. Não custa, aliás, ressaltar que a imensa variação em todos os níveis é justamente o que caracteriza o período arcaico do português, a que Maia (1986) nomeia de polimorfismo gráfico.

No caso específico dos advérbios, não se dispõe, ainda, de um inventário que tenha sido organizado com os preceitos metodológicos da lexicografia histórica que, como se sabe, é “deveras idiossincrático”, como antes afirmou Machado Filho (2012).

A observação sistemática de elementos advérbios no período arcaico do português pode, pois, contribuir para a construção do conhecimento que se tem perseguido sobre mudança

linguística em língua portuguesa e, mais ainda, para o registro dos elementos que estiveram em variação ou desapareceram na passagem do período arcaico para o português moderno.

Com base em pesquisas, nomeadamente em gramáticas tradicionais, é possível observar que o conceito dado à classe gramatical dos advérbiais não integra a polêmica discussão acerca da categoria. Parece consensual considerar o advérbio como uma expressão de natureza nominal ou pronominal, modificadora do verbo, do adjetivo, de outro advérbio e até mesmo de toda oração, como querem muitos gramáticos de língua portuguesa. Porém, apesar do aparente consenso sobre o conceito outorgado à classe dos advérbiais, o debate que cerca esses itens está para além da questão da definição. Alguns estudos linguísticos já têm apontado para a necessidade de avaliar esses itens mais aprofundadamente, levando em conta, não apenas a função sintática como se tem feito, mas também o seu potencial funcional e traços que caracterizem tais itens em todos campos de análise, inclusive, no campo discursivo e morfológico.

Não custa mencionar, no entanto, que, ao contrário do que se pretende aqui, aparentemente, os advérbiais ainda não se constituíram na condição de objeto de estudo de trabalhos lexicográficos. Assim, como principal objetivo desta pesquisa tem-se o estudo da natureza dos advérbiais a fim de conceituá-los e classificá-los de maneira mais adequada do que se tem feito, além da produção de um inventário desses elementos no período arcaico da língua portuguesa, a partir de amplo *corpora*.

Os objetivos específicos da pesquisa concentram-se em:

- a) Analisar o comportamento morfossintático, semântico e discursivo dos advérbiais identificados no *corpus*, com o intuito de contribuir para o conhecimento histórico dessa categoria em língua portuguesa;
- b) Elaborar um dicionário dos advérbiais identificados nos *corpora*;
- c) Colaborar com o Projeto Dicionário Etimológico do Português Arcaico, no que concerne à pesquisa etimológica das unidades identificadas na língua desse período;

d) Contribuir para os estudos de Linguística Histórica, sobretudo no que concerne à conceituação e classificação dos advérbios.

Os problemas que se colocam diante deste trabalho são:

1. Em que medida pode uma análise linguística contribuir para que um conceito e uma classificação adequados sejam oferecidos à classe dos advérbios?
2. Que aspectos influenciam as mudanças porque passam os itens considerados como advérbios?
3. Que mudanças em relação à classificação podem ser observadas ao longo do tempo?
4. Que outros valores os elementos vão assumindo no decorrer do tempo?
5. Que nível de particularidade assumem os advérbios de acordo com o *corpus* em que se apresentam?

Em contrapartida, pressupõe-se que: a) a análise linguística é o único meio para o oferecimento de um conceito e uma classificação adequadas aos advérbios; que, b) a variedade lexical dos advérbios dos *corpora* revela vieses importantes de seu processo de mudança linguística; que, c) as mudanças observadas ao longo do tempo interferem nos outros valores que os elementos vão assumindo; e que, d) os diferentes gêneros literários e características socio-históricas dos documentos que compõem os *corpora* corroboram para a figuração das particularidades que os advérbios tem assumido na história.

Dessa maneira, esta tese apresenta os seguintes capítulos, listados e descritos a seguir:

Capítulo 1 – INTRODUÇÃO

Este capítulo, em curso neste ponto, cuida de descrever o trabalho aqui proposto, iniciando a incursão ao tema abordado e traçando brevemente um percurso da constituição histórica da língua portuguesa a fim de contextualizar os cenários de formação e mudanças linguísticas ocorridas e a ocorrer.

Capítulo 2 – REVISITANDO OS ADVERBIAIS: o estado da questão

Neste capítulo, busca-se analisar diferentes perspectivas de gramáticos e linguistas sobre os advérbios, sob vários aspectos: os conceitos atribuídos à classe, suas subdivisões, função desempenhada em diversos contextos, características peculiares etc.; além de perseguir uma conceituação e classificação adequadas às linhas tênues que apresentam os limites entre as classes de palavras, em geral.

Capítulo 3 – FUNDAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS DA CIÊNCIA LEXICAL EM PERSPECTIVA HISTÓRICO-VARIACIONAL

Este capítulo pretende apresentar os fundamentos epistemológicos da ciência lexical, especificamente os dos estudos de Lexicografia Histórico-variacional, fitados pelo Grupo Nêmesis, a que o projeto desta tese está associado, seu objeto teórico e os métodos que lhe dão suporte. É oportuno ainda oferecer notícias mais relevantes referentes a pesquisas de cunho Lexicográfico e Lexicológico que lastreiam os estudos da Ciência Lexical, além de apresentar os *corpora* a serem utilizados para a análise linguística e registro lexicográfico e a metodologia para o levantamento dos dados com que se pretende oferecer tais resultados e produzir o Dicionário de Advérbios do Português Arcaico.

Capítulo 4 – DICIONÁRIO DE ADVERBIAIS DO PORTUGUÊS ARCAICO

O objetivo desta seção é o de apresentar um produto lexicográfico específico para entradas que funcionem como advérbios, destacando, em sua microestrutura, o conceito e a etimologia dos itens em análise, acompanhado de abonações dos textos em português arcaico que servem de *corpora* a esta pesquisa (quando possível, contemplando os quatro séculos de estudo).

Capítulo 5 – ANÁLISE DOS DADOS

Baseado no banco para observação de dados disponibilizado pelos *corpora* deste trabalho, este capítulo dedicar-se-á a esboçar o comportamento dos adverbiais, a partir de sua quantificação, consideração de seus aspectos sintáticos, semânticos, morfológicos e discursivos, levando em conta os limites, natureza e alcance da classe dentro do *continuum* de gramaticalidade proposto no capítulo 2 (dois).

Capítulo 6 – CONCLUSÃO

Por fim, apresentam-se considerações gerais que afloram da análise, acompanhadas pela soma das observações e novas inquietações suscitadas.

Vale ressaltar a importância da articulação constante entre teoria e prática. Procedeu-se à pesquisa bibliográfica, à coleta dos dados nos *corpora* e à redação preliminar de modo concomitante, a fim de ajustar, paulatinamente, os critérios de organização e do texto final, que agora se apresenta.

1.1 BREVE PERCURSO SOBRE A CONSTITUIÇÃO HISTÓRICA DA LÍNGUA PORTUGUESA

Para construir um conhecimento sobre qualquer questão linguística, é fundamental que se compreenda a trajetória sociohistórica e sociocultural de que derivam os fluxos permanentes de que constituem-se as línguas. Isso não é diferente para os estudos gramaticais, sobretudo em

análises que dependem tanto da exploração de dados históricos para a compreensão dos usos que são feitos de elementos linguísticos complexos como os adverbiais.

Por isso, é importante relembrar que, no mês de agosto do ano de 218 a.C., o latim foi levado à Península Ibérica no contexto das guerras púnicas, tendo entrada pelo Porto Empóron, a qual foi capitaneada pelo comandante Cneu Cipião Calvo, conforme detalhamento de Silva e Osório (2008). Os efeitos da romanização são admitidos consensualmente e fazem entender, como quer Castro (1991, p. 67) que “a história do português tem de começar por ser uma história do latim”, já que esta é a um importante componente linguístico do português.

À época de difusão do latim chamado vulgar, o Império Romano conheceu seu declínio, graças, dentre muitos fatores, à ocorrência de crises políticas, econômicas e populacionais, sem, contudo, determinar uma ruptura com instituições e organizações sociais, nem com o latim falado nas diversas regiões da península. Outros acontecimentos também tomaram parte da formação histórica do berço da língua portuguesa: as invasões visigodas nos idos do século V e as invasões muçulmanas, desde o ano de 711, por causa das quais os então habitantes da península refugiaram-se na região norte até a preparação para o movimento de Reconquista. Não custa lembrar que todos esses eventos históricos acabaram, como não podia deixar de ser, por contribuir para a formação linguística das línguas que dali nasceriam.

É oportuno ressaltar que essa região de refúgio foi onde teve origem a formação do galego-português, variedade de língua reconhecidamente embrionária do português, a qual sofreu isolamentos constantes decorrentes de sua localização geográfica. Este isolamento provocou, ao longo dos séculos, diversos fatores de diferenciação do galego-português em relação ao latim e às demais línguas da Península Ibérica já que: estava fora da rota comercial no período de romanização; recebia o fluxo sul-norte que partia da região da Bética, e, sendo esta uma das primeiras a ser romanizada, usava uma variante latina mais conservadora. Durante a invasão germânica, o isolamento provocou a desenvolvimento do galego-português no sentido da deriva latina e da influência das línguas autóctones; a manutenção do isolamento foi corroborada também em virtude das invasões árabes.

O movimento de reconquista foi um processo que perpassou quatro séculos, tendo início no ano de 718 com Pelágio. Daí destacam-se como acontecimentos de avanço da campanha de reconquista: a vitória da Batalha de Cavadonga – ano de 722, a conquista do califado de Córdoba – em 1030, a retomada de Coimbra – em 1064, a reconquista de Lisboa – em 1147, a formação do condado Portucalense – no ano de 1187 e a conquista de Faro – em 1249. Na Península Ibérica, a Reconquista completou-se em 1492 com a expulsão total dos muçulmanos e a retomada de Granada e a unificação da Espanha como Estado Nacional. A esse tempo, a língua portuguesa já atravessava seu primeiro período de existência, tema que merece espaço neste trabalho, considerando, sobretudo, o uso de documentos do período arcaico do português.

É conveniente, no entanto, pensar na periodização levando em conta também que ela pode ser observada em termos de continuidade. Isso quer dizer que, ainda que as propostas de periodização, em sua maioria, se justifiquem por sua necessidade didática, a escolha da divisão de tempos da história de uma língua não pode ser aleatória; antes, importa considerar, como sugerem Weinreich, Labov e Herzog (2006), que a generalização de uma mudança linguística não atinge toda a estrutura da língua de maneira uniforme ou instantânea; durante largos períodos de tempo, ela permanece em estado de covariação com outras mudanças.

A ideia de *continuum*, aliás, teve origem em Aristóteles em suas contribuições para a Física. Com base no que ele denominou de Teoria do *Continuum*, outras disciplinas valem-se de seus pressupostos para explicar processos formativos e/ou evolutivos. A linguística tem se valido dessa teoria proficuamente com as teorias da mudança linguística e da gramaticalização; mas, o que, no mundo ou, especificamente, nas ciências, pode ser observado fora da continuidade? Que evento histórico, ou mesmo uma era, não apresenta uma antecedência e continuação? Parece ser o conceito de continuidade um conceito imanentemente atrelado à existência de todas as coisas. Seria possível, então, propor uma periodização da história de uma língua sem levar em conta a relevância da continuidade para os processos de mudança? A história da língua portuguesa pode fornecer a resposta e vários estudiosos têm se valido dela para opinar a respeito.

Várias propostas de periodização da língua portuguesa já foram oferecidas e há muitos pontos de dissensão (cf. VASCONCELLOS, 1911; (VASCONCELOS, 1946; VÁZQUEZ CUESTA, 1980; TEYSSIER, 1982; MAIA, 1986; MATTOS E SILVA, 1994; CARDEIRA, 2006; SILVA E OSÓRIO, 2008). Não é objetivo principal deste trabalho, no entanto, discutir as propostas apresentadas sobre o tema até agora; até porque “a história é uma canção que deveria cantar-se a muitas vozes, aceitando também o inconveniente de que com frequência as vozes se cobrem umas às outras” (BRAUDEL, 1997, p. 787-788). Mas, pensando na periodização como uma ferramenta didática indispensável para sistematizar os acontecimentos, sem esquecer que, em contextos regulares, a mudança é lenta e gradual, apresenta-se o quadro sinóptico abaixo antes da busca por abordar o tema sobre o viés da gradualidade:

Autores	L. DE VASC. S. ALI I. COUT. M. CÂM. F. TARAL.	C. M. DE VASC. S. S. NETO A. HAUY	L. CINTRA I. CASTRO et al.	P. CUESTA	P. TEYSSIER
Limites cronológicos					
1200 a 1350	PORTUGUÊS ARCAICO OU ANTIGO	PERÍODO TROVADORESCO	PORTUGUÊS ANTIGO	GALEGO-PORTUGUÊS	GALEGO-PORTUGUÊS
1200 a 1385/1420		PROSA NACIONAL		PORTUGUÊS PRÉ-CLÁSSICO	FORMAÇÃO DO PORTUGUÊS CLÁSSICO
1350 ao início do séc. XVI			PORTUGUÊS MÉDIO		
1350 a 1536/1540					
1350 a Camões		PERÍODO CLÁSSICO OU MODERNO			

Quadro 1. Propostas de periodização da língua portuguesa.

Fonte: Mattos e Silva, 1994, p. 249.

Já dizia Duarte Nunes de Leão, em sua obra ‘Ortografia e origem da língua portuguesa’, que “da mudança que as línguas fazem por discurso de tempo: assim como em todas as cousas humanas há contínua mudança e alteração, assim é também nas linguagens” (1983, p. 195). A determinação da mudança constitui o cerne da periodização em história. Por isso, sinalizar os

eventos sócio-históricos que influenciam as mudanças linguísticas, identificando-as e descrevendo-as pode ser o caminho de uma periodização que respeite os rumos que uma língua pode tomar, tendo em conta, evidentemente, que as tendências culturais e as tradições historiográficas precisam ser consideradas. Os fatos históricos, pois, condicionam os fatos linguísticos e “as explicações que se confinarem a um ou a outro desses aspectos, por melhor construídas que estiverem, falharão na tentativa de descrever o rico corpo de regularidades que pode ser observado nos estudos empíricos sobre o comportamento linguístico”, como afirma Castro (1991, p. 14).

É preciso ter em conta também que as periodizações em geral costumam ser campo frutífero para discórdia; nem mesmo a periodização da história política de Portugal é um tema pacífico entre os historiadores. Talvez, por isso mesmo, Godinho (1978, p. 15-16) tenha entendido que

a divisão em períodos não pode traduzir-se em datas precisas: as viragens estruturais operam-se, embora a ritmos diversos consoante as épocas, assaz lentamente (...). Daí que seja preferível, para dividir a história de Portugal, não escolher datas mas sim balizar franjas de separação, mais ou menos largas temporalmente.

Para a divisão da história da língua portuguesa, é possível admitir a existência de quatro subperíodos demarcados por fatos históricos que resultaram em mudança linguística; isso, sem contar o período de gênese da língua em que não havia registros documentais da língua que apenas era um embrião do que viria a ser reconhecida como ‘a última flor do Lácio’³. A esse período, chamado por muitos estudiosos de pré-histórico ou proto-histórico, pode-se nomear, justificadamente de pré-literário, em virtude, como já foi dito, da falta de documentação escrita. Isso faz com que os primeiros registros escritos em língua portuguesa de que se tem notícia, ao menos até agora, sirva de marco histórico inicial para a periodização dessa língua⁴. Sem

³ Expressão do soneto ‘A língua portuguesa’, de Olavo Bilac (1865-1918).

⁴ A determinação de qual é o primeiro documento em língua portuguesa é um tema cuja discussão tem ganhado fôlego, sobretudo em virtude dos estudos de Ana Maria Martins e António Emiliano. A este respeito, cf. (EMILIANO, 1997); (EMILIANO, 2001); (FARIA, 1999); (ALVAREZ BLANCO; SANTA MARINA, 2004); (MATEUS, 2001).

embargo, a periodização da língua portuguesa aqui apresentada buscará apresentar, para cada período destacado, os eventos histórico-políticos que influenciaram ocorrências de ordem linguística e os fenômenos decorridos desse conjunto de desdobramentos.

Os especialistas em língua identificam, com certa tranquilidade, dois grandes períodos da história da língua portuguesa, sem contar, como já mencionado, com o período que precede o tempo em que de fato é possível falar nessa variedade linguística. Esses dois grandes períodos são, de maneira muito apropriada, descritos nos estudos de Mattos e Silva (1991; 1994; 2006; 2008; etc.) como período de formação da língua e período de expansão da língua.

O primeiro grande período pode ser subdividido por duas batalhas e duas dinastias: a batalha de São Mamede e a batalha de Aljubarrota, separando o período da dinastia afonsina e da dinastia de Avis. Ainda que constantemente se diga que a indicação de tempos exatos na divisão da história de uma língua seja uma escolha quase sempre aleatória, é indiscutível o fato de que esses dois acontecimentos históricos influenciaram os rumos da língua portuguesa.

Com a morte de Henrique de Borgonha, em 24 de abril de 1112, D. Teresa de Leão passou a governar o condado associando-o aos irmãos galegos Bermudo e Fernão Peres de Trava. A crescente influência dos condes galegos no governo do condado Portucalense suscitou a revolta dos barões portucalenses e a liderança de Afonso Henriques, filho de D. Teresa de Leão e Henrique de Borgonha, o qual, tendo vencido a batalha no campo de São Mamede, ocorrida em 24 de junho de 1128, auto proclama-se soberano do condado portucalense. Essa vitória abre caminho para a posterior independência do reino e para o período oficial da dinastia afonsina, caracterizado, apesar de tudo, pela unidade linguística entre o galego e o português, a ponto de ser essa língua chamada conjuntamente de galego-português. Alguns dos fenômenos linguísticos característicos da dessa fase de unidade do galego-português são: grande número de hiatos produzidos pela queda de consoantes intervocálicas, ocorrência de três terminações nasais, participio passado em *-udo* para a segunda e terceira conjugações; *-d-* intervocálico latino para a segunda pessoa do plural (*-ades, -edes, -ides*); possessivos átonos (*ma, ta, sa*) e tônicos (*mãa, tua, sua*); sufixo *-agem* para palavras femininas e masculinas; nomes uniformes em *-or, -ol, -ês*.

Outra morte régia viria a provocar descontentamento e insegurança a fim de provocar a batalha mais emblemática da história política de Portugal e subdividir o primeiro grande período da história linguística desse país. A Europa atravessava uma época de crise, epidemias de peste negra e instabilidade política quando D. Fernando, então rei de Portugal, morreu e foi sucedido por sua única filha legítima, a infanta D. Beatriz que era casada com o rei Juan I de Castela. A previsão de que a ocupação do trono português pelo filho nascido entre o casamento de D. Beatriz e D. Juan I, anexando Portugal a Castela, fez surgir outros dois pretendentes ao trono: D. João de Castro, filho de D. Pedro e D. Inês, e D. João, mestre de Avis, o que provocou um ambiente de hostilidade vivido em Lisboa e que teve seu auge com o assassinato do bispo de Lisboa, partidário de Castela, e do conde Andeiro, aliado da regente do reino. O mestre de Avis torna-se o líder da luta pela revolução e alia-se a Nuno Álvares Pereira, junto a quem conquistou castelos apoiadores de D. Juan I. Em resposta, o rei de Castela toma Santarém e obriga D. Leonor, então regente, a abdicar do trono, assegurando-o para sua esposa, D. Beatriz. Em abril de 1384, pela primeira vez, o exército castelhano batalha contra a resistência portuguesa comandada por Nuno Álvares Pereira e amarga a derrota. Mesmo assim, D. Juan I ruma em direção a Lisboa e cerca a cidade até o mês de setembro do mesmo ano, pois suas tropas foram atingidas pela peste. Antes de voltar a cercar Lisboa, o rei castelhano pediu ajuda à França, selando uma importante aliança, principalmente, pelo fato de o mestre de Avis ter se aliado aos ingleses, graças ao seu sucesso destes em batalhas.

Em 06 de abril de 1385, D. João, mestre de Avis é aclamado rei, o que impele o rei castelhano a montar novo cerco, a fim de anular a aclamação do mestre de Avis. No entanto, na data de 14 de agosto de 1385, D. Juan I é derrotado pelos portugueses aliados aos ingleses, garantindo a independência de Portugal e dando início ao período conhecido como dinastia de Avis. A dinastia de Avis foi marcada pela valorização da cultura; foi um tempo de escolas, bibliotecas, escrita e universidade. Descreve Cardera (2006, p. 59) que “assim como a literatura começa a libertar-se da esfera eclesiástica, (...), também o português, a linguagem vulgar se emancipa e invade todos os ramos do pensamento”. E assim, profundas mudanças são sentidas na sociedade já que outra classe social detém o poder, a corte fixa-se na área centro meridional, a imprensa difunde o pensamento e a produção literária portuguesa, tornando-a mais acessível, dentre outras alterações observadas.

Bem observa Cardera (2006, p. 59) que “a evolução da língua não poderia deixar de acompanhar toda esta dinâmica: concretizam-se mudanças linguísticas iniciadas nos séculos anteriores, extinguem-se características do português antigo⁵, a língua sofre um processo de elaboração e começa a fixar-se uma norma”. É, pois, um período de diferenciação entre o galego e o português e a preparação deste para iniciar um novo ciclo de sua história: um período de expansão em todas as esferas do reino. Em contraponto aos fenômenos que caracterizaram o período de unidade entre o galego-português, o período transcorrido durante a dinastia de Avis apresenta as seguintes fenômenos de diferenciação: resolução de hiatos, unificação das terminações nasais em *-ãw*, participio passado em *-ido*, síncope do *-d* na segunda pessoa do plural provocando ditongação (*-ades > -aes, -edes > -ees, -ides > -ies*), desaparecimento dos possessivos átonos, seleção do gênero feminino para palavras em *-agem*, biformização dos nomes (*-or/-ora, -ol/-ola, -ês/-esa*) etc.

Pelo menos cinco acontecimentos históricos, ocorridos ainda na segunda parte do primeiro grande período da história da língua portuguesa, todos relacionados ao espírito desbravador dos portugueses, estão relacionados à mudança histórico-política que marcam o início do período de expansão portuguesa geográfico, político e linguisticamente, são eles: a conquista de Ceuta (1415), dobragem do Cabo Bojador (1434), assinatura do Tratado de Tordesilhas (1494), descoberta do caminho marítimo para as Índias (1497 – 1499), e chegada ao Brasil (1500). Se na primeira metade do português arcaico a língua encontrava-se em uma situação de homogeneidade entre o galego e o português, após o século dos “descobrimentos”, Portugal volta a uma busca por unidade linguística, dessa vez baseada na intenção de estabelecer seu reino, sua língua e sua fé nas terras a que chegou. Em termos linguísticos, o português moderno é o período das generalizações das mudanças iniciadas no subperíodo anterior e da volta ao latim com vistas a dar ares de erudição à língua portuguesa. Para o português moderno, 1536 é um ano icônico – é representado o último ato de Gil Vicente, considerado como uma “ponte entre a cultura e a língua medievais e o Renascimento, entre o

⁵ Este trabalho não adota a nomenclatura usada pela autora mas opta por mantê-la nesta citação em respeito à integridade do texto original. Em vez disso, sugere-se o uso do termo Português Arcaico.

Português Médio e o Clássico”⁶ (Cardera, 2006, p. 69); além disso é o ano da publicação da Gramática de Fernão de Oliveira, sobre a qual falar-se-á mais adiante.

Não custa lembrar a afirmação da proeminente filóloga Carolina Michaëlis de Vasconcelos (1912, p. 19):

Claro que os limites entre os dois períodos [o período arcaico e o período moderno] são vagos e, que houve uma época de transição. (...) Uma língua não nasce em dia e hora certa, nem evoluciona num momento de um estado a outro. Algumas transformações realizam-se muito devagar; outras muito depressa.

Em consonância, defende Maia (1995, p. 28):

Em nosso entender, justifica-se, por conseguinte, na história do português, uma periodização bifásica entre o português arcaico e o português moderno, encontrando-se essa distinção balizada, não por uma data precisa, mas por uma “franja de separação” que se prolonga das últimas décadas do século XV até às primeiras décadas do século XVI.

E outros eventos importantes sucedem-se: entre 1536 e 1537 deu-se o último ano letivo da Universidade de Lisboa, que se instalou definitivamente em Coimbra; até 1540, João de Barros publicou o Diálogo em louvor a nossa linguagem, uma Gramática e uma Cartinha; em 1555, D. João III entrega o Colégio das Artes à Companhia de Jesus; em 1574, Pero Magalhães de Gândavo apresenta sua ortografia e, em 1576, Duarte Nunes de leão faz o mesmo; ainda no século XVI, Jerônimo Cardoso apresenta vários dicionários de Latim-Português e Português-Latim, dando início à lexicografia portuguesa. Desde os fins do século XVI e durante todo o século XVII, a cultura volta à igreja de forma que só é considerado ciência o que é ensinado pelos jesuítas e o Padre Antônio Vieira torna-se a figura mais representativa do século. Assim, a língua portuguesa vive momentos de grande expressão literária. Por isso mesmo, Castro (1991, p. 243) afirma que “acontecimentos numerosos e de peso coincidiram neste momento, alterando a vários níveis as estruturas culturais portuguesas. Claro que não tiveram efeitos imediatos sobre o uso da língua, mas esta achava-se em transição”. Como efeito da expansão

⁶ Este trabalho não adota a nomenclatura usada pela autora mas opta por mantê-la nesta citação em respeito à integridade do texto original. Em vez disso, sugere-se os usos termos Português e Português Moderno.

marítima de Portugal, as línguas autóctones dos lugares a que eles chegaram foram substituídas pelo português; assim, a língua portuguesa chegou à Ásia, África e América e aumentou seu acervo lexical com as influências das línguas nativas. Além da reaproximação com o Latim, já citada, no período moderno, o português também recebeu influência do espanhol graças às pazes políticas entre os dois territórios. Alguns fenômenos podem ser destacados como do período moderno da língua: redução do sistema de sibilantes, monotongação de [ow] > [o], elevação e centralização do vocalismo átono, estabilização do sistema de demonstrativos se “advérbios” de lugar e afirmação da próclise como predominante na oração principal.

Na primeira parte do segundo período da história da língua portuguesa, a forte influência da língua francesa sobre o português europeu e a distinção português europeu x português brasileiro são as consequências, como não poderia deixar de ser, dos eventos histórico-políticos ocorridos nas primeiras décadas do século XIX, são eles: a invasão napoleônica que obrigou a família real portuguesa a mudar-se com sua corte para o Rio de Janeiro em 1807 e, quinze anos depois, a independência do Brasil. Porém, alerta Banza e Gonçalves (2018, p. 45) que é importante observar que

a baliza cronológica que marca o início deste período é particularmente vaga, por remeter essencialmente para eventos da história europeia, nomeadamente o início da revolução industrial, no séc. XVIII, em Inglaterra, e a revolução francesa, em 1789, cujas repercussões só muito superficialmente e só no domínio do léxico atingiram a língua.

Importa considerar que houve, no que interessa aqui, em última instância, uma única e decisiva consequência dos dois eventos apontados no início desse parágrafo, que, por sua relevância é o que predominantemente caracteriza o período em questão: a diferenciação do português de aquém e além-mar. No que tange a ocorrências de fenômenos linguísticos, a parte do que se pode apontar como distinção entre esses dois ‘português’⁷, registram-se algumas mudanças na variedade europeia: simplificação da africada palatal (desafricação) [tʃ] na

⁷ É de extrema relevância apontar, no que diz respeito à diferenciação do português europeu do português brasileiro, a obra: MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **O português são dois**: novas fronteiras, velhos problemas. São Paulo: Parábola, 2004.

fricativa palatal [ʃ] (iniciada provavelmente ainda no séc. XVI), palatalização do -s final, pronúncia uvular do /r/, dissimilação do ditongo [ej] > [aj], dissimilação de [e] em [α] antes de consoante palatal, desuso da segunda pessoa do plural nos dialetos setentrionais, restrição da mesóclise no futuro e no condicional a registros formais escritos e restrição do uso de alguns tempos verbais para a escrita. Como período de diferenciação entre o português europeu e o português brasileiro, importa listar alguns fenômenos de distinção apresentados pela variedade brasileira: Pronúncia de -s e -z implosivos, pronúncia das vogais átonas, conservação do ditongo [ej], vocalização de [ɫ] velar, uso de possessivo sem artigo (não obrigatório), uso de estar + gerúndio mais difundido do que na variedade europeia, simplificação no código de tratamento, etc. É importante também registrar que além influência da língua francesa, o português, ou melhor, os dois ‘português’ receberam notada influência do inglês, sobretudo com o advento da tecnologia que marcou o último século.

Não custa relembrar, como afirma Cardera (2009, p. 3), que “se o processo de evolução da língua fosse um processo descontínuo, então sim, existiriam rupturas entre fases sucessivas e teríamos claramente consciência da mudança”. Por isso, reafirma-se o reconhecimento de franjas de transição que abrigaram acontecimentos históricos que serviram de gatilho para a mudança linguística. Assim, o *continuum* apresentado a seguir não desconsidera os interstícios, antes, tem o objetivo de apenas organizar de maneira didática e funcional o tema da periodização, servindo de baliza para a descrição dos *corpora* deste trabalho, que será feita adiante. Antes, porém, é preciso elucidar que, no quadro apresentado abaixo, tomam-se as expressões ‘fatores externos’ e ‘fatores internos’, de Mattos e Silva (1991) para designar, respectivamente, os acontecimentos de natureza sócio-histórica e de ordem linguística.

PERÍODO	Português Arcaico		Português Moderno	
FRANJA HISTÓRICA (fatores externos)	- Morte de Henrique de Borgonha; - Batalha de S. Mamede; - Dinastia Afonsina.	- Morte de D. Fernando; - Batalha de Aljubarrota; - Dinastia de Avis.	- Dinastia Filipina; - Conq. de Ceuta; - Dobragem do Cabo Bojador; - Tratado de Tordesilhas; - Desc. caminho para as Índias; - Chegada ao Brasil.	- Revolução Industrial; - Revolução Francesa/ Invasão napoleônica em Portugal; - Fuga da família real portuguesa para o Brasil; - Independência do Brasil.
	SÉC. XII	XIV	XVI	XVIII
SUBPERÍODO	Galego-português	Português		
NATUREZA DO PERÍODO	Unidade linguística Entre o galego e o português	Diferenciação linguística entre o galego e o português	Expansão e busca de unidade linguística do português	Diferenciação entre o Português Europeu e o Português Brasileiro
FENÔMENOS LINGÜÍSTICOS (fatores internos)	- Hiatos da queda de consoantes intervocálicas; - 3 terminações nasais; - Particípio passado -udo (2ª e 3ª conj.); - -d- intervoc. lat. (2ª pes. pl.): -ades, -edes, -ides; - Possessivos átonos (ma, ta, sa) e tónicos (mãa, tua, sua); - Sufixo -agem (palavras femininas/ masculinas); - Nomes uniformes em -or, -ol, -ês; Etc.	- Resolução de hiatos; - Unificação das nasais em -ãw; - Particípio passado -ido; - Síncope do -d (2ª pes. pl.) provocando ditongação (-ades > -aes, -edes > -ees, -ides > -ies); - Desaparecimento dos possessivos átonos; - Gênero feminino para palavras em -agem; - Biformização dos nomes (-or/-ora, -ol/-ola, -ês/-esa); Etc.	- Redução do sistema de sibilantes; - Monotongação de [ow] > [o]; - Elevação e centralização do vocalismo átono; - Estabilização do sistema de demonstrativos e advérbios de lugar; - Próclise predominante na oração principal.	<u>Na variedade europeia:</u> - Desafricação [tʃ] > [ʃ]; - Palatalização do -s final; - Pronúncia uvular do /r/; - Dissimilações: [ej] > [aj], [e] > [ɛ] antes de consoante palatal; - Desuso da (2ª pes. pl.) nos dialetos setentrionais; - Restrição da mesóclise no futuro e no condicional a registros formais escritos; - Restrição do uso de alguns tempos verbais para a escrita. <u>Distinção brasileira:</u> - Pronúncia de -s e -z implósivos; - Pronúncia das vogais átonas; - Conservação do ditongo [ej]; - Vocalização de [ʃ] velar; - Uso de possessivo sem artigo (não obrigatório); - Uso de estar + gerúndio; - Simplificação no código de tratamento; Etc.

Quadro 2. Periodização da língua portuguesa em *continuum*.

Fonte: elaboração própria.

Considerando ser este um trabalho voltado à língua portuguesa em seu período arcaico, convém abordar o tema da unidade e diferenciação entre o galego e o português no intuito de tornar ainda mais evidente o que se toma como português arcaico neste trabalho, já que a

designação escolhida para cada período e subperíodo na proposta de periodização apresentada na tabela anterior assume posicionamentos em relação à designação proposta por outros autores. A eleição dos termos adotados na tabela anterior se justifica nos seguintes termos: a. sendo praticamente consensual a divisão entre dois grandes períodos da história da língua, toma-se o período nomeado como Português Arcaico, para a língua que passou de uma situação de oralidade para a realidade da produção de documentos escritos; o Português Arcaico foi a fase em que o português se consolidou enquanto língua em relação ao galego; por isso o movimento da unidade à diferenciação da língua, marcam um português que apresenta, não só o cariz de uma língua recém saída da oralidade mas que se afirmava como símbolo de uma nação em desenvolvimento; b. o período aqui nomeado como Português Moderno diz respeito à língua consolidada que pretendia se expandir e ao mesmo tempo firmar sua própria unidade. Assim, como fruto da sua continuidade e aspirações, a língua portuguesa conheceu dentro de seu período moderno uma nova fase vincada pela diferenciação entre os diferentes português da Europa e da América; c. as subdivisões do Português Arcaico e do Português Moderno, justificam-se nos mesmo termos, Galego-Português é o subperíodo em que a unidade entre essas línguas deu o tom da língua usada; o subperíodo seguinte, caracterizado pela diferenciação entre o galego e o português, é atribuído como Português por representar essa fase de transição por que passou o português até chegar ao subperíodo conhecido como Português Moderno, já que então o ufanismo foi usado para reafirmar a unidade da língua portuguesa e sua expansão, a qual terminou por levar à língua a uma fase de nova diferenciação, desta vez entre a modalidade europeia do português em relação ao português que se desenvolvia no Brasil, distinto de seu original por contar, sobretudo, com as contribuições de variadas línguas indígenas e africanas.

Está claro que toda a história da língua portuguesa merece ser prescrutada, e diversos trabalhos há que buscam dar conta do período em que a grande produção literária cuidou de afirmar a unidade dessa língua garantindo-a como símbolo nacional forte e consistente; vasta também é a produção intelectual que visa caracterizar a diferenciação entre o português europeu e o português brasileiro, principalmente considerando a necessidade de admitir o lugar das línguas autóctones e das línguas de imigração na construção desse novo português, porém, estudar o Português Arcaico é, como advoga Mattos e Silva, buscar entender o passado para

entrever o futuro, ou, com licença à máxima, estudar o passado para entender o presente e entrever, se é que a dinamicidade das língua permite, entrever o futuro.

2 REVISITANDO OS ADVERBIAIS: o estado da questão

Defende Perini, em sua *Gramática Descritiva do Português* (1996, p. 338), que “[...] os ‘advérbios’ do português estão muito pouco estudados em seu conjunto”. Levando em conta a quantidade de estudos voltados a esse grupo, pode parecer, em primeira mão, que a afirmação do estudioso parece incoerente. No entanto, o acompanhamento cuidadoso de seu raciocínio faz entender que não se trata da quantidade de vezes que o assunto é abordado, mas do raciocínio envolvido na busca por sua descrição.

A reação à análise desses elementos, até então conhecidos como advérbios, geralmente demonstra imprecisão. Parece não haver clareza sobre seu conceito e classificação, de modo que os elementos de difícil categorização e/ ou entendimento são, comumente, agrupados à classe dos advérbiais. Somado a isso, geralmente, a falta de critério dos estudos sobre o tema os tornam extensos, repetitivos e inconclusivos a ponto de alguns estruturalistas continuarem, atualmente, a qualificar o grupo como um verdadeiro “saco de gatos”.

Por causa disso, este trabalho intenta retornar ao estudo dos advérbiais na intenção de oferecer uma descrição desses elementos, sua conceituação e categorização, reconhecendo a complexidade que os cerca mas procurando um caminho que indique a direção de uma abordagem que busque congrega os diferentes níveis de análise linguística, considerando, ainda, sua trajetória histórica. A dissensão que porventura esteja explícita neste texto tem, tão somente, o espírito científico; afinal, se é possível discutir temas tão meândricos e, por vezes, abstratos é porque, como disse Isaac Newton (1675): “Se eu vi mais longe, foi por estar sobre ombros de gigantes”⁸.

Assim, esse capítulo apresentará inicialmente uma revisão das abordagens disponíveis sobre o assunto em três segmentos diferentes: o das gramáticas históricas, o das gramáticas

⁸ A frase de Newton em uma carta escrita para Robert Hooke baseia-se na *metáfora dos andes* de Bernardo de Chatres (séc. XII) – em latim: *manos gigantum humeris incidentes*, que significa “descobrir a verdade a partir de descobertas anteriores”.

tradicionais e o dos trabalhos linguísticos. Em seguida, apresentar-se-ão os pressupostos principais das teorias da gramaticalização e dos protótipos, com vistas a oferecer uma teoria de *continuum* de traços que contribua para a descrição desses elementos.

2.1 REVISÃO DAS ABORDAGENS SOBRE ADVERBIAIS

Análises sobre os advérbios, em sua perspectiva tradicional, sempre se fazem presentes em gramáticas, ainda que de maneira controvertida, já que reúnem, sob essa classe, grande número de formas de diferentes características funcionais. Além disso, geralmente, as classificações tradicionais não fazem distinção entre traços sintáticos e semânticos.

Porém, sendo este um trabalho de linguística histórica, convém, antes de tratar da abordagem tradicional, dar lugar também às abordagens apresentadas pelas Gramáticas Históricas do português. Por fim, dar-se-á espaço também, como já dito, aos estudos linguísticos sobre advérbios, que muito têm contribuído para o avanço de sua análise.

Convém mencionar que os nomes usados para os elementos aqui chamados de advérbios serão preservados nos subcapítulos seguintes com vistas a preservar a escolha dos autores citados.

2.1.1 Gramáticas históricas do português

Uma pesquisa sobre as gramáticas históricas do português revelou a existência de diversos exemplares que pretendem fazer jus a esse título. No entanto, oferece Martins (1995, p. 55) um texto sobre as gramáticas históricas do português que parte de definições do gênero até a apresentação dos títulos de que se dispõe de maneira a satisfazer o conceito que precisa,

através de Yakov Malkiel (1960), a gramática histórica como “uma sistematização formal de dados estritamente linguísticos, geralmente de natureza estrutural e não lexical” e que “sendo (uma gramática histórica)⁹ por definição comparativa, ela envolverá no mínimo uma comparação ponto-por-ponto entre dois estádios sucessivos de uma língua, suficientemente distantes para que as mudanças observadas se encontrem concluídas”.

Das diferentes gramáticas históricas listadas por Martins (1995), no entanto, por uma questão de acessibilidade e reconhecida importância, apresenta-se a abordagem, em ordem cronológica de publicação de: Nunes (1919), Ali (1964), Huber (1933), Coutinho (1938). Antes, incluem-se as gramáticas de Dias (1918) e as gramáticas de Mattos e Silva (2006 e 2008), pelas mesmas razões elencadas.

A gramática de Epiphanyo Dias, como é conhecido, é uma gramática de *Syntaxe histórica portuguesa*, e inicia a abordagem dos advérbios por seu emprego na gradação (comparativo e superlativo). Sobre o que o autor chama de “Particularidades de alguns advérbios destacam-se alguns pontos: a) coordenação de advérbios em *-mente* com ênfase no último elemento; b) *quão*, *tão* e *que* (quantitativos) precedem imediatamente “a palavra para que pertence” (174); c) o advérbio relativo *onde* pode ter precedente elíptico.

Dias (1918) defende os advérbios de tempo e lugar podem ser empregados substantivamente quando precedidos das preposições *de*, *desde*, *para*, *por*, *até*:

- (1) *Para sempre* adeus, pois, ó Granada!

O autor também assevera que *assaz* e *assim* também se empregam adjetivamente:

- (2) Ainda que a paz nam tivera outro bem, senam ser couto e habilitaçam das musas, este era *assaz*.

⁹ Separação por parênteses nossa.

(3) Essa gente... não lê cousa nenhuma a não ser os profundos escriptos de Gaume, Donoso Cortez, Veuillot, e outros sábios *assim*.

Nunes (1919) secciona a morfologia em quatro grupos: nomes (nomes, numerais e adjetivos), pronomes, verbos e palavras invariáveis, dentre as quais, aloca os advérbios, preposições, conjunções e interjeições. Sua divisão é interessante por considerar os primeiros três tipos como um subgrupo das palavras invariáveis separado das interjeições, pois, para ele “entre as três primeiras não há em rigor verdadeira distinção, tendo, na sua origem, a maioria das conjunções saído dos advérbios e destes as preposições latinas que foram adoptadas pela nossa língua” (p. 342). Para o autor, “palavras” como *antes*, *depois* etc., funcionam alternadamente como preposições ou advérbios.

Ele afirma que a função dos advérbios, preposições e conjunções é “mostrar ou as circunstâncias que acompanham a acção ou estado, significados pelo verbo, ou os laços que prendem entre si palavras ou frases” (342), chamando-lhes de *partículas de relação*, enquanto as interjeições seriam *partículas de sentimento*.

Especificamente sobre os advérbios, estabelece duas subdivisões: a primeira segundo a sua origem – *nominais* ou *pronominais* (que também se dividem em demonstrativos, interrogativos e indefinidos); a segunda de acordo com a sua significação – *de lugar*, *de tempo*, *de modo*, *de quantidade* e *de designação*. Sobre a formação das locuções adverbiais destaca as seguintes possibilidades: preposição e nome, preposição e advérbios, dois advérbios, pronome e substantivo ou advérbio, dois pronomes, conjunção e verbo e frases.

Nunes (1919) atenta ainda ao que ele chama de nome adverbial, que acontece quando na junção do nome com a preposição esta é omitida e o nome passa a ser usado como advérbio, sobretudo, diz o autor, quando esse nome é um adjetivo (*comprar caro* ou *barato*, *andar ligeiro*, *ficar certo* etc.). O gramático justifica essas ocorrências pela herança do latim falado na época imperial, com o emprego do acusativo em *-im*, os sufixos *-tus*, *-ter* e o *-e* do antigo ablativo, e diz que a nova formação em *-mente* seria, no entanto, uma compensação. Observa Nunes (1919,

p. 350), “A consciência da composição evidenciava-se na antiga língua, que separava as duas palavras, e parece persistir ainda hoje no uso de, quando se seguem dois adjectivos de igual terminação, juntar esta só ao último”.

Por seu turno, Ali (1964) apresenta o advérbio como um “vocábulo determinativo do verbo, do adjetivo ou de outro advérbio” acrescentando-lhes o conceitos de tempo, lugar, modo, etc “que lhes delimita ou esclarece o sentido, sem contudo exercer, como o acusativo, o dativo e o objeto indireto circunstancial, função puramente complementar” (p. 140). Afirma o autor que poucos advérbios latinos passaram às línguas românicas e cita a nova criação formada a partir de adjetivos mais a terminação *-mente*, do ablativo latino *-mens*, a qual se obliterou passando a valer como sufixo derivativo¹⁰. O gramático também chama atenção para as locuções adverbiais resultantes da combinação de preposições e substantivos, assegurando que se diferenciam dos “advérbios propriamente ditos” apenas por sua forma. Ali (1964) divide os advérbios de acordo com sua significação: de tempo, de lugar, de modo, de negação, de afirmação, de dúvida, de quantidade, de ordem; e afirma que “muitos dentre eles exprimem condições e circunstâncias de carácter determinado; outro denotam conceitos capazes de aumento e diminuição”. Segue seu capítulo dos advérbios apresentando o histórico de alguns deles.

Huber (1933) divide a morfologia em substantivos, adjetivos, pronomes, numerais, verbos, advérbios, preposições e conjunções. Ele abre a seção dos advérbios afirmando que qualquer adjetivo pode ser usado como advérbio; admitindo, ainda, a existência de “advérbios propriamente ditos” (de origem) os quais lista como de lugar, de tempo etc. Sua classificação divide os advérbios em seis subgrupos: lugar, tempo, modo, quantidade, afirmação e negação.

É importante ressaltar que o autor atenta para a possibilidade de um advérbio, a exemplo de ‘todo’, concordar com o predicativo, deixando de ser considerado advérbio de modo (como propunha) para ser, o que ele considera, um atributo, como em (4):

¹⁰ Vale salientar que o sufixo *-mente*, tão usado em língua portuguesa, sobretudo para formar adverbiais, advém de um nome no latim (*-mens*), apresentando-se como um típico caso de gramaticalização.

(4) A formosura do seu rosto era *toda* desfeita com a grande abstinência, com as vigílias e com as lágrimas. (p.259)

Considera o gramático que a composição com o substantivo *mente* seja a mais importante das novas formações de advérbios, ainda que aponte a ligação de um adjetivo com uma preposição como outra maneira de exprimir relações adverbiais. Admite, ainda, que adjetivo sejam usados adverbialmente, usando como exemplo *anvidos* (de mau grado).

Coutinho (1938), por sua vez, apresenta dez classes de palavras, assim como é comumente encontrado nas gramáticas tradicionais de língua portuguesa da atualidade. Sobre os advérbios, ele destaca que a origem latina, ressaltando a formação através de locução formada por “um adjetivo qualquer no feminino” com o substantivo *mens, mentis* (espírito) no caso ablativo.

O autor ressalta que

o emprego do adjetivo qualificativo com valor adverbial tão frequente em português, como falar *alto*, comprar *caro*, andar *apressado*, também não foi estranho ao latim. Nas Glosas de Reichenau, ocorre *clamo altum*. É oportuno lembrar que, nestes exemplos, o adjetivo conserva a forma neutra. (COUTINHO, 1938, p.264).

O gramático também classifica os advérbios em seis grupos, distinguindo-se de Huber (1933) por juntar em um mesmo grupo os *de afirmação* com os *de negação*; e por acrescentar à lista um subgrupo *de designação*.

Uma gramática histórica publicada mais recentemente é a *Gramática histórica portuguesa e espanhola*, de Vicente Masip (2003), que ganharia espaço aqui por congregar questões referentes a duas línguas românicas. No entanto, a referida obra não apresenta nenhum ponto de destaque relacionado aos adverbiais, nem analisa as convergências e divergências do uso desses elementos nas duas línguas como se podia esperar de uma gramática intitulada como histórica e que promete tratar de duas línguas cuja proximidade é tão interessadamente

profícua. Em vez disso, defende os advérbios como uma classe que qualifica verbos, adjetivos e advérbios, destacando os de modo e apresentando uma lista de tipos mais comuns (afirmação, negação, dúvida, interrogação, intensidade, lugar e tempo). Além disso, afirma o autor que a única mudança notável na classe dos advérbios seria a criação dos novos ‘de modo’ pelo acréscimo do sufixo *-mente*.

Desta maneira, há que se reconhecer a importância das abordagens de gramáticas históricas que não à toa perfilam como obras de contribuição indispensável a qualquer estudo da língua portuguesa; sobretudo as de Nunes (1919) e Ali (1964) já que oferecem análises de classificação e percursos históricos que muito contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho e que, por isso, serão retomadas nos capítulos que propõem uma teoria sobre os advérbios e a análise empreendida de sua observação nos *corpora*.

Finalmente, Mattos e Silva (2006; 2008), que alia a característica descritiva e histórica, constitui-se como o mais atual modelo de gramática histórica de que dispõem os pesquisadores em Linguística Histórica, entregando um estudo de importância consensualmente reconhecida e que aponta, inicialmente, para os usuais advérbios em pontos sobre os elementos qualificadores e os quantificadores do sintagma nominal. Os elementos “tradicionalmente classificados como advérbios de lugar, tempo e modo” voltam à discussão tratados como pronominais advérbios, porque, segundo Mattos e Silva (2006, p. 172) “do ponto de vista funcional e semântico, são itens do léxico de frequência alta que funcionam como sucedâneos lexicais ou substitutos de SPREP’s plenos que desempenham a função sintática de adjunto advérbial”.

Vale destacar que tal abordagem mantém-se na obra da autora intitulada *O Português Arcaico: uma aproximação*, oferecida no ano de 2008 pela Editora Imprensa Nacional-Casa da Moeda (Lisboa), cuja abordagem amplia, de maneira geral, questões da obra citada acima. Adotando os étimos propostos por Pottier e Darbord (1988) e por Coutinho (1976[1938]), Mattos e Silva (2006 e 2008) apresenta os locativos (dêíticos e anafóricos – acrescentando os catafóricos na obra de 2008), os temporais e os modais através de sentenças de corpora do

português arcaico, agregando ainda, sobretudo na obra de 2008, observações feitas por outros estudos em relação aos elementos em questão.

2.1.2 Gramáticas tradicionais

Toma-se como gramática tradicional, neste trabalho, aquela que “pretende estabelecer regras de uma língua” (MATTOS E SILVA, 2019, p.12), não oferecendo, como faz a gramática de cariz histórico, análises comparativas entre línguas ou estágios de língua, tendo, tais obras, sido selecionadas convenientemente seguindo o mesmo critério utilizado para as gramáticas históricas, a saber: acessibilidade e reconhecida importância para os estudos linguísticos, apresentando suas considerações sobre o tema seguindo o mesmo critério de ordenamento posterior, do mais antigo ao mais atual, do mais normativo ao mais descritivo, o que se dispõe conforme o seguinte *continuum*:

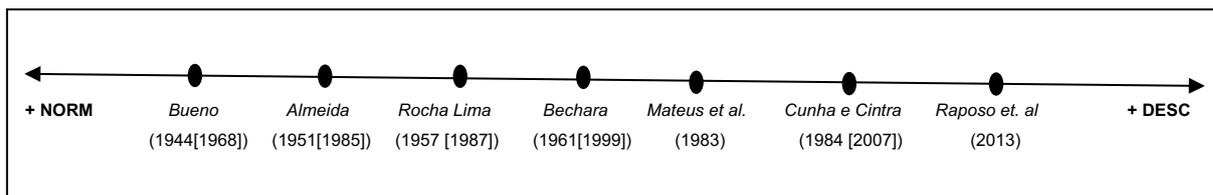


Figura 1. *Continuum* temporal de gramáticas de língua portuguesa.

Fonte: Elaboração própria.

De início, é importante dizer que Bueno (1968) não estabelece uma divisão morfológica em sua *Gramática normativa da língua portuguesa*; em sua lista de temas é possível identificar cinco seções que se referem aos advérbios: derivação adverbial de modo (p. 92), advérbio (p. 147), graus do advérbio (p.185), funções do advérbio (p. 352) e colocação do advérbio (p. 399).

Na primeira seção, o autor cuida de abordar o que ele chama de “sufixo adverbial de modo *-mente*”, atribuindo-lhe a significação de “disposição, maneira, jeito, modo, feição, etc.”. Ressalta que antes o substantivo *-mente* era usado separadamente do adjetivo, tendo, depois, se justaposto em função de sufixo. O gramático entende ser regra que a formação do advérbio de modo seja composta por um adjetivo em forma feminina mais o sufixo *-mente*, conferindo a expressões que não sigam a regra um caráter condenável, ainda que reconheça em empregos mais antigos a possibilidade de formas como *pecadormente*, *portuguesmente*.

Bueno (1968, p. 147) entende o advérbio como “palavra que expressa circunstância do verbo ou a intensidade da qualidade dos adjetivos”. Ele afirma que nos casos em que o advérbio reforça outro advérbio, como em (5), o elemento indicará “a quantidade, a força da circunstância do verbo”:

(5) O artista cantou *divinamente bem*.

Divide, o autor, os advérbios em: *de lugar*, *de tempo*, *de negação*, *de afirmação*, *de modo*, *de dúvida*, *de quantidade ou intensidade* e *de designação*; apresentando também, embora sem concordar, a denominação feita pela Nomenclatura Gramatical Brasileira de *advérbios interrogativos* para os *de lugar*, *de tempo*, *de modo* e *de causa*. Na mesma seção volta a citar os advérbios em *-mente*; fala da possibilidade de ocorrerem locuções adverbiais; atenta para o uso de advérbios que produziram pleonasmos na língua (p.e. hoje em dia); e admite o emprego de adjetivos em função adverbial (6) e de advérbios modificando substantivos (7):

(6) *Doce* cantas, marinheiro, e o teu remo fere *compassado* o rio!

(7) Fulano é *muito* homem, não *mais* homem do que eu.

O autor não deixa de apresentar as flexões de graus dos advérbios e, para abordar as funções desses elementos, volta a afirmar que modificam o verbo e o adjetivo, além do

advérbio, substantivos, locuções adverbiais e adjetivais para acrescentar-lhes as circunstâncias de tempo, modo, quantidade, negação, afirmação, lugar etc.; e passa a discorrer sobre o emprego individual de vários advérbios. Por fim, no tocante à colocação do advérbio, diz que, em regra geral é colocado depois da palavra por ele modificado, tendo, como casos especiais, situações em que: a) o advérbio aparece formando graus; b) nos raros casos de modificar um substantivo; c) na expressão *de quando em vez*; d) com advérbio *talvez*; e, e) em frases interrogativas.

A gramática metódica de língua portuguesa, de Napoleão Mendes de Almeida (1985) é marcada por expressões do tipo “Não se deve dizer [isso], o certo é [aquilo]” ou “Dizer [X], é dizer tudo, menos português” etc. Não é à toa que o gramático é conhecido por seu enfoque clássico e purista, o que não impediu que essa obra ultrapassasse a marca atual de mais de quarenta edições.

Entretanto, não se pode dizer que a abordagem de Almeida (1985) não é interessante. Para ele advérbio é toda a palavra que pode modificar o verbo, o adjetivo e, até, o próprio advérbio. Chama atenção o autor que se considerem os advérbios sob três aspectos: 1. circunstância – quanto à ideia que encerra; 2. função – considerando a possibilidade de que alguns sejam conjuntivos; e, 3. forma – dividindo-os em advérbios propriamente ditos (apresentados numa só palavra) e locuções adverbiais (advérbios expressos por frases).

Em relação à circunstância, Almeida (1985) classifica os advérbios nos subgrupos: lugar, tempo, modo, negação, dúvida, intensidade e afirmação.

O autor alterna a designação de ‘advérbios conjuntivos’ (que podem ligar orações) com ‘advérbios interrogativos’ (quando ocorrem em frases interrogativas), que podem indicar as circunstâncias de lugar, de tempo, de modo e de causa, exemplificando-os, respectivamente, com frases como:

- (8a) *Onde* está você?
- (8b) *Quando* se deu isso?
- (8c) *Como* poderá você estudar?
- (8d) *Por que* não me pediu licença?

Outras observações, feitas pelo autor, mostram-se relevantes para este trabalho por entender que “uma palavra pode de uma classe passar para outra, conforme a função sintática que exerce na frase” (p. 323), como em (9); e por apresentar uma lista de advérbios que parecem transitar entre diferentes classes, listados em (10):

- (9) Sim é advérbio.
- Advérbio substantivado, uma vez que está funcionando como sujeito da frase.
Substantivo adjetivado, visto funcionar como predicativo.

- (10) *Só*: pode ser advérbio e adjetivo.
Bastante e muito: podem ser pronomes adjetivos ou advérbios.
Mais e menos: podem ser pronomes adjetivos ou advérbios.
Meio e metade: são substantivos e funcionam, às vezes, como advérbios.

Almeida (1985) não cita quaisquer palavras que estariam inadequadamente enquadradas na classe dos advérbios, o que é bastante comum nas abordagens tradicionais e até mesmo em trabalhos de orientação linguística, como poderá ser observado no decorrer deste capítulo.

Assim como a obra citada anteriormente, o trabalho de Rocha Lima (1987) revela em seu título o que caracteriza o seu conteúdo. Na *Gramática normativa de língua portuguesa*, o autor restringe a função dos advérbios à modificação de verbos, atribuindo, apenas aos advérbios de intensidade, a possibilidade de ‘prender-se’ aos adjetivos e a outros advérbios com o fim de indicar-lhes grau.

Rocha Lima (1987) classifica os advérbios em cinco grupos: dúvida, intensidade, lugar, modo e tempo; além de apontar ‘onde’, ‘quando’, ‘como’ e ‘porque’ (denotando,

respectivamente, lugar, tempo, modo e causa) como advérbios relativos usados em orações adjetivas. Daí, questiona-se: por que atribuir o sentido de causa a um advérbio quando o autor não atribui um subgrupo de advérbios de causa?

Resta ressaltar que sua análise dos advérbios (como a de todas as demais classes de palavras) divide-se em dois capítulos que pretendem, básica e respectivamente: 1. definir o conceito e a classificação da classe e, 2. analisar o seu emprego em diversas situações.

Não custa dizer que a análise do emprego dos advérbios oferecida por Rocha Lima (1987) coaduna com o que é dito pelo autor no capítulo de conceituação e classificação. Entretanto, dessa análise, vale destacar, para os fins a que este trabalho se propõe, o fato de ele ter incluído nos advérbios de modo “muitos adjetivos adverbializados com o sufixo *mente* ou sem ele” (p. 175), exemplificando com (11); além de oferecer a seguinte assertiva: “adjetivos, ainda que flexionados, podem ser empregados como advérbios” (p. 313). E como exemplo, o autor usa a oração (12), de Fagundes Varela:

(11) Ela fugia com os olhos, ou falava *áspero*.

(12) A vida e a morte combatiam *surdas*
No silêncio e nas trevas do sepulcro.

Neste ponto, é importante considerar que as abordagens da gramática histórica de Nunes (1919) e da gramática tradicional de Rocha Lima (1987) fortalecem a tese aqui defendida de que é preciso analisar as classes de palavras através de um *continuum* de gramaticalidade que admita a existência de limites tênues entre as classes e de uma possibilidade de natureza híbrida.

Já Bechara (1999) conceitua o advérbio como uma “expressão modificadora que por si só denota uma circunstância (de lugar, de tempo, modo, intensidade, condição etc.) e desempenha na oração a função de adjunto adverbial” (p. 287).

Assim como Rocha Lima (1987) e Cunha e Cintra (2007), Bechara (1999) atribui ao advérbio o caráter de modificador do verbo e, se intensificador, de modificador do adjetivo e

de outro advérbio; também acrescenta declarações inteiras como elemento a que um advérbio pode se referir, como é possível observar pelos exemplos em (13):

- (13) José escreve *bem*. (advérbio em referência ao verbo)
José é *muito* bom escritor. (advérbio em referência ao adjetivo ‘bom’)
José escreve *muito* bem. (advérbio em referência ao advérbio ‘bem’)
Felizmente José chegou. (advérbio em referência a toda a declaração: José chegou)

Segundo Bechara (1999), é muito difícil atribuir aos advérbios uma classificação uniforme e coerente, por causa da heterogeneidade de sua classe, mas afirma que os advérbios assinalam a posição temporal e espacial do falante e também “o modo pelo qual se visualiza o “estado de coisas” designado na oração” (p. 288).

Mesmo assim, o autor estabelece duas classificações para a classe, pautadas em valores léxicos (semânticos) e critérios funcionais. No primeiro caso, são os advérbios classificados como denotadores de tempo, de lugar, de quantidade etc. Por critérios funcionais, divide a classe em demonstrativos, relativos e interrogativos.

Além disso, Bechara (1999) aponta *assunto, causa, companhia, concessão, condição, conformidade, dúvida, fim, instrumento, intensidade, lugar, modo, referência, tempo e negação* como as principais circunstâncias expressas por adverbiais.

O autor chama atenção para a possibilidade de certos advérbios funcionarem como:

- modificadores de substantivo:

- (14) Pessoas *assim* não merecem nossa atenção.

- predicativo:

- (15) A vida é *assim* .

E de muitos adjetivos funcionarem como advérbios:

(16a) Fala *claro* na hora de sua defesa.

(16b) Compraram *caro* a fazenda.

O autor ressalta que o critério formal de diferenciação das duas classes de modificadores (adjetivo: modificador nominal; advérbio: modificador verbal) é a variabilidade do adjetivo e a invariabilidade do advérbio, ainda que reconheça que a concordância atrativa e intenções estilísticas e rítmicas possam desfazer tais fronteiras. Mas será que essas são as causas para limites tão tênues entre classes de palavras? Esta questão deverá ser discutida posteriormente neste trabalho.

Bechara (1999) chega a afirmar que “perturba a descrição e a demarcação classificatória a extrema mobilidade semântica e funcional dos advérbios” (p. 288). O autor segue explorando o tema dos limites imprecisos entre classes lembrando que alguns advérbios, graças à sua mobilidade sintagmática, funcionam, por hipotaxe, como conjunção, formando o que a gramática tradicional chama de locuções conjuntivas adverbiais (17); ou como o que os gramáticos classificam como conjunção coordenativa explicativa (causal), conclusiva etc. (18).

(17) *Assim* que chegou, começou a trabalhar.

(18) Ela saiu cedo, *por conseguinte* encontrou facilidade de condução.

É preciso sublinhar que o autor também inclui em seu capítulo sobre advérbios o tratamento dado às “Palavras Denotativas” pela Nomenclatura Gramatical Brasileira, observando que “muitas têm papel transfásico e melhor atendem a fatores de função textual estranhos às relações semântico-sintáticas inerentes às orações em que se acham inseridas” (p. 291).

Não custa dizer que Bechara (1999) aborda a relação entre advérbios e preposições lembrando que alguns advérbios são formados pela união de preposições a substantivos, adjetivos ou advérbios, apresentando-se como um só elemento ou em um grupo deles.

Já Mateus *et al.* (1983) focalizam a estrutura interna dos advérbios enquanto “categoria nuclear do sintagma nuclear” que podem apresentar-se como “uma única palavra ou como uma locução verbal” (p. 307), além de sua mobilidade e coordenação em sintagmas adverbiais e a função de quantificadores exercida por outros advérbios especificadores no interior dos sintagmas adverbiais. Somado a isso, ressaltam os advérbios de negação atentando para os escopos que selecionam e as posições que assumem no sintagma.

Cunha e Cintra (2007), por sua vez, seguem a proposição de Rocha Lima (1987) de que o advérbio é modificador do verbo e de que aos de intensidade é possível se reforçar o sentido de adjetivos e outros advérbios. Além disso, os autores acrescentam a não rara possibilidade de um advérbio modificar toda uma oração (apresentando em seus exemplos sempre advérbios formados com o morfema *-mente*).

Para classificar os advérbios, Cunha e Cintra (2007) apontam que a circunstância ou “outra ideia acessória” é responsável por classificar os tipos, que, consoante à Nomenclatura Gramatical Brasileira, são: de afirmação, de dúvida de intensidade, de lugar, de modo, de negação e de tempo.

Os autores lembram que a Nomenclatura Gramatical Portuguesa acrescenta a essa lista os de ordem, de exclusão e de designação, dos quais os dois últimos foram incluídos num grupo a parte e a que eles se referem como ‘Palavras Denotativas’.

Vale destacar, contudo, que os autores alertam que seria inapropriado enquadrar as chamadas ‘Palavras Denotativas’ entre os advérbios, pois estas não modificam o verbo, nem o adjetivo, nem outro advérbio. Os autores afirmam que o grupo de ‘Palavras Denotativas’ indicam inclusão, exclusão, designação, realce, retificação e situação, apesar de admitirem que sua designação seja imprecisa, já que ‘denotar’ é próprio das unidades lexicais em geral.

Por tudo isso, Cunha e Cintra (2007, p. 556) reconhecem que

Sob a denominação de advérbios reúnem-se, tradicionalmente, numa classe heterogênea, palavras de natureza nominal ou pronominal com distribuição e funções às vezes muito diversas. Por esta razão, nota-se entre os linguistas modernos uma tendência de reexaminar o conceito de advérbio, limitando-o seja do ponto de vista funcional, seja do ponto de vista semântico. Bernard Pottier chega mesmo a eliminar

a denominação de seu léxico linguístico (Cf. *Introduction à l'étude de la morphosyntaxe espagnole*, 3ª. ed. Paris, Ediciones Hispanoamericanas, 1964, p. 78).

Assim, os autores avançam ao reconhecer a natureza heterogênea dos itens que se têm agrupado na classe dos advérbios, atentando para a necessidade de uma nova investigação sobre o conceito outorgado à classe, mesmo quando a análise feita pelos autores não consegue extrapolar a tendência gramatical e oferecer uma abordagem que leve em conta a distribuição e funções tão diversas reconhecidas por eles mesmos.

A abordagem de Cunha e Cintra (2007) se estende citando os advérbios interrogativos, relativos e discutindo tópicos como a colocação, a gradação e a repetição dos advérbios.

A *Gramática do português*, organizada Raposo *et al.* (2013), é uma obra bastante extensa, detalhista e atual, que considera o português em suas variedades diversas, e que, portanto, não se poderia deixar de incluir neste trabalho. De início, chama atenção a lista de classes de palavras, baseada, segundo os autores, na tradição gramatical e em estudos linguísticos contemporâneos: nome comum ou substantivo (N), nome próprio (N próprio, por vezes NP), adjetivo (A), verbo (V), preposição (P), advérbio (Adv), Determinante (D ou Det), Quantificador (Q ou Quant), pronome (Pron), numeral (Num), conjunção (Conj) e interjeição (Interj).

Entendem os autores que a homogeneidade não é um traço comum de todos os membros de uma classe, que também não precisam apresentar todas as propriedades típicas do grupo a que pertencem. Para eles,

em cada classe de palavras, há um núcleo central de elementos, que manifestam um número maior das características canônicas, ou prototípicas, da classe. Concomitantemente, cada classe contém uma periferia de elementos que partilham apenas de um subconjunto das suas propriedades relevantes, e que por vezes podem ter características secundárias típicas de outras classes. (RAPOSO *ET AL.*, 2013, p. 328)

Tal posicionamento é relevante na medida em que se situa num modelo de Teoria dos Protótipos, sobre que será tratada posteriormente.

Os autores descrevem a classe dos advérbios como a que apresenta “palavras cujos elementos mais típicos se combinam com verbos ou adjetivos, especificando o seu significado em várias dimensões semânticas”. Sobre a combinação com verbos, acrescentam que “exprimem usualmente circunstâncias acidentais das situações descritas”; além de dizer que, “morfologicamente, são palavras invariáveis” (p. 329).

Os autores indicam que os advérbios podem exercer as funções de adjunto (que também pode ser exercida por sintagmas preposicionais), especificadores de adjetivos, advérbios e verbos (quando estes elementos exprimem noções que podem ser quantificadas), e focalizadores (pondo em realce as entidades representadas pelos constituintes com que se combinam). Sobre a forma e a constituição lexical dos advérbios, eles admitem se tratar de uma classe heterogênea. Além dos elementos simples, eles citam os “advérbios cujos membros são derivados de adjetivos através do sufixo *-mente*”, “outro grupo cujos membros resultam diretamente da recategorização de um adjetivo” e locuções adverbiais (p. 1571). Além disso, afirmam que

Em virtude da mudança histórica e da sua alta frequência nos textos, escritos ou orais, alguns advérbios passam a funcionar – concomitantemente com o seu uso canónico – como conectores discursivos, ou seja, adquirem uma função subsidiária de ligação de enunciados, ou de partes de enunciados, entre si, ao mesmo tempo que, nesse uso, perdem seu significado primitivo, podendo adquirir outros, por vezes próximos dos operadores lógicos que exprimem implicação, [...] (p. 1572).

Para exemplificar tal afirmação, apresentam as seguintes orações:

(19) Não há estágios nessa empresa; *assim*, tens de procurar outra.

Não há dinheiro; *logo*, a viagem fica adiada.

Raposo *et al.* (2013, p. 1572) seguem afirmando que “outros advérbios podem funcionar como conjunções, ou integrar locuções conjuncionais, no domínio da subordinação adverbial”; o que exemplificam com as proposições (20).

(20) *Logo* que vires a Maria, chama-me.

Mal entrei em casa, cheirou-me a gás.

Ainda que esteja a chover, não me apetece levar o guarda-chuva.

Oportunamente, os autores tratam da recategorização de adjetivos em advérbios, chamando tais elementos de advérbios adjetivais. Chamam atenção de que podem provir de adjetivos no grau neutro, como em (21), ou estar no grau superlativo absoluto sintético, como em (22):

(21) De jipe, chega-se rápido ao mar.

(22) Elas falam altíssimo.

Sobre a função dos advérbios, os gramáticos entendem haver três tipos de elementos na organização funcional de uma frase: o predicador, os argumentos e os adjuntos adverbiais. Quanto à classificação semântica propõem uma divisão entre advérbios de modo, advérbios de atitude do agente, advérbios de localização, advérbios de iteração, advérbios *sempre* e *nunca*, advérbios aspetuais, advérbios *mal* e *bem* em posição pré-verbal, advérbios quantitacionais, advérbios avaliativos, advérbios focalizadores e os advérbios *sim* e *não*. Porém, advertem que

a “polivalência” semântica dos advérbios implica que não podem ser agrupados em classes estanques e mutuamente exclusivas sem sobreposição de elementos. Por este motivo, a tipologia semântica que propomos não deve ser entendida como criando subclasses estritas de advérbios, mas sim subclasses de valores semânticos e funcionais pelas quais se distribuem os advérbios, com a possibilidade de alguns deles poderem integrar mais do que uma. (RAPOSO ET AL., 2013, p. 1605)

Em suma, podemos sintetizar as informações sobre as abordagens de caráter tradicional expostas neste capítulo através do quadro a seguir:



	Conceito	Classificação	'Palavras Denotativas'	Outros tópicos
Bueno (1944 [1968])	Advérbio é uma palavra que expressa circunstância do verbo ou a intensidade da qualidade dos adjetivos.	De lugar, de tempo, de negação, de afirmação, de modo, de dúvida, de quantidade ou intensidade e de designação	Não menciona.	<ul style="list-style-type: none">- Derivação com <i>-mente</i>;- graus do advérbio;- funções do advérbio;- colocação do advérbio.
Almeida (1951 [1985])	Advérbio é toda a palavra que pode modificar o verbo, o adjetivo e, até, o próprio advérbio.	Quanto à circunstância: lugar, tempo, modo, negação, dúvida, intensidade e afirmação; quanto à função: alguns são conjuntivos; e, quanto à forma: propriamente ditos e locuções adverbiais.	Não menciona.	<ul style="list-style-type: none">- Limites imprecisos entre classes
Rocha Lima (1967 [1987])	Advérbio é um modificador de verbos; os de intensidade modificam adjetivos e outros advérbios para indicar-lhes grau.	Dúvida, intensidade, lugar, modo e tempo; além de apontar 'onde', 'quando', 'como' e 'porque' (denotando, respectivamente, lugar, tempo, modo e causa) como advérbios relativos usados em orações adjetivas.	Não menciona	<ul style="list-style-type: none">- Adjetivos adverbializados
Bechara (1961 [1999])	Advérbio é um modificador de verbos; adjetivos, outros advérbios e declarações inteiras.	Quanto a valores léxicos (semânticos): de tempo, de lugar, de quantidade etc. Por critérios funcionais: demonstrativos, relativos e interrogativos.	"muitas têm papel transfásico e melhor atendem a fatores de função textual".	<ul style="list-style-type: none">- Relação advérbios x preposições;- Papel dos advérbios no plano transfásico;- Intensificação gradual dos advérbios.

1 II Mateus et al. “- A com mo	Advérbio é a categoria nuclear do sintagma adverbial, podendo apresentar-se como uma única palavra ou como uma locução adverbial.	Não menciona.	Não menciona.	<ul style="list-style-type: none"> - Mobilidade na sentença; - Coordenação no sintagma; - Função quantificadora; - Expressões adverbiais.
Cunha e Cintra (1984 [2007])	Advérbio é um modificador de verbos; os de intensidade modificam adjetivos e outros advérbios para indicar-lhes grau.	Conforme a NGB: de afirmação, de dúvida de intensidade, de lugar, de modo, de negação e de tempo.	Não são advérbios. Dividem-se em: inclusão, exclusão, designação, realce, retificação e situação.	<ul style="list-style-type: none"> - Advérbios interrogativos; - Advérbios relativos; - Colocação; - Gradação; - Repetição.
Raposo et al. (2013)	Palavras cujos elementos mais típicos se combinam com verbos ou adjetivos, especificando o seu significado em várias dimensões semânticas	Semanticamente: de modo, de atitude do agente, de localização, de iteração, <i>sempre</i> e <i>nunca</i> , aspetuais, <i>mal</i> e <i>bem</i> em posição pré-verbal, quantitacionais, avaliativos, focalizadores e <i>sim</i> e <i>não</i> .	Não menciona.	

Quadro 3. Quadro sinóptico das abordagens tradicionais.

Fonte: elaboração própria.

2.1.3 Estudos linguísticos

Hodiernamente, estão disponíveis diversos e relevantes trabalhos a respeito de advérbiais, a exemplo, destacadamente, dos de Câmara Júnior (1973; 1975), Bomfim (1988), Moura Neves (2000)¹¹, Ilari *et al.* (2002), Costa (2003), Castilho (2010) e Perini (2002; 2010).

As abordagens de Câmara Júnior (1973; 1975) dão conta de pelo menos três tipos de advérbios: locativos, temporais e nominais. Para o autor (1973), o que geralmente se chama de advérbio corresponde ao nome ou pronome que aparecem numa função modificadora de um verbo ou nome, e sob a forma livre ou dependente passa a ser sentido como um vocábulo *sui generis*. Os locativos situam o evento comunicativo no espaço – associando-se mórfica e semanticamente aos demonstrativos, os temporais situam o evento comunicativo no tempo, e os nominais assinalam “modo de ser” do evento e podem se chamar advérbios modais (1975).

O autor explica que as partículas pronominais do indo-europeu primitivo deram origem aos advérbios, já que inicialmente “insistiam, ao lado de um nome, em determinada situação espacial já nele caracterizada pela desinência de caso (p. ex. acusativo, instrumental, locativo) ou ampliaram o aspecto de um verbo, ou frisavam o tempo de ocorrência”. (1973, p. 159)

Câmara Júnior (1973) caracteriza os advérbios pelo seu funcionamento, particularizando o sentido da frase, e pela circunstância de serem partículas pronominais, clíticas, ou nomes fixados num dado caso e especializados por esse funcionamento.

Atenta o autor que preposições e conjunções surgem dos pronomes e nomes na função modificadora de advérbios, “quando se lhes oblitera o conteúdo nocional e nelas se concentra o conceito de relação” (1973, p. 159).

¹¹ Apesar de este trabalho constituir-se em uma gramática, entendemos que o teor do texto referido não atende às características tradicionais das gramáticas citadas, atendendo mais aos moldes dos trabalhos de orientação linguística em que se baseia este subcapítulo.

Conclui Câmara Júnior (1973) que o advérbio, determinante de outro determinante, modifica o adjetivo, o verbo, ou o verbo conjugado com seus complementos essenciais, não citando um outro advérbio como possibilidade de escopo.

Na obra de 1975, o autor assinala que a mobilidade dos advérbios, do ponto de vista semântico, apresenta frequentemente desvio de sentido e de aplicação para os advérbios temporais; do ponto de vista funcional, há a frequente utilização do advérbio para enunciações em sequência, sendo que alguns fixaram-se até como “conjunções coordenativas”, outros têm uma distribuição nítida como tais e como advérbios e outros ficam a meio caminho das duas funções.

Bomfim (1988) escolhe a conceituação de Cunha e Cintra (1972, p. 499) como a que fica “a meio caminho” sobre o que a gramática tradicional tem dito sobre os advérbios (apesar de alertar para a mudança que o autor promove na ‘Nova gramática do português contemporâneo’; e repete: “Advérbios são palavras que se juntam a verbos, para exprimir circunstâncias em que se desenvolve o processo verbal, e a adjetivos, para intensificar uma qualidade” (p. 5).

Sobre as teorias tradicionais, a autora opina:

- i. Os advérbios de afirmação e negação não expressam circunstância, não dizem respeito ao processo verbal, nem são intensificadores. Mas considera *não* como advérbio;
- ii. Os advérbios de dúvida também não expressam circunstância, nem são intensificadores; não se relacionam com o processo verbal. A falta de certeza é do sujeito da enunciação, a dúvida é uma opinião do locutor sobre o enunciado ou parte dele;
- iii. Os advérbios de intensidade conferem grau a adjetivos e outros, e podem ser intensificadores do verbo. Os advérbios de intensidade não incidem sobre o substantivo;
- iv. Os advérbios de modo são os legítimos representantes da classe, entre os quais o grupo formado com *-mente* é o mais numeroso, embora nem toda palavra em *-mente* expresse modo. Muitos não são de fato modificadores e outros não expressam circunstâncias de nenhuma natureza;

- v. Os advérbios de tempo são tomados a partir de agrupamentos, propostos com base em afinidades semânticas entre os elementos e que se fazem pertinentes do ponto de vista do comportamento linguístico.
- vi. Os itens *ontem*, *hoje* e *amanhã* são incluídos na classe dos pronomes, assim como os dêiticos;
- vii. Os advérbios de lugar também são tomados, com base nos agrupamentos sugeridos, a partir das características semânticas e sintáticas.

Em suma, Bonfim (1988) conclui que as reflexões feitas sobre os advérbios apontam em duas direções: a primeira diz respeito ao caráter subjetivo de alguns advérbios e de outras palavras, que não se comportam tradicionalmente como são consideradas tradicionalmente. Por isso, Bomfim (1988, p. 50) defende que algumas palavras enquadradas como advérbios ou “entre palavras de classificação à parte, usando a terminologia da NGB”, têm a função descrita por Halliday (1976), “(...) cumpre à linguagem possibilitar o estabelecimento de veículos com ela própria e com as características da situação em que usada”. No esteio de Oiticica (1947), a autora observa que as palavras denotativas, a maioria carregada de subjetividade, são algumas ligadas ao texto, outras revelam uma avaliação do sujeito da enunciação sobre o enunciado. A autora entende que devem ser considerados à parte, sugerindo, inclusive, um estudo que abranja as interjeições.

Na *Gramática de usos do português*, Moura Neves (2000) aborda a classe dos advérbios analisando sua forma (simples ou perifrástica), natureza, subclasses e particularidades, de maneira minuciosa. A autora conceitua o advérbio como palavra invariável, sob o ponto de vista morfológico, e como palavra periférica, funcionando como satélite de um núcleo nas diversas camadas do enunciado, do ponto de vista sintático ou relacional. Moura Neves (2000) acredita ser a classe dos advérbios bastante heterogênea, dividida em categorias e subcategorias, conforme apropriada ilustração de Costa (2003, p. 119), na sequência:

1 MODIFICADORES	1.1 DE MODO (qualificadores) (ex.: depressa)		
	1.2 INTENSIFICADORES (ex.: muito)		
	1.3 MODALIZADORES	1.3.1 <u>epistêmicos asseverativos</u> : afirmativos (ex.: evidentemente) negativos (ex.: de jeito nenhum) relativos (ex.: talvez)	
		1.3.2 <u>delimitadores</u> : Com generalização plena (ex.: geralmente) Com generalização aproximada (ex.: quase) Com restrição (ex.: teoricamente)	
1.3.3 <u>deônticos</u> (ex.: obrigatoriamente)			
1.3.4 <u>afetivos</u> (atitudinais) subjetivos (ex.: felizmente) interpessoais (ex.: francamente)			
2 NÃO-MODIFICADORES	2.1 OPERAM SOBRE VALOR DE VERDADE	<u>de afirmação</u> (ex.: sim)	
		<u>de negação</u> (ex.: não)	
	2.2 NÃO OPERAM SOBRE VALOR DE VERDADE	2.2.1 <u>circunstanciais</u> : fóricos (ex.: aqui, hoje) não-fóricos (ex.: atrás, sempre)	
		2.2.2 <u>de inclusão</u> (ex.: também)	
		2.2.3 <u>de exclusão</u> (ex.: exclusive)	
		2.2.4 <u>de verificação</u> (ex.: justamente)	
	2.3 JUNTIVOS ANAFÓRICOS	2.3.1 <u>contraposição sem eliminação</u> contraposição em direção oposta (ex.: porém) contraposição na mesma direção (ex.: porém) contraposição em direção independente (ex.: porém)	
		2.3.3 <u>contraposição com eliminação</u> : eliminação no tempo (ex.: porém) eliminação sem relação temporal (ex.: porém)	
		2.3.3 <u>conclusão</u> (ex.: portanto)	

Quadro 4. Características semânticas dos advérbios.

Fonte: Costa (2003, p. 119).

Vale destacar que a autora não menciona o grupo reconhecido pela Nomenclatura Gramatical Brasileira como ‘Palavras Denotativas’.

Por seu turno, Ilari *et al.* (2002) intentam, em seu texto, caracterizar semanticamente os advérbios e, à parte disso, esboçar regras sintáticas relativas à distribuição dos advérbios pelas posições na sentença. Os autores expõem os critérios morfológicos, sintáticos e nocionais usados pela gramática tradicional para conceituar os advérbios e concluem que:

Os critérios utilizados na tradição gramatical para delimitar a classe dos advérbios não identificam, nem mesmo aproximativamente, as expressões que a mesma tradição gramatical tem apontado como advérbios; por conseguinte, os critérios tradicionais não são imediatamente aproveitáveis para uma análise rigorosa (p. 65).

Daí, propõem *Ilari et al.* (2002) que os dêiticos (23), os intensificadores (24) e os advérbios de verificação (25) sejam distinguidos das classes de advérbios tradicionalmente reconhecidas por tratar-se de classes bem configuradas; por isso apontam empregos que, nas palavras dos autores, “transgridem a classificação tradicional do advérbio”, como em:

- (23a) Uma escolha *assim* sem base.
- (23b) Entidades *aqui* do bairro.
- (23c) Gosta *assim* para acompanhar o bailado.
- (23d) *Lá* em casa tudo é em função do horário.

(24) Ele fez *muito* por nós.

(25) Queria falar *precisamente* disso.

Para eles, os elementos destacados em (23) desempenham um papel de sinalização (*flags*) de usos tipicamente argumentais; em (24) eles exemplificam “intensificadores” com propriedades sintáticas que os aproximam dos indefinidos neutros; observam em (15) expressões que indicam verificação.

Para *Ilari et al.* (2002) a definição de advérbio, como palavra de caráter invariável e modificador que se aplica tipicamente a não substantivos, atende à natureza morfossintática, enquanto o critério nocional aponta sua característica de indicar circunstância e modificação da ideia expressa por seu escopo¹².

Do exposto, também caracterizam as expressões tradicionalmente reconhecidas como advérbios em duas dimensões: 1. os segmentos sintáticos a que o advérbio se aplica não é nem

¹² Considera-se ESCOPO, neste texto, qualquer segmento sintático a que o advérbio se aplique, isto é, sua meta.

o verbo, nem o adjetivo, nem um outro advérbio numa longa série de casos; 2. as funções desempenhadas pelos advérbios são bastante diferenciadas e não apenas a única função de ‘modificação’ reconhecida pela gramática tradicional. Em decorrência disso, os autores propõem duas classificações para a classe dos advérbios:

- i. Considerando a vinculação sintática entre os advérbios e as demais partes da sentença, dividem-nos em: advérbios de constituinte, de sentença e de discurso. Vale ressaltar que eles entendem que os dêiticos aplicam-se a unidades cujas dimensões ultrapassem os limites dos constituintes e da sentença. Esses segmentos, de amplitude e natureza linguística diferentes, ou se restringem à predicação, ou se estendem à sentença toda, ou abarcam uma sequência discursiva mais ampla;
- ii. Considerando a predicação, divide os advérbios em predicativos e não predicativos. Para eles, o grupo dos predicativos é formado por advérbios qualitativos, intensificadores, modalizadores e aspectualizadores que modificam tipicamente o sentido do verbo ou do adjetivo; enquanto o grupo dos não predicativos possuem apenas advérbios de verificação e os circunstanciais.

Ilari *et al.* (2002) registram, em suma, que os advérbios são uma classe heterogênea, caracterizada pelo caráter variado das funções sintáticas que exercem e dos ambientes sintáticos em que ocorrem. Sua posição na sentença equivale a paradigmas que se definem de forma funcional e que refletem propriedades sintáticas e semânticas diversas. Sendo assim, consideram os autores que a posição que os advérbios ocupam na frase corresponde a alguns paradigmas que se definem funcionalmente e que correspondem a várias propriedades de ordem sintática e semântica.

As considerações gerais sobre os adverbais e a conceptualização de Tempo e Espaço desenvolvida por Costa (2003) são de conspícua importância para quaisquer análises relacionadas a advérbios. A seguir destacam-se algumas características desses elementos a partir de Moura Neves (2000), à luz das observações daquela autora:

- a. Os advérbios são satélites de um elemento sintático – Costa (2003, p. 101) comunga desta assertiva e a considera como “a única característica sintática que pode funcionar como traço caracterizador de advérbios”;
- b. Os advérbios podem operar junção de sintagmas ou orações – Costa (2003, p. 105) não admite este traço, já que estabelece o caráter não juntivos dos advérbios, ressaltando ser este um traço que o distingue das demais classes de palavras “invariáveis” do português;
- c. Os advérbios podem ser transitivos ou intransitivos – Costa (2003, p. 106 - 107) admite a ocorrência de advérbios valenciais, considerando que “a valência é traço que implica na seleção de argumentos internos”, podendo ter como resultado um sintagma intransitivo;
- d. Alguns advérbios são argumentos de verbo – Costa (2003, p. 107) entende que esta afirmação não corresponde à caracterização sintática dos advérbios. Para a autora, as formas denominadas por Moura Neves (2000, p. 257) como *proformas* ou *advérbios pronominais* são, como querem as análises do grupo “Gramática do Português Falado”, *pronomes*;
- e. Os advérbios apresentam grande mobilidade na sentença – Para Costa (2003, p. 108) este é um ponto de reconhecimento comum sobre a classe dos advérbios;
- f. Alguns advérbios determinam formas integrantes de seu escopo – Costa (2003, p. 110), admite esta característica, ressaltando que “a capacidade de um elemento determinar a expressão mórfica de outro, deve ser tratada no âmbito da sintaxe, pois é a explicitação da incidência do primeiro sobre o segundo”;
- g. Alguns advérbios podem funcionar sozinhos como resposta – Costa (2003, p. 110) sinaliza que

as respostas afirmativas em português, expressando quer o valor de verdade, quer o ponto de vista do interrogado sobre a formulação daquele que pergunta, constroem-se, em geral, pela repetição flexionada do elemento mais importante da predicação, expresso pelo verbo, ou, muitas vezes, pelo advérbio que focaliza, modaliza, delimita ou temporiza a predicação, o que prova que esses são predicadores sobrepostos à predicação primária.

Através do levantamento e tratamento dos advérbios espaciais e temporais presentes em *corpora* composto de nove textos¹³ do século XVI, de um texto do século XV, um do século XIV e da análise d’Os Diálogos de São Gregório exposta em Mattos e Silva (1989), a autora apresenta indícios diacrônicos do processo de gramaticalização ocorrido nas subclasses de Tempo e Espaço desses itens em língua portuguesa. Da análise das ideias expostas por Svoru (1993), Lyons (1978; 1980) e Lakoff e Johnson (1980) para tratar da conceptualização de Espaço, e em Lakoff e Johnson (1980), Lakoff (1998) e Bull (1960) para a categoria de Tempo, além do exame dos dados encontrados no *corpus* e de seus respectivos sentidos, a autora adotou a subdivisão apresentada no quadro abaixo:

ADVERBIAIS	Espaciais	Espacialização de base exofórica (referência de um elemento a partir da relação de distância/proximidade entre esse elemento e o falante).	
		<u>Espacialização Vertical</u>	Plano superior
			Plano intermédio
			Plano inferior
			A referência ao próprio eixo vertical
		<u>Espacialização Horizontal</u>	Área interior
			Área exterior
			Área distante
			Área próxima
			Área procedente
			Área intermédia
			Área sequente
			Área de frente
			Área de costas
	Área indeterminada		
	A referência ao próprio eixo horizontal		
Espacialização Restrita (físico, concreto)			
Espacialização Extensiva (não-físico, abstrato)			
Temporais	<u>Temporalização de localização</u>	Presente	
		Passado	
		Futuro	
		Outros (tempo hipotético)	
	<u>Temporalização de ordenação</u>	Anterioridade	
		Simultaneidade	
		Posterioridade	
	<u>Temporalização de aspecto</u>	Instantaneidade	
Duração		Longa	
		Curta	
		Determinada	
Fases		Inicial	
	Final		
<u>Temporalização de frequência</u>		Repetição	

¹³ Carta de Pero Vaz de Caminha, Cartas de Dom João III, Cartas da Corte de João III, Gramática da Língua Portuguesa, Gramática da Língua Portuguesa, Diálogo em Louvor da Nossa Língua, Diálogo da Viciosa Vergonha, Ásia de João de Barros – I década, Ásia de João de Barros – II década.

			Irregularidade	
			Habitualidade	Precisa
				Imprecisa
			Absoluta	Positiva
Negativa				

Quadro 5. Adverbiais Espaciais e Temporais.

Fonte: Costa (2003).

Por seu turno, Castilho (2010) busca descrever os advérbios – o que ele entende, com base em Ilari *et al.* (1991)¹⁴, por um grupo de “expressões que funcionam de maneira sensivelmente semelhante” (p. 543), a partir dos campos morfológico, sintático, semântico e discursivo. Morfológicamente, ele conceitua os advérbios como palavras invariáveis, chamando atenção sobre a “precária fronteira” entre adjetivos e advérbios. Para ele, sob o ponto de vista sintático, ligam-se a verbos, adjetivos, advérbios ou substantivos (em expressões metafóricas), como em (26):

(26a) Ele é muito homem.

(26b) Ele é muito gente.

Sintaticamente, Castilho (2010) conclui que alguns selecionam apenas um componente da sentença – chamando-os de ‘advérbios de constituinte’ (27), enquanto outros têm todo conteúdo proposicional como escopo, recebendo estes a designação de ‘advérbios de sentença’, podendo atuar como: ‘quase argumentais’ (28); ‘adjuntos adverbiais passíveis de focalização por *apenas*, *só*, clivagem por *é que* e interrogação; (29), ‘adjuntos adsentenciais’ (30) ou ‘marcadores gramaticais de argumentos’ (31) e ‘marcadores gramaticais de adjuntos’ (32):

(27) Falei *francamente* tudo o que queria a esse respeito.

¹⁴ Trata-se da 1ª ed. do texto ‘Considerações sobre a posição dos advérbios’ para a *Gramática do Português Falado*, organizada por Castilho, versão não disponível para consulta atualmente.

(28) ou a mulher se dedica *inteiramente* à carreira... (...) *exclusivamente* à carreira... ou (...) (DP SP 360)

(29) Discutiu *apenas* francamente. / Foi francamente *que* ele discutiu. / Discutiu francamente?

(30) *Francamente*, falei tudo o que queria a esse respeito.

(31) vez por outra... vocês terão *assim*... um pouco... da Sociologia... (EF REC 337)

(32) um potezinho *assim* com flores. (DID POA 45)

No que concerne à colocação, Castilho (2010) assegura que, nas estruturas não marcadas, os especificadores são, em sua maioria, pré-nucleares. Já o sintagma adverbial apresenta grande mobilidade na sentença, podendo, segundo o autor, figurar em quatro posições (antes da sentença; depois da sentença; entre o sujeito e o verbo; e, entre o verbo e seu argumento interno), as quais podem, inclusive, resultar em diferentes significados para o sintagma.

Sobre a dimensão semântica, Castilho (2010, p. 542) segmenta os advérbios em três subclasses: a. Predicativos – “qualificadores” de sentenças, verbos e adjetivos; b. de verificação – não transferem propriedades à classe sobre que se aplicam; verbalizam o resultado de uma comparação já implícita; c. Dêiticos – conectivos textuais que “situam numa perspectiva temporal e locativa o estado de coisas expresso pelos verbos a que afetam”¹⁵.

Na verdade, a análise semântica do autor é tão minuciosa, subdividindo essas subclasses numa proporção, que, por questões metodológicas, convencionou-se apresentar através do quadro a seguir:

¹⁵ O autor ressalta a sutileza entre estes advérbios e os pronomes, assumindo a dualidade de papéis exercidos por tais itens lexicais.



PREDICATIVOS	MODALIZADORES	Epistêmicos	Asseverativos (realmente, de jeito nenhum)		
			Quase asseverativos (talvez, provavelmente)		
		Deônticos (necessariamente, obrigatoriamente)			
		Discursivos	Subjetivos (felizmente, curiosamente)		
			Intersubjetivos (sinceramente, francamente)		
	QUALIFICADORES	Propriamente ditos (bem, mal)			
		Graduadores	Intensificadores (muito, mais)		
			Atenuadores (pouco, ligeiramente)		
		Aspectualizadores	Imperfectivos (permanentemente, aos poucos)		
			Perfectivos (já, de repente)		
		Delimitadores Aproximadores (quase, em geral)			
	Confirmadores (totalmente, rigorosamente)				
	QUANTIFICADORES	Aspectualizadores	Iterativos	Semelfactivos (novamente, uma vez por mês)	
				Em <i>-mente</i> (geralmente, constantemente)	
				Constituído pelo item <i>vezes</i> (às vezes, muitas vezes)	
Tipos de quantificação gerados por <i>vezes</i> (toda vez, cada vez)					
De escalaridade determinada (todo dia, todo mês)					
A palavra <i>sempre</i>					
De domínio científico (economicamente, historicamente)					
De domínio subjetivo (pessoalmente, tradicionalmente)					
DE VERIFICAÇÃO	FOCALIZADORES	Verificação de número (exatamente, no total)			
		Verificação de proporção (mais, menos)			
		Verificação de coincidência (mesmo)			
		Verificação de identidade ou congruência (exatamente, realmente)			
		Verificação de factualidade (realmente, também)			
	DE INCLUSÃO/ EXCLUSÃO (inclusive, exceto)				
DE AFIRMAÇÃO/ NEGAÇÃO (sim, não)					
DÊITICOS	LOCATIVOS	Eixo horizontal (antes, depois)			
		Eixo vertical (em cima, embaixo)			
		Eixo transversal (atrás, ante)			
		Eixo distal/ proximal (lá, aqui)			
		Eixo de continente dentro/fora (dentro, fora)			
	TEMPORAIS	Presente (agora, modernamente)			
		Passado (ontem, remotamente)			
		Futuro (amanhã, futuramente)			

Quadro 6. Classificação semântica proposta por Castilho (2010).

Fonte: Santos (2014, p. 49-50).

Do ponto de vista discursivo, o autor destaca as funções dos advérbios enquanto conectivos textuais e orientadores de eixo argumentativo, lembrando que os conectivos textuais

derivaram de advérbios por gramaticalização e que algumas classes semânticas dos advérbios também exercem a função de conectar unidades discursivas, além de, com uma abstratização maior, localizar os elementos nos tempo e no espaço do discurso e estabelecer relações de causa e consequência (como em 33d):

(33a) Vamos agora estudar como se deu a chegada dos portugueses no Brasil. *Antes*, porém, precisaremos entender como se deu a formação dos impérios europeus.

(33b) Gravar e transcrever entrevistas é um trabalhão danado. *Agora*, analisar tudo isso é que são elas.

(33c) *Agora* farei um tremendo discurso sobre os advérbios. *Primeiramente*, discutirei seu estatuto categorial. *Em segundo lugar*, falarei sobre sua distribuição nos textos escritos, e então procurarei destrinçar suas manchas semânticas. *Agora*, o primeiro aí que bocejar vai ter que catar exemplos.

(33d) Traduzir é servir. *Consequentemente*, trabalho de inferiores. (João do Rio, Folha de S. Paulo, 28 mar.1993).

Especificamente sobre os advérbios em *-mente*, Castilho (2010) pondera que constituem “um dos casos mais notáveis de transformação de um substantivo em advérbios” (p. 544). O autor lembra que “esse substantivo ocorria em sintagmas preposicionais tais como *agir de boa mente*, ‘com bons propósitos’. Perdido o acento vocábular, *-mente* cliticizou-se ao adjetivo que virá sempre no feminino, pois esse é o gênero de *-mente*”.

Como lista as espécies de advérbios apresentadas pela Nomenclatura Gramatical Brasileira e pela Nomenclatura Gramatical Portuguesa, o autor destaca a inclusão das ‘Palavras

Denotativas’ entre os advérbios, feita por Oiticica (1952), sem, porém, tecer quaisquer comentários sob tais “palavras”¹⁶.

Perini (1996) chega a afirmar que não existe uma classe que compreenda os itens tradicionalmente chamados de “advérbios”, pois considera que as diferenças sintáticas que os advérbios apresentam entre si são muito profundas. Para ele, o que comumente se agrupa na classe dos advérbios são, na verdade, “várias classes bem diferenciadas” (2010, p. 317).

Conquanto a gramática tradicional atribua aos advérbios a função de modificar, Perini (1996) observa a ‘modificação’ como um conceito obscuro em que se fundem semântica e sintaxe. Ele lembra que, semanticamente,

“modificação” significa que um advérbio teria seu significado amalgamado ao de um outro elemento, formando um todo semanticamente integrado; assim, digamos, *corremos* exprime uma ação, e *corremos depressa* exprime a mesma ação, acrescida de algum ingrediente de significado. Tanto *corremos* quanto *corremos depressa* seriam unidades no plano semântico. (p. 340)

Ainda que a observação pareça vaga e não ajude a caracterizar o advérbio, como defende o autor, vale considerar que a mesma se aplica a outras classes. Exemplifica com: “*comi* é uma ação, e *comi uma peixada* é a mesma ação, acrescida de um ingrediente semântico que a especifica melhor” (p. 340-341).

Paralelamente, em termos sintáticos,

a noção de “modificação” parece referir-se à ocorrência conjunta dentro de um constituinte: o que se chama em sintaxe de ‘estar em construção com’. Desse modo, *corremos depressa* forma um constituinte (*corremos* está em construção com *depressa*). Isso, por si só, não é suficiente para definir o advérbio, porque é claro que *comi* e *uma peixada* também estão em construção em *comi uma peixada*. Se definíssemos o advérbio como o elemento que ocorre em construção com o verbo, uma peixada teria de ser um constituinte adverbial (p. 341).

¹⁶ Mesmo que já tenha ficado claro, a esta altura, que o uso do termo ‘Palavras Denotativas’ dá-se apenas por um critério de fidelidade ao termo cunhado, em geral, pelos estudiosos de língua portuguesa, faz-se oportuno esclarecer que o uso do termo ‘palavra’ será tomado, preliminarmente, como unidade mínima para a classificação, acreditando que, por ora, não se perde nada de essencial.

Perini (1996) segue afirmando que ‘estar em construção’ não é uma propriedade fundamental das funções sintáticas e que há casos menos característicos que merecem ser levados em consideração, como em (34) e (35), por exemplo:

(34) *Somente* André percebeu a situação.

(35) Ela escreve *rápido*.

Ressalte-se que em (34) tem-se *somente*, geralmente considerado advérbio, modificando, segundo o autor, o substantivo *André*; ao passo em que, em (35), *rápido*, geralmente considerado como adjetivo, está modificando o verbo *escreve*.

O autor defende que a definição de qualquer classe deve ser feita a partir de seu potencial funcional e atribui papéis temáticos (modo, tempo, lugar etc. – correspondendo a classificação da gramática tradicional) que podem ou não ser expressos pelos advérbios (PERINI, 2010). Além disso, é importante salientar que sua abordagem (2010) considera posição e escopo como propriedades importantes no tratamento dos adverbiais. As abordagens de Perini, apesar de apontarem um caminho para chegar a uma conceituação e classificação adequadas, não apresentam uma conceituação e classificação claras, são apenas sugestões de análise, ainda que sejam de muita valia para os estudos relacionados à taxionomia dessa classe.

A exemplo do quadro sinóptico oferecido sobre as abordagens tradicionais, pode-se observar um resumo das abordagens dos estudos linguísticos referidos, disposto no quadro a seguir:



	Conceito	Classificação	'Palavras Denotativas'	Outros tópicos
Câmara Júnior (1973)	O que geralmente se chama de advérbio corresponde ao nome ou pronome que aparecem numa função modificadora de um verbo ou nome, e sob a forma livre ou dependente passa a ser sentido como um vocábulo <i>sui generis</i> .	Não apresenta.	Não menciona.	- Origem dos advérbios; - Relação advérbios x preposições/ conjunções.
Bomfim (1988)	São palavras que se juntam a verbos, para exprimir circunstâncias em que se desenvolve o processo verbal, e a adjetivos, para intensificar uma qualidade.	Não oferece.	São algumas ligadas ao texto, outras revelam uma avaliação do sujeito da enunciação sobre o enunciado. Devem ser considerados à parte.	- Interligação entre os fatores constitutivos da comunicação verbal e algumas classes de palavras.
Moura Neves (2000)	Palavra invariável, sob o ponto de vista morfológico, e como palavra periférica, funcionando como satélite de um núcleo nas diversas camadas do enunciado, do ponto de vista sintático ou relacional.	Modificadores x Não-modificadores. (Para maior detalhamento, cf. Figura 3, p.11)	Não menciona.	- Particularidades das construções com advérbios; - Negação.
Ilari et al. (2002)	Palavra de caráter invariável e modificador que se aplica tipicamente a não substantivos, atende à natureza morfossintática, enquanto o critério nocional aponta sua característica de indicar circunstância e modificação da ideia expressa por seu escopo.	1. Advérbios de constituinte, de sentença e de discurso; 2. Predicativos e não-predicativos. (Para maior detalhamento, cf. Figura 4, p. 13)	Não menciona.	Não se aplica.
Castilho (2010)	Palavras invariáveis, que se ligam a verbos, adjetivos, advérbios ou substantivos (em expressões metafóricas).	1. Sintaticamente: advérbios de constituinte x advérbios de sentença; 2. Semanticamente: predicativos, de verificação, dêiticos; 3. Discursivamente: conectivos textuais x orientadores do eixo argumentativo.	Cita o agrupamento na lista proposta pela NGB e pela NGP mas não tece quaisquer comentários.	- Fronteiras precárias entre adjetivos e advérbios; - Mobilidade na cadeia sintagmática; - Casos de advérbios formados com o morfema <i>-mente</i> .
Perini (2002; 2010)	Não existe essa classe. É um agrupamento de classes bastante diferenciadas.	Não oferece. Sugere que, assim como a conceituação, seja feita com base no seu potencial funcional, e atribui papéis temáticos que podem ou não ser expressos.	Não menciona.	Não se aplica.

Quadro 7. Quadro sinóptico das abordagens de trabalhos linguísticos.

Fonte: elaboração própria

2.2 CONCEITUAÇÃO E CATEGORIZAÇÃO EM XEQUE

A questão da definição e da categorização é algo pujante nos estudos científicos de todas as áreas. Na verdade, nomear e categorizar são movimentos comuns e quase automáticos da vida. Definir, aliás, é algo bem próprio do trabalho da lexicografia, área a que este trabalho se filia. Para definir, no entanto, é preciso preservar-se certo rigor científico, por causa do qual a lexicologia apresenta uma fórmula que agrega o *genus proximum* e as *differentiae* dos elementos, conforme destaca Machado Filho (2012).

Essa adjunção entre o *genus proximum* e as *differentiae* dos elementos termina por conferir ao mesmos características que, naturalmente, confluem para a sua categorização. Categorizar, ou classificar, é, como quer Perini (2008), considerar semelhante a outros de acordo com certo critério, ou seja, em função de um objetivo descritivo. Mas, seria, assim, impossível considerar a semelhança sem observar as diferenças e, por isso, não classificar um elemento como uma coisa ou outra. Daí que a fórmula proposta pela lexicologia no intuito de buscar definições adequadas e acuradas termina por desembocar em um processo de categorização, de forma de que, em certo ponto, não se pode presumir, com certeza, qual ação deriva da outra.

Perini (2008, p. 80) adverte que “ao considerarmos a estrutura de uma língua, seja em seu aspecto formal, seja em seu aspecto semântico, lidamos a todo momento com categorias”, e que, por isso mesmo, “quase todas as afirmações gramaticais se formulam, de alguma forma, com referência a categorias formais ou semânticas”.

Mas, pondera o autor que a classificação das palavras apresentadas pela gramática tradicional exhibe deficiências determinantes para que seja questionada, que são: o uso de sistemas simples que subestimam a complexidade da língua; a falta de critério para subclassificar; tentativas de reformular classes que acabam por criar classes do tipo “cesta de lixo” (o que foi recorrente com a classe dos advérbios); e rejeição da categorização múltipla.

Como foi possível observar pela revisão das abordagens ao tema (oferecida anteriormente), as gramáticas tradicionais de língua portuguesa, e até mesmo os estudos linguísticos, em geral, usam, indistintamente, critérios sintáticos, morfológicos e semânticos, para conceituar e classificar os elementos linguísticos, agrupando-os em classes, principalmente, em se tratando de adverbiais. O fato é que a definição e a categorização desses elementos têm protagonizado um processo bastante complexo e que não logrou a clareza e a segurança que são necessárias para o tratamento gramatical adequado desses itens.

A insatisfação com o que se tem oferecido pelas gramáticas e estudos linguísticos está expressa pela continuação da busca por um conceito e classificação adequados, tendo também sido manifestado por Mário Perini em diversas passagens de obras de sua autoria e co-autoria (a esse respeito, cf. PERINI, 1996; 2008; 2010). Apesar disso, o autor limitou-se a apontar caminhos possíveis para uma adequada conceituação e classificação dos adverbiais; os quais serão percorridos aqui, ainda que embrionariamente.

Na obra *Estudos de Gramática Descritiva: as valências verbais*, Perini (2008) sugere que a ‘classificação cruzada’ seja uma solução para o problema do uso de sistemas simples de categorização, ao mesmo tempo em que afastaria a rejeição à categorização múltipla. A ‘classificação cruzada’ realizaria a classificação levando em consideração os traços gramaticalmente relevantes do elemento em análise, sendo que esses traços revelariam o comportamento semântico, sintático etc. do elemento. Acontece que se se considerar que o comportamento semântico pode apresentar traços dos elementos que são diferentes (mas não excludentes) aos traços sintáticos ou morfológicos ou discursivos que um elemento possa apresentar, como resultado ter-se-á uma classificação cruzada que leva em conta os vários níveis de análise linguística por que um item pode ser analisado.

No entanto, “seria excessivamente antieconômico fazer referência às unidades individuais”, como alerta Perini (2008, p. 91), e “omitir as classes da descrição, mesmo que fosse possível, impossibilitaria a percepção das grandes linhas da estrutura, reduzindo-a a uma multidão de particularidades, o que a língua certamente não é”. É preciso, então, elaborar uma classificação baseada em critérios, em objetivos, como quer Perini (2008). Segundo o autor, são

os objetivos que norteiam a classificação; “e uma descrição gramatical comporta muitos objetivos” (p.92). Para cada objetivo tem-se uma nova classificação, ideia já aventada por outros estudiosos como Vilela (1992), a quem cita Perini (2008, p. 93): “[...] a própria classificação é contraditória entre diferentes propostas e mesmo dentro de uma só proposta. Que grandezas escolher? Dependerá da finalidade da classificação”.

Que grandezas escolher? Que critérios utilizar? Que classificação caberia e satisfaria a versatilidade e heterogeneidade apresentada por esses elementos que compõem os advérbios? Perini questionou a existência dessa classe, provocou uma reflexão sobre a alegada “modificação” exercida pelos advérbios, apontou as fragilidades das classificações feitas até então, destacou a necessidade de classificar por objetivos e trouxe luz à distinção entre classes e funções.

Para Perini (2008, p. 93; 2010, p. 290), “as funções se definem no contexto em que ocorrem, enquanto as classes se definem fora de contexto”. Esse princípio faz pressupor que um elemento pertence a uma classe independente da função desempenhada numa oração. É preciso dizer que não se aquiesce a tal assertiva, aqui. O funcionamento dos elementos em variados contextos de observação faz crer, na verdade, que as funções influenciam diretamente na identificação dos elementos a determinadas classes, por ocasião de cada uso. Até porque o próprio Perini (2008, p. 94) afirma que “uma função se caracteriza pela inserção de uma unidade em determinado entorno gramatical – (...). Já a classe se caracteriza pelo potencial funcional da unidade, ou seja, pelo que a unidade pode ser – as funções que ela pode ocupar na sentença”. O próprio autor conclui que a consequência desse raciocínio é a conclusão de que “cada unidade pertence a uma (e só uma) classe” (PERINI, 2008, p. 94; 2010, p. 291). E continua:

(...) cada palavra (ou unidade em geral) pertence a uma delas (classes¹⁷), e uma palavra não pode ter mais de um potencial funcional. Uma palavra pode, claro, ocupar mais de uma função, em diferentes contextos. Ou seja, “classe” é uma relação paradigmática., e “função” é uma relação sintagmática, conforme a distinção estabelecida por Saussure (1916). (PERINI, 2008 p. 96-97)

¹⁷ Inserção nossa.

O potencial funcional dos advérbios, no entanto, não tem sido pauta frequente nos estudos sobre os itens gramaticais. Na verdade, mesmo Perini (1996; 2010), para quem o potencial funcional tem o poder de agregar elementos em uma classe, não oferece uma análise detalhada do potencial funcional dos advérbios. Isso se deve, provavelmente, ao fato de as diferenças sintáticas dos advérbios serem muito profundas, como afirma o próprio autor (1996, p. 340).

Apesar disso, o autor destaca funções sintáticas frequentemente exibidas pelos advérbios no nível oracional, são elas: Adjunto Advérbial, Adjunto Circunstancial, Adjunto Oracional e Atributo; abreviadas por Perini (1996) como, respectivamente, [+AA], [+AC], [+AO] e [+Atr]. É importante dizer que essa lista não se apresenta como funções únicas ou exclusivas desses elementos.

Tomando por fulcro a discussão promovida por Perini sobre o potencial funcional dos elementos, a reflexão que se busca introduzir neste capítulo é a que envolve os limites e alcance dos advérbios na caracterização de sua natureza gramatical. Para isso, no entanto, faz-se importante mencionar duas teorias: a teoria dos protótipos e a teoria da gramaticalização.

2.2.1 A teoria dos protótipos

A teoria dos protótipos nasceu na Antropologia e na Psicologia cognitivista, tendo sido estendida à análise léxica e semântica. Seus precursores na Linguística, Talmy Givón e George Lakoff, apresentaram-na como modelo de explicação do fenômeno da categorização partindo do princípio de que, apesar de alguns elementos apresentarem alguns traços em comum, alguns exemplares são mais representativos. Além disso, a prototipicidade tem vez em muitas configurações da língua e/ou na grande incidência no léxico ou na gramática.

Convém dar lugar à afirmação de Silva e Batoréo (2010, p. 230):

A perspectiva *cognitiva* da gramática fundamenta-se em dois princípios, correspondentes ao reconhecimento de duas funções básicas da linguagem: o

princípio de que a linguagem é um sistema *simbólico* do próprio processo de conceptualização e o princípio de que a linguagem é um meio de *comunicação/interacção*.

Destacam ainda, os renomados pesquisadores que

A gramática é um *inventário estruturado de unidades linguísticas convencionais*. Não é um “sistema de regras” ou mecanismo derivacional autónomo para a construção de expressões bem-formadas, ao contrário do que o modelo generativista e outros modelos formais postulam, mas um vasto *inventário* ou repositório de unidades. Este inventário está *estruturado* por relações de categorização de *esquema-instância* e de *protótipo-extensão*, relações de inclusão, integração e outras. E todas as unidades linguísticas simbolizam *conceptualizações*, constituindo-se como rotinas cognitivas *convencionalizadas* ou estabelecidas pelo uso dentro de uma comunidade linguística. (SILVA E BATORÉO, 2010, p. 230)

Silva e Batoréo (2010, p. 235-236) relacionam a oposição gramatical dos nomes x verbos à divisão conceptual do mundo entre ‘coisas’ e ‘relações’ explicando que

Os nomes perfilam ‘coisas’ ou regiões num determinado domínio e as restantes categorias gramaticais perfilam ‘relações’ ou interconexões entre coisas. Entre estas, destacam-se os verbos, na medida em que perfilam ‘relações temporais’, as quais envolvem *escaneamento sequencial*, ao passo que adjectivo, advérbio, preposição e conjunção perfilam ‘relações atemporais’, que envolvem *escaneamento sumário*. Os ‘objecto físicos’ são o protótipo dos nomes e as ‘relações temporais dinâmicas’ são o protótipo dos verbos. A flexibilidade do nosso pensamento permite inverter as categorias: podemos recategorizar uma relação como uma coisa e codificá-la num nome (*explosão*), quantificá-la (*muitas explosões*) e qualificá-la (*grandes explosões*); e podemos recategorizar uma coisa como uma relação e codificá-la num verbo (*olhar*), num adjectivo (*azul*) ou mesmo numa preposição (*vez*).

o que sintetizam¹⁸, apoiados em Langacker (1977, 1991) através da figura a seguir:

¹⁸ “A Figura 4 sintetiza a caracterização das categorias gramaticais em Gramática Cognitiva (Langacker 1977, 1991). A primeira distinção estabelece-se entre ‘coisas’ (nomes) e ‘relações’ e a segunda entre relações ‘temporais’ (verbos) e relações ‘atemporais’ (restantes categorias). Os perfis atemporais distinguem-se relativamente às propriedades dos seus Trajector e Marco. Preposições e conjunções têm um Marco elaborado numa expressão distinta, pelo menos potencialmente. Distinguem-se pela natureza do seu Marco: o Marco de uma preposição é uma ‘coisa’, ao passo que o Marco de uma conjunção é uma ‘relação temporal’. Adjectivos e advérbios têm um Trajector elaborado: nominal no caso do adjectivo e relacional no caso do advérbio. Por exemplo, *alegre* e *alegremente* perfilam uma relação entre um Trajector e uma região que excede uma norma relativamente ao estado

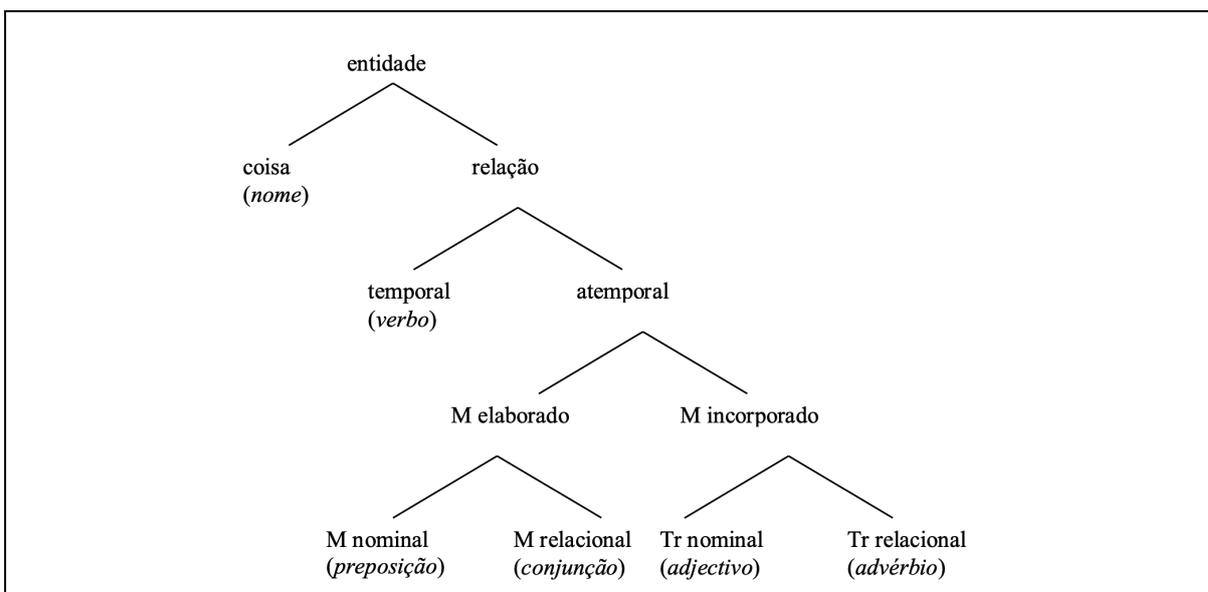


Figura 2. Taxionomia das classes de palavras.

Fonte: Silva e Batoréo (2010, p. 237).

Os autores dão lugar também à proposta de caracterização das classes de palavras oferecida pela Gramática de Construções Radical capitaneada por Croft (2001) que propõe

uma caracterização das classes de palavras em termos de um espaço semântico bidimensional, definido por três “funções discursivas” – *referência*, *modificação* e *predicação* – e três “classes semânticas” – *objectos*, *propriedades* e *acções*. Prototipicamente, referimos objectos, modificamos entidades atribuindo-lhes propriedades e predicamos acções de entidades. Nomes, adjectivos e verbos são os emparelhamentos prototípicos de, respectivamente, referência/objecto, modificação/propriedade e predicação/acção.

emocional de uma pessoa, mas enquanto o adjectivo toma uma coisa como seu Trajector, o advérbio toma um processo como seu Trajector. Adjectivo e advérbio partilham ainda a propriedade de o seu Marco estar incorporado na estrutura semântica, não podendo por isso ser elaborado numa expressão distinta. Ainda em relação ao adjectivo, enquanto o seu uso atributivo faz parte de uma expressão que perfila uma coisa (*homem alto*), o seu uso predicativo faz parte de uma expressão que perfila uma relação temporal estática (*o homem é alto*).” (SILVA E BATORÉO, 2010, p. 986-987).

O quadro abaixo, oferecido por Silva e Batoréo (2010), representa o mapa semântico (incompleto) das classes de palavras (“não-marcado” significa ausência de morfemas derivacionais):

		FUNÇÃO DISCURSIVA		
		<i>referência</i>	<i>modificação</i>	<i>predicação</i>
CLASSE SEMÂNTICA	<i>objectos</i>	NOMES NÃO-MARCADOS	adjectivalizações, sintagmas preposicionais	predicados nominais, verbos copulativos
	<i>propriedades</i>	nomes de adjectivais	ADJECTIVOS NÃO-MARCADOS	predicados adjectivais, verbos copulativos
	<i>acções</i>	nomes de acção, complementos, infinitivos, gerúndios	particípios, orações relativas	VERBOS NÃO-MARCADOS

Quadro 8. Espaço bidimensional das classes de palavras, adaptado de Croft (2001).
Fonte: Silva e Batoréo (2010, p. 237).

Os estudos sobre categorização, inicialmente pautados na filosofia do modelo clássico aristotélico, têm encontrado suporte na Teoria dos Protótipos, a qual tem sido discutida, ao longo dos anos, sob a perspectiva de pelo menos duas diferentes abordagens: uma versão *padrão*, também conhecida como *standard*, baseada nos estudos de Rosch e seu grupo, nos idos dos anos 70, robustecida pelo modelo por *semelhança de família*, proposto por Wittgenstein (1953); e uma versão *ampliada*, que na verdade representou mais uma ruptura com o outrora proposto do que necessariamente uma ampliação.

O modelo clássico pressupunha que o significado das palavras se baseia em condições necessárias e suficientes para estabelecer a essência da entidade ou do conceito com que associamos a palavra. Equivale a isso dizer que um elemento é considerado como pertencente a uma categoria desde que apresente todos os traços que a definem, e, portanto, a falta de algum traço resultaria em sua exclusão automática do grupo. Sendo assim, os traços são binários e as palavras possuem ou não o traço, pertencem ou não pertencem à categoria, estabelecendo limites claros e bem definidos para a mesma e outorgando aos seus elementos o mesmo *status*

dentro do grupo. Para Duque (2003), a partir disso, seria possível depreender uma descrição bem completa de uma categoria, com uma enumeração organizada dos traços que todos e cada um dos membros de uma categoria compartilham e que são suficientes para definir a categoria completamente. A questão é que o modelo clássico não pode ser aplicado a todas as palavras, graças à sua inflexibilidade que não a permite adaptar-se aos casos marginais, como bem pontuou D. Geeraerts (1985; 1986); além da questão, para a qual atenta-se Kleiber (1995, p. 36 e 37), de que

Una investigación limitada a las CNS nos obliga a eliminar numerosas propiedades que deseáramos ver representadas en la definición semántica de una palabra, pero que no pueden serlo, porque no todos los miembros las verifican (es decir, que se trata de condiciones no necesarias).¹⁹

Em contraponto ao modelo clássico, a teoria dos protótipos em sua versão *padrão* ou *standard* supõe uma ruptura com a concepção de condições necessárias e suficientes, passando a predicar a existência de um exemplar idôneo para a categoria, o protótipo, que é mais frequentemente empregado; assim como a coocorrência de exemplares menos representativos, marginais, mas pertencentes ao grupo. Isso implica em uma concepção de categorias mais flexíveis e difusas. Acrescenta Kleiber (1995, p. 50) que, nessa versão,

Una categoría es una clase abierta, no contingente y este hecho es el que ocasiona la producción de ejemplares idóneos igualmente no contingentes, es decir, subcategorías o subclases, o conceptos generales. Si el prototipo debe tener un valor que se ejerce al nivel de la categoría, debe superar el caso particular, limitado, contingente, que es lo que constituye un caso individual.²⁰

¹⁹ **Tradução:** Uma investigação limitada às CNS nos obriga a eliminar numerosas propriedades que desejaríamos ver representadas na definição semântica de uma palavra, mas que não o podem ser, porque nem todos os membros as verificam (quer dizer, que se trata de condições não necessárias).

²⁰ **Tradução:** Uma categoria é uma classe aberta, não contingente e este fato é o que ocasiona a produção de exemplares idôneos igualmente não contingentes, quer dizer, subcategorias ou subclasses, ou conceitos gerais. Se o protótipo deve ter um valor que se exerce ao nível da categoria, deve superar o caso particular, limitado, contingente, que é o que constitui um caso individual.

Essa nova concepção de categorização inaugurada pela versão *standard* ou padrão da Teoria dos Protótipos defende que cada categoria possui uma estrutura interna cujos elementos apresentam-se numa escala de prototipicidade e pertencimento estabelecida por seu grau de semelhança com o exemplar protótipo do grupo. Desse modo, o protótipo se transforma “en la entidad central alrededor de la cual se estructura toda la categoría²¹” (KLEIBER, 1995, p. 51). O mesmo autor complementa que “La pertenencia a una categoría, afirma G. Lakoff, que en 1972 defendía la tesis de la borrosidad categorial, no es una simple cuestión de sí o no, sino más bien un problema de grados²²”. A existência de uma gradação interna na categoria, ao mesmo tempo que invalida o modelo por condições necessárias e suficiente, leva a uma questão que força a versão padrão a remodelar-se: qual é a relação que une os membros de uma categoria que não compartilham todos os traços? Rosch e equipe buscaram por uma resposta na teoria de *semelhança de família* de Wittgenstein (1953), segundo a qual o que os une são semelhanças que se entrecruzam e que parcialmente se sobrepõem.

Admitindo-se que há atributos que são característicos de certas categorias, ainda que sendo apresentados apenas por alguns elementos membros do grupo – entendendo que não haja qualquer atributo que possa ser compartilhado com todos, e que alguns membros podem não apresentar quaisquer atributos em comum com os demais, além dos atributos poderem ser apresentados por mais de uma categoria, Wittgenstein (1953) ofereceu uma teoria em que *semelhanças de famílias* tornam os limites entre categorias imprecisos. Equivale a isso dizer que as categorias não são estruturas homogêneas, mas exibem exemplos mais representativos (ou prototípicos), em torno dos quais os menos representativos se organizam. Abandonando a binarismo do enfoque clássico, empregam-se atributos em vez de traços, por entender, como afirma Duque (2003, p. 10), que “as entidades e os atributos, dentro de uma categoria, se ordenam com diferenças de graus a partir da projeção desses focos cognitivos. Os membros mais distantes do centro serão casos limites que podem, inclusive, fazer parte de outras categorias”. Assim, uma nova possibilidade de análise e de apresentação da estrutura do

²¹ **Tradução:** na entidade central ao redor da qual se estrutura toda a categoria.

²² **Tradução:** O pertencimento a uma categoria, afirma G. Lakoff, que em 1972 defendia a tese do apagamento categorial, não é uma simples questão de sim ou não, mas sim um problema de gradação.

significado se desnuda, na qual tanto membros mais representativos quanto os marginais são considerados na descrição de uma categoria, apresentando seus atributos em ordem de representatividade.

Resume Kleiber (1995, p. 73 – 74):

El grado de semejanza de familia de un miembro variará según el número de atributos compartidos con otros miembros de 1ª categoría, cuanto más elevado sea el número de atributos en común, más grande será el grado de semejanza de familia. De todo ello resulta que los miembros prototípicos son los que, por un lado comparten más propiedades con los otros miembros de la categoría y, por otra parte, poseen el menor número de propiedades en común con los miembros de las categorías opuestas. El prototipo puede ser concebido entonces, como el lugar de agrupamiento de los atributos que poseen la validez máxima para la categoría. El continuum categorial obedece así a dos gradaciones: una gradación de propiedades que poseen una validez o importancia más o menos grande para la categoría; una gradación de miembros de la categoría que son clasificados según el número de rasgos típicos que posean (T. Givón, 1986, p. 79). Los ejemplares prototípicos serán aquéllos que posean el mayor número de atributos con validez máxima para la categoría.²³

Assim, a versão ampliada da Teoria dos Protótipos tem origem apoiada em algumas dificuldades da versão padrão, seus limites de aplicação mesmo em fenômenos cognitivos e semânticos vinculados à categorização conceptual e ao fato de que a categorização se apoia na comparação entre exemplares prototípicos da categoria; mesmo que a difusão da teoria ainda seja feita majoritariamente pelo modelo padrão. Isso tem a ver com o fato de que a versão ampliada significa mais uma ruptura com o modelo anterior do que propriamente sua extensão, graças à nova concepção de protótipo apresentada por essa versão da teoria, à revisão da teoria de semelhanças de famílias apresentada por Wittgenstein (1953) e ao abandono da ideia de apagamento nas fronteiras entre categorias. Nas palavras de Kleiber (1995, p. 144-145),

²³ **Tradução:** O grau de semelhança de família de um membro variará segundo o número de atributos compartilhados com outros membros da categoria, quanto mais elevado o número de atributos em comum, maior será o grau de semelhança de família. De tudo isso resulta que os membros prototípicos são os que, por um lado compartilham mais propriedades com os outros membros da categoria e, por outra parte, possuem o menor número de propriedades em comum com os membros das categorias opostas. O protótipo pode ser concebido então, como o lugar de agrupamento dos atributos que possuem a validez máxima para a categoria. O continuum categorial obedece assim a duas graduações: uma graduação de propriedades que possuem que possuem uma validez ou importância maior ou menor para a categoria; uma graduação de membros da categoria que são classificados segundo o número de características típicas que possuam (T. Givón, 1986, p.79). Os exemplares prototípicos serão aqueles que possuam o maior número de atributos com validez máxima para a categoria.

La noción de prototipo como ejemplar idóneo de una categoría subsiste, pero como ya no tiene un origen único y puede aparecer incluso en las categorías clásicas, ya no posee el estatuto de entidad fundadora de la estructura categorial, que le había asignado la versión estándar. Al poseer varios posibles orígenes, ya no es considerada sino como un efecto, lo que lleva a los autorrevisadores E. Rosch (1978, p. 40) a hablar de grados de prototipicidad más que de prototipo.²⁴

Como saldo dessa ruptura, a noção de protótipos passa a expressar-se como efeitos prototípicos e o conceito de semelhanças de famílias sugere que a relação entre elementos da categoria esteja organizada de maneira colateral, conforme sugere o esquema de Givón (1986, p. 78), abaixo:

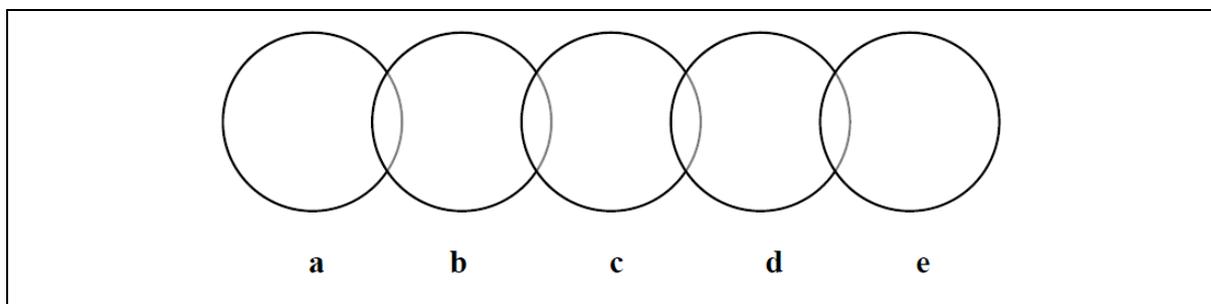


Figura 3. Relação entre elementos de uma categoria.

Fonte: Givón (1986, p. 78).

Duque (2003) esclarece que essa organização faz entender que aparentemente os componentes dessa categoria não compartilham nenhuma característica em comum, fazendo com que sua vinculação seja compreensível apenas quando considerada toda a cadeia. O resultado seria a passagem de uma concepção mono-referencial a uma concepção multi-referencial em que os elementos vinculadores dos membros da categoria corresponderiam a tipos de referentes, empregos ou usos diferentes para um elemento. O autor alerta que “a versão

²⁴ **Tradução:** A noção de protótipo como exemplar idóneo de uma categoria subsiste, mas como já não tem uma origem única e pode aparecer inclusive nas categorias clássicas, já não possui o estatuto de entidade fundadora da estrutura categorial, que lhe havia assinado a versão standard. Ao possuir várias possíveis origens, já não é considerada a não ser como um efeito, o que leva os autorrevisadores E. Rosch (1978, p. 40) a falar de graus de prototipicidade mais do que de protótipo.

ampliada não estabelece uma teoria de categorização, mas sim, uma teoria semântico lexical, pois passa a descrever relações que são estabelecidas entre diferentes categorias” (p. 18), o que provavelmente relegou à versão padrão o papel difusor, pelo menos até agora, da teoria dos protótipos para promoção da categorização.

Perini (2008, p.102) menciona o uso que se tem feito da teoria dos protótipos como uma alternativa de lidar com a complexidade das classes, pontuando haver problemas metodológicos incontornáveis no uso dessa teoria. Afirma o autor que os protótipos “lançam mão, frequentemente, de uma classificação por contínuos, em vez de postular classes discretas” (PERINI, 2008, p. 102). Destaca-se que sua crítica se aplica apenas aos protótipos entendidos como “pontos de saliência em um contínuo” (p. 199); trata-se de “regiões no contínuo conceptual que poderiam ser consideradas mais típicas; cada exemplo se colocaria mais ou menos próximo dessa região, sendo correspondentemente, mais ou menos prototípico” (p. 198). Perini (2008) ainda chama atenção ao fato de que existem outros que rejeitam o caráter contínuo das categorias e entendem os protótipos como “configurações típicas, definidas em termos discretos, porém mais importantes em termos estruturais ou estatísticos. Isto é, uma categoria será prototípica se ocorrer em muitas configurações da língua e/ou se tiver grande incidência no léxico ou na gramática” (p. 198). Esclarece o autor:

Baseando-me na evidência disponível, acredito que a melhor hipótese de trabalho é a de que as categorias gramaticais (classes, regras, traços formais e semânticos) são discretas, mesmo quando expressam contínuos do mundo real. A hipótese que desejo explorar aqui é a de que a língua utiliza, como matéria-prima para a formulação de regras, não as distinções cognitivas propriamente ditas, mas distinções demarcadas em termos especificamente linguísticos – distinções discretas, semanticamente esquemáticas. (PERINI, 2008, p. 201)

Por essa razão, a teoria da gramaticalização adjuge-se àquela neste trabalho, a fim de melhor descrever os *continua* usados aqui para dispor as classes de palavras em português. Desse modo, falar de *continuum* remetendo-se complementarmente à teoria da gramaticalização é um caminho possível de ser percorrido, como far-se-á a seguir.

2.2.2 A teoria da gramaticalização

Como se sabe, Antoine Meillet, foi o primeiro, em 1912, a usar o termo ‘gramaticalização’ como a aquisição de caráter gramatical por uma forma antes autônoma ([léxico] > [gramática]). Gonçalves; Lima-Hernandes e Casseb-Galvão (2007, p. 22) alertam que esse último item comporta a sequência interna [*sintaxe*] > [*morfologia*]. O termo também é usado num *continuum* em que o elemento gramatical se torna ainda mais gramatical. Este trabalho emprega o termo ‘gramaticalização’ como um processo em que itens lexicais ou menos gramaticais, em determinados contextos, passam a exercer funções gramaticais (ou ainda mais gramaticais), o que resulta em alterações de natureza sintática, semântica e discursivo-pragmática, promovendo mudanças de estatuto categorial do item em questão.

É possível observar que nem toda mudança pode ser identificada como decorrente de processo de gramaticalização, mas todo processo de gramaticalização implica em estágios de mudança. Segundo Moura Neves (2004, p. 119), Reine e Reh (1984) asseveram que gramaticalização é um *continuum* evolutivo. Como quer Costa (2003, p.60), esse *continuum*, também chamado de *cline*, linha, trajetória, percurso etc., inclui três tipos de sequência:

- i. CONCEITOS-FONTE → CONCEITOS-ALVO: se refere a processos que produzem significado, relativos ao mundo extra-linguístico, que ligam o mundo real ao mundo mental;
- ii. DISCURSO → SINTAXE → MORFOLOGIA → FONOLOGIA → Ø: se refere à passagem do mundo mental ao linguístico e, nesse, de níveis de estruturação mais amplos a mais restritos, tanto no sentido paradigmático quanto sintagmático. Vale ressaltar que deste ciclo se origina a unidirecionalidade: as transformações linguísticas caminham do discurso para a gramática;
- iii. Um terceiro tipo que explicitaria a ordem de emergência dos mecanismos de gramaticalização ainda não está claro.

A teoria da gramaticalização pode ser caracterizada por: propriedades, motivações, mecanismos, estágios e parâmetros. A unidirecionalidade já foi conhecida como a principal

propriedade característica do processo de gramaticalização²⁵; ela parte do pressuposto de que uma mudança ocorre numa direção específica e irreversível, do lexical ou do menos gramatical para o mais gramatical. Posteriormente, passou a ser questionada, considerando o dinamismo e fluidez característicos das línguas que possibilita análises variadas de seus funcionamentos. A partir disso, nasceu, por exemplo, a teoria de uma abordagem multissistêmica da língua, difundida, originalmente, através dos estudos de Ataliba de Castilho (cf. Castilho (2004; 2009)).

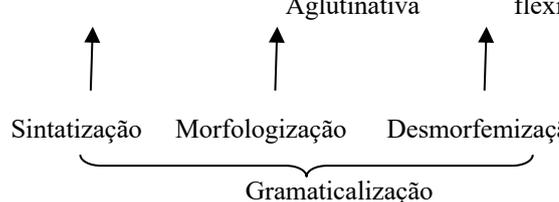
Talvez, por isso, alertam Gonçalves, Lima-Hernandes e Casseb-Galvão (2007, p. 61) que esta característica (a unidirecionalidade) “não deve ser entendida como percurso ou caminho único, mas como direção única para tantos quantos forem os caminhos de desenvolvimentos do léxico para a gramática” (a esse respeito, cf. Hopper e Traugott (1993) e Arease Martelotta (2003)). Também chamadas de “gatilhos”, as motivações intencionam estabelecer as causas que desencadeiam o processo de gramaticalização. Os mecanismos dão conta de como o processo é implementado, e têm na *metáfora* e na *metonímia* representantes bastante significativos (cf. Martelotta, Votre e Cezario (1996)). Outros tipos de mecanismos são: generalização, rotinização, desgaste fônico, reforço, estratificação, divergência, especialização, persistência e descategorização/ recategorização²⁶.

Já os estágios ou fases da gramaticalização “apontam os níveis linguísticos atingidos pelos itens em gramaticalização” (COSTA, 2003, p. 64). Gonçalves; Lima-Hernandes; Casseb-Galvão (2007, p. 31), destacam as três fases da gramaticalização apontadas por Lehmann (1985)²⁷, assim como se vê no quadro a seguir:

²⁵ Outras propriedades do processo de gramaticalização são: Gradualismo: “cada um dos passos da gramaticalização é o resultado do passo anterior e o contexto propício para o posterior” (cf. DETGES e WALTEREIT, 2002); e, Uniformitarismo: “as forças linguísticas que são evidenciadas hoje são, em princípio, as mesmas que operaram no passado” (cf. HOPPER E TRAUGOTT, 1993).

²⁶ Vale salientar que alguns autores como Hopper (1991) nomeiam estratificação, divergência, especialização, persistência e descategorização/ recategorização como princípios do processo de gramaticalização.

²⁷ Castilho (2001) aponta cinco estágios: sintaticização, morfologização, redução fonológica e estágio zero, sendo que para o autor, o último estágio reinstaura todo o processo.

Nível	Discurso	Sintaxe	Morfologia	Morfofonêmica
Técnica	Isolante >	Analítica >	Sintético- >	Sintético- > zero
Fase			Aglutinativa	flexional
Processo	Sintatização	Morfologização	Desmorfemização	perda
				

Quadro 9. Fases da gramaticalização de Lehmann (1995).

Fonte: Gonçalves; Lima-Hernandes; Casseb-Galvão, 2007, p. 31.

Buscando avaliar os graus de desenvolvimento do processo de gramaticalização de um item, Lehmann (1995 [1982]) propõe seis parâmetros que se correlacionam significativamente, ao mesmo tempo em que são metodologicamente independentes entre si. Gonçalves, Lima-Hernandes e Casseb-Galvão (2007) explicam que estes parâmetros são resultado da combinação entre os eixos paradigmático e sintagmático com os aspectos *peso*, *coesão* e *variabilidade*. E esclarecem:

Para ser autônomo, um item deve possuir certo peso no paradigma e no sintagma de que participa (*integridade vs. escopo*), propriedade que o diferencia dos membros de sua classe e lhe dá certa proeminência. Paradigmática e sintagmaticamente, essa autonomia diminui à medida que o item contrai certas relações de coesão (*paradigmaticidade vs. conexidade*) com outros signos, e aumenta quanto maior sua variabilidade, mobilidade ou alternabilidade com outros itens (*variabilidade paradigmática vs. variabilidade sintagmática*).

O quadro a seguir demonstra a correlação de parâmetros da gramaticalização segundo Gonçalves, Lima-Hernandes e Casseb-Galvão (2007, p. 71) adaptado de Lehmann (1995, p. 164):

	Parâmetros	GR incipiente	Processo	GR avançada
Eixo paradigmático	Integridade (peso)	Item possivelmente polissilábico, com muitos traços semânticos.	Atrição	Item geralmente monossilábico, com poucos traços semânticos
	Paradigmaticidade (coesão)	Participação “frouxa” do item em um campo semântico.	Paradigmaticidade	Item integra paradigma pequeno, altamente integrado
	Variabilidade paradigmática (variabilidade)	Escolha livre dos itens, segundo as intenções comunicativas.	Obrigatoriedade	Escolhas sistemáticas restritas, uso obrigatório
Eixo sintagmático	Escopo (peso)	Relação do item com constituintes de complexidade arbitrária	Condensação	Item modifica a palavra ou a raiz
	Conexidade (coesão)	Justaposição do item independentemente	Coalescência (união)	Item é afixo ou traço fonológico
	Variabilidade sintagmática (variabilidade)	Liberdade de movimento do item	Fixação	O item ocupa uma posição fixa

Quadro 10. Correlação de parâmetros da gramaticalização adaptado de Lehmann (1995).

Fonte: Gonçalves, Lima-Hernandes; Casseb-Galvão, 2007, p.71.

Explicam os autores que

Os seis parâmetros de Lehmann expostos neste quadro resultam da combinação dos aspectos *peso*, *coesão* e *variabilidade* com os dois eixos de distribuição dos signos da língua. Para ser autônomo, um item deve possuir certo peso no paradigma e no sintagma de que participa (*integridade* vs. *escopo*), propriedade que o diferencia dos membros de sua classe e lhe dá certa proeminência. Paradigmática e sintaticamente, essa autonomia diminui à medida que o item contrai certas relações de coesão (*paradigmaticidade* vs. *conexidade*) com outros signos, e aumenta quanto maior sua variabilidade, mobilidade ou alternabilidade com outros itens (*variabilidade paradigmática* vs. *variabilidade sintagmática*). É dessa forma que se constituem as propriedades de um item em estágio avançado de gramaticalização, como mostra a

última coluna do quadro 1²⁸ (GONÇALVES, LIMA-HERNANDES; CASSEB-GALVÃO, 2007, p.70-71).

Sem dúvida, o processo de gramaticalização aqui descrito, corresponde ao fenômeno de formação dos novos advérbios A+mente. O comportamento morfológico, sintático e semântico desses elementos, apresentados adiante, atestam esse argumento e dão vazão a novos estudos que arrazoem sobre este tema.

²⁸ Leia-se 10.

3 FUNDAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS DA CIÊNCIA LEXICAL EM PERSPECTIVA HISTÓRICO-VARIACIONAL

“Si el diccionario se limitara —como ocurrió con muchos diccionarios en el pasado — a ser un simple catálogo de palabras sueltas y la gramática, por su parte, diera esencialmente un catálogo de reglas combinatorias, quedaría una dilatada tierra de nadie entre gramática y diccionario, ...” (HAENSCH, 1985, p. 237)²⁹.

Indubitavelmente, há certo consenso sobre o processo de construção do estatuto científico da linguística, estabelecido a partir do *Cours de linguistique générale* – apanhado de três cursos ministrados por Ferdinand Saussure, que foi publicado por dois de seus discípulos em 1916: Charles Bally e Albert Sechehaye. É fato comumente aceito que esta publicação foi o ponto de partida para que a linguística fosse considerada Ciência, já que, Saussure apresentou uma proposta que, a despeito de seus equívocos, estaria de acordo com as exigências da época, oferecendo conceitos, objetivos e pressupostos bem delimitados para o estudo da linguagem. Além disso, é inegável que tal proposta tenha valido de gatilho para estudos mais aprofundados a respeito da linguagem.

Saussure exibiu a língua como objeto de estudo para a Linguística, entendendo esta língua como “um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos” (SAUSSURE, 2012, p. 41). Ele também a considerou como homogênea, ainda que coletiva, imutável pelo indivíduo e exterior a ele. Como dito anteriormente, a ótica de Saussure para além de colocar a linguística no rol das disciplinas científicas, suscitou vários debates que possibilitaram a dilatação e especificidade dos estudos relacionados à língua.

Bakhtin trouxe, por exemplo, a língua como sendo constituída por signos ideológicos que se constroem e refletem as mudanças sociais e históricas ocorridas em uma sociedade. Ele

²⁹ **Tradução:** Se o dicionário se limitasse – como ocorreu com muitos dicionários no passado – a ser um simples catálogo de palavras soltas e a gramática, por sua parte, oferecesse essencialmente um catálogo de regras combinatorias, restaria uma enorme terra de ninguém entre gramática e dicionário,....

coloca o enunciado como objeto de seus estudos, observável num contexto de interação verbal. Por seu turno, a teoria gerativa, capitaneada por Noam Chomsky, intenta descrever e explicar o que é e como funciona a linguagem, tendo a competência do falante como seu objeto de análise.

Dessa forma, é possível observar a preocupação em destacar objetos de estudo para cada uma das subáreas nascidas da linguística; solidificando assim, o *status* dessa disciplina enquanto ciência; o que se deveu, claramente, ao atendimento de fundamentos epistemológicos para a construção desse *status*. A importância do objeto para a pesquisa científica é pois essencial para a prática de apuração científica. No entanto, muitos pesquisadores respeitados da área da linguística têm questionado a escassez de trabalhos relacionados a teorias que fundamentem suas linhas estritas de análise.

Sob o esteio da abordagem metacientífica de Thomas Kuhn, Dascal (1978, p. 18) observa que

o que se pode observar na história da ciência é uma sucessão de discontinuidades relativamente bruscas, verdadeiras “convulsões”. [...] Se há e se deve haver tais revoluções para que a ciência “avance”, é fundamental que a prática científica, em qualquer momento, preserve pelo menos alguns “interstícios” ou “frestas” nos quais possam germinar as novas idéias, sementes da revolução contra a própria prática científica existente.

O fato é que a insegurança que muitos pesquisadores demonstram em sua empreitada científica responde à escassez de trabalhos de natureza teórica, o que já tem sido apontado por alguns pesquisadores, a exemplo de Machado Filho (2020), corroborando afirmações como:

It is not at all uncommon to see ‘ordinary practising scientists’ go about their work, while having only a vague, or downright false, idea of what it is, exactly, what they are doing³⁰ (ITKONEN, 1991, p. 53).

³⁰ Tradução de Machado Filho (2020, p. 361): Não de todo incomum observar cientistas experimentados avançarem em seus trabalhos, tendo apenas uma vaga, ou bastante falsa, ideia do que estão de fato fazendo.

Dascal e Borges Neto (1991, p. 14) endossam a opinião de Itkonen ao afirmar que “Seria de se esperar que pesquisadores e estudiosos de uma disciplina soubessem exatamente do que trata essa disciplina, isto é, qual é seu “objeto de estudo”; já que, nas palavras dos autores, “a escolha de um objetivo relativamente à abordagem de um objeto determina, na verdade, uma visão, um modo de construir esse objeto” (p. 15).

Isso porque cada teoria precisa ter claro o seu objeto de estudo; considerando que dentro da linguística “Não haveria um objeto, mas sim um “feixe” de fenômenos relacionados entre si, passíveis de serem estudados de pontos de vista diferentes e independentes uns dos outros” (DASCAL e BORGES NETO, 1991, p. 16), o que justifica a não repetição dos objetos pelas áreas de pesquisas. À eleição desse objeto se segue a delimitação das questões metodológicas a serem analisadas. Prova disso é o próprio processo de identificação e legitimação de um objeto para a ciência que se constituiu em torno dos fatos da língua.

Saussure (1916) informa sobre o processo precursor de constituição de uma ciência linguística esteve dividida em três fases: i. começando com os gregos, continuados sobretudo pelos franceses, faziam o que se chamava de “Gramática”, mesmo que sem interesse na língua e carente de qualquer visão científica; ii. com a Filologia interessada no trabalho com textos e com a história literária, os costumes, as instituições, etc., e; iii. Com o período de surgimento dos estudos comparatistas de Franz Bopp, Jacob Grimm, Thomas Kuhn, etc. Assim, é possível compreender o desabastecimento epistemológico dessas fases, mesmo a escola comparativista que, nas palavras de Saussure (1916. p. 34), “teve o mérito incontestável de abrir um campo novo e fecundo, não chegou a constituir a verdadeira ciência da linguística. (Isso porque)³¹ jamais se preocupou em determinar a natureza do seu objeto de estudo”. Ora, sem essa preocupação elementar, uma ciência é incapaz de estabelecer um método para si própria.

Por isso, diferente dos estudos em torno da língua que precederam aos do século XIX, a noção da necessidade de estabelecimento de um objeto e, conseqüentemente, de uma metodologia, concedeu à linguística o *status* de ciência na medida em que exibiu objeto e

³¹ Adição nossa.

método próprios. Valendo ainda considerar que

Em suas formas mais ambiciosas, a cientificidade não visa apenas a descrição dos fenômenos, mas também sua *explicação*. [...] É no momento que a teoria se pretende explicativa nesse sentido que as opções ontológicas se fazem sentir, pois são essas opções que determinam aquilo que vai ser considerado mais “básico” ou “realmente existente”, isto é, aquilo que pode funcionar como causa numa explicação (DASCAL e BORGES NETO, 1991, p. 47-48).

Já que “toda teoria linguística, então, na construção de seu objeto teórico, presume uma resposta ao problema ontológico, e será em função dessa resposta que as questões metodológicas fundamentais serão abordadas” (DASCAL e BORGES NETO, 1991, p. 27), talvez esteja na dificuldade de identificar os objetivos, objetos e métodos próprios de uma determinada subárea dos estudos linguísticos que resida a escassez atual de trabalhos científicos preocupados com o debate teórico-epistemológico em torno dos fatos da língua.

É importante ressaltar que todos os “interstícios” e “frestas” a que Dascal (1978) se refere na verdade serviram, ao longo da história científica da linguística, de propulsores para a observação das “anomalias” teóricas não explicadas, nos termos de Kuhn, o que sempre levava, após pesquisa obstinada, a uma situação de “revolução científica”. A atual escassez de teoria, no entanto, parece ter haver, na verdade, com o não aprofundamento a respeito dos postulados teóricos colocados, o que seria de se esperar diante das anomalias teóricas. Situação que urge ser revertida pelo bem da necessidade contínua de “revoluções científicas”.

Aqui, no entanto, busca-se primariamente apresentar os fundamentos epistemológicos da ciência lexical, sobretudo os da lexicografia histórico-variacional que norteiam esse trabalho. Para tanto, ressalta-se, inicialmente, que a lexicografia é aqui entendida como uma ciência prática cujo objeto teórico, a lexia, serve à confecção de dicionários e a análise linguística dessa técnica. O léxico, por seu turno, pode ser descrito, nas palavras de Biderman (1992, p. 399) como

o tesouro vocabular de uma língua, incluindo a nomenclatura de todos os conceitos linguísticos e não linguísticos e de todos os referentes do mundo físico e do universo cultural do presente e do passado da sociedade. Esse tesouro constitui um patrimônio da sociedade juntamente com outros símbolos da herança cultural.

Para Krieger (2014, p. 325)

[...] o léxico funciona como o pulmão das línguas vivas de cultura, evidenciando que é um conjunto aberto que se renova, em especial, pelo seu papel de nomear o que surge de novo, o que a ciência descobre e os artefatos que a tecnologia produz. Igualmente, a renovação lexical atende às condições necessárias de comunicação verbal de diferentes gerações, das especialidades profissionais, de grupos sociais distintos entre tantas outras possibilidades.

A autora ainda destaca, em harmonia com (LARA, 2006. p. 143), que inicialmente o léxico é uma manifestação individual que vai adjungindo, ao longo da vida, ilimitadamente, influências da comunidade linguística em que se insere e da educação linguística a que é submetido.

Câmara Jr. (2011, p. 194) “simplifica” a questão ao considerar o léxico como “sinônimo de vocabulário, o conjunto de vocábulos de que dispõe uma língua dada”, opondo-o à gramática, segundo diz, “porque é a série de semantemas da língua”.

A ciência lexical pode ser descrita, sumariamente, na tríade lexicologia-lexicografia-terminologia, apresentadas em um *continuum* de generalização-especialização de seu labor científico. Barbosa (1990, *apud* XAVIER, 2011, p. 2) distingue lexicologia e lexicografia entendendo que aquela “estuda o universo de todas as palavras, vistas em sua estruturação, funcionamento e mudança”, enquanto esta se restringe à técnica de montagem de dicionários. Atentos à inadequação do vocábulo “palavra”, Dubois *et al.* (2014, 348) referem-se à lexicologia como o estudo científico do vocabulário³². Já a terminologia trataria dos conjuntos de termos de qualquer disciplina.

Dubois *et al.* (2014, p. 344) lembram que

A prática lexicográfica é muito antiga: os primeiros testemunhos escritos que possuímos são glossários e nomenclaturas. Todavia, mos primeiros dicionários que visam a uma relativa exaustividade são posteriores à invenção da imprensa. Na França, o século XVI é testemunha. de uma intensa atividade lexicográfica

³² A escolha do termo “vocabulário” parece incorrer numa inadequação, já que o leitor pouco proficiente ou mais desatento pode confundir o objeto teórico da lexicologia (vocabulário = conjunto de unidades vocabulares) com o produto lexicográfico (vocabulário).

(dicionários dos ESTIENNE), e o século XVII, entre outros dicionários importantes, vê surgirem os dicionários de RICHELET, de FURETIÈRE, da Academia Francesa. O século XVIII é marcado pela edição dos TRÉVOUX e da ENCICLOPÉDIA, de D'ALEMBERT e DIDEROT. A segunda metade do século XIX vê nascerem, ao lado de um grande número de dicionários (BESCHERELLE, DUPINEY de VORREPIERRE, etc), duas obras notáveis: o dicionário de língua de E. LITTRÉ e o primeiro dicionário enciclopédico de P. LAROUSSE.

Nunes (2006) também destaca a antiguidade da atividade lexicográfica mas localiza a lexicografia portuguesa mais tardiamente, fundada pela obra de Jerônimo Cardoso oferecida em três volumes: i. vocabulário latim-português, organizado tematicamente; ii. dicionário alfabético português-latim (1562-1563); iii. dicionário alfabético latim- português (1569-1570). A partir daí, enumera o autor, surgiram as obras de Agostinho Barbosa, *O Dictionarium lusitano-latinum* (1611), e o de Bento Pereira, o *Thesouro da Lingoa Portuguesa*, reeditados até o século XVIII. O marco da lexicografia portuguesa é atribuído aos dez volumes do *Vocabulario portuguez e latino* de Rafael Bluteau, publicados entre 1712 e 1728, que serviram de base para a elaboração do primeiro dicionário exclusivamente monolíngue do português, o *Dicionário da Língua Portuguesa*, de Antonio de Moraes Silva, em 1789. Sobre a produção portuguesa, acrescenta Nunes (2006) que, com o expansionismo, foram elaboradas ainda gramáticas e vocabulários de importância na África, Ásia e Brasil, com destaque para o *Vocabulário da Língua Canari* (final do século XVI) e o *Dictionarium Latino-Lusitanicum ac Iaponicum* (1595) que tem sido fonte para todos os dicionários japoneses até o século XIX.

No Brasil, informa Nunes (2006, p. 50), a lexicografia surge no contexto da “expansão das nações europeias, a partir da exploração e colonização do Novo Mundo”. Por isso,

Os primeiros dicionários brasileiros são bilíngues português-tupi elaborado pelos jesuítas nos séculos XVI-XVII. Porém, antes disso, temos uma produção de relatos de viajantes e missionários que pode ser considerada precursora das práticas lexicográficas. Nessa produção, encontramos palavras indígenas que são transcritas, comentadas, explicadas, dispostas em listas temáticas. Trata-se de um saber enciclopédico que inaugura um certo modo de conceber as coisas e os sujeitos brasileiros. Quanto aos dicionários monolíngues, o de Moraes, de 1789, marca um momento importante, pois, apesar de ter sido elaborado em Portugal, o autor é um brasileiro do Rio de Janeiro. Enquanto esse dicionário retoma a tradição portuguesa e é reeditado sucessivamente durante o século XIX, os dicionários bilíngues continuam a ser produzidos nesse período, não mais pelos jesuítas, mas por autores ligados às novas instituições do Império, tais como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

e a Biblioteca Nacional.

O autor continua noticiando que a segunda metade do século XIX traz ainda os dicionários de complemento aos dicionários portugueses e os de regionalismo, brasileiro e termos técnicos. No final deste século são oferecidos, então, dois dicionários de brasileirismos: o de Macedo Soares e o de Beaurepaire Rohan, “que reúnem diversas fontes de dicionários parciais anteriores” (NUNES, 2006, p. 51), contexto que favorece o desejo por um dicionário brasileiro que “representasse seu povo e sua fala”, o que de fato só ocorrerá, segundo Nunes (2006), em meados do século XX.

Ainda que destaque, nas palavras de Biderman (1981, p. 133) que “o vocabulário é o domínio, por excelência, em que estão codificados os símbolos da cultura”, Xavier (2011) critica o fato de muitos pesquisadores darem destaque ao dicionário como se fosse o único produto da atividade lexicográfica, constatando que isso se deve à escassez “(d)os estudos lexicográficos de natureza teórica a tematizar a elaboração de glossários e vocabulários, em contraste com inúmeros trabalhos a respeito da estrutura e composição dos dicionários” (p. 3).

Para Krieger *et al.* (2006, p. 174),

O dicionário de língua – a mais prototípica das obras lexicográficas – constitui-se no único lugar que reúne, de modo sistemático, o conjunto dos itens lexicais criados e utilizados por uma comunidade linguística, permitindo que ela reconheça-se a si mesma em sua história e em sua cultura. Além de se constituir em espelho da memória social da língua, o dicionário desempenha o papel de legitimar o léxico. E, como tal, alcança o estatuto de um código normativo que define parâmetros orientadores dos usos lexicais. Por todos esses papéis, o dicionário converte-se no testemunho, por excelência, da constituição histórica do léxico de um idioma, bem como da identidade linguístico-cultural das comunidades.

Tal afirmação, no entanto, parece não considerar que os dicionários, em geral, têm funcionado como “censores, quase sempre a postos em prol da alegada *moralidade linguística*”, nas palavras de Machado Filho (2020). Para Basílio (2003, p. 83), para quem “as maiores e mais sensíveis diferenças entre língua falada e língua escrita, no sentido, desigual, de haver termos comuns na língua coloquial falada inconcebíveis ou indesejáveis na língua escrita”. Esse

ponto de vista será mais debatido no próximo ponto deste capítulo.

A despeito disso, é inegável que os dicionários perfaçam uma parte importantíssima no esforço de registrar a língua e Krieger *et al.* (2006) apresentam um detalhado panorama da produção lexicográfica no Brasil, a qual importa conferir³³.

Importa, também, trazer à vista a observação de (BIDERMAN, 1984) de que os produtos lexicográficos de antigamente eram o que hoje, chamaríamos de glossários, a exemplo do *Appendix Probi*. A autora alerta que “Esses precursores do moderno lexicógrafo eram, na verdade, filólogos ou gramáticos, preocupados com a compreensão de textos literários anteriores, ou com a correção de “erros” linguísticos” (p.1). A lexicografia nos termos que se concebe hoje se inicia nos tempos modernos e tem seu marco no século XX.

A autora afirma que a seguinte definição ainda seja válida para seus dias:

No verbete *dicionário* eis a definição escrita por Diderot: “Num dicionário da língua francesa, há principalmente três coisas a considerar: a significação das palavras, o seu uso e o tipo de palavras que devemos incluir neste dicionário. A significação das palavras se estabelece por boas definições; seu uso, por uma excelente sintaxe; seu tipo, enfim, pelo próprio objetivo do dicionário. A esses três objetivos principais, pode-se acrescentar três outros subordinados a esses: a quantidade ou a pronúncia das palavras, a ortografia e a etimologia” (BIDERMAN, 1984, p. 2).

Biderman (1984) divide os dicionários em quatro tipos:

- i. Dicionário padrão da língua também chamado de dicionário de uso da língua;
- ii. Dicionário ideológico ou ‘analógico’ que “organiza os conceitos em campos semânticos, ao invés de ordenar as palavras em ordem alfabética como os dicionários comuns” (p. 11);
- iii. Dicionário Histórico – subdividido em sincrônico – que se baseia no vocabulário e na língua de determinada época histórica (p. 12) ou pancrônico – que tenta acompanhar a evolução histórica dos vocábulos, assinalando os diferentes valores semânticos por eles assumidos no

³³ Biderman (1984) destaca também as principais obras lexicográficas em língua portuguesa.

decorrer do tempo, indicando *pari passu* as datações de cada um deles (p. 13).

iv. Dicionários de tipo especial, dos quais destaca: *Dicionário de Sinônimos e Locuções da Língua Portuguesa* de Agenor Costa; *Dicionário de Verbos e Regimes* de Francisco Fernandes; *Dicionário Gramatical do Português Contemporâneo* coordenado pelo Prof. Francisco da Silva Borba; *Dicionário de Lingüística e Gramática* de Joaquim Mattoso Câmara Jr.; *Dicionário de calão* de Albino Lapa; *Dicionário do palavrão* de Mário Souto Maior; *O calão — Dicionário da gíria portuguesa* de Eduardo Nobre; *Dicionário da gíria brasileira* de Euclides Carneiro da Silva; *Dicionário dos marginais* de Ariel Tacla; *Novo dicionário da gíria brasileira* de Manuel Viotti; além de dicionários inversos e enciclopédias.

No âmbito dos dicionários de tipo diacrônico apresentam-se o Dicionário Histórico do Português do Brasil e Dicionário Etimológico do Português Arcaico. O primeiro, cuja estrutura foi construída por Tereza Biderman, é um dicionário que, nas palavras de Murakawa (2010, p. 332), “registra as mudanças que as palavras sofrem no decorrer do tempo com o apoio de uma vasta documentação textual referente a três séculos de história do Brasil Colônia” – XVI, XVII e XVIII. Já o Dicionário Etimológico do Português Arcaico é produto da pesquisa científica Estudos do Léxico e da História da Língua Portuguesa³⁴, realizada pelo Grupo de Pesquisa Nêmesis³⁵ da Universidade Federal da Bahia. O autor, Américo Venâncio Lopes Machado Filho, líder do grupo, registrou sistematicamente a variação lexical do período arcaico do português, os dados etimológicos correspondentes, apresentando um farto sistema de abonações, extraídas de textos filologicamente editados, conforme indica sua sinopse.

Alerta Murakawa (2010, p. 331) que o dicionário histórico tem o objetivo de “registrar a evolução que as palavras sofrem ao longo dos séculos, utilizando os textos com suas datas correspondentes, indicando grafias diferentes e as variações semânticas e morfológicas encontradas”. Sendo que especifica que “o histórico deve se ocupar da história das palavras

³⁴ Apoiado, inicialmente, pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

³⁵ <https://gruponemesis.ufba.br/>

desde o primeiro momento em que aparecem na língua até o momento atual ou de seu desaparecimento”, enquanto o etimológico deve se ocupar da origem das palavras, ou como ele a denomina, “sua pré-história”.

Machado Filho (2006, p. 61) lembra que

Embora seja a língua portuguesa registrada pela escrita, pelo menos, desde o século XIII, não dispõe ainda hoje de dicionários relativos a seu período arcaico, senão algumas poucas tentativas de coleção de unidades lexicais, comumente apresentadas em glossários, que não exibem a sistematicidade dicionarística hoje perseguida. Muito desse material se resume, por vezes, a listas de palavras e frequências, com algumas ocorrências, sem qualquer referência à etimologia ou aos significados que poderia o léxico comportar na língua no período de seu registro, o que, de certa forma, vela sua utilização prática e imediata, como instrumento de consulta.

Por essa razão, o Grupo de Pesquisa Nêmesis/UFBA, ao qual a autora deste texto filia-se através do projeto *Dicionário Etimológico do Português Arcaico*, tem investido em perscrutar a história da língua portuguesa, dando enfoque especial à história de seu léxico e dos textos do período arcaico do português nos modelos teóricos da lexicografia e da lexicologia, incluindo-se também os modelos e técnicas da Filologia e a relação entre léxico e ensino.

Nesse sentido, foi publicado o *Pequeno Vocabulário do Português Arcaico* (MACHADO FILHO, 2014), com vistas a preencher o vácuo bibliográfico existente no registro da variação e da mudança linguística, bem como diversos trabalhos acadêmicos, voltados a contribuir para o avanço dos estudos relacionados à história da língua portuguesa.

É importante dizer que dispõem os projetos ligados ao Grupo de Pesquisa Nêmesis/UFBA de banco informatizado de textos que recobrem todo o período arcaico da língua e que servem para o processamento automatizado de unidades lexicais por fragmentadores e concordanciadores, a exemplo do WORSMITH, UNITEX, NOOJ e similares, mesmo porque, segundo Machado Filho (2006, p. 62), “Na contemporaneidade, entretanto, não se podem mais elaborar dicionários sem uma base de dados eletrônica” (cf. STERKENBURG, 2003, p. 9). Por isso a seleção equilibrada dos *corpora* e sua captação em bases digitais são de fundamental importância para a consecução de objetivos de natureza lexicográfica, hoje”.

uso do computador é uma interface muito útil, como já dizia Biderman (1984) nos trabalhos de cunho lexicográfico e lexicológico.

3. 1 LEXICOGRAFIA HISTÓRICO-VARIACIONAL: ALCANCE, OBJETO E MÉTODO

Em coincidência com a instituição da Linguística Geral como disciplina científica, forjada no longo processo de construção de estudo das línguas iniciado pelos hindus no século IV a.C. com o sânscrito, perpassado pelos debates filosóficos gregos, pela tradição alexandrina e pelas investigações de método comparativo, resultando no que passou a refletir uma abordagem na dimensão da variabilidade das línguas no decorrer do tempo, nasce a linguística histórica.

Essa mudança de perspectiva da linguística geral, que passa a considerar a mudança após anos de hegemonia dos estudos sincrônicos, fez romper a dicotomia saussureana ‘sincronia X diacronia’³⁶, integrando o princípio da variação sincrônica nas análises diacrônicas e “permitiu compreender a dinâmica social e contextual da mudança linguística e afirmar a relação de implicação entre a variação e a mudança linguística” (MAIA, 2012, p. 534).

Essa ciência específica, então, entende a língua como um objeto intrinsecamente ligado à realidade social, histórico e cultural de seus falantes; relacionando esses fatores à história da língua em seu método, considerando ainda o encaixamento estrutural e social dos fenômenos da mudança. No bojo da linguística histórica, os estudos voltados para o léxico em perspectiva histórico-variacional buscam

³⁶ A dicotomia saussureana ‘diacronia X sincronia’ estabeleceu duas dimensões para o estudo linguístico: a primeira histórica e a outra que considerava a característica de estaticidade à língua (não custa ressaltar que Saussure admitia que a língua passava por transformações permanentes, ainda que essas alterações não afetassem o sistema globalmente). Consequentemente, essas dimensões operam objetos distintos: as mudanças ocorridas na língua eram o foco da diacronia e as características da pretensa imutabilidade das línguas eram o alvo da sincronia. A questão é que mesmo Saussure (1916, p. 106) admite que “todo fato sincrônico tem uma história, e conhecer a gênese de um determinado estado nos esclarece acerca de sua verdadeira natureza e nos livra de certas ilusões”.

diferentemente da lexicografia contemporânea, a conservação da diversidade de usos da escrita, isto é, o pleno registro da variação gráfica, [...], passando essa ideia a se configurar como uma das linhas metodológicas norteadoras do trabalho de pesquisa diacrônico do léxico, nomeadamente no que se refere à construção de dicionários históricos da língua (MACHADO FILHO, 2012, 382).

Durante algum tempo, os estudos de lexicografia histórico-variacional utilizaram o conceito de variantes lexicais como objeto teórico de sua área. A questão levantada por Machado Filho (2012, p. 271) é “por que razão na lexicografia variacional ou histórica não se devessem observar como variantes lexicais as alterações fônicas, morfossintáticas, sintáticas ou discursivas?³⁷”

Entendendo então que o melhor seria considerar “qualquer alteração formal ou de conteúdo significativo” (MACHADO FILHO, 2012, p. 273), mais ainda, circunscrevendo que as pesquisas lexicográficas e lexicológicas de caráter dialetal ou sociodialetoal devam

abarcam toda a instabilidade gráfica que os usos reais da fala possam em si fomentar, mesmo que esses itens não venham a constituir uma cabeça de verbete na nomenclatura principal, senão lemas secundários na sua microestrutura, além de elementos integrantes do índice de palavras (MACHADO FILHO, 2010, p. 63).

O autor inaugura a noção de *nomia*, assumindo-a como objeto teórico da Lexicografia Histórico-variacional, com a qual se aquiesce neste trabalho, já que as noções de *lexia*³⁸ e *termo*³⁹, ou qualquer outra apresentada até o momento, não alcançam os itens lexicais caracterizadores de “determinados dialetos e socioletos, quer do ponto de vista formal, quer do ponto de vista semântico” (MACHADO FILHO, 2020, p. 362). As *nomias* são elementos não privilegiados nos espaços da tradição, mas que são os únicos elementos reconhecidos para uma

³⁷ Essa questão se coloca em razão da constatação do autor de que “quando se definem variantes lexicais, a questão tem apresentado outros contornos, como se ao léxico só importassem causas de ordem morfológica ou provenientes de fenômenos referentes a um estágio superior na hierarquia taxionômica dos níveis de análise” (MACHADO FILHO, 2012, p. 271).

³⁸ Estabelecida por Pottier (1974): *lexia* = 1 lexema; 1 gramema; 1 lexema + n-gramemas.

³⁹ Usa-se aqui *termo* como uma unidade utilizada no léxico especializado, objeto teórico da terminologia.

certa comunidade de fala. Sua concepção foi instigada pela dificuldade de agrupar como *lexias* ou termos algumas unidades encontradas nas pesquisas em torno da elaboração do Dicionário Dialeto Baiano, vinculado ao Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Não custa dizer, nas palavras de Machado Filho (2020, p. 366) que

estaria a *lexia*, enquanto objeto teórico, menos sensível aos efeitos da norma e mais relacionada aos aspectos da *langue*, no que concerne aos cânones da gramática, se comparada com o *termo* que, por se tratar este de objeto teórico dos estudos de uma área da língua de especialidade, a Terminologia, que, diferentemente daquela, representaria um recorte do léxico geral da língua.

Tal assertiva não apenas ajuda a elucidar as diferenciações entre a *nomia*, a *lexia* e o *termo*, como também legitima a *nomia* enquanto objeto teórico da linguística histórico-variacional, já que, como quer Borges Neto (2004, p. 38) “A definição do objeto teórico cria uma realidade particular da teoria”, e como já dito, cada teoria precisa ter claro o seu objeto de estudo; e é essa delimitação que torna legítimo o fazer científico de determinada disciplina.

A *nomia*⁴⁰ é, portanto, um termo a ser utilizado na especificação das “unidades do léxico fortemente caracterizadoras de normas sociodialetais” (MACHADO FILHO, 2020, p. 363); caracterizado pelos traços [+léxico], [+norma] e [+fala], considerando diagrama oferecido pelo

⁴⁰ Criado a partir da reversão do seu antônimo (registrado como padrão em Sociologia), como informa Machado Filho (no prelo): **anomia** (a.no.mi.a) sf. 1. Inexistência de leis ou regras fixas 2 Soc. Processo ou estado da sociedade em se perdem ou não se reconhecem valores ou regras normativos de conduta, ou de crença, o que dificulta a referência do indivíduo ante às situações comportamentais e éticas contraditórias com que se depara (...) Med. Perda da faculdade de dar nome ou a de contar objetos, embora se os reconheça [F.: Do gr. anomia] (Cf. AULETE, 2011, p. 113).

seu criador:

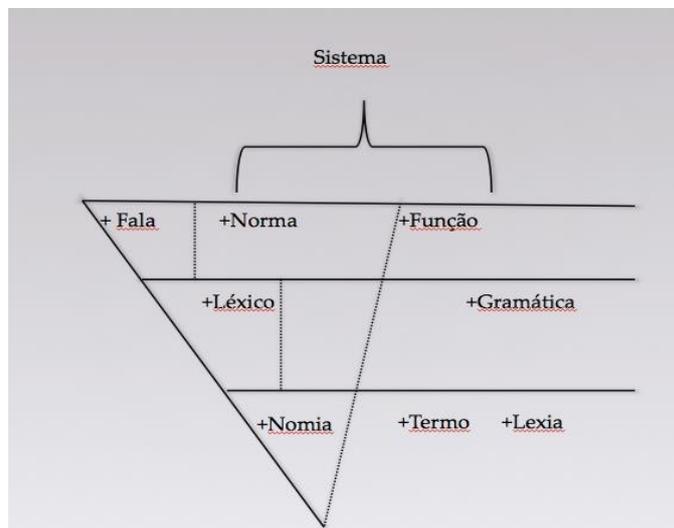


Figura 4. Diagrama relacional dos objetos teóricos dos estudos do léxico, em função do sistema linguístico e do grau de gramaticalidade ou lexicalidade.

Fonte: Machado Filho (2020, p. 367).

É de suma importância o registro das falas geralmente rechaçadas em produções dicionarísticas, ainda mais considerando que essas unidades muitas vezes não reconhecidas pela norma-padrão são o único elemento de realização de uma determinada comunidade de língua, já que, como advoga Machado Filho (2020, p. 367):

O léxico, enquanto importante nível de constituição da língua, representa um impacto fenomenal na construção de sua história e evocá-lo como rotor fundamental para registro da cultura, faz com que se o revele como unidade da linguagem que mais proximamente se relaciona ao mundo externo.

Para fins de exemplificação, observemos inicialmente o item lexical ‘assim’. Essa unidade foi fartamente registrada em documentos da língua portuguesa ao longo de sua história (a esse respeito, consultar Cunha (2002) e Machado Filho (2013), sob a forma de diferentes variantes: ‘assi’, ‘assy’, ‘asy’ ou ‘assim’, como se observa em:

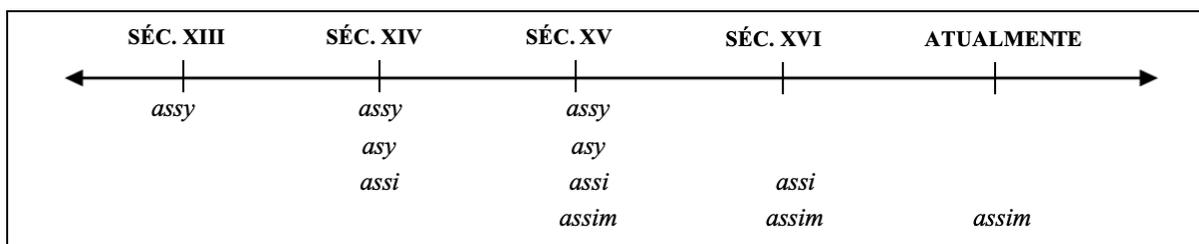


Figura 5. Continuum temporal de ocorrências dos itens ‘assy’, ‘asy’, ‘assi’ e ‘assim’.

Fonte: elaboração própria.

Entendendo que é o processo histórico que revela a *nomia*, é possível sugerir que os contornos paragógicos assumidos pela unidade ‘assim’, provavelmente entendida à época que lhe precedeu o registro histórico como uma deformação, a conferiu o grau de *nomia* em uma situação de uso específico que, por força de sua contingência, a consagrou como uma *lexia* reconhecida de maneira geral a ponto de resistir como única opção de uso por vezes apresentado com tanta variação linguística.

Ao observar o percurso histórico de constituição de ‘vínculo’, ‘vinco’ e ‘brinco’, também é possível exemplificar a ocorrência de outras *nomias* e tornar um pouco mais visível o limite tênue, mas imprescindível, na caracterização de uma unidade enquanto *lexia* ou *nomia*. Sobre tais unidades, informa Cunha (2007) em seu Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa:

Brinco *sm.* ‘adorno, enfeite’ XVI; ‘joia que se usa presa ao lobo da orelha ou pendente dela’ XVII. Do lat. *vincŭlum* ‘laço’, através das formas **vinclu*, **vincru*, **vrinco*.

Vinco *sm.* ‘aresta ou marca produzida por uma dobra’ XIII. De origem obscura.

Vínculo *sm.* ‘tudo o que ata, liga ou aperta’ XVI. Do lat. *vincŭlum* –*i*.

Pela apresentação de Cunha (2007), parece ser indubitável que ‘brinco’ e ‘vínculo’ apresentam a mesma origem, a saber, do latim *vincŭlum* –*i*; porém, uma análise das formas **vinclu*, **vincru*, **vrinco*, listadas pelo autor como as unidades da transformação de ‘vinculum’

em ‘brinco’, e em se conhecendo os profícuos processos de mudanças, sobretudo fonéticas e fonológicas, por que tem passado a língua portuguesa através dos anos de sua existência, surge, inevitavelmente, a questão: o que impediria a frequência do uso de promover outras mudanças na forma *vrinco, operando a queda do ‘r’ após a fricativa labiodental sonora? Ainda mais, porque Cunha (2002) apresentou em seu Vocabulário Histórico-cronológico do Português Medieval a *lexia* ‘vinco’ notadamente apresentando o significado que viria a carregar a *lexia* ‘brinco’ séculos mais tarde?⁴¹

Tendo em vista os meandros da concepção de linguagem por que passou a ciência linguística ao longo dos séculos e o padrão linguístico estabelecido por uma norma de tradição que seleciona as unidades lexionais a serem dicionarizadas sob a prerrogativa de exclusão de formas baseadas no “erro”, não seria forçoso considerar que essa dificuldade de Cunha em apresentar a etimologia de ‘vinco’ se dê exatamente pela escassez de registro do uso dessa forma nas concepções semânticas por que passou de sua forma originária (*vinculum*, -i) até sua representação atual, incluindo as formas do uso (sócio)dialetal. Essa hipótese corrobora, pois, para argumentar em favor da especificação das *nomias* e justificar a importância de seu registro de forma a contribuir para a história lexical e cultural da língua portuguesa.

É interessante ainda pontuar sobre os limites de diferenciação entre *nomia*, *lexia*, e *variante*. Uma unidade lexical usada por determinada comunidade de língua em contexto (sócio)dialetal é aqui diferenciada das demais pela nomeação de *nomia*. Essa unidade pode ou não vir a ser considerada *variante* ou *lexia*. Se tornará uma *lexia* quando deixar seu contexto (sócio)dialetal. Poderá ser *variante* se nesse devir encontrar-se em situação de ocorrência com outra unidade lexical. Por isso, é de suma importância considerar sempre que o lugar de quem identifica a *nomia* é sobretudo um lugar histórico.

⁴¹ séc. XV, ZURG, 287.15

1 E as mulheres daquelles honrados trazê vincos e argollas e ouro e assy outras joyas. séc. XIV, TEST, 44.36

2 Entom deu Eliezer a Rebeca vincos d’ouro pera as orelhas, e argolas d’ouro [...]. séc. XIV, ORTO, 327.34

3 Em aquelle dia tirar-lhe-a o Senhor apostamêto das calçaduras dellas, os firmaes e os collares e as joyas e [...] e os vincos das orelhas [...].

Conforme defende Machado Filho (2012, p.388):

É a lexicografia histórica – malgrado algum esforço que já se empreendeu na elaboração de glossários e vocabulários – uma área relativamente nova entre as ciências do léxico e, por isso mesmo, demanda que se estabeleçam metodologia e fundamentação teórica que, mesmo que por vezes possam parecer antagônicas às praticadas pela lexicografia moderna, sobretudo na composição de *corpora*, no aproveitamento dos dados e no seu adequado tratamento, representem um avanço no desenvolvimento dessa área do conhecimento.

Por isso mesmo o autor apresenta questões de método a serem preferencialmente usadas por quem pretende percorrer os caminhos da lexicografia/lexicologia de natureza histórico-variacional em Machado Filho (2012).

3. 2 O LUGAR DO LÉXICO NA ESCOLA

Tomando como referência as funções do léxico na construção do texto, Irlandé Antunes analisou em seu livro *Território das palavras: estudo do léxico em sala de aula* as possíveis adequações e inadequações dos procedimentos em uso nas escolas quanto ao estudo de questões ligadas ao vocabulário dos textos. A ideia é apontar caminhos para o melhor tratamento possível do léxico nas aulas de língua portuguesa, para que seja cada vez mais “significativo, relevante e benéfico”, como a autora mesma diz, sobretudo para os que ainda frequentam as escolas.

Observando a situação, Antunes (2012) conclui que o estudo do léxico é breve e insuficiente com base nas seguintes observações:

i. o ensino da gramática é privilegiado, o que é materializado na proporção de espaço que ocupa nos livros didáticos. Nas palavras da autora,

Na maioria dos livros didáticos, sobretudo os do ensino fundamental, o estudo do léxico fica reduzido a um capítulo em que são abordados os processos de “formação de palavras”, com a especificação de cada um desses processos, acrescida de exemplos e de exercícios finais de análise de palavras. O destino que terão as palavras criadas é

silenciado. O significado que tem a possibilidade de se criar novas palavras pouco importa. Tampouco importa a vinculação de tais criações com as demandas culturais de cada lugar e de cada época. [...] Ou seja, o processo de ampliação do léxico da língua é visto como uma questão morfológica que, parece, começa e de esgota no interior da gramática apenas, como se não tivesse também a função de intervir na arquitetura do texto, na armação de sua estrutura (ANTUNES, 2012, p. 20-21).

ii. o estudo do léxico tem sido feito numa perspectiva bastante reduzida, segundo a autora, porque a) “as atividades com que o vocabulário é explorado se limitam a seu significado básico” (p. 22); b) “as metáforas e outras construções a serviço da criação de efeitos de sentido – (...) – em geral, são exploradas em seção à parte, como um dos ‘pontos’ do programa (‘figuras de linguagem’) (p. 23); c) “mesmo quando o aluno é convocado a entender certa passagem, nem sempre se procura, para esse entendimento, o apoio dos sentidos expressos por uma palavra ou expressão” (p. 23); d) “nas atividades de exploração dos significados das palavras, predomina a consideração de sinônimos e antônimos, em detrimento de outras relações semânticas, tão produtivas na armação coesiva e na unidade dos textos” (p. 23); e) “a ênfase recai sobre o cuidado permanente em ‘corrigir’” (p. 24).

Não obstante, é importante mencionar o material sobre o uso do dicionário preparado pelo Ministério da Educação do Brasil para os professores por ocasião do PNLD (Programa Nacional do Livro e do Material Didático) no ano de 2012. Trata-se da publicação *Com direito à palavra: dicionários em sala de aula* que acompanhou um acervo de dicionários escolares de diferentes tipos com a intenção de orientar o uso desse produto lexicográfico tão importante e geralmente tão pouco explorado pelos estudantes. O material é dividido em duas partes que buscam: i) refletir sobre a serventia dos dicionários, descrevê-los e apontar caminhos para o seu uso, e: ii) propor atividades que explorem as potencialidades dos dicionários enviados no acervo.

Vale ressaltar duas observações teóricas oferecidas por esse material. A primeira dá conta de que o léxico “é antes de mais nada, uma rede de funções e de relações de forma e de sentido entre os vocábulos, e não uma simples lista de itens” (BRASIL, 2012, p. 11). A segunda é que o léxico “é sempre um retrato possível da realidade da língua, e não a própria língua” (BRASIL, 2012, p. 12). Além disso, fica registrado que “o conhecimento sistematizado sobre

o léxico que o dicionário proporciona tem um papel relevante a desempenhar na (re)construção escolar do conhecimento sobre a língua e a linguagem” (BRASIL, 2012, p. 18). Enfim, um material que alia teoria e propostas pedagógicas com vistas a melhorar a condição que os estudos lexicais têm nas aulas dos ensinos fundamental e médio das escolas brasileiras. Oxalá que ele seja devidamente utilizado.

Há um ponto relevante sobre o qual parece não haver ainda uma análise tão minuciosa quanto a que Antunes (2012) faz sobre esse estado de marginalização do processo de ensino-aprendizagem do léxico nas escolas do Brasil, trata-se da espaço ocupado pelo léxico nas aulas de ensino superior no país. Que condição apresenta? Estaria o léxico ocupando um espaço de discussão equivalente ao ocupado por outros níveis de análise da língua? Quantos projetos de extensão há nas universidades com trabalhos voltados para a ciência lexical? Que efeito produz nas escolas brasileiras relegar o léxico ao lugar de matéria meramente optativa? As respostas quase saltam imediatamente em respostas a essas perguntas, no entanto, a responsabilidade com o fazer científico as deixa em suspensão aguardando, quem sabe, uma investigação que dê conta dessas questões no intuito de promover, em todos os níveis de ensino, uma aprendizagem adequadamente significativa da ciência lexical.

E Antunes (2012, p. 169-170) encerra seu livro, oportunamente, com palavras de esperança:

Apesar do ‘fantasma’ da ‘impotência’ que, por vezes, parece assustá-los (os professores), posso ver, na maioria deles, sinais nítidos de que apostam nos resultados de um trabalho formador e inventivo, determinado e persistente; minucioso e relevante que se pode fazer em sala de aula. Trabalho que, para ser significativo até o resto da vida, deve levar as pessoas à necessária alternância entre ‘aprender’ e ‘desaprender’, em consonância com o natural movimento da vida que, constantemente, se faz e se refaz.

Nesse movimento, se pode ter uma escola que seja, “não uma casa de ensino, mas uma casa de aprendizagem” (GERALDI, 2010b: 163). Com afeto, naturalmente, pois é a afetividade que nos torna, além de mais humanos, mais capazes de vivenciar a experiência do aprender como algo que tem muito de surpresa, fascínio e encantamento.

E é desse espírito que precisam estar imbuídos todos os esforços para promover um

processo escolar de qualidade para que, não apenas o ensino-aprendizagem do léxico seja significativo, mas todos os pontos dos programas de todas as disciplinas corroborem para a formação acadêmica e capacidade de compreender o mundo.

Em suma, o estatuto de ciência outorgado à Linguística pela apresentação de um construto que apresentou conceitos, objetivos e pressupostos bem delimitados para o estudo da linguagem e que foi o ponto de partida para que os estudos sobre os fatos da língua fossem oferecidos de acordo com um padrão científico a ser observado, sem dúvida dá guia a qualquer que se pretenda engendrar na pesquisa científica da área das linguagens. É preciso, por isso, que os estudos de viés científico tenham sempre a vistas o seu objeto de estudo, a natureza, o limite, o alcance e o método que deverão ser de baliza ao percurso científico que se pense em cursar. Por isso, argumenta-se aqui em favor de um objeto próprio para a disciplina científica da Lexicografia/lexicologia histórico-variacional, nomeado por Machado Filho (2020) como *nomia*. A identificação desse objeto visa, de maneira prática, atestar a ocorrência de uma unidade lexical de uso (sócio)dialetal “em prol da manutenção do real espólio linguístico da época que se investiga, sem qualquer prejuízo para o método” (MACHADO FILHO, 2012, p. 382).

Conforme defende Machado Filho (2012, p.382):

Na lexicografia histórica a conformação dicionarística dos lemas deve ganhar contornos, não exclusivamente pela sua “face neutra”, isto é, não apenas pela forma flexionalmente vazia do lexema, como é hoje feito, mas pela variedade das formas gráficas, quer simples, quer compostas ou complexas, ainda textuais, que possam ocorrer nos *corpora*, mesmo se não lhe for atestado um correspondente morfológico canônico.

Importa dizer que

O léxico constitui um conjunto aberto em qualquer sistema linguístico e, por conseguinte, não apenas vastíssimo quando comparado com outros setores e níveis da língua (fonológico, morfológico, sintático) mas também em permanente expansão sobretudo numa língua de civilização (BIDERMAN, 1984, p. 17) .

Por isso, é essencial que pesquisas voltadas às ciências lexicais sejam empreendidas, no

sentido de não excluir manifestações linguísticas que por força da natureza de seu uso possam, de repente, figurar como peças de conservação da cultura e história de uma língua. Nesse sentido, é importante que os produtos da ciência lexical em perspectiva histórico-variacional se apropriem da *nomia* enquanto seu objeto de estudo. Afinal, como quer Maia (2012, p. 538)

Sob o ponto qualitativo, a autenticidade é uma exigência decisiva: se se pretende utilizar os materiais para o estudo de história da língua, as edições devem satisfazer as necessidades de uma linguística histórica empírica e, por esse motivo, devem reflectir fielmente as características linguísticas dos manuscritos, uma vez que nelas se reflectem as marcas da variação da língua da época. As edições elaboradas com outro tipo de motivações e destinadas a outro tipo de público levaram frequentemente os editores a regularizar e a “corrigir” os textos que transcrevem, ferindo a sua autenticidade e inviabilizando a reconstrução de fenómenos de mudança linguística nos diferentes níveis de análise.

Se, no entanto, não houver registro dos usos das unidades aqui consideradas como *nomias*, como será possível atestar a autenticidade de que trata Maia (2012)? Espera-se então que este capítulo possa suscitar reflexões sobre os temas em comento, sempre na intenção de fazer aperfeiçoar os estudos linguísticos, sobretudo os voltados para a ciência lexical.

3.3 OS *CORPORA* DA PESQUISA:

Pelo fato de o Português Arcaico compreender uma dimensão histórica de cerca de quatro séculos (XIII a XVI), e por seu legado escrito ser restrito aos raros documentos remanescentes da época, procurou-se apresentar esta análise através de *corpora* representativos e de gêneros textuais variados composto dos textos descritos mais adiante.

Antes, no entanto, é mister salientar a potencialidade da variação textual para a composição dos *corpora* deste trabalho. Inicialmente, ressalta-se a divisão entre textos literários e textos não literários. Na discussão encetada por Castro (2004) é possível visualizar as principais marcas distintivas explicitadas por sua descrição. Destaca o autor, primeiramente, a

preferência dos linguistas pelos textos não literários em razão de serem “explícitos quanto ao local e à data em que foram escritos e quanto aos participantes nos diversos níveis da sua produção” (p. 90); trata-se de documentos de natureza prática relacionados com a administração, direito e economia que permitem ao linguista observar e reconstituir procedimentos de escrita para extrair o máximo de informações. É importante dizer que o mesmo pode acontecer com os documentos de caráter literário, os quais, através de técnicas minuciosas análise, permitem oferecer resultados muito satisfatórios com o benefício de, como sugere Castro (2004, p. 94), “estar livre de formularismos e de oferecer instâncias muito variadas e expansivas da linguagem da época”.

Sobre os textos literários em verso, acrescenta Mattos e Silva (1991, p. 32) que “a documentação linguística fornecida pelo conjunto da lírica medieval galego-portuguesa é riquíssima: seus dados são essenciais para o conhecimento do léxico da época”. Já tratando dos textos em prosa, a autora afirma:

Para o conhecimento da língua na sua fase arcaica é fundamental a produção em prosa literária. A documentação poética e a não literária se complementam para o conhecimento do léxico do português arcaico. A prosa literária doumenta abundantemente a morfologia nominal e verbal, as estruturas morfossintáticas dos sintagmas nominal e verbal. Sobretudo é importante para o estudo das possibilidades sintáticas da língua, porque não sofre as limitações, já ressaltadas, da documentação poética e jurídica.

Para os estudos fonéticos oferece restrições decorrentes de não se poder sistematizar com o mesmo rigor, relativamente possível para a documentação seriada não-literária, as relações entre som e letra, e por não oferecer os recursos formais da poesia.

O fato de essa documentação não ser, em muitos casos, localizada, impede também que por ela se possa chegar a dados sobre a variação dialetal de então, quando é possível uma aproximação pela documentação jurídica.

Quanto à cronologia dos fenômenos linguísticos, embora não seja possível uma seriação estreita, como o é, para a documentação não-literária, toda ela datada, é possível, contudo, a partir de um corpus criteriosamente selecionado – se não datado, pelo menos situável em um determinado momento desse período – estabelecer um estudo diacrônico no âmbito do período arcaico com bases nesses textos em prosa literária. Sem dúvida, é nesse tipo de texto que se podem entrever, com mais amplitude, os recursos sintáticos e estilísticos disponíveis para o funcionamento efetivo da língua nesse período, já por serem textos extensos, já pela variedade da temática. (MATTOS E SILVA, 1991, p. 38-39)

Os textos selecionados para compor os *corpora* de análise neste trabalho são pois, como é possível atestar, variados mesmo dentro da dicotomia literários x não literários; são textos em prosa e em verso, documentos jurídicos, gramáticas, representativos das diferentes fases do período arcaico do português, com volume de dados variável mas que confluem para uma característica deveras importante: são textos de importância histórica inegável e muito profícuos no oferecimento de adverbiais muito diferentes entre si, como atestar-se-á no capítulo de análise dos dados.

i. SÉCULO XIII: *Cantiga de Santa Maria, Testamento de Afonso II, Notícia de Torto e Foro Real de Afonso X*

“O galego-português é a língua da primitiva poesia lírica peninsular”, atesta Teysier (2007, p. 27), e essa é uma razão que justifica a presença da *Cantiga de Santa Maria* entre os *corpora* deste trabalho. A edição utilizada das *Cantigas de Santa Maria*, disponível no Corpus Informatizado do Português Medieval (CIPM), foi publicada em 1981 por Walter Mettman e cedida por Xavier Varela, diretor do Tesouro Medieval Informatizado da Língua Galega. Sua referência indica serem datadas entre 1270 e 1282, embora na organização dos textos a plataforma indique os anos de 1264 e 1284 para datar a produção das 420 cantigas apresentadas. O conjunto das poesias, as quais estão numeradas na plataforma até o número de 429, revela-se com a lacuna nas cantigas de números 373, 387, 388, 394, 395, 396, 397, 412 e 416. Ainda que Mettman (1986) atribua ao trovador galego Airas Nunes a composição de muitas cantigas e aponte o rei Afonso X como o compositor de oito ou dez delas, tem sido comum atribuir toda a composição ao monarca, considerando, principalmente, que todas as cantigas procedem da corte do próprio Afonso X.

As poesias tematizam a virgem Maria louvando-a e relatando histórias e milagres relacionados à sua figura ou refletindo sobre ela, liturgicamente, como numa oração. Essa coleção de cantigas, como melodias tomadas da monódia gregoriana, da lírica popular e das

canções de trovadores, pode ser considerada como a mais importante do século XIII, já que a corte alfonsina reuniu intérpretes e compositores de várias culturas que fizeram parte de seu *scriptorium* régio.

É importante dizer que as *Cantigas de Santa Maria* configuram, não só como um tesouro linguístico, mas também como uma joia para os estudos musicais, já que, além do texto, sobreviveram as melodias e notações musicais originais em seus quatro manuscritos atualmente abrigados na Biblioteca Nacional de Espanha – Madri, na Biblioteca del Real Monasterio em El Escorial (que abriga dois manuscritos conhecidos como “Códice de los músicos” e “Códice Rico”), e na Biblioteca Nazionale Centrale em Florença, cujas notas musicais não foram colocadas e as iluminuras não foram finalizadas, segundo Ferreira (2016).

Informa Teyssier (2007) que é no século XIII que surgem os primeiros textos de um português que, à altura, não se diferenciava do galego. Diz o autor que essa língua, chamada de galego-português ou de galaico-português, “é a forma que toma o latim no ângulo da Península Ibérica” (p. 3). É no século XIII também que se completa a formação do território português, com a tomada de Faro em 1249, ainda que o processo de Reconquista no resto da Península Ibérica perdure até o ano de 1492, quando o reino de Granada é tomado pelos Reis Católicos. O contexto social no período de formação de uma nação, e, por consequência, de sua língua, é indispensável para entender os diversos fatores que moldam a história. No caso da Península Ibérica, por exemplo, importa considerar que a invasão muçulmana e a o processo de Reconquista do território empreendido são determinantes na formação das línguas ali nascidas e difundidas pelo território nesse período.

Lembra Teyssier (2007) que a influência linguística e cultural dos povos muçulmanos pode ser sentida menos superficialmente ao sul, sendo, como assevera o autor, “profunda e duradoura do Mondego ao Algarve” (p. 6). Salienta, ainda, que a língua galego-portuguesa se formou na região ao norte do Douro, entre os séculos IX a XII, ainda que seus primeiros textos – *Notícia de Torto* e *Testamento de D. Afonso II* – tenham surgido apenas no século XIII, mais precisamente entre 1214 – 1216. O fato de serem considerados os primeiros textos em língua

portuguesa, sem dúvida, justificam sua análise em um trabalho que pretenda prescrutar a formação dessa língua.

*Notícia de Torto*⁴² é o nome atribuído a um pergaminho de 313 x 170 mm, documento de natureza notorial particular, provavelmente redigido em Braga, na região do Minho. O texto de 55 linhas se ocupa das malfeitorias dirigidas a Lourenço Fernandes da Cunha por parte dos filhos de Gonçalo Ramires, os quais, durante anos, afligiram o fidalgo com perseguições, violências e injustiças.

Já o *Testamento de Afonso II*⁴³, redigido em 27 de junho de 1214, é um documento régio que por sua datação indiscutível e características de uma língua diferente do latim tornou-se um marco para a história da língua portuguesa, foi escrito em duas cópias de conteúdo idêntico enviadas aos arcebispos de Braga e de Santiago e hoje encontram-se em Lisboa (Arquivo Nacional da Torre do Tombo) e Toledo (Arquivo da Catedral de Toledo). Apesar de obviamente tratarem do mesmo assunto e de omitirem os nomes dos respectivos notários, Costa (1979) ressalta que são diferentes nos formatos, enquanto o de Lisboa tem 27 linhas num pergaminho de 240 x 595 mm, o de Toledo tem 410 x 402 mm com 10 linhas a mais.

O *Foro Real*, nas palavras de Santos (2017, p. 166), “caracteriza-se por ser uma obra legislativa, de autoria de Afonso X, redigida entre 1252 e 1255, cuja tradução para o português (ou galego-português) se deu na segunda metade do séc. XIII, e da qual se conhece um único manuscrito (Maço 6º de Forais Antigos, no 4 do ANTT)”. A edição do documento é incontestavelmente atribuída a José de Azevedo Ferreira (1987) que, além da edição, ofereceu o estudo linguístico do texto e um glossário. A versão apresentada pelo Corpus Informatizado do Português data o documento, com dúvida, para o ano de 1280, sendo proveniente da região da Beira Alta. A versão entrega um documento dividido em 4 livros, tendo 12, 15, 21 e 24 capítulos, sequencialmente distribuídos nos fólhos 70v a 149r. Osório (2003) atenta que sendo o *Foro Real* um texto de natureza jurídica em que abundam os latinismos e cultismos e refletindo uma linguagem semiliterária, este documento figura como “um texto importantíssimo

⁴² A versão utilizada encontra-se no Corpus Informatizado do Português Medieval, <https://cipm.fcsh.unl.pt>.

⁴³ Idem.

para o estudo da língua no século XIII” (p. 174). O objetivo de Afonso X era por em prática um projeto de seu pai, o rei D. Fernando III, de difundir uma lei nacional, considerando, como afirma em seu preâmbulo que muitas terras não tinham ainda foral e que legislar era uma prerrogativa régia.

Importa registrar que as versões usadas dos textos da *Notícia de Torto*, do *Testamento de Afonso II* e do *Foro Real* de Afonso X, que compõe os *corpora* deste trabalho, estão disponíveis na plataforma do Corpus Informatizado do Português Medieval.

ii. SÉCULO XIV: *Flos Sanctorum*, *Diálogos de São Gregório*, *Foros de Garvão* e *Documentos Portugueses do Noroestes e da Região de Lisboa*

Os documentos constitutivos do século XIV refletem a fisionomia do português à época, considerando que

A Língua Portuguesa, que era veículo de comunicação escrita e oral na época evidenciada, se revela bastante heterogênea no decorrer dos quatro séculos que delimitam tal período. A heterogeneidade a que nos referimos significa um *continuum* de mudanças nas estruturas fonológicas, morfológicas, sintáticas, lexicais e semânticas da língua, devido, sobretudo, à falta de normatização da língua, à falta de escolarização em Língua Portuguesa, que até meados do século XVI, se restringia ao latim, e à fragilidade dos padrões de usos linguísticos, que naturalmente cambiavam de acordo com as mudanças socioculturais de uma nação em formação. (COELHO, 2004, p. 24)

Ainda sobre o aspecto do português no século XIV, Oliveira Marques (2001 *apud* MACHADO FILHO, 2008, p. 19) acrescenta:

Foi uma época de grande variação ortográfica. Co-existiam uma tradição fonética, que grafava a partir da pronúncia, uma corrente normativizadora que tentava estabelecer regras uniformes, e uma influência latinista e humanista cada vez mais acentuada, que procura aproximar, tanto quanto possível, do latim e da etimologia, a ortografia do português. O próprio alfabeto, de 21 a 24 caracteres não estava estabilizado, usando-se concomitantemente letras de formas várias, onde a tradição competia com a cursividade. Tão complexa como a ortografia se mostrava a sintaxe (...).

É mister salientar que o *Flos Sanctorum* e os *Diálogos de São Gregório*, documentos em prosa literária, são ambos de edições resultantes de trabalhos de investigação procedidos por Machado Filho (2003; 2008).

Segundo diversos relatos, no ano de 1950, o professor Serafim da Silva Neto trouxe para o Brasil um conjunto de documentos composto pelo *Livro das Aves*, *Diálogos de São Gregório* e um *Flos Sanctorum*. Os dois primeiros documentos receberam, respectivamente, edições propostas por Rossi *et al.* (1965) e Mattos e Silva (1971). O *Flos Sanctorum* permaneceu inédito até a edição apresentada por Machado Filho (2003), em sua tese de doutoramento na Universidade Federal da Bahia. Dessa tese resultou uma edição conservadora paleográfica, e outra menos conservadora, interpretativa, e, a partir desta, um glossário. O documento encontra-se devidamente guardado, de posse da Universidade de Brasília (UnB), que possui também cópias microfilmadas do mesmo, como informa a própria instituição em página da Internet.

O *Flos Sanctorum* usado para a edição de Machado Filho apresenta-se em estado fragmentário, contendo 81 folhas, escritas em pergaminho. Por seu caráter hagiográfico, trata de contar a vida de vários santos mártires católicos, ou melhor dizendo, nas palavras de Martins (1961 *apud* MACHADO FILHO, 2003, p. 26) trata “de toda espécie de santo”. Machado Filho atenta para as características arcaizantes da linguagem do documento, próprias de documentos que antecedem o século XV e relata ser este um texto escrito “em reto e verso, medindo em média 300mm por 220mm, cuja malha de texto apresenta em geral, 235mm pó 175mm, em duas colunas, com 36 linhas cada⁴⁴. Apesar de Silva Neto (1960) e Arthur Askins (*s.d.*) relacionarem o *Flos Sanctorum* trecentista em português ao *Vita Sancti Frutuosi* de Valério de Bierzo, para Machado Filho (2003) não é possível precisar com segurança a autoria ou a tradição a que pertence o documento (*Flos Sanctorum*). Esse autor afasta a hipótese de o *Flos Sanctorum* ter alguma relação com a cópia direta de um original latino desaparecido do Mosteiro de Pendorada, já que entende que o documento apresenta indicações paleográficas de

⁴⁴ O autor alerta que a exceção dos fólhos: 27r^o, que possui coluna de 28 linhas; 36r^o com 35 linhas; 58r^o, cuja primeira coluna apresenta 35 linhas.

uma versão desaparecida escrita em *linguagem*⁴⁵. O autor ainda alerta que muitas das histórias apresentadas pelo códice alcobacense 266 também se apresentam no *Flos Sanctorum*; contudo essa correlação foi aprioristicamente descartada por suas diferenças de conteúdo e linguagem, revelando-se o *Flos Sanctorum* um documento mais antigo e de características peculiares aos documentos anteriores ao século XV.

A despeito do caráter incerto de suas origens, Machado Filho (2003, p. 30) registra, no esteio de Nunes (1925) e Silva Neto (1956), que o *Flos Sanctorum* teria sido escrito entre os fins do século XIV e início do século XV.

Os *Diálogos de São Gregório* também tratam de assuntos religiosos. Esse documento foi traduzido do latim para o português, provavelmente, nos fins do século XIII, e tem como fonte o Manuscrito da Livraria 522, do Instituto de Arquivos Nacionais da Torre do Tombo, localizado em Portugal. A autoria deste texto literário é atribuída a São Gregório Magno que foi, por 13 (treze) anos, 6 (seis) meses e 10 (dez) dias, o 66º (sexagésimo sexto) Papa. São Gregório foi o responsável pela introdução do cantochão, que passou a ser conhecido como canto gregoriano, pelo estabelecimento do jejum de carne contínuo durante toda a quaresma, pelo hábito do uso das cinzas sobre os fiéis na quarta-feira e pela proibição da entrada de mulheres em mosteiros. O autor do documento viveu de 540 a 604 d.C. e terminou de escrever os seus quatro livros em 593 d. C.

A partir da versão dos *Diálogos de São Gregório* documentada através do Manuscrito da Livraria 522, de que Machado Filho (2008) apresenta sua edição, destacam-se, resumidamente, as temáticas abordadas em cada um dos quatro livros do documento:

- Livro 1: Milagres prodigiosos e sobrenaturais, e exemplos de humildade e caridade;
- Livro 2: Vida e morte de São Bento;
- Livro 3: Padres santos mais antigos, além de um registro histórico-geográfico bastante produtivo no que se refere à antroponímia e à toponímia;

⁴⁵ Embora a língua portuguesa (LP) tenha sido oficializada, por D. Dinis, em 1295, a referência que se fazia à LP, naquela altura anterior ao *Flos*, era a de “linguagem”, termo por mim utilizado para manter a fidelidade histórica.

- Livro 4: Apesar de incompleto na versão usada por Machado Filho (2008), discute questões relativas à alma, à existência de espaços como o céu, o inferno, e a ocupação destes pós-morte.

Para Machado Filho (2008, p. 18), o Manuscrito da Livraria 522 contribui significativamente para a “recuperação das variantes genético-textuais, quer históricas, quer linguísticas, dessa grande obra de Gregório Magno”, já que, como já afirmado anteriormente, o português à época apresentava grande variação ortográfica; a tradição e a cursividade eram concorrentes e a sintaxe também se mostrava complexa.

Os textos não literários do século XIV que compõem os *corpora* desta pesquisa são os *Foros de Garvão* e os *Documentos Portugueses do Noroeste e da Região de Lisboa*.

Os *Foros de Garvão* são um compêndio de documentos não-literários escritos por diferentes escribas e, portanto, com diversas datações. De sua autodescrição confirma-se que

Estes son os costumes e os usos d'alcaçar que deuõ usar os de garuã (f.5r). Aquesta e a cousa que ueerõ pregõtar [...] d'alcaçar. Aos Juyzes e ao côcello de môtemayor o nouo unde auíam foro é Carta. Véerõnos pergõtar por costumes como usauamos cõ el rei é este nosso usu (f.7r). Estes son foros e Custumes e vsos e Joyzos d'evora que nos deron en alcaçar pera os de Garuan (f.14r).

Porém, ainda que, obviamente, a natureza dos documentos tenha permanecido inalterada, há que se destacar que o texto usado para compor os *corpora* deste trabalho são um extrato de um todo muito maior que atravessam alguns séculos. Por isso mesmo o uso de um excerto, datável do século XIV e escrito pelos 3º e 4º escribas, que corresponde aos fólios 21v, 22r e 22v e que não remonta ao tempo de Afonso III, como adverte Garvão (1993)⁴⁶. O texto do século XIV, disponível no Corpus Informatizado do Português Medieval, é um excerto curto, “De fforro de caualeyrros e de peoes e de beesteyros” (F.21v), mas que atende aos propósitos

⁴⁶ A autora lembra a existência de uma grande parte da compilação que foi escrita entre 1272 e 1280, a qual pertence ao citado reinado afonsino.

de compor a parte não-literária necessária a este trabalho, principalmente considerando a rareza e importância de textos antigos não-literários, como tanto defende autores como Maia (1986).

Os *Documentos Portugueses do Noroeste e da Região de Lisboa*, corpus constituído por Ana Maria Martins por ocasião de sua tese de doutoramento, são textos não literários de caráter jurídico provenientes das regiões citadas e pertencentes, majoritariamente, aos mosteiros de São Miguel do Vilarinho e ao de Chelas. Dada a necessidade de ampliar a lista de textos não-literários para esta pesquisa, e considerando o extenso e importante compêndio apresentado por Martins (2001), utilizam-se alguns desses textos tanto para o século XIV como o século XV. Dos 218 documentos oferecidos por Martins (2001), para o século XIV, 4 provenientes do mosteiro de São Miguel do Vilarinho redigidas por seus respectivos notários nos anos de 1314, 1317 e 1365, e 1 de Chelas do ano de 1329. Sobre os temas desenvolvidos nos documentos, Martins (2001, p. 14) esclarece que são diversos e que testemunham “da vida económica das instituições monásticas e dos que delas dependiam ou se moviam na sua esfera; mostram-nos ainda como a escrita era um instrumento indispensável tanto à gestão dos bens quanto à gestão dos conflitos (com dependentes, pares e outros detentores de poder)”. Os documentos selecionados dão notícia sobre duas vendas, uma doação, um recebimento e um aforamento.

Maia (1986, p. 951) valoriza os documentos notoriais particulares por proporcionarem registros de “alguns dos traços mais característicos da evolução do galego relativamente ao português”, o que seria uma grande vantagem já que tais indícios não teriam surgido “nem nas Cantigas de Santa Maria nem nas composições poéticas trovadorescas, nem em textos literários em prosa da mesma época”.

iii. SÉCULO XV: *Crônica de D. Pedro I*, *Orto do Esposo*, *Carta de Pero Vaz de Caminha* e *Documentos Portugueses do Noroestes e da Região de Lisboa*

São poucas as informações disponíveis sobre Fernão Lopes, autor das *Crônica de D. Pedro I*. Estima-se, porém, que ele tenha vivido entre os fins do século XIV e fins do século XV, considerando que o último relato sobre o cronista é de 1459, quando, segundo Monteiro

(1988), aparece defendendo as pretensões de seu suposto neto. Em contrapartida, sua posição como guardador das escrituras do Tombo não suscita dissensão; parece haver consenso atribuir ao guarda-mor as funções de tabelião geral do reino e cronista de grandes reis de Portugal, como D. João I, D. Duarte e do infante D. Fernando.

Fernão Lopes viveu numa época em que o reino estava numa profunda crise política pois o poder não estava incontestavelmente nas mãos de apenas um grupo. Além disso, estava em trânsito um difícil rearranjo hierárquico no reino que convivia com um sistema social fragilizado pelos constantes litígios por legitimação de poder. Nesse contexto, Fernão Lopes foi designado a registrar os feitos da nova dinastia diante das condições que se interpunham. Muitos historiadores terminam por afirmar sua parcialidade diante dos fatos, numa busca de cronicar com uma ‘verdade crua’ os acontecimentos históricos que lhe cercavam.

Das muitas crônicas cuja a autoria lhe é atribuída, uma trilogia escreve o nome de Fernão Lopes na historiografia portuguesa: a *Crônica de D. Pedro I*; *Crônica de D. Fernando*; e *Crônica de D. João I*, em dois volumes – todas encomendadas por D. Duarte.

A *Crônica de D. Pedro I* foi escrita em continuação à *Crônica de D. Afonso IV*. O texto, que começa com a morte desse rei, apresenta diversas remissões a crônicas anteriores, sobretudo àquela escrita sobre o reinado de D. Afonso. Evidentemente, como assegura Torquato de Sousa Soares na introdução da versão que compõe os *corpora* desta pesquisa, a *Crônica de D. Pedro I* é parte integrante de um trabalho maior de seu autor, a saber as crônicas dos feitos dos Reis de Portugal, as quais Fernão Lopes foi incumbido de escrever. O autor, que usa de diversas fontes diplomáticas e epistolares para escrever sua crônica, buscou manter-se à margem da narração dos fatos, incluindo defeitos e virtudes do rei, objetivando apresentar uma imagem o mais fiel possível do caráter do soberano cronicado. A versão neste trabalho utilizada é oferecida pelo Corpus Informatizado do Português Medieval, apresentando, além do prólogo, o número de quarenta e três capítulos.

Já o *Orto do Esposo*, que também está disponível na plataforma do Corpus Informatizado do Português Medieval, é um texto de autor desconhecido, provavelmente um monge do mosteiro de Alcobaça, que tentou oferecer uma reflexão aprofundada sobre as coisas do mundo

e, como através delas, o homem poderia entender os desígnios divinos. É um texto de cunho religioso que apresenta a mentalidade humanista e renacentista. Vale destacar que, apesar de o CIPM elencar o *Orto do Esposo* como uma obra do século XV, a sua datação não determinada faz com que alguns estudiosos localizem temporalmente este documento como talvez sendo uma obra de fins do século XIV. De qualquer sorte, o mais relevante desse documento para esta pesquisa é o fato de ser este o documento mais produtivo quantitativamente, e porque não dizer também qualitativamente, já que abunda em variadas formas adverbiais.

Por seu turno, a *Carta de Pero Vaz de Caminha* é o documento mais popular deste elenco, estudado até nos níveis fundamentais da educação básica brasileira. Seu conteúdo é assim conhecido, trata da notícia do achamento da terra que viria a ser nombrada como Brasil. Como seu título indica, foi escrita por Pero Vaz de Caminha, escrivão da frota de Pedro Álvares Cabral, em carta ao rei D. Manuel I de Portugal. A carta, que é datada de 1º de maio de 1500 e tem reconhecida relevância histórica. Esse importante documento historiográfico, que permaneceu desaparecido até a 1773, teve sua primeira publicação pelas mãos do historiador Manuel Aires de Casal em 1817. Popularmente chamada de certidão de nascimento do Brasil, atualmente, a *Carta de Pero Vaz de Caminha* encontra-se custodiada pelo Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em Lisboa, mas pode ser visualizada através da página de internet da instituição⁴⁷; além de estar amplamente disponível em toda a rede virtual e também no Corpus Informatizado do Português Medieval, de onde oriunda a versão agregada a este *corpora* de pesquisa.

Os *Documentos Portugueses do Noroeste e da Região de Lisboa*, *corpus* da tese de doutoramento de Ana Maria Martins, já citados por razão de integrarem os documentos representativos do século XIV, também figuram entre os documentos do século XV. Trata-se de documentos notoriais do mosteiros de São Miguel do Vilarinho e de Chelas (três do primeiro e cinco do último), escritos por seus notários nos anos de 1407, 1412, 1426, 1432, 1482, 1486, 1489 e 1492. Os de São Miguel de Vilarinho dão conta de três emprazamentos, enquanto os de Chelas abordam venda, nomeação, apelação, acordo e arrendamento. Devido à grande

⁴⁷ <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=4185836>

importância e proficiência dos textos literários elegidos para representar o século XV, e pelo lugar de destaque antes assinalado que merecem os *Documentos Portugueses do Noroeste e da Região de Lisboa* enquanto textos não literários de natureza particular, julgou-se suficiente a análise a partir dos itens apresentados por estes documentos na observação linguística referente a este período.

iv. SÉCULO XVI: *Crônica Troiana, Auto da Índia, Auto da Barca do Inferno, Auto de Inês Pereira, Gramática da Linguagem Portuguesa de Fernão de Oliveira e Gramática da Língua Portuguesa de João de Barros*

Os textos literários eleitos para representar o último século do grande período aqui reconhecido como Português Arcaico são originários das pesquisas de Ana María García Martín. O primeiro, a *Coronica Troiana em Limguoagem Purtuguesa*, teve sua versão original publicada na tese doutoral da pesquisadora, defendida em março de 1996. A versão aqui utilizada é fruto do trabalho publicado em 1998, decorrente daquela tese. A inclusão de tal texto nesta pesquisa justifica-se não só pela escassez de texto literários portugueses de temática troiana como também pela rigorosa edição conservadora do manuscrito. Não custa dizer que a *Crônica Troiana* teve três edições de finais do século XV e outras doze do século XVI, com conteúdo idêntico, e que a *Coronica Troiana em Limguoagem Purtuguesa* é uma tradução inacabada da edição de 1527, cujo tradutor, até hoje desconhecido, quis, nas palavras de García Martín (1998, p. 75), dar

a la lengua portuguesa su versión propia de la Crónica Troyana en una época que, como bien sabemos, buscó la afirmación de la lengua. La *Coronica Troiana em Limgoagem Purtuguesa* se revela, em este sentido, como um corolário, insólito em português, de la enorme popularidad y fortuna de la *Crônica Troyana* impresa.⁴⁸

⁴⁸ **Tradução:** à língua portuguesa sua versão própria da *Crônica Troiana* em uma época que, como bem sabemos, buscou-se a afirmação da língua. A *Crônica Troiana em Linguagem Portuguesa* se revela, neste sentido, como um corolário, insólito em português, da enorme popularidade e sorte da *Crônica Troiana* impressa.

O manuscrito português da Crônica Troiana, em semelhança à edição de 1519, apresenta um prólogo e três livros, dos quais o primeiro tem uma subdivisão em oito capítulos, o segundo em quarenta e o terceiro não apresenta subdivisão. Importa dizer que o fato de ser esta uma obra inacabada, considerando a versão de que se traduziu, isso não prejudicou a contribuição de elementos adverbiais levantados para análise.

Outras obras literárias perfilam os *corpora* de século XVI, trata-se dos *Auto da Índia*, *Auto da Barca do Inferno* e *Auto de Inês Pereira*, obras de Gil Vicente bastante estudadas e das quais há boas edições, a exemplo da edição de García Martín e Serra (2014), que se utiliza na composição do *corpora* de trabalho desta pesquisa. Os textos vicentinos representam um registro de língua mais popular, de inícios do século e claramente pré-clássica. Nesse sentido com certeza completaria o registro mais culto das gramáticas que figuram neste *corpora* como representantes não literários para o século XVI. Além disso, o uso desses textos justificam-se por ser Gil Vicente o nome mais expressivo do Teatro português, com uma vasta coleção de obras que são consideradas como clássicos da língua portuguesa.

A obra vicentina documenta um estágio linguístico característico dos inícios do século XVI, momento de transição em que convivem soluções linguísticas medievais com evoluções já consolidadas ou em processo de consolidação e que prefiguram o português moderno. Assim, a língua vicentina espelha a variação própria da época, podendo-se acompanhar nas sucessivas edições quinhentistas das obras do dramaturgo o processo de seleção de variantes operado pela pressão normativa que se vai impondo ao longo do século. (GARCÍA MARTÍN E SERRA, 2014, p. 40 - 41)

A obra *Auto da Índia* é do ano de 1509, o *Auto da Barca do Inferno* é de 1518 e o *Auto de Inês Pereira* de 1523; mas as versões utilizadas para a edição de García Martín e Serra são, respectivamente, as de 1562, 1528 e 1523. A tríade sátira social que usa como tema geral a perturbação da vida matrimonial promovida pela empresa imperial, embrenhada de um espírito de cruzadas, ambição e vaidade foi escrita em português e castelhano testemunhando o bilinguismo literário luso-espanhol experimentado de meados do século XV até fins do século XVI. Não custa dizer que muitas palavras do texto, e mesmo adverbiais, permanecem na edição

dos autores em castelhano, o que levou à exclusão dessas formas da análise linguística realizada aqui.

Não é à toa que o século XVI marca o final da Idade Média, sobretudo aos interesses linguísticos, para uma nova era. Nesse século, que marcou decisivamente os rumos da nação lusitana, em que o Renascimento teve vez como movimento cultural e artístico, Portugal consolidou-se como conquistador e colonizador de vários outros territórios através das Grandes Navegações. À época, havia apenas uma universidade em Portugal que, desde sua fundação no século XIII, sediou-se alternadamente entre Lisboa e Coimbra. Como o modelo do reinado do período previa a centralização das decisões por parte dos monarcas, D. João III transferiu permanentemente aquela instituição para Coimbra, tratando, em seu empenho de renovar a instituição, de promover e estimular o seu desenvolvimento através de melhores condições materiais e selecionando, ele mesmo, os professores. Ademais, criou, o rei D. João III, o Colégio das Artes, como lembra Bellini (1999, p. 9), “estruturado de acordo com programa humanista, e a importância dos estudos de gramática, retórica, poesia, história e filosofia moral, que passaram a polarizar o interesse dos intelectuais portugueses”. Daí, não é difícil entender o surgimento de duas obras de grande expressão para a historiografia e linguística portuguesa: *Gramática da Linguagem Portuguesa* escrita por Fernão de Oliveira e a *Gramática da Língua Portuguesa* oferecida por João de Barros, cujas versões, disponíveis na BUDAN (Base Informatizada de Dados do Nêmesis), compõem o *corpora* desta pesquisa.

É fato histórico amplamente divulgado que Fernão de Oliveira tenha nascido em Aveiro no ano de 1507. Sua trajetória de vida igualmente parece não guardar mistério. Resumidamente, pode-se dizer que ele estudou no Convento Dominicano de Évora até que o abandonou rumo à Espanha. De volta a Portugal, dedicou-se ao ensino e publicou, em 1536, a *Gramática da Linguagem Portuguesa*. Fernão de Oliveira foi autor de outras obras, dentre as quais cita-se a *Fabrica de Naos*, datada de 1580; *A arte da guerra do mar*, impressa em Coimbra em 1555; *Ars nautica*, manuscrito de 1570; e, a *Historia de Portugal*, de datação posterior a 1581.

Entretanto, como não podia deixar de ser, foi a *Gramática da Linguagem Portuguesa* que cuidou de gravar seu nome na história, já que esta foi considerada a primeira gramática da

língua portuguesa. Ela foi publicada num momento em que Portugal procurava afirmar sua autonomia nacional, por isso mesmo era intenção de seu autor perpetuar a memória de sua língua ao tempo em que propunha uma sistematização linguística. A gramática exibe cinquenta capítulos em que trata de formas gramaticais, de fonética, de lexicologia, de etimologia e de sintaxe, sugerindo reflexões de natureza linguística e cultural. A edição a ser usada trata-se de um trabalho produzido por Amadeu Torres e Carlos Assunção, em 2000, cuja versão, de natureza semidiplomática, foi publicada pela Academia das Ciências de Lisboa.

Já a *Gramática de Língua Portuguesa* oferecida por João de Barros em 1540, é usada neste trabalho em uma versão publicada pela Faculdade de Letras de Lisboa, elaborada por Maria Carvalhão Buescu (1971), também em edição semidiplomática.

As informações disponíveis sobre João de Barros datam seu nascimento ao ano de 1496, em Viseu, ainda que não haja provas históricas que atestem o fato. Verdade é, no entanto, que sua entrada na Corte portuguesa é contada com certeza pelos estudiosos. Diz-se que João de Barros dedicou-se à administração pública ainda muito jovem, atuando como “moço do guarda-roupa” do então príncipe D. João III que, subindo ao trono, concedeu-lhe o cargo de capitão de fortaleza de São Jorge da Mina, na África, em 1521. Quatro anos mais tarde, Barros foi nomeado tesoureiro da casa das Índias, em Lisboa, posto que ocupou até 1528. Como resultado do reconhecimento de seus serviços e honestidade, recebeu do rei duas capitâneas hereditárias no Brasil, em 1535, a fim de capitanear uma política de fixação dos colonos no novo mundo, empreitada em que, no entanto, não foi bem-sucedido.

João de Barros também era dado às letras. Baseado em filosofia humanista, escreveu obras com o intuito de valorizar a língua como um fator de soberania nacional. Antes de publicar a obra que compõe os *corpora* deste trabalho, ele publicou, com fins didáticos pedagógicos e morais, a *Cartinha*, a que, inclusive, se refere no início de sua *Gramática da Língua Portuguesa*. Publicou ainda outros livros em que concentrou grande parte da história de feitos portugueses: *A Crónica do Imperador Clarimundo* (1522), *Rhopicapneuma ou Mercadoria Espiritual* (1532), *Diálogo da Viciosa Vergonha* (1540), *O Diálogo sobre preceitos*

morais (1540), *Diálogo Evangélico sobre os Artigos da Fé* (1543), os quatro volumes de *Décadas da Ásia* (I – 1552; II – 1553; III – 1563; IV – 1615), entre outros.

A *Gramática da Língua Portuguesa*, sua segunda publicação, tinha também fins didáticos e nacionalistas. Com o objetivo de normatizar e ensinar o Português como língua materna nos moldes de como ela era falada à época, a obra também dispõe de diálogos morais e ilustrações.

Barros (2001, p. 19) ressalta:

Um dos efeitos de sentido mais significativos da Gramática de João de Barros é, portanto, o de pertencer ao discurso gramatical dominante da época, o da gramática latina, mas também o das primeiras gramáticas das línguas vulgares (das italianas, sobretudo). Há um efeito de “pertencimento”, de incorporação, que se faz sentir em relação também aos demais gramáticos. Os gramáticos não são, em geral, mencionados por nome próprio, e sim nomeados genericamente como “os gramáticos” ou “os latinos”, quando se quer marcar que são gramáticos latinos. O caráter não-marcado do nome contribui também para esse efeito genérico de existência de um discurso gramatical único ou dominante e de “pertencimento” a esse discurso. É nesse quadro do discurso dominante da “ciência” gramatical da época, dos discursos políticos da Monarquia e da religião e do discurso ufanista português que se coloca e se explica o discurso da norma natural, na Gramática de João de Barros.

Quanto à estrutura, a gramática de João de Barros apresenta quatro partes que versam sobre ortografia, prosódia, etimologia e sintaxe. Detalha Monteiro (1997) que nas duas primeiras partes, João de Barros enumera as letras, descreve as sílabas, a quantidade e os acentos. Na terceira, ele oferece uma classificação das palavras, detendo-se na análise das flexões nominal e verbal. Na quarta parte, o autor se dedica a definir a sintaxe como a conveniência entre as partes do discurso. A isso, adjunge um capítulo sobre “espécies de barbarismos” e outro em que pormenoriza, a ortografia. Sua história termina no ano de 1560 em sua quinta de Alitém, quando morre como Fidalgo depois de ter sofrido dois anos antes um acidente vascular cerebral.

Monteiro (1997, p. 30) afirma que “pela própria diversidade de objetivos e propostas, uma avaliação final do pensamento linguístico de João de Barros, comparado ao de Fernão de

Oliveira, talvez não nos permita considerar a superioridade de um sobre o outro”. O autor segue defendendo que

O fato é que, a nosso ver, ambos os pioneiros de nossa descrição gramatical são grandes em aspectos distintos. Na parte relativa à segunda articulação da linguagem, a agudeza de percepção e a minuciosidade de Fernão de Oliveira o tornam insuperável em sua época. Mas sua obra infelizmente ficou inacabada. Se o nível da primeira articulação tivesse sido explorado de forma exaustiva, com certeza jamais seus sucessores dele se aproximariam. Felizmente, com uma segurança doutrinária que ainda hoje surpreende, João de Barros desenvolveu a parte que faltava. Por isso, seria talvez bem mais justo atribuir a ambos, como se tivessem feito uma obra de co-autoria, o feito histórico de escrever a primeira gramática da língua portuguesa (p. 30).

É certo que há diferenças a serem pontuadas entre as duas gramáticas (a este respeito, cf. BARROS (2001), p.e.), no entanto, ainda que apresentem objetivos e propostas bem definidas, os dois autores puderam, como ressalta Monteiro (1997, p. 30), “traçar o percurso por onde se desenvolveu a história de nossas ideias gramaticais”, o que por si só justificam que figurem em posição de grande prestígio a quem pretenda investigar a história da língua portuguesa.

Não custa dizer que a composição dos *corpora* foram possíveis graças à Base Informatizada de Dados do Nêmesis, grupo de pesquisa a que se filia este projeto, ao Corpus Informatizado do Português Medieval, disponível através da página <https://cipm.fcsh.unl.pt>, além de documentos acessíveis graças às pesquisas realizadas por Américo Venâncio Machado Filho, Ana Maria Martins e Ana María García Martín.

3.4 METODOLOGIA EMPREGADA

Esta pesquisa se concentra nas teorias e métodos da Linguística Histórica e tem por objeto teórico a mudança linguística no esteio histórico da língua portuguesa. Em reflexão sobre a mudança linguística, Brigitte Schlieben-Lange (1994), na introdução de seu texto “Reflexões sobre a pesquisa em mudança linguística”, cita Dante na *Divina Comédia* para afirmar que “uma

língua não pode ser *durabilis*, porque os seres humanos também não o são”, sendo assim, a mudança se torna necessária ao cumprimento das funções da língua; “também não são *continuae*”, admitindo a ideia de que as línguas não variam continuamente, mas em “saltos”; “elas o fazem como *mores et habitus*”, agem como outros objetos culturais, socialmente constituídos; “não podem ser fixadas,..., nem pela natureza, nem por veredicto jurídico”, e; “ganham estabilidade pelo *beneplacitum*, tradição e *locali congruitate* (proximidade local)”.

Tanto ou mais significativa é a referência feita pela autora (1994, p.225) aos três problemas da mudança linguística levantados por Coseriu: a) o problema universal: Por que – ou melhor, para que – as línguas mudam? b) o problema geral: Como as línguas mudam?; c) o problema histórico: Sob que condições as línguas mudam? Sintetiza-se a resposta à primeira pergunta com uma citação da própria Schlieben-Lange (1994, p. 227): “A historicidade das línguas resulta necessariamente dos dois universais da criatividade e da alteridade”. Assim, as línguas mudam porque os falantes precisam verbalizar suas intenções da melhor maneira possível, e essa mudança se orienta pelo modo como os outros estão falando.

O aporte teórico-metodológico norteador balizador deste projeto é do Lexicografia Histórica, já que:

Observar, portanto, o léxico de um dado período da língua é possibilitar a apreensão de sua história modelada pela dinâmica das comunidades linguísticas em seus processos de socialização, visto ser a história do léxico, como acredita Lüdtkke (1974: 31), “uma parte da própria história”. (MACHADO FILHO, 2003, p. 16)

Em linhas gerais, inicialmente, buscou-se compor os corpora com textos de diferentes gêneros, literários e não-literários, datados entre os séculos XIII e século XVI. Realizada a seleção, procedeu-se à fragmentação dos mesmos, no intuito de identificação dos signos lexicais, das colocações e concordâncias, com o uso do WORDSMITH 4.0, ferramenta bastante empregada em trabalhos lexicográficos contemporâneos, com adaptação de método com base no que propugna a metodologia da lexicografia histórica e variacional do referido Grupo Nêmesis, da UFBA.

Com a fragmentação, *wordlists* foram geradas e através delas foi possível quantificar os dados e organizá-los em tabelas. Em seguida, procurou-se identificar os ambientes morfossintáticos plausíveis de ocorrências de unidades adverbiais, com atualização concomitante dos números relativos aos dados na tabela de ocorrência criada para organizar os elementos achados.

Uma das etapas importantes para o levantamento e análise de dados foi a pesquisa de suas etimologias, que permitiu proceder à separação dos itens que funcionavam como adverbiais ou como quaisquer das funções fronteiriças com os adverbiais. Com isso, foi praticável destacar abonações de cada uma das variedades de adverbiais destacados dos textos, num processo de confirmação das funções exercidas pelos itens, com posterior elaboração dos verbetes que integraram a nomenclatura do vocabulário de adverbiais almejado,

no formato que convém a trabalhos de natureza lexicográfica, isto é, na forma de verbetes, em ordem alfabética, em que se identificam, para além do lema, em negrito, a classificação em português, o étimo, o significado ou significados, a abonação ou abonações correspondentes, com o número do fôlio e da coluna original no manuscrito. (MACHADO FILHO, 2013, p. 66)

Isto é, de posse dos itens resultantes da fragmentação, os mesmos foram inventariados organizadamente a fim de oferecer uma versão dicionarística capaz de permitir variadas análises didáticas que resultem numa descrição a mais detalhada possível a respeito dos aspectos linguísticos indutores das muitas mudanças possivelmente verificáveis. Desse modo, a organização dos verbetes, deu-se, a exemplo do *Dicionário do Português Arcaico*, conforme a figura seguinte:

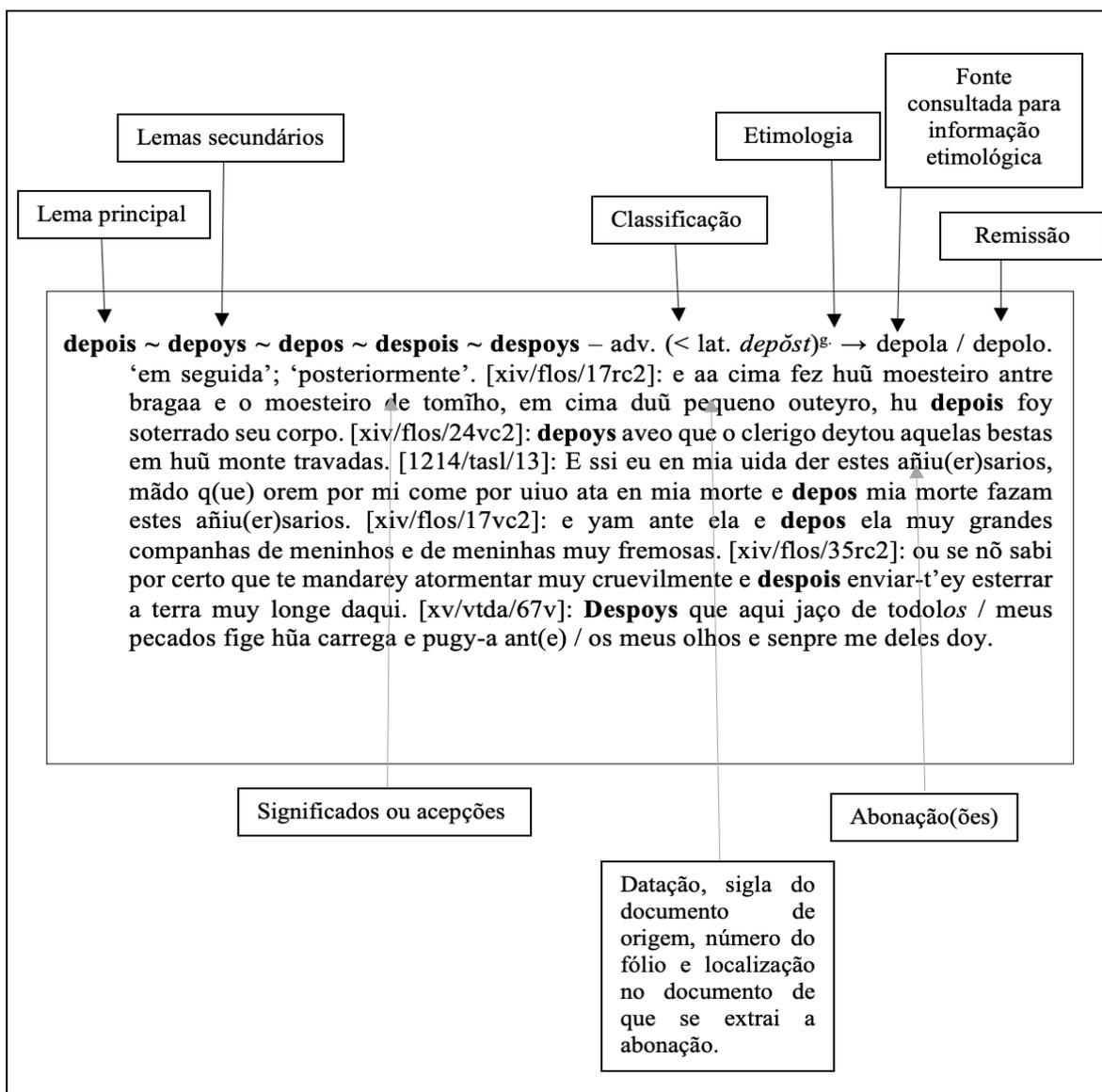


Figura 6. Chaves para consulta dicionarística (adaptado).

Fonte: Machado Filho (2013, p. 17; 154).

Vale ressaltar que o traço diferenciador do trabalho lexicográfico de cunho histórico é a subversão ao modelo de lematização de caráter canônico, uma vez que busca relativizar a canonização para assegurar a variedade das formas de um item lexical e garantir ao consulente de um dicionário histórico, sobretudo do período arcaico da língua portuguesa, consultas a contento de seu interesse e curiosidade. Por isso mesmo:

Em detrimento ao difundido princípio linguístico hodierno de seleção baseado em frequências de uso, o processo de lematização de unidades lexicais deve, no trabalho de viés histórico, desviar-se dos preceitos de canonização dos signos lemáticos, com que lidam os lexicógrafos contemporâneos. Na lexicografia histórica a conformação dicionarística dos lemas deve ganhar contornos, não exclusivamente pela sua “face neutra”, isto é, não apenas pela forma flexionalmente vazia do lexema, como é hoje feito, mas pela variedade das formas gráficas, quer simples, quer compostas ou complexas, ainda textuais, que possam ocorrer nos corpora, mesmo se não lhe for atestado um correspondente morfológico canônico. (MACHADO FILHO, 2012, p. 2)

Para a organização do vocabulário, os elementos foram organizados em diferentes listas – uma com o levantamento geral dos dados (que se apresenta no capítulo 5 (cinco) deste trabalho), uma com as anotações referentes à etimologias indicadas por vários autores para cada um dos elementos e, ainda, uma com coleta de abonações para cada um dos séculos do português arcaico. Essas listas foram muito importantes na condução da metodologia de organização dos dados, principalmente por contribuir para uma visão dos contextos de uso dos dados, determinar as acepções, selecionar as abonações considerando a variedade de formas dos itens e confrontar os usos dos elementos fronteiriços. O comportamento morfossintático das unidades adverbiais identificadas mereceu tratamento teórico adequado e será oferecido no capítulo 5 (cinco) desta tese e foi possível depois do isolamento dos usos adverbiais e separação dos elementos fronteiriços, dos itens oriundos da fronteira e dos prototípicos adverbiais nos dados.

4 DICIONÁRIO DE ADVERBIAIS DO PORTUGUÊS ARCAICO

Um dos objetivos específicos deste trabalho é apresentar um produto lexicográfico, mais precisamente um dicionário de adverbiais, que possa contribuir, em alguma medida, para o Projeto Dicionário Etimológico do Português Arcaico (Grupo Nêmesis/UFBA) e preencher a lacuna ainda existente de um produto lexicográfico que tenha esse grupo de elementos como foco. Outra característica determinante do dicionário que ora se apresenta é o fato de os *corpora* que o compõe terem vez em fase arcaica da língua portuguesa, considerando, de maneira especial, a tradição dos profícuos estudos em Português Arcaico realizados na Universidade Federal da Bahia sob orientação da Professora Doutora Rosa Virgínia Mattos e Silva e, também em outra geração, das pesquisas impulsionadas por alguns de seus orientados.

Sendo assim, seguem os dados que se convém oferecer em dicionários desta natureza, espelhados nos dados de Machado Filho (2013), resguardando as devidas especificidades da presente pesquisa.

LISTA DE ABREVIATURAS

adv.	adverbial	part.	particípio
ant.	antigo	pass.	passado
ár.	árabe	prep.	preposição
arc.	arcaico	prov.	provençal
comp.	composto	provav.	provavelmente
der.	deriva(do/ção)	regr.	regressivo
el.	elemento	sing.	singular
fr.	francês	tard.	tardio
germ.	germânico	v.	verbo
lat.	latim	var.	variante
med.	medieval	vulg.	vulgar

SINAIS CONVENCIONADOS

- negrito** Utilizado para apresentar a cabeça do verbete, suas variantes e abonações.
- ~ Introduce cada uma das variantes correspondentes, que se apresentam em minúsculas e negrito.
- Indica, na sequência, a classificação do verbete.
- itálico* Utilizado para apresentar o étimo.
- (< [])^x Os parênteses e o sinal < introduzem o étimo correspondente; os colchetes servem opcionalmente para maiores esclarecimentos sobre a etimologia proposta; a letra sobrescrita seguida de ponto corresponde à fonte consultada, consoante às abreviaturas adotadas.
- Indica as remissões sugeridas.
- ‘xx’; ‘xx’. As expressões entre as aspas simples apresentam os significados contextuais de cada um dos verbetes.
- [dt/doc/loc] Apresenta a datação, o documento de origem e a localização no documento de que se extrai a abonação. A datação é indicada pelo século em algarismos romanos. O documento de origem é citado através da abreviatura correspondente. A localização pode ser: (1) o número da linha; (2) o número do fólio seguido da indicação de reto (r) ou (v) verso, em caso de documentos de múltiplos fólios em colunas simples; ou (3), se o documento tem múltiplos fólios e colunas duplas, o número do fólio seguido da indicação de reto (r) ou verso (v) e o número da coluna (c1 ou c2); (4) número do capítulo (cap.X); (5) número da página (pX). A abonação é introduzida após o sinal (:) e seu final sempre é delimitado por um ponto (.).

OBRAS QUE COMPÕEM OS *CORPORA*

Século XIII	cdsm	Cantigas de Santa Maria
	frax	Foro Real de Afonso X
	nttt	Notícia de Torto
	tals	Testamento de Afonso II

Século XIV	dsgd	Dialógos de São Gregório
	flos	Flos Sanctorum
	frgv	Foros de Garvão
	dnmv	Documentos Notorias do Mosteiro de Vilarinho
	dnmc	Documentos Notorias do Mosteiro de Chelas

Século XV	cdpi	Crônica de Dom Pedro I
	orte	Orto do Esposo
	cpvc	Carta de Pero Vaz de Caminha
	dnmv	Documentos Notorias do Mosteiro de Vilarinho
	dnmc	Documentos Notorias do Mosteiro de Chelas

Século XVI	ctlp	Crônica Troiana em Linguagem Portuguesa
	adid	Auto da Índia
	adbi	Auto da Barca do Inferno
	adip	Auto de Inês Pereira
	gdlp	Gramática da Linguagem Portuguesa de Fernão de Oliveira
	gpjb	Gramática da Língua Portuguesa de João de Barros

CHAVES PARA CONSULTA

Conforme informado anteriormente, a organização dos verbetes, deu-se, a exemplo do *Dicionário do Português Arcaico* (MACHADO FILHO, 2013), de acordo a figura 6:

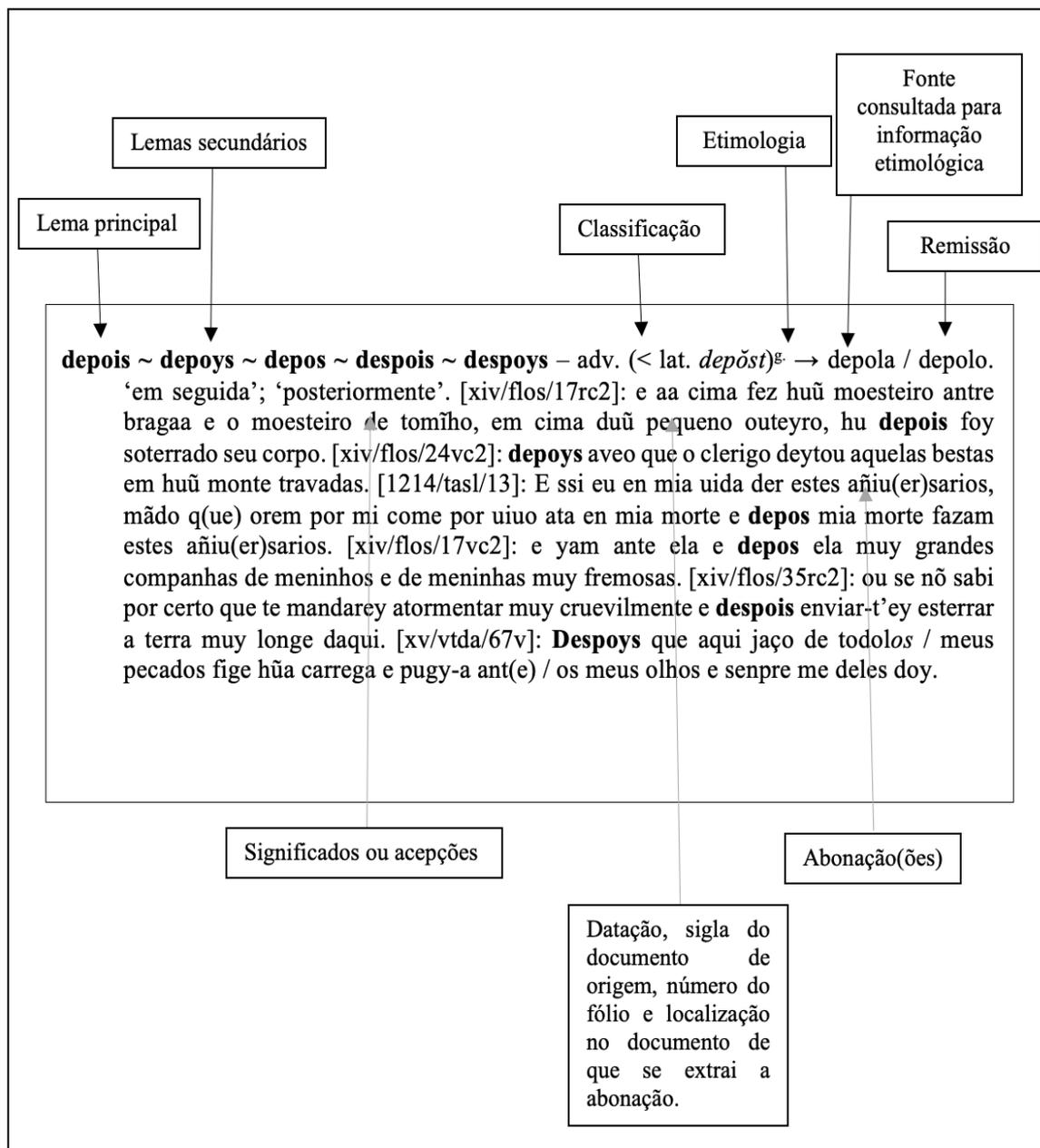


Figura 6. Chaves para consulta dicionarística (adaptado).

Fonte: Machado Filho (2013, p. 17; 154).

Sobre a organização da microestrutura, é mister ressaltar que:

- i. para cada verbete, buscou-se apresentar uma abonação representativa de cada século (quando houve) buscando apresentar abonações para cada uma das variantes encontradas;
- ii. as remissões correspondem às formas encontradas nos *corpora* e são de cariz sinonímica, antonímica, homonímica e/ou paronímica;
- iii. a escolha das entradas correspondem às formas mais antigas encontradas nos *corpora* e com maior número de ocorrências no período, com exceção dos casos em que há elisão marcada por apóstrofo. Nos casos em que todas as ocorrências resumem-se a um elemento em que há elisão marcada por apóstrofo, a entrada apresenta a forma com apóstrofo conforme aparece nos dados.
- iv. as variações apresentadas juntamente com as entradas, seguem a ordem alfabética e não a ordem de ocorrência nos *corpora*.
- v. As abonações não seguem a ordem alfabética e sim a ordem cronológica dos *corpora*.



A

aacima ~ aaçima ~ acima ~ açima ~ acjma

– adv. (< *a-* + *cima* [este do lat. *cyma*])^c. ‘Na parte mais alta’; ‘por fim’; ‘finalmente’. [xiv/dsgd/23vc2]: Eporque aas uezes | oachauam iazer antre as mou | teiras . vestido de pelles d’anj | malias / *que* em esse monte an | dauam . Cujdarom mujtas | uezes *que* era algũa besta . ma | is porqueo conhociam **aacima** | *que* era oseruo de *deus* . pella *graça* | de *deus que* em elle era . mudarõ | oestado maa em *que* uiuiam em melhor. [xv/cdpi/cp17]: **Aaçima** veemdo elRei como perdia as gentes per esta guisa, ouve comselho de se poer em poder delles, na villa de Touro, e alli partirom elles logo os offiçios do Reino e da casa delRei amtre si, de guisa que a elRei nom prougue, e emtom forom emterrar o corpo de Dom Joham Affonso teemdo que sua demanda era ja acabada. [xv/orte/71v]: As sereas sã animalias[s] do mar e des o enbiigo **acima** ham figuras uirgês e des o enbiigo ajuso hã figira de pexes e tõe aas e hunhas. [xv/cpvc/12]: E oJe que he sesta feira primeiro dia de mayo pola manhaam saymos em terra com nossa bandeira E fomos desenbarcar **acjma** do Rio contra o sul onde nos pareço que serja mjlor cantar a cruz pera seer melhor vista. [xvi/ctlp/p208]: Mas nhua nam era tam bem asem-/ tada nem tam forte, porque avia nos seus / muros em allto cimcoemta estados e eram / todos de hua pedra mui dura, e as a-/ meas de alltura de hua lamça **açima** / do muro,

e eram de hua pedra bran-/ ca como cristall e asy dura como marmo-/ re que pareçia de lomje que tinha hua / mui fremosa coroa.

aalem → alen.

aamanhaa → amanhaa.

aaquem → aquem.

abaixo ~ abáixo – adv. (< *a-* + *baixo* [este do lat. *bassus*])^{cp}. ‘Localizado na parte inferior’. [xv/cpvc/f12r]: E emquanto a ficaram fazendo./ ele com todos nos outros fomos pola cruz **abaixo** do Rio onde ela estaua ./ trouemo la daly com eses Relegiosos E sacardotes diante cantando maneira de preçisam ./ heram Ja hy alguũs deles obra de #lxx ou #lxx. [xvi/gpjb/p36]: DA primeira declinacãm dos pronomes se deriva esta **abáixo**, a que os Latinos chamam possessiva, ca per éla se declinam os pronomes possessivos, os quães sam ajetivos e fórmam-se dos seus genitivos, como vimos atrás.

abastante – adv. (< *a-* + *bast* [este el. comp. do lat. vulg. **bastare*]^{mf}. + *-nte*). ‘bastante’; ‘em quantidade, grau ou intensidade elevada’; ‘muito’. [xv/cdpi/c24]: leixando todo esto, soomente por seer feito em dia de Janeiro, que he primeiro dia do anno, segundo disse Estevam Lobato, de mais festa tam asiinada, no paaço do Iffamte e per todo o reino, isto soo era **abastante** asaz pera seer nembrado o dia em que a reçebera, posto que longo proçesso danos ouvesse.

abastossamente – adv. (< *a-* + *bast* [el. comp. do lat. vulg. **bastare*]^{mf}. + *-ossa* + *-mente*). ‘de modo abastado’; ‘de maneira abundante’. [xv/orte/l2cf6r]: (...) e con muy linpos ryos he muy **abastossamente** circũdada (...).

abertamente ~ abertamête – adv. (< *aberta* [do lat. *apertus*, *-a*, *-um*])^c. + -



mente ~ mēte) ‘de modo aberto’; ‘de maneira clara’. [xiii/cdsm/c205]: Ca aquestas duas cousas fazem mui conpridamente gaannar amor e graça dela, se devotamente se fazem e como deven; e assi **abertamente** parece a ssa vertude sobre tod’ ome coitado. [xiv/dsg]: Estes | deque ora fallamos que som sem termo . | alongados denos . pellos doões | do *spiritu santo* . que em elles aparecem | **abertamēte**. [xvi/ctlp/p189]: E foy a Traçia e ally obrou de / seus emcantamentos da maneira que / se diz em sua estoria, que aqui nam diz / esta estoria mais della nem de Jasom, /que isto que delles he dito se dixे por / comtar mais **abertamente** o rrezão da / triçeyra destroyção de Troya que fez / Ercolles e foy o acheque este caminho / de Jasom.

abertamēte → abertamente.

acá ~ aca ~ cá – adv. (< lat. *eccu hac*)^{mf}. ‘neste lugar’; ‘aqui’. [xiii/cdsm/092]: E esta Virgen Santa deu | pois lum’ a un crerigo seu | que perdera, com’ aprix eu | que non vii’ **acá** nen alá. [xiv/dsgd/87rc2]: Aconteçeo hũa noite que aquesta rro | mulla *serua* de deus chamou aquella | molher antiga e sancta dona rredemta | que criava ella e outra sua companheira | e diselhe uem **aca** madre uem **aca** | madre ue **aca** E ella leuantouse | logo cõ outra sua diçipulla e forõ ao lei | to daquella que jazia parlitica e esteuerõ | demea noite ante oseu leito. [xvi/adip/l490]: Fomos a Vilhacastim | e falou-nos em latim: | – “Vinde **cá** daqui a ãa hora | e trouxe-me essa senhora”.

acerca ~ açerca ~ ácerca ~ áçerca ~ àcerca ~ acerqua ~ açerqua – adv. (< lat. *ad circa*)^{mf}. ‘perto’; ‘próximo’; ‘à volta’. [xiii/frax/13c4f107v]: E se o ryo leyxar a madre p(er) u soy correr,

aiana os h(er)deyros q(ue) morã may **acerca**. [xiv/dsg/f67vc1]: Eporemde te quero comtar hũu | millagre que aprendi nõ ha tres a | nnos do bonifaçio monje domoes | teiro que ujueo com esses lombardos | **açerca** dequorenta años. [xv/cdpi/cp16]: (...) e ella quamdo os vio matar tam **açerqua** dessi, caio em terra come morta (...). [xvi/ctlp/p145]: Sem ha / Asia, **açerca** do mar Mediteraneo, e dally / comesou e foi espalhando por hũa parte /e por outra ate que foi chea sua partida.

acerqua → acerca.

achegadamēte – adv. (< *achegada* [part. do v. *chegar*, do lat. *applicare*]^{mf}. + *-mēte*). ‘de modo achegado’; ‘com aproximação’. [xv/orte/f150v]: E aquelle que se aprende **achegadamēte** a Deus, nõ ha de ueer con a deleitaçom nehũa cousa.

acima → aacima.

acjma → aacima.

acolá – adv. (< lat. *eccum illāc*)^c. ‘lá’; ‘mais além’. [xiii/cdsm/135]: Poren nunca mi averá | erg’ a quen m’ ela dará; | e vos, quitade-vos ja | d’ irdes contra seu mandado, | mais levade-m’ **acolá** | u ést’ o que seerá | meu marid’ e meu amado. [xvi/gpjb/p61]: De lugar: aqui, aí, ali, cá, lá, **acolá**, algures.

adeamte → adeãte.

adeant’ → adeãte.

adeante → adeãte.

adeãte ~ adeant’ ~ adeamte ~ adeante ~

adiamte ~ adiante – adv. (< *a-* + *diante* [este do lat. *de + inante*])^{mf}. ‘(à) ~ (em) ~ (para) frente (a) ~ (de) algo ou alguém’; ‘em seguida’. [xiii/cdsm/109]: Pera Salas en camỹ’ entrou; / quand’ a vista do logar chegou, / essa companna assi s’ espantou / que o non leixaron **adeant’** ir / Razon an os diabos de fogir ... [xiii/frax/90v]: E outrosy |se| se tempo



for que as uinhas nõ madurescã ou o pan tan aginha, os alcaides mudem estas feryas **adeante** ou como uirẽ por ben segundo o tempo. [xiv/dnmv/43]: Auede uos daquj **adeãte** o dito quarto de dita Leyra firmemẽte por senpre e quantos depus uos ueerẽ. [xv/cdpi/c32]: ElRei ouve disto reço, e veemdo que nom podia levar **adeante** aquello que começara, ouve conselho de se viir poer em poder e merçee delRei de Castella, e que elRei desque o visse averia piedade delle, e teeria com elle alguma boa maneira: e partio logo de Graada com quatro çemtos de cavallo e duzemos de pee, e chegarom ao alcaçar de Sevilha, omde elRei estava, e fezeromlhe grandes reveremças, e elRei os reço mui bem. [xv/dnmc/190]: (...) ã presença de mj Joham gonçallvez tabeliam per auctoridade Real em a dita çidade e das testemunhas que **adiante** som scriptas paresço Afomso Stevez procurador do mosteiro e cõuento dachellasdapres da dita cidade (...) [xvi/ctlp/c2]: E chamaram dali **adiantte** aquela mora-/ da Ylio e nela morou el rrei e ali morreo.

ademais – adv. (< a- + *demais* [este do lat. *demagis*])^{mf.} ‘além disso’; ‘além do mais’. [xiii/cdsm/274]: Que **ademais** era bela e de mui rico lavor, | senon que era mui curta come d’ algũa pastor. [xiv/flos/37rc2]: (...) outra vez o enmiigo antigo do liagem d’ Adã, nõ podendo sofrer o bem que Deus aos cristaos fazia, meteu em coraçõ ao falso bispo que de suso falamos que deziam Sunna que torvasse huus homens de gram sangui que eram do liagem dos godos e muy ricos **ademais** antre que muytos eram condes.

adiantte → adeãte.

adiante → adeãte.

adur – adv. (< lat. *ad* + *dure*)^{mf.} ‘dificilmente’; ‘apenas’. [xiii/frax/116v]: Os cambhyos tão son achegados aas uendas que **adur** se entendẽ en cousas muytas e en muytos d(e) logares se é a uẽda u se é o cambho. [xiv/flos/45rc1]: O abade Macario morando soo em hũa gram parte do deserto peru nunca homem **adur** andava ca na outra parte do deserto que estava so ele moravam muytos frades. [xv/orte/74r]: E tam grande era a blandeza do odor ã aquella cela hu elle jazia, que **aadur** o podia elle soffrer.

afeytadamente – adv. (< *afeytada* [part. do v. *afeytar*, do lat. *affectare*]^{mf.} + *-mente*) ‘de modo cuidadoso’; ‘com preocupação excessiva com o emprego das palavras’. [xiv/flos/44vc1]: E todo o firme propoymento, que tiinha pera servir a Deus, perdeo e começou a falar com ela muyto **afeytadamente** e nõ ja come monge.

afficadamente ~ **aficadamente** ~ **aficadamẽte** ~

afincadamente – adv. (< *afficada* ~ *aficada* ~ *afincada* [part. do v. *aficar*, do lat. vulg. **figicare*, de *figere*]^{mf.} + *-mente* ~ *-mẽte*) ‘de modo fervoroso’; ‘de maneira insistente’; ‘afincadamente’. [xiii/cdsm/401]: E tu, mia Sennor, roga- Il’ agora e enton | muit’ **afficadamente** por mi de coraçõ, | e por este serviço dá-m’ este galardõ. [xiv/dsgd/75vc1]: E diserõ emtõ | ao sancto homẽ que se leuantesse e elle | leuantesse emtõ e rrogarõno muy | **aficadamente** aynda que desse saao | obraço deseu escabeçador e nõ no quis | outorgar. [xv/orte/2v]: Ihesu Christo he uirtude e sabedorya de Deus Padre, e elle som guardados e escondidos todollos thesouros da sciencia e sabedoria, e porẽm elle he guiador dos olhos do coraçõ de qualquer que con temor e amor do Senhor



Deus husa **aficadamēte** ênas Sanctas Escripturas. [xvi/gdlp/p30]: (...) portanto deyxemosos ficar com sua magoa acusandoos porê muy **afincadamente**: porque desfazem muito na gloria do çepetro e coroa do nosso reyno.

aficadamente → afficadamente.

aficadamēte → afficadamente.

afincadamente → afficadamente.

afirmadamēte – adv. (< *afirmada* [este do lat. *affirmatus, -a, -um*]^m. + *-mēte*). ‘de modo firme’; ‘de maneira consolidada’. [xiii/frax/113r]: Qvando o padre ou a madre quis(er) deserdar seu filho ou seu neto ou dende a iuso, diga **afirmadamēte** a razão porque o desh(er)da, ou en sa manda ou dante as testemunhas, e proueo p(or)u(er)dade ou el ou seu erdeyro, se o filho o quis(er) negar.

afora – adv. (< *a-* + *fora* [este do lat. *afforas*]^c). ‘para lado de fora’; ‘adiante’; ‘continuadamente’; ‘em frente’ (no tempo ou no espaço). [xiii/cdsm/194]: Eles, quand’ aquest’ oyron, tiraron-sse log’ **afora** | e os sentidos perderon dos corpos en essa ora, | que sol falar non poderon. [xiv/dsgd/67rc2]: quando ueo tēpo derreçeber marteiro por | amor doseu saluador tamto ffoy omedo e | otemor damorte que em elles cayo que se tirarõ **afora** e nõ quiserõ morrer.

agalegadamente – adv. (< *a-* + *galega* [este do lat. *gallaecus, -a, -um* ‘da Galécia’]^m. + *-mente*). ‘de modo agalegado’; ‘à maneira galega’. [xvi/gpjb/p31]: E entám de que pouco sentem quērem remediár o seu desfaleçimento escrevendo **agalegadamente**, poendo sempre o final em totalas diçoes que acábam am.

aginha → agynna.

aginna → agynna.

agora ~ **agor**’ – adv. (< lat. *hac* + *hora*)^{mf}. ‘no exato momento’; ‘na mesma hora’; ‘de imediato’. [xiii/cdsm/103]: Diss’ el: “Busco meu abade, que **agor**’ aqui

leixey, | e o prior e os frades, de que mi **agora** quitey | quando fui a aquela orta; u seen quen mio dirá?”. [xiv/flos/17vc1]: Pois ouvyde-me **agora** com todo amor e com toda entença de vosso coraçõ. [xv/cpvc/6r]: E preguntou asy a todos se nos parecia seer bem mandar a noua do achamento desta terra a vosa alteza pelo naujo dos mantijmentos pera a mjlor mandar descobrir E saber dela mais do que **agora** nos podiamos saber por hirmos de nosa viagem E antre mujtas falas que no caso se fizeram foy per todos ou a mayor parte dito que seria mujto bem. [xvi/adid/1180]: Vós querieis ficar cá? | **Agora** é cedo ainda; | tornareis vós outra vinda | e tudo se bem fará.

agor’ → agora.

agudamēte – adv. (< *aguda* [este do lat. *acutus, -a, -um*]^m. + *-mēte*). ‘de modo agudo’; ‘de maneira penetrante’. [xv/orte/66r]: Esta animalia vee mais **agudamēte** que totalas outras, ca uee dentro as cousas que som ão corpo do homẽ.

aguisadamente → guysadamēte.

agynna ~ **aginha** ~ **aginna** ~ **asinha** ~ **assynha** ~ **asynha** ~ **azinha** – adv. (< lat. *agina*)^{mf}. ‘rapidamente’; ‘depressa’; ‘sem demora’. [xiii/cdsm/355]: Pois que a oraçon feita ouve, tan toste ll’ ataron | as mãos atras e logo **agynna** o enforçaron; e seus parentes por ele muy feramente choraron. [xiii/cdsm/357]: Mais pois entrou na ygreja daquesta Santa Reynna, | chorando muit’ e dizendo: “Sen[n]or, acorre-m’ **aginna**, | ca en tal coita com’ esta tu soa es meezin[n]a; | se non, conta que agora meus dias son acabados. [xiii/frax/90v]: E outrosy | se| se tempo for que as uinhas nõ madurescã ou o pan tan **aginha**, os alçaydes mudem



estas feryas adeante ou como uirẽ por ben segundo o tempo. [xiv/dsgd/41vc1]: Esam beento a | asua uoz aleuãtou os olhos do | liuro e ueo mentes ã aquelle | emijgo dafẽ que braadaua e o | lhou depois aquel *christãao* que | tragia depos sy preso . e quamdo | pos os olhos nas mãos *que* anda | uam atodas . tam **asynha** se | dessatarõ ellas *persy* que *per* ajuda | denẽ hũũ homem nõse poderiã | atã toste desatar. [xiv/dsgd/41vc2]: Parece aberta | mente que por que estes mjllag | res foram fectos **assynha** sem ou | tra demoraça foram mjllagres | feitos per poderio que de deus rreçebe | rom. [xv/cdpi/p53]: ElRei quamdo esto ouvio, pesoulhe muito, ca no quisera que tam **asinha** partira, e, nom podendo fazer que se tevesse ali mais, deulhe liçemça que se fosse. [xvi/ctlp/c11]: E a jfante teue disto mui gram pesar por-/ que tam **azinha** se punha a tam gram pe-/ rigo.

ai – adv. (< lat. *ibi*)^{mf.} ‘ai’. [xiii/tals/1005]: E mãdo da dezima dos [xvi/adid/1283]: Toma **ai** mais dous reais. [xvi/adid/1077]: **I** se vai ele a pescar mea légua polo mar, isto bem o sabes tu, quanto mais a Calecu!

ahynda → ainda.

aida → ainda.

aimda → ainda.

ainda ~ **ahynda** ~ **aida** ~ **aïda** ~ **aimda** ~ **ajmda** ~ **ajnda** ~ **aynda** ~ **inda** ~ **jmda** ~ **ynda** – adv. (provavelmente da combinação do lat. *ad* + *inde* + *ad*, ou da var. ant. *inda* com o pref. *a-*)^{mf.} ‘além disso’; ‘até o momento em questão’; ‘também agora’. [xiii/tals/120]: Mando **ainda** q(ue) a raina e meu filio ou mia filia q(ue) no meu logar ouuver a reinar se a mia morte ouuver reuora e meus uassalos e o abade d’Alcobaza sen demorancia e sen (con)t(ra)dita lis den toda mia

meiadade e todas as dezimas e as out(ra)s cousas suso nomeadas e eles as departiã assi como suso e nomeado. [xiii/cdsm/272]: E diss-ll’: “Ai, sennor preste, se pode **ynda** ser / que daquestes meus pecados podess’ eu perdon aver?” [xiv/dsgd/15rc2]: Eeu uy) | aquy *pera* comer. e **ahynda** non | abri minha boca *pera* louuar deus. [xiv/fg/115]: Sabede q(ue) nẽuũs moços orffaos **aynda** q(ue) aihã p(er) q(ue) nõ deuẽ a téer caualo nẽ armas nẽ façer. [xv/cdpi/c25]: e elRei disse estomçe ao Iffamte, que bem viia as voomtades daqueles homeens que o nom quiriam aver por senhor, porem que el hiria a Bilbao, e que **aimda** tornaria outra vez a fallar com elles que o tomassem por senhor. [xv/cpvc/8r]: E naquilo me parece **ajmda** mais que sam coma aues ou alimareas monteses que lhes faz ho aar mjllhor pena E mjllhor cabelo que aas mansas. [xv/cpvc/9v]: E que em toda maneira nom se viesem a dormjr aas naos. **ajnda** que os eles mandassem. [xvi/adip/1186]: Porém, não hei-de casar | senão com homem avisado; | **inda** que pobre pelado, | seja discreto em falar. [xvi/ctlp/c4]: Dizem os autores *que* ficou a vir-/ tude em a fomte e que ali acham **jmda** / oje ouro. [xvi/gdlp/p12]: e me parece que se não faz mais que so pa mais certo conhecimẽto de quẽ são como homẽ o qual segue **aida** a escritura latina: hauer outro tãto: mas hũ e alghũ hi e ahi averbios de lugar: honrra. hõrrado so de nosso costume os escreuemos sê mais outra neçessidad’. [xvi/gdlp/p44]: **Ainda** porem que nesta çidade ouue ou cuido que **aïda** e viva hũa molher que se chamava cataroz.

ajmda → ainda.

ajnda → ainda.



alá ~ **ala** ~ **alla** ~ **la** ~ **lá** – adv. (< lat. *illac*)^m.
'lá'; 'para lá'; 'naquele ou para aquele lugar'. [xiii/cdsm/006]: As gentes, quand' est' oiron, foron **alá** correndo, | e a madre do menço braadand' e dizendo: | "Di-me que fazes, meu fillo, ou que estás atendendo, | que non vées a ta madre, que ja sa mort' entende." [xiii/frax/72v]: Nostro Senhor Ihesu Cr(is)to ordiou primeiramente **ala** en sa corte enos ce(os) e posse sy cabeça e começamêto dos angios e dos archangos e quis e mandou que o amassem e guardassê come começamento e guarda d(e) todo e depouys esto fez ome a maneyra de sa corte e|n| como [a si] auya posto cabeça e começo, pose ao home a cabeça encima do corpo e neella posse razão [e] entendimento d(e) como se deuê a guiar os outros nembros e como an de seruir e d'aguardar todos a cabeça mays qua a ssy meesmos. [xiv/dsgd/97rc2]: E porende foy | **alla** e lauouse e temia d'entrar na egreja mais auja uergonha dos | homêes se entã gram festa nõ en | trase na egreja e se **alla** emt[r]ase te | mia o juizo de deus. [xv/cpvc/3v]: E mandou com eles pera ficar **la** huum mançobo degradado criado de dom Joham teelo a que chamam afomssso Ribeiro pera amdar **la** com eles. [xvi/adbi/149]: E tu viveste a teu prazer, | cuidando cá guarecer | porque rezem **lá** por ti?!

além → alen.

alen ~ **aalem** ~ **além** – adv. (< lat. (*ad illinc*)^{mf}. 'mais adiante'. [xiii/cdsm/06]: O menço a maravilla er' apost' e fremoso, | e d' aprender quant' oya era muit' engçoso; | e demais tan ben cantava, tan manss' e tan saboroso, | que vencia quantos eran en ssa terr' e **alende** | A que do bon rei Davi [xiv/flos/28vc2]: Em huñ moesteiro que houve nome Caulimana

e estava **aalem** Merida per oyto milhas, que podem seer quatro leguas, houve huñ abade que havia nome Renouado, homem muyto honrado e de sancta vida e muyto letrado em totalas sabenças e de boo siso natural e temedor de Deus e honrador de seus amigos e que dava de si muy boo eyxemplo, per paravoa e per obra, a todos monges que com el viviam. [xv/orte/53r]: E outros nõ comê outra cousa sênã gafanhotas secas, e estes nõ viuê **aalem** de quorêeta ãnos. [xvi/adbi/1298]: Querês-me passar **além**?

algur – adv. (talvez, do lat. *aliquorsus*)^{mf}. 'em qualquer parte'. [xiii/frax/147v]: E out(ro)sy mãdamos q(ue) se o mays p(ro)uinco nõ for ena t(er)ra e for [en] oste ou en romaria ou algur |ou **algur** e nõ ueer ata #lano, outro q(ue) for mays prouico for daq(ue)lles q(ue) diz a ley q(ue) nõ possã acusar p(er) q(ue) stan. [xiv/flos/22r]: Er colheu-se deante assi que rafece cousa seeria d'entender que os queria levar **algur**.

alhur → allur.

ali ~ **alii** ~ **alli** ~ **ally** ~ **aly** – adv. (< lat. *ad illic*)^{mf}. 'naquele lugar'. [xiii/cdsm/009]: E **ali** morand' e muito ben fazendo | a toda-las gentes que per y passavan, | vëo y un monge, segund' eu aprendo, | que pousou con ela, com' outros pousavan. [xiv/flos/18vc1]: **Aly** vivem e **alii** teem seu seenço aqueles frades, fora ao sabado ou a domingo que vaã aa eigreja desuñ. [xiv/dsgd/3vc1]: Ca huñ | dia caiu huñ gram penedo / de cy | ma d'huñ monte . So que estaua o | seu Moesteiro. E uyndo muy tesso pera | destruyr todo oMoesteiro . e pera matar quan | tos **ally** estauam. [xv/cdpi/c9]: E foi assi feito, e troveromlho a Avrantes e **alli** o mandou degollar, e disse: des que me este homem deu huuma punhada e me



depenou a barva, sempre me temi delle
que me desse huuma cuitellada, mas ja
agora som seguro que nunca ma dara.
[xv/cpvc/1]: E **aly** amdamos todo
aquele dia em calma a vista delas obra
de tres ou quatro legoas.
[xvi/adbi/1825]: Saí vós, frei Babriel! |
Ajudai **ali** a botar!

alii → ali.

alla → alá.

alli → ali.

allo → aló.

allur ~ **alhur** – adv. (Provavelmente, do
prov. *alioris*)^{mf.} ‘para outro lugar’.
[xiii/cdsm/239]: Gran torpidade |
fezestes sol desto cuidar, | e **allur** o
demandade. [xiv/flos/41vc2]: Se nõ
podermos aqui ficar yremos **alhur**.

ally → ali.

aló ~ **allo** – adv. (< lat. [*ad*] *illoc*)^{mf.} ‘naquele
lugar’; ‘ali’. [xiii/cdsm/259]: E deu-
lles log’ hũa candea tal | con que
ssãassen as gentes do mal | a que
chaman fogo de San Marçal, | e sãan
quantos **aló** queren yr.
[xiv/flos/43rc1]: E porque se deleyta
mais na sobervha que na justiça, por
esso estã fora do reyno de Deus e nõ
podem **aló** entrar. [xv/cdpi/c35]:
Como elRei Dom Pedro emtrou outra
vez em Aragom com sua frota de
naaos e galees, e das cousas que **allo**
fez.

altamente ~ **altamête** – adv. (< *alta* [este do
lat. *altus*, -a, -um]^{m.} + -*mente* ~ -
mête). ‘de modo elevado’; ‘de maneira
distante’. [xiv/dsgd/31rc1]: Nenbrou
entom ao santo . | home que mandase
cauar | naquel lugar . aterra que hi iaz |
ia . e depois que cauarõ muyto |
altamente . acharõ hi os frades | huu
ydollo d’arame e lançaron | no per
uentuyra na cozinha | que hi estaua
perto. [xv/orte/87v]: E começaram
ellas cantar **altamête** cõ uoz clara
todas, dizendo asy como disse David:

As jmagêes das gentes som ouro e
prata, obra das mãos dos homês.

altamête → altamente.

aly → ali.

amanhaa ~ **aamanhaa** ~ **amanhaã** ~
amenhã – adv. (< lat. *maneãñã*, abrev.
de *hōrã maneãñã*)^{cp.} ‘o dia seguinte ao
de hoje’. [xiv/dsgd/63vc1]: Eassy nom
| podemdo despegar as máaos docar |
neiro ne podemdo mouer os pees | do
lugar e que estaua . esteue ally | atees
amanhaa. [xiv/dsgd/75rc1]: E quando
| ueo **aamanhaa** ueerõ os lombardos |
e demandarõ ocreligo *que* derõ
aosanto | homẽ aguardar.
[xiv/dsgd/55rc1]: E depois *que* |
amanhaã ueo . fez leuar ocõduito *que*
| mandara guisar *perao* orto e tantos |
obreyros achou quamtos alferçes | hi
mandara lançar. [xvi/adip/1302]:
Amenhã vo-los darão. (AIP - L302)).

amargosamête – adv. (< *amargosa* [do lat.
amaricosus, -a, -um]^{mf.} + -*mête*). ‘de
modo amargo’; ‘de maneira difícil’.
[xv/orte/135v]: Mas as maas molheres,
das quaaes tanta he a conpanha dellas,
que nõ ha nehũ loguar que seia quite
da maleza dellas, quando som amadas,
pũgem **amargosamête** e dam muyta
aflaçom ataa o departimêto da alma e
do spiritu.

amenhã → amanhaa.

ameud’ → ameude.

ameude ~ **ameud’** ~ **amêude** ~ **a meude** ~
ameudi ~ **amiud’** ~ **amyude** ~ **amyudi**
– adv. (< lat. *adminutim*)^{mf.}
‘frequentemente’; ‘repetidas vezes’.
[xiii/cdsm/67]: E porende lle fazia
amêude que caçasse | enas
montan[n]as mui fortes, e eno mar que
pescasse; | e muitas artes buscava per
que que o algur matasse per que el
ouuess’ a alma, e outr’ ouuess’ a
erdade. [xiii/cdsm/146]: Pero mui
mais que outra ren | a Reynna espirital
| esta dona queria ben, | e que lle seu



fillo de mal | guardasse, de todo seu sem | lle rogava mui mais que al, | e comendava-llo poren | **ameud'** en ssa oraçon. [xiii/cdsm/257]: As relicas eran muitas de Santa Maria | e de santos e de santas, por que Deus fazia | miragres; e el Rei enserró-as aquel dia | e foi-ss' end', e nonas mandou catar **amyude**. [xiii/cdsm/303]: Onde daquesto avêo que hũa moça fazia | **amiud'** i travessuras que pesavan a ssa tia; | e castigava-a ende, ca mayor ben lle queria | ca ssi nen a outra cousa. E porende , sen dultança, | Por fol tenno quen na Virgen non á mui grand' asperança... [xiii/cdsm/324]: Esta era tan fremosa e de tan bõa façõn, | que quen quer que a viia folgava-ll' o coraçõn; | e porend' el Rei e todos avian gran devoçõn | en ela, e **amyudi** a yan poren veer. [xiv/dsgd/71rc2]: E pore | de aquelle que esta emfirmjdade ha que | ria comer **ameude** e seme os frades | **ameude** nõ derõ decomer. [xv/cdpi/c35]: Os de Momvedro aficados do çerco e seemdo mingoados muito de viamdas, requeriam muito a meude elRei que lhes acorresse; e elRei por que lhes nom podia acorrer se nom per batalha, nom era ousadode o fazer, ca el nom queria pellejar com elRei Daragom, reçeamosse dos seus de que muito nom fiava; e porem buscava outras maneiras de guerra e nom per batalha, ca elRei Dom Pedro por muitos que mandara matar, des i pollos do reino que sabia que eram del mal comtemtes e o desamavam, nom se atrevia de poer o campo. [xv/orte/31v]: E porẽm os sanctos homẽes todo esto faziam, asy como faria o abbade Sam Mauro, que, ante que se leuãtassẽm os outro[s] frades aas matinas, ja elle auia fecta sua oraçõn, em que dizia muytas uezes ciquoenta salmos e muyto **ameudi**

dizia cento e muytas uezes rezaua todo o salteyro e muyto **ameude** era em silencio e em leer pellas Sanctas Scripturas. [xvi/gdlp/p18]: e poẽ. se hũas por outras o que se não faz na nossa língua: ao menos tão **ameude** nõ em todas estas cousas: porque posto que alghõora os verbos infinitiuos siruão por nomes como o ler faz bẽ aos homẽs: ou se as preposições se poẽ em lugar de artigos.

a meude → ameude.

ameudi → ameude.

amiud' → ameude.

amte → ante.

antes → ante.

antigamente → antigamente.

antiigamente → antigamente.

amyude → ameude.

amyudi → ameude.

antano – adv. (< *ante-* + *ano*, do lat. *ante annum*)^m. ‘um ano antes’; ‘o ano anterior’; em outro ano’. [xiii/cdsm/16]: “Se me por amiga queres aver, mais rafez, | tanto que est' ano rezes por mi outra vez | quanto pola outra **antano** fuste rezar.”

ante ~ **amte** ~ **antes** ~ **antes** ~ **ãte** – adv. (< lat. *ante*)^{mf}. ‘em tempo ou lugar anterior’. [xiii/cdsm/329]: Entonce disseron todos: “Quiçai aqeste rapaz | foi furtar a offerenda, que lle Deus [aqu]esto faz; | e catemos se a trage e tornemo-la en paz | sobrelo altar u **ante** a foron off[e]recer”. [xiv/flos/66vc1]: COMtõu aymda sam gre | gorio e disse **antes** estes *qui* | mze añõs *que* ora pasarõ . assy co | mo derõ testemunho aquelles *que* forom presentes quorenta homẽes | forõ *pressos* pollos lombardos por que | nõ *queriam* comer as carnes que | eles sacrificauã aos seus ydollos. [xiv/dsgd/99rc1]: elle me disse *que* noseu moesteiro auja hũũ| seu jrmao *que* auja nome johane e | disera aos frades cõ que uiuja odia | e aora em que



auja demorrer **âte** | quatorze dias que morrese. [xv/cpvc/6v]: E **ante** que chegamos ./ do emsino que dantes tijnhem poseram todos os arcos. [xvi/ctlp/c11]: Mas toda a tardamça do tempo **amte** que /Jasom viesse se tornou em mais cuidado de /quando comtempraua a partida do seu ama-/ do Jasom.

antes → ante.

antigamente ~ **antigamente** ~ **antiigamente** ~ **antigamête** – adv. (< *antiga* ~ *antiga* ~ *antiiga* [do lat. *antiqua*]^c. + *-mente* ~ *-mête*). ‘em um tempo anterior’. [xiv/flos/24rc2]: Em terra de Virgeu ha huu castelo que fez **antigamente** huu que havia nome Roffino. [xv/cdpi/c23]: O cardeal disse que queria hir fallar a elRei Daragom sobresto, e elRei disse que lhe prazia, e que de boamente averia com elle paz, fazemdo elRei Daragom estas cousas; primeiramente que lhe entregasse aquel cavalleiro, pera del fazer justiça omde el quizesse, e que lamçasse fora do reino o Iffante Dom Fernando marques de Tortosa seu irmão, e mais Dom Anrique, e todollos outros que veherom em ajuda da guerra, e que lhe desse os castellos Dourilla e Alicamte, e outros logares que forom de Castella **antiigamente**, e mais por as despesas que fezera na guerra lhe tornasse quinhentos mil floriins. [xv/orte/95v]: assy como ã hũa prouícia de terra de India a que chamã Ophir que **antigamête** era chamada Terra dOuro. [xvi/ctlp/prol]: E como quer, / mui manifico senhor, que a providemçia / diuina vos tenha dado [não sem] grande / merecimento [muito copiosa instrução], asi por notaveis e (e) mui / devotos rreligiosos que continuamente / em vosa casa temdes como por voso mui / craro emgenho, com tudo isto vos apraz /averdes notiçia das cousas

feitas e ha-/queçidas polos jmclitos principes e grandes /senhores que **antigamente** gram parte do mun-/ do senhorearam.

antigamête → antigamente.

ant’ontem – adv. (< *ante-* [do lat. *ante*]^{mf}. + *ontem* [este do lat. *ad noctem*]^m). ‘o dia antes de ontem’. [xvi/adid/1128]:

Ant’ontem se foi.

anvidos ~ **envidos** – adv. (< lat. *invitus*)^{mf}. ‘contra-vontade’; ‘relutante’; ‘involuntário’. [xiii/cdsm/055]: Atant’ é Santa Maria de toda bondade bõa, | que mui d’ **anvidos** s’ assanna e mui de grado perdõa. [xiii/cdsm/169]: Poren muit’ a **envidos** enton llo outorguei, | e toda a Aljama foi ao mouro rei | que o fazer mandasse; mas diss’ el: “Non farei | ca os que Mariame desama, mal os trilla”.

aonde – adv. (< *a-* + *onde* [este do lat. *unde*]^{mf}). ‘lugar em que’. [xvi/adip/1283]: Chega Pêro Marques **aonde** elas estão e diz (...).

apar → apres.

apartadamente ~ **apartadamête** – adv. (< *apartada* [part. do v. *apartar* {< *a-* + *parte* (este do lat. *pars,-tis*) + *-ar*] + *-mente* ~ *-mête*). ‘de modo apartado’; ‘de maneira isolada’. [xiv/flos/77rc2]: E forom-se pera huu monte que deziam Cileon e meterom-se em hua cova grande que hi estava pera fazer sas orações muy **apartadamente** a nostro senhor, ata que veesse o emperador que fora aas outras cidades pera atormentar aqueles que os ydolos nõ quisessem sacrificar. [xv/orte/31v]: Celestino, sendo moço em hydade tenrra, foy-sse pera o ermo, por tal que **apartadamête** tan solamête uiuesse ao seu Criador.

apartadamête → apartadamente.

apertadamête – adv. (< *apertada* [part. do v. *apertar*, do lat. *apertorare*]^{mf}. + *-mête*). ‘de modo apertado’; ‘de maneira próxima’. [xv/orte/91v]: E taaes sã o[s]



beadantes cõ as riquezas deste mûdo, que, quando ueẽ o perigo da morte, que se chegam os caçadores jnfernaes, ãtom leixam as riquezas e os viços que ante teem **apertadamẽte** consigo ã toda sua vida, e cõ o carrego dos peccados som pressos dos diaboos jnfernaes e som leuados ao fedor do jnferno.

apostament' ~ **apostamente** ~ **apostamẽte** – adv. (< *aposta* [do lat. *apostus, -a, -um*]^c + *-ment'* ~ *-mente* ~ *-mẽte*). ‘de modo ajustado’; ‘de maneira adequada’. [xiii/cdsm/324]: E foi log' a ssa capela, que se non deteve ren, | e levou-lles a omagen **apostament'** e mui bem | con mui grandes procissões, com' a tal feito conven, | loand' a que é loada e deve sempre seer. [xiv/flos/40rc2]: Ca el era muy leterado em Gramatica, per que homem sabe as paravras per que ha de falar. E em Logica, per que homem sabe razoar e departir a verdade da falsidade. E em Retorica, per que homem sabe **apostamente** falar. [xv/orte/137v]: Nom he nehũa cousa segura ã que sospirà os desejos do todo o p[ob]oo, ca hũũ a demoue per fremusura e o outro per ãgano e outro per falar **apostamẽte** e outro per graadamente dar.

apostamente → **apostament'**.

apostamẽte → **apostament'**.

aposto – adv. (< lat. *apostus*)^m. ‘de modo ajustado’; ‘de maneira adequada’. [xiii/cdsm/145]: E ena carreira viu un pastorynno | que contra el logo vẽu mui festyõ, | **aposto** vestido e mui fremosyõ, | que lle diss': “Oide poucas razões | O que pola Virgen de grado seus dões ... | Que vos dizer quero, e falade migo.” [xiv/dsgd/22rc1]: As | egunda he logica / *que* mostra *per* | *que* carreiras homẽ pode uyr mais | asinha aauerdade . e partirse | da falsidade . Aterceira he arrei | torica . *que* mostra

carreiras *per* | *que* homẽ possa falar bem **aposto**.

apres ~ **apar** ~ **dapres** - adv. (< lat. *ad pressum*)^m. ‘junto de’. [xiii/cdsm/104]: E entrand' a hũa vila que dizen Caldas de Rey, | ond' aquesta moller era, per com' end' eu **apres** ey, | avẽo en mui gran cousa que vos ora contarey; | ca lle viron pelas toucas sangue vermello correr. [xiv/dsgd/85vc1]: Eporende tamto que | lhe morreo hũũseu marido tirou | desy as uesteduras dosegre *que* tragia | e meteosse agrã *seruiço* de *deus* ã huũ| moesteiro de donas *que* esta **apar** da | egreia dobẽ auentuyrado *apostollo* | sam pedro . [xv/dnmc/190]: (...) ã presença de mj Joham gonçallvez tabeliam per auctoridade Real em a dita çidade e das testemunhas que adiante som scriptas paresçeo Afomso Stevez procurador do mosteiro e cõuento dachellas **dapres** da dita çidade(...). [xvi/gdlp/p33]: Estas diz çicero no terçeiro liuro a seu irmão quinto. as velhas digo nos diz elle que guardão muito a anteguidade das linguas porque falão com menosgente: acarão que quer dizer jũto ou **apar**: e samicas que sinifica por ventura:e outras piores vozes ainda agora as ouuimos e zõbamos d'llas (...).

apressurosament' – adv. (< *apressurosa* [este do lat. *apressuratus, -a, -um*]^m + *-ment'*). ‘de modo apressurado’; ‘de maneira rápida’. [xiii/cdsm/195]: E a dona cedo | meteu-sse na via | muit' **apressurosament'**, | e non guardou degredo, | e foy affanosa.

aque ~ **aaque** – adv. (< lat. *eccum hinc*)^m. ‘antes’. [xv/cpvc/6v]: E tanto que o capitam fez tornar todos vieram alguũs deles a ele nom polo conhecerem por Senhor . ca me parece que nom entendem nem tomauam disso Conhecimento . mas porque a Jente nossa pasaua Ja pera **aque** do Rio ./



aly faluam E traziam mujtos arcos E contjnhas daquelas Ja ditas E Resgatauam por qualquer cousa . [xv/cpvc/6v]: E entam tornou se o capitam **aaquem** do Rio E logo acodiram mujtos aa beira dele (...).

aqui ~ **aquí** ~ **aquj** ~ **aquy** – adv. (< lat. *eccum hic*)^{mf.}. ‘neste lugar’. [xiii/nt/128]: E fezeles taes agudas q(u)ales **aqui** ouirecdes: Sup (er) sua aguda fez testiuigo c(ũ) Gõcavo Cebolano. [xiv/dsgd/5rc1]: Tu nõte *partiras* daquy . | ataa *que* resszites **aquj** omeu | filho. [xv/cpvc/2v]: E sancho de toar E simam de miranda E njcolaa coelho E aires corea E nos outros que **aquy** na naao com ele himos . asentados no chaão per esa alcatifa / acemderam tochas E entraram E nom fezeram nhuã mençam de cortesia nem de falar ao capitam nem a njmguem . [xvi/adid/1101]: Bem, que vinda foi ora esta? | Vengo **aquí** en busca mía, | que me perdí en aquel día | que os vi hermosa y honesta. | y nunca más me topé.

aquj → aqui.

aquy → aqui.

ar ~ **er** – adv. (seu étimo não parece ter sido até hoje esclarecido)^{mf.}. ‘de novo’; ‘também’; ‘outra vez’; ‘posteriormente’. [xiii/nt/1045]: E subre becio e sup(er) fím(en)to, se **ar** q(u)iserdes ouir as desõras qve ante ihc fur(ũ), **ar** ouideas: Vener(ũ) a uila e fila[rũ]li o porco ante seus filios e comerũsilo . Vener(ũ) alia uice **er** filar(ũ) ot(r)o ante illes er comer(ũ)so. [xiv/flos/13rc1]: E sam Panuço **er** rogou a nostro senhor outra vez que lhi mostrasse quem semelhava antr’os homeens. [xv/cdpi/cp38]: Pois quem ouvesse de | lamçar fora de Castella elRei Dom Hemrrique e todollos da sua parte, assi per batalha, |

come per guerra guerreada, gram poderio lhe comviinha teer; e nom se fazendo | segumdo seu desejo, ficava ao depois em grande homezio e guerra com elle: | reçebemdo outrossi em seu reino, e nom trabalhar de o ajudar, eralhe grande vergonha | e prasm; des i **er** vemdoo e fallamdolhe, nom se poderia escusar delle. [xvi/adip/1311]: ece moça de bem, e eu de bem, **er** também.

aramá → maõra.

ardentemente – adv. (< *ardente* [este do lat. *ardens, -entis*]^{mf.} + *-mente*). ‘de modo ardente’; ‘de maneira queimante’. [xv/orte/41r]: E, porque Jhesu Christo ha ã sy jnfiinda bondade, que he hũa das razões por que a cousa deue seer amada, porẽm elle deue seer principalmẽte e muy **ardentemente** amado.

arravatadamente ~ **arreuatadamente** ~ **arreuatadamẽte** ~ **arreuatamẽte** – adv. (< *arravatada* ~ *arreuatada* ~ *arreuata* [talvez de *arrebato*, ‘ataque repentino’, {do ár. *ar-ribat*}]^{mf.} + *-mente* ~ *-mẽte*). ‘de modo arrebatado’; ‘de maneira repentina’. [xiv/flos/77rc1]: Ca dezia o emperador que nõ era dereito de dar morte **arravatadamente** a aqueles que eram muy perfiosos e muy reeves pera sacrificar os idolos. [xiv/dsgd/90rc1]: Veerõ os | lombardos ael **arreuatadamẽte** | e prenderõno e cõtãrõlhe apedir | ouro *que* tijnha escondido. [xv/orte/114r]: E porẽ tal he o poderio tenporal como a palha que sse aleuãta **arreuatadamente** cõ o uẽto, e he tal como o fumo que se leuãta. [xv/orte/31r]: A Sancta Escripura he tal como a tenda e o celeiro das specias do bõõ odor pera saude, e porẽm deue o homẽ recorrer a ella pera receber saude e rrecriaçõ, onde diz Sancto Ambrosio que a Sancta Escripura da



saude e deita odor de uida, por tal que
aquele que lee per ella receba blandeza
e mäsídom, per tal guisa que nõ caya
arreuatamēte em peccado.

arredor – adv. (< *a-* + *redor* [este, provavelmente, do lat. *retro*]^{mf.} ‘posição ou situação de quem ou do que contorna alguma coisa’; ‘em volta, em torno’. [xiii/cdsm/124]: Mui preto d’ ambo-los mares, do gran que corr’ **arredor** | da terra e ar do outro que é chamado Mëor; | e mostrou Santa Maria, Madre de Nostro Sennor, | por un ome. E quen esto oyr, sabor averá. [xiv/dsgd/23vc2]: Eel em outro tempo | uira hũa molher . em aquela ora | em que amerloa andaua **arredor** del . | que fezera aparecer em semelhã | ça della ante seus olhos. [xv/cdpi/c16]: (...); e mandou matar Dom Perestevéz que se chamava meestre de Calatrava, ali hu viinha junto com ela, e Rui Gomçallvez de Castanheda, que a tragia de braço, e Affonso Tellez Girom, e Martim Affonssso Tello, todos quatro **arredor** da Rainha; e ella quamdo os vio matar tam açerqua dessi, caio em terra come morta.

arreuatadamente → arravatadamente.

arreuatadamēte → arravatadamente.

arreuatamēte → arravatadamente.

arriba ~ **arryba** – adv. (< lat. *ripa*)^{c.} ‘acima’; ‘por fim’; ‘finalmente’. [xiii/cdsm/283]: Dos çeos a Virgen santa acorreu-a e passou-a | beens per fondo da agua so a nave, e sacou-a | mui longe da outra parte eno mar, e pois torno[u]-a | **arriba** viva e sãa con fremosa catadura. [xiv/dsgd/2rc2]: Equando torno metes | em pos my . ueio **arriba** do mar | de quem party . e sospiro por ella. [xvi/ctlp/c2]: Que, como quer que **arryba** / tenha feito mençam que os da geração de / (de) Cam tomaram tam somente a Membrot

/ por capitão, emtemdese que das outras / gerações allguns se achegaram.

arryba → arriba.

arteyramēte – (< *arteyra* [de *arte*, do lat. *ars, artis*]^{mf.} + *-mēte*). ‘de modo arteiro’; ‘de maneira habilidosa’. [xv/orte/144v]: Estando hũa uez Sam Domĩgos ã oraçom, vyo o diaboo andar pellos logares do mosteyro **arteyramēte**.

asaz → assaz.

ascondidamente → ascondudamente.

ascondudamente ~ **ascondidamente** ~ **ascondudamēte** ~ **escondidamente** ~ **escondidamēte** ~ **escundudamente** – adv. (< *asconduda* ~ *ascondida* ~ *escondida* ~ *escondida* ~ *escunduda* [part. do v. *esconder*, do lat. *abscondere*]^{m.} + *-mente* ~ *-mēte*). ‘de modo escondido’; ‘de maneira oculta’. [xiv/flos/68vc2]: E quando se quieriam ja sair, tomou aquele anjo que andava em semelhança de padre sancto **ascondudamente** a escudela em que comerom e foram-se sa carreyra. [xiv/flos/25rc2]: Nõ sabes que o Avangelho diz que seja ta esmolna dada **escundudamente** e tu chamasti de cima do monte e mandasti-a dar? [xiv/dsgd/36rc2]: Eem outra parte prometeolhe | **escondidamente** que toda aque | lla mĩgua se tornaria ã proueito. [xiv/dsgd/9vc2]: Eem quanta honrra | tem dentro . e **ascondudamēte** cõ | aqueles *queseus* apartados som . | e nõ som conhoscudos do mũdo . | *aquelles que* nom ouerõ d’andar | uiltados e despreçados pollo seu | amor . antre os homéés domũ | do. [xiv/dsgd/30vc2]: Mas oemijgo do linhagẽ | d’adam . nõ pode esto sofrer e nom | per sono nem **ascondidamente**. [xiv/dsgd/105rc2]: Ca no tẽpo em *que* | elle daua aemtender *que* jejuaua | como os



outros seus frades . comia |
escomdidamente. [xv/orte/32r]:
Depois que o sancto homẽ renũciou
ao papado, quisera-se tornar ao ermo
escondidamẽte pera uiuer como ante
viuya, mas o papa que foy depois
delle, por nõ nacer escandalo e scizma
ẽna egreya, teendo algũus que
Celestino era papa, mãdou-o guardar
em hũũ castello.

ascondudamẽte → ascondudamente.

asesegadamẽte → assessegadamente.

asi → assi.

asij → assi.

asinha → agynna.

asperamente ~ **asperamẽte** – adv. (<
aspera [este do lat. *asper, asperum*]^{mf.}
+ *-mente* ~ *-mẽte*). [xv/cdpi/c6]: e
parece que nenbrandolhe a criaçom
que em elles fezera e como os queria |
mandar matar, viinham-lhe as
lagrimas aos olhos per vezes; depois
tornava **asperamente** | contra elles
reprendendoos muito do que feito
aviam, e assi andou per hum grande
| espaço. [xv/orte/52v]: Porẽ diz
Sancto Ysidro que aquele que se nõ
correge per palauras blandas quando o
castigam, necessarya cousa he que o
reprendam mais **asperamẽte**.

asperamẽte → asperamente.

assaz ~ **asaz** ~ **assáz** – adv. (< lat. *adsatis*,
através do prov. *assatz*)^{mf.}
'suficientemente'; 'bastante'.
[xiii/cdsm/063]: E de bõos costumes
avia **assaz** | e nunca con mouros quisu
aver paz. [xiv/dsgd/24rc2]: E sam
gregorio rrespondeo pedro | **asaz**
pareçe queatemperança da | carne .
mais he na mançebia que | em outro
tempo. [xv/cpvc/9r]: E hum pano de
penas de mujtas cores maneira de
teçido **asaz** fremoso segumdo vosa
alteza todas estas cousas vera porque
o capitam vo las ha de mandar
segumdo ele dise. [xvi/gpjb/p76]:

Terceiro açidente é que alguns tem
força de regerem cásos como: **assáz**
de dinheiro; muito disto: pouco de
proveito.

assessegadamente ~ **asesegadamẽte** – adv.

(< *assessegada* ~ *asesegada* [part. do
v. *sossegar*, do lat. vulg. *sessicare*, de
sessus 'ação de sentar']^{cp.} + *-mente* ~
-mẽte). 'de modo sossegado'; 'de
maneira calma'. [xiii/cdsm/071]: Se
tu queres que seja de teu rezar pagada,
| u dizes la saude que me foi enviada |
pelo angeo santo, di-a
as[s]essegadamente | e non te coites;
ca certo cho dizemos | Se muito non
amamos, gran sandeçe fazemos.
[xiv/dsgd/75rc1]: E daquella a | uença
que elles fezerõ prouue ao sancto |
homẽ amigo de deus e rreçebeo
oclerigo ã | sua guarda e quamdo uyo
que era mea | noite que os lombardos
jaziã todos dormjdo **asesegadamẽte**
espertou ocreligo e diselhe | leuantate
fugi muy asinha deus podero | sso seja
aquelle quete liure. [xv/cdpi/cp13]:
Porem senhor vos sabees bem, que
posto que fosse eu vosso tesoureiro,
depois que vos reinastes ataa ora, que
pode aver huuns sete anos, sempre em
vosso regno ouve taaes boliços, por os
quaaes os recadadores de vossas
remdas se atreveram a fazer algumas
cousas que nom deviam; per guisa que
eu nom puide tomar dello conta
assessegadamente, como era razom:
mas ora se vossa merçee for de me
mandardes entregar dous castellos
quaaes eu disser, eu vos quero poer
em elles ante de muito tempo tesouro
com que bem possaaes dizer que mais
teemdes jumtas de vimte mil dobras.

assi ~ **asi** ~ **asij** ~ **assí** ~ **assim** ~ **assy** ~ **asy**

– adv. (< lat. *ad* + *sic*)^{mf.} 'deste
modo'; 'daquele modo'; 'do modo
referido'. [xiii/tals/1013]: E ssi eu en
mia uida der estes añiu(er)sarios,



mãdo q(ue) orem por mi come por uiuo ata en mia morte e depos mia morte fazem estes añiu(er)sarios e estas comemorazones **assi** como suso e nomeado, **assim** como fazem en'os out(ro)s logares u ia dei meus añiu(er)sarios. [xiii/nt/109]: E a maior ajuda que illos hic cōnocer(ũ), que les acanocese Laurẽzo Ferrnãdiz sa irdade p(er)p(lec)to que a teuese o abate d(e) S(an)cto Martino que, como uêcesẽ, que **asi** les dese de ista o abade. [xiii/cdsm/124]: De Guadayra; e jouve un tempo, creede ben, | **assí**, que ave nen besta dele non comiu per ren. [xiv/fg/22r]: It(em) dasuacas q(ue) se p(er)derẽ un (de) nõ deu sinal. ffaçede uíjr p(er) dãte uos e se omẽ q(ue) guarda as uacas e aduga osinal q(ue)r osso q(ue)r corno q(ue)r coyrrro q(ue)r rabo. q(ue)r orrelha. e Jure p(er)an(te) uos por d(eu)s e pela cruz. q(ue) aq(ue)lhas uaq(ua)s q(ue) nõ despereceron p(er) elhe nẽ p(er) seu. grrado. nẽ q(ue) el ende p(ar)te sabha. e enformeas poys **asy** Jural da c(r)iança e se isto nõ q(u)iser Jural. peyteas das suas daq(ue)lha hydadede q(ue) erra m aq(ue)lhas q(ue) sse p(er)derrom. [xv/dnmc/185]: E diserõ que lhes prazia de o dito Johã affomso e sua / molher aJom a dita cassa pera Sempre per a guissa que he cõtheu/do no Afforamẽto cõtanto que elle Joham affomso e sua molher / e seu herdeiros dem em cada hũu ãno Sempre ao dito Moesteiro / seis llibras da moeda antiga pagados a como El Rey mandar e hũu par de galijnhas por dia de natal e começar de ffazer a primeira paga de/ste natal primeiro que uẽ a hũu ãno e **asíj** em cada hũu ãno. [xvi/gdlp/p4]: E desta feyção nos obrigarão a que ainda agora trabalhemos em aprender

e apurar o seu esqueçendo nos do nosso não façamos **assy** mas tornemos sobre nos agora que he tempo e somos senhores porque melhor he que ensinemos a Guine ca que sejamos ensinados de Roma: ainda que ella agora teuera toda sua valia e preço.

assiinadamente → assijnaadamẽte.

assijnaadamẽte ~ **assiinadamente** ~ **assyjnadamẽte** ~ **assynadamẽte** ~ **sinaadamente** – adv. (< *assijnaada* ~ *assiinada* ~ *assyjnada* ~ *assynada* ~ *sinaada* [do lat. *assignatus*, -a, -um]^{mf}. + -*mẽte* ~ -*mente*). ‘de modo confiado’; ‘de maneira atribuída’. [xiii/frax/81v]: Se alguũ der outro por seu p(es)soeyro p(er) carta sub(re) alguu preyto, deue a nomear na carta e o p(es)soeyro e o p(re)yto subre que o dá e que estara p(er) quanto |ouu(er)| aquel p(es)soeyro fez(er) ou razoar ennaquel preyto, p(er) o aueença non possa faz(er) na demanda se llo non mandar seu dono da uoz **assijnadamẽte** por aquella pessoarya e por outra q(ue) sua seya. [xiii/frax/75r]: E porq(ue) os reys deste senh(ur) e deste rey auemus nome e del fillamos o poder d(e) faz(er) iustiça na t(er)ra, e todas as onrras e todos os bees del naçem e del ueem e el quis e mandou aguardar os noss(os) dereytos [...] e mayormente os dizymos e as p(ri)miças q(ue) assyjnadamẽte guardou e reteue p(er) a ssy por mostrar ca el era senh(ur) de todo e p(er) el uijam todollos bees, e porq(ue) a dyzuma é diuido q(ue) deuem(os) a dar a N(ost)ro Senh(ur) de todo, nenguu nõ se possa escusar de o nõ dar. [xiii/frax/91v]: Toda conhocença que for feyta fora de iuyzo nõ ualha se a nõ fez(er) p(er)ant'omees que seyam



chamados **assynadamēte** por testymonhas daq(ue)lla conhecêça, ou se a fez(er) p(er) escripto ou a hora d(e) sa morte e estando en sa me[m]orya e a conhocença que fezer (contra) sy ualla assy como é dicto, ca (contra) outrĩ non deue ualler sen proua. [xv/cdpi/c30]: Omde assi aveo segumdo dissemos, que na morte de Dona Enes, que elRei Dom Affonso, padre delRei Dom Pedro de Portugal seemdo entom Iffamte, mandou matar em Coimbra, foram mui culpados pello Iffamte Diego Lopez Pacheco, e Pero Coelho, e Alvaro Gomçallvez seu meirinho moor, e outros muitos que el culpou, mas **assiinadamente** contra estes tres teve o Iffamte mui gramde rancura.

assim → assi.

assy → assi.

assyjnadamēte → assijnaadamēte.

assynadamēte → assijnaadamēte.

assynha → agynna.

asüadamēte ~ **asüadamēte** ~

assûpadamēte – adv. (< *asüada* ~ *assûpada* [part. do v. *assunar*, do adv. *sum*, *suu*, do lat. *sub* + *unum* que, teoricamente, forma *adsubnare*]^{mf.} + *-mēte* ~ *-mente*). ‘de modo congregacional’; ‘juntamente’. [xv/orte/88r]: Onde diz Sam Bernardo que aos pobres e aos marteres he prometido **asüadamēte** o regno dos ceos, porque o regno dos ceos compra-sse pella pobreza mas ãna paixom que o homẽ padece por Jhesu Christo logo lhe he aberto sem tardança o regno dos ceos. [xv/orte/38v]: E todos estes fogos asüados se ajütam **asüadamēte** ãno mûdo. [xv/orte/137v]: Nõ deue o sabedor tomar molher, primeyramēte porque ãbarga o estudo da philosophia, nẽ pode qualquer seruir **assûpadamēte** aos filhos e a[a]

molher e aos liuros do saber; muytas cousas som necessarias ao huso das molheres cassadas, cõvem a saber uestiduras preciosas e ouro e pedras preciosas, despessas das seruentas, alfayas de muytas maneyras.

asüadamēte → asüadamēte.

assûpadamēte → asüadamēte.

asy → assi.

assynha → agynna.

até – adv. (< ár. *hatta*)^{mf.} ‘também’; ‘inclusive’; ‘mesmo’; ‘ainda’. [xiii/cdsm/033]: E un saltar | deles quis e se lançar | cuidou no batel; mas dar | foi de pees en xermentos | que y eran, e tonbar | no mar foi e mergullar | ben **até** nos fundamentos.

ãte → ante.

a torto → adv. (< lat. *tortus*)^{mf.} → torto. ‘mal’; ‘de modo inconveniente ou errado’. [xiv/dsgd/90vc1]: assy como este lombar | do crueuel aque soffreo nosso senhor | que escabeçase ohonrrado glorioso creli | go d’auangelho cayo ã mão doemij | go *per* mandado denosso senhor e nom | lhe quis nosso senhor soffrer que ouese | poder sobre omorto que **a torto** matara.

atras ~ **atrás** – adv. (< lat. *ad trans*)^{mf.} ‘na parte posterior’; ‘após’. [xiii/cdsm/185]: Entonç’ os conbatedores tornaron todos **atras**; e tres mouros que entraran, chus negros que Satanas, no castelo, os de dentro os fezeron en caer. Poder á Santa Maria grande d’ os seus acorrer... [xiv/orte/88v]: E, hindo pello caminho, parou mētes **atras** ssy e vyo a cassa do ospede toda, cõ quanto ã ella sya, souertuda so a terra, que se abrio e a colheo ã sy. [xvi/gpjb/p6]: O número de lêteras já vimos pelos exemplos **atrás**.

atreuidamente – adv. (< *atreuida* [do lat. *tribuere*]^{c.} + *-mente*).



[xiv/dsgd/80rc2]: Mais que | riã que as
almas que morresem cõ | os corpos .
asy como morrem os | das outras
animalias pera fazere | mais
atreuidamente quamto | quisesem
fazer.

auãte → avante.

auõdosamente → auondosamente.

auondosamente ~ **auõdosamente** ~

avondosamente – adv. (< *auondosa*
~ *auõdosa* ~ *avondosa* → avondada
[part. do v. *avondar*, do lat.
abundare]^{mf.} + *-mente*). ‘de modo
abundante’; ‘de modo profuso’.

[xiv/dsgd/55rc2]: E | como osancto
home entrou eno orto . | disse
aaquelles que hi achou trabalhã | do
folgade ia yrmããos e alegradeuos | ca
pois muyto trabalhastes faz mes | ter
que comiades e que uos comfor | tedes
e despois quelhe deu acomer |
auondosamente diselhes amjgos |
cada uez que ouuerdes mester algua |
cousa deste orto hide aaporta doorto |
e pedide oque mester ouuerdes e |
daruolloam deboa mente . e nom |
queirades tomar per furto e cõ dapno |
das uosas almas. [xv/orte/84r]: Se
algũu ha mester sabedoria, demãde-a
a Deus que da a todos **auõdosamente**.

[xv/cdpi/c12]: Senhor a mim parece,
se vossa merçee fosse, que seeria bem
de proveerdes vossa fazenda, e veer o
que se despemder pode, e do que
sobejar, emcaminhardes como
acreçentees alguma cousa nos
tesouros que vos ficaram de
vosso padre e de vossos avoos, pera
fazerdes o que os outros Reis
fezerom, e pera
teerdes que despemder mais
avondosamente, se vos alguma
neçessidade veesse aa
maão; ca muito mais com vossa
honrra despemderees vos
acreçentando no tesouro que

temdes, que gastar o que os outros
Reis leixarom, sem poendo em elle
nenhuuma cousa.

avante ~ **auãte** ~ **ávante** ~ **àvante** – adv. (<
lat. tard. *abante*)^{m.} ‘à frente, defronte’.

[xiii/cdsm/297]: E des oy mais sa
fazenda nunca irá adeante, | ante
tornará a redr’, e senpre será
malandante; | e a Virgen groriosa non
querrá que ss’ [e]l **avante** | daquesto
que el [á] dito, pois que en ela
descree.” [xiv/fg/33r]: q(ua)ntos dias
o teuer des aly **auãte**; pecte cada dia
#v s(o)l(dos) aaq(ue)l. cuio era o
mãçebo. [xvi/gpjb/p19]: Compoendo
vérbo com avérbio dizemos:
puxavante de puxár e **àvante**.
[xvi/gpjb/p44]: os averbiães sam
aqueles que se compõem de
avérbios, como de remáte,
arremátar, de **ávante**, avantéjar.

avarentamente – adv. (< *avaro* [este do
lat. *avarus*]^{mf.} + *-emta* + *-mente*). ‘de
modo avarento’; ‘de maneira
mesquinha’. [xvi/ctlp/c3]: E o que /
dizem que lhe ficaram as mãos
tremendo, / isto he que nunca Mida
perdeo a escaseza /porque, ajmda que
daua, dauaho de maa vom-/ tade e
avarentamente.

avondadamente – adv. (< *avondada* [part.
do v. *avondar*, do lat. *abundare*]^{mf.} +
-mente). ‘de modo abundante’; ‘de
modo profuso’. [xiii/cdsm/305]:
Quand’ o canbiador viu esto, pediu
por Santa Maria / mercee que sse
leixasse do peso, e lle daria / quant’
ela do seu quisesse, per que sempre
viviria / ben e **avondadamente**.

avondosamente → auondosamente.

aynda → ainda.

azinha → agynna.



B

bẽ → ben.

bem → ben.

bemauêturadamête → bem-aventuradamente.

bem-aventuradamente ~ **bemauêturadamête** – adv. (< *bem-* + *aventurada* ~ *auêturada* [part. do v. *aventurar* {*aventura* + *-ar*, aquele do lat. vulg. *adventura*, cláss. *ventuyra*}^c] + *-mente* ~ *-mête*). ‘de modo aventurado’; ‘de maneira afortunada’. [xiv/flos/17rc2]: E foy assi que todo o que começou com ajuda de Deus acabou e deu-lhi cima **bem-aventuradamente**.

[xv/orte/88v]: E ajnda certamête a boa andança do mûdo, se a ouer o homê continuadamête, he sinal de dapnaçõ perdurauil, assy como se mostra pello ho[s]pede de Sancto Anbrosio, que disse que nũca lhe aueera nehũa maa andança mas todallas cousas lhe auinhã **bemauêturadamête**.

ben ~ **bem** ~ **bẽ** – adv. (< lat. *bene*)^{mf}. ‘adequadamente’; ‘muito’; ‘exatamente’. [xiii/cdsm/008]: Un jograr, de que seu nome era Pedro de Sigrar, | que mui **ben** cantar sabia e mui mellor violar, | e en toda-las eigrejas da Virgen que non á par | un seu lais senpre dizia, per quant’ en nos aprendemos. [xiv/dnmc/157]: E uos deuedes a adubar as ditas vïhas / **bẽ** e dereitamente de todallas cousas que lhys comprir de guisa que seião melhoradas e nõ peioradas. [xv/adid/1501]: E confesso / que de vos dicto Steuam gonçalluiz E vossa molher contey e reçeby dos quaees

(sic) me dou por / **bem** pagado (MC - 192)]. [xvi/ctlp/cap.v]: Deste rrei Nino desemdeo Saturno, rrey / de Creta, e a estoria nam de crara **bem** se foy / neto ou bisneto.S

blandamête → brandamente.

boamente ~ **boamête** – adv. (< *boa* [do lat. *bona*]^{mf} + *-mente* ~ *-mête*). ‘de modo bom’; ‘de maneira voluntária’. [xiii/frac/75v]: Outrosy p(er) a os pobres enno tẽpo da fframe e p(er) a s(er)uiço dos reys e p(er) a prol de sy e d(e) sa t(er)ra e dopoboo q(ua)ndo for mest(er) e por q(ue) isto assy sse parte e assy se despente en tâtas boas obras e en tantas guisas e tã a prol de todos comunalmête y am p(ar)te e quinhõ d(e) cada huu u deue dar d(e) **boamente** e d(e) boa uoontadee se out(ra) p(re)ma nẽhuua ese quis(er) pello ac(re)centamêto qu a lhys Deus deu. [xiv/dsgd/19rc1]: Eaquelle *que* semelhaua ma | yor antre elles . respondeo edisse | qual quer outra cousa *que* nos mã | dades fazer faremos **deboamête** . [xv/cdpi/c23]: O cardeal disse que queria hir fallar a elRei | Daragom sobresto, e elRei disse que lhe prazia, e que de **boamente** averia com elle paz, | fazemdo elRei Daragom estas cousas. [xvi/gpjb/p62]: Per outra maneira soprimos gram diversidãde de avérbios, ajuntando a um nome ajetivo feminino ésta palãstra mente e dizemos: **boamente**, mãmemente. escas[s]amente, grandemente. etc.

boamête → boamente.

brandamente ~ **blandamête** – adv. (< *branda* ~ *blanda* [do lat. *blandus*, *-a*, *-um*]^m + *-mente* ~ *-mête*). ‘de modo brando’; ‘de maneira afável’. [xv/orte/147v]: E esta cadeyra he acesa e lucête e clara e certamente jnperial, ãna qual o rey da gloria rege



jnp[e]rialmente o regno da alma, chegando e abrãendo dhũa fim ataa outra fim dos poderios da alma fortemete e hordenãdo e despoendo todas as cousas **brandamente**. [xv/orte/6r]: A Sancta Escripura he tal como ho orto do parayso terreal, porque ella he muy fremosamente apostada cõ marauilhosos e[n]xertos e muy graciosamẽte afeytada com muy graciosas plantas e he aprouada muy conpridamẽte cõ especias de muy bõ odor, e com flores muy resplandecentes he muy deleitosamente cheyrada, e cõ fructos muy dilicados he muy auõdosamẽte deleytosa, e cõ muy tenperados orualhos he muy **blandamẽte** regada, e he muy saudauelmẽte abalada cõ uentos muy mansos de grande tenperança, e cõ muy deleitossos cantares daues he muy docemente resoada, e con muy linpos ryos he muy abastossamente circũdada, e cõ muy fortes sebes he muy seguramẽte guardada, e cõ guardadores muy preuistos he con grande vigilya gouernada.

breve – adv. (< lat. *brevis*)^{mf.} ‘proximamente’; ‘em breve’. [xv/cdpi/c16]: Matou muitas honrradas pessoas, dellas sem razom por lhe darem boom consselho, e outras sem por que e por ligeiras sospeitas, em tanto que muitos boons se afastavom delle, muito anojados por temor de morte; ca nenhuum nom era com el seguro, posto que o bem servisse, e lhe el muita merçee e honrra fizesse: e leixados os achaques que a cada huum poinha por os matar, soamente em **breve** das mortes digamos, e maes nom.

breuemẽte ~ **brevement’** ~ **brevemente** – adv. (< *breve* ~ *breue* [do lat. *brevis*]^{mf.} + -*ment’* ~ -*mente* ~ -*mẽte*).

‘de modo breve’; ‘de pouca duração’. [xiii/cdsm/267]: Que fez esta Virgen santa e Reynna, | que é dos coitados todos meezã; | contar-vo-lo-ei **brevement’** e agynna | quan’ end’ aprendi a quen mio á contado. [xiv/dsgd/46rc2]: Epor nõ | cuidar nehoo que nos nõ lembra | mos nos dos seus feitos começamos | acontar tãas cousas quãaes pir | meiramete contamos **breuemẽte** | sesse podere contar. [xv/cdpi/c1]. e por que dos filhos que ouve, e de quem, e per que guisa, ja compridamente avemos fallado, nom compre aqui razoar outra vez; mas das manhas, e comdiçoões, e estados de cada huum, diremos adiante muito **brevemente** onde conveer fallar de seus feitos.

brevement’ → breuemẽte.

brevemente → breuemẽte.

C

cá → acá.

caladamente ~ **calladamente** – adv. (< *calada* ~ *callada* [part. do v. *calar*, este do lat. *callare*]^{m.} + -*mente*). ‘de modo calado’; ‘de maneira silenciosa’. [xv/orte/101v]: Nom cõfondam as obras e a palaura do ãsinador, nõ per uentura, quando começar falar ãna egreya, responda cada hũ **caladamente**: Porque nõ fazes tu estas cousas que preegas? [xv/cdpi/c30]: Semelhavelmente fugirom de Castella neesta sazom com temor delRei que os mandava matar, Dom Pedro Nunez de Gozmam adeamtado moor da terra de Leom, e Meem Rodriguez Tenoiro, e Fernam Godiel de Tolledo, e Fernam Sanchez



Caldeiom; e viviam em Portugal na merçee delRei Dom Pedro, creemdo nom receber dano, tambem os Purtuguezes, como os Castellaãos, por que razoada se lhes dera ousado acoutamento nas faldras da seguramça; a qual nom bem guardada pellos Reis, fezerom **calladamente** huuma tal aveemça, que elRei de Portugal entregasse presos a elRei de Castella os fidallgos que em seu Reino viviam, e que el outro si lhe entregaria Diego Lopez Pacheco, e os outros ambos que em Castella amdavom; e hordenarom que fossem todos presos em huum dia, por que a prisom dhuuns nom fosse aviso dos outros; e que aquelles que levassem presos os Castellaãos ataa o estremo do Reino, reçebessem os Purtugueses que trouvessem de Castella.

calladamente → caladamente.

caramente ~ caramête – adv. (< *cara* [do lat. *carus, -a, -um*]^{mf.} + *-mente ~ -mête*). ‘de modo caro’; ‘de maneira custosa’. [xv/cdpi/c3]: E por quanto hirmaão Rei, segundo he comtheudo em vossa letera, vos desejaes saber o boom estado de nossa pessoa, e da Rainha, e de nossos filhos, a prazer vosso vos significamos, que somos todos saãos e em boa desposiçom de nossas pessoas merçees a Deos: rogandovos mui **caramente**, que de vosso boom estado, e real casa, nos certifiquees per vossa carta, e seede çerto que nos farees assiinado prazer, dante em Saragoça &c.» [xv/orte/25r]: O nosso mal ñ he defora mas dentro em nos, ño nosso coraçõ. E porque ño sabemos que somos emfermos, porẽ aadur e **caramête** recebemos perfectamête saude.

caramête → caramente.

carnalmête – adv. (< *carnal* [do lat. *carnalis, -e*]^{mf.} + *-mête*). ‘de modo carnal’; ‘de maneira diversa a preceitos espirituais’. [xv/orte/134r]: Dam testemunho os rromãos que Sam Leom papa, ante que fosse papa, viuia **carnalmête** mas rrogaua aa beenta Uirgẽ Maria que o liurase da tenptaçom da carne.

castamente ~ castamête – adv. (< *casta* [do lat. *castus, -a, -um*]^{m.} + *-mente ~ -mête*). ‘de modo casto’; ‘de maneira imaculada’. [xiv/flos/65vc2]: A aqueste sancto bispo de que falamos, dezia aqueste sancto padre a aqueles que siiam com ele, foy dicto que eram duas molheres segraes cristaas e de gram sangui e ja quanto de boa ydade e ño viviam **castamente**. [xv/orte/134r]: E, depois que foy papa, viuia **castamête**.

castamête → castamente.

cási → casy.

casy ~ cási ~ quase ~ quasi ~ quási – adv. (< lat. *quasi*)^{m.} ‘perto, aproximadamente; pouco menos’. [xv/cpvc/3r]: E despois a tomaram coma espantados ./ deran lhes aly de comer pam E pescado cozido . confejtos fartees mel E figos pasados . nom quiseram comer daquilo **casy** nada E alguña coussa se a prouauam lamçauam na logo fora. [xvi/gdlp/p10]: pronũciasse a: letra .b. antros beyços aptados lançãdo para fora o bafõ com impeto: e **quase** com baba. [xvi/adid/1461]: Fomos na volta do mar | **quási** quási a quartelar: | a nossa Garça voava, | que o mar se espedaçava. [xvi/gdlp/p6]: E agora quando a cada vogal **quasi** muda sua voz: ño diremos logo que temos as mesmas letras: nem tantas como os latinos: mas temos tãtas figuras comelles: e quasi as mesmas ou imitaçom dellas. [xvi/gpjb/p6]: E os



Latinos e Gregos sentem milhór o tempo das sílabas por cáusa do vérsio do que ô nós sentimos nas tróvas: porque **cási** máis espéra a nóssa orelha o consoante que a cantidáde, dádo que a tem.

catolicamēte – adv. (< catolica [do lat. *catholicus, -a, -um*]^{mf.} + *-mēte*)^{mf.} ‘de modo católico’; ‘de acordo com os preceitos do catolicismo’. [xv/orte/15r]: Ca nõ deue nehũũ emader nõ mĩguar ãnos textos da Sancta Scriptura, sãnõ declarando-a ou espoendo-a **catolicamēte**, e assy como faziã os hereges, dos quaaes Deus tomou algũas uezes vingança, assy como fez hũa uez aos de Alexandria e do Egipto, segũdo se contem em este recontamẽto que sse segue.

cedo ~ **ced'** ~ **çed'** ~ **çedo** – adv. (< lat. *cito*)^{mf.} ‘antes da ocasião própria ou agendada’; ‘rapidamente’. [xiii/cdsm/269]: Ar disse-m' outra vegada, que se eu pesseverar | en seu serviço quisesse, que me faria levar | mui **ced'** ao parayso; e eu logo sen tardar | respondi que mui de grado queria con ela yr. [xiii/cdsm/075]: E siian as[s]entadas en palla, non en tapede; | e disse a Virgen Santa ao crerigo: “Seede, | e aquesta moller bõa comungad' e as[s]olvede, | como **çed'** a Parayso vaa u ten ja pousada”. [xiv/dsgd/47rc1]: Efa | zendo paulino atal ujda cõ seu do | no cada dia . aconteçeo huu dia | que fallando seu dono com elle . diselhe | paulino e grã puridade uéé que cuj | das afazer . e aue cuidado comose | deue arreger orreyno dos uamdo | llos . que por çerto sabe que elrey | morrera **çedo** e mujto arreuatada | mente. [xv/cpvc/6r]: E que mjllhor E mujto mjllhor emformaçom da terra dariam dous homeẽs destes degradados que

aquy leixasem . do que eles dariam se os leuasem por seer Jente que njmguem emtende nem eles tam **çedo** aprenderiam a falar pera o saberem tam bem dizer que mujto mjllhor ho estoutros nom digam quando ca vossa alteza mandar. [xvi/adip/1091]: I-vos, meu santo, | que eu irei um dia destes, | muito **cedo**, muito prestes.

ced' → cedo.

certãamēte ~ **certamente** ~ **çertamente** ~ **certamēte** ~ **çertamēte** – adv. (< certãa ~ certa ~ çerta [do lat. *certa*]^{cp.} + *-mente* ~ *-mēte*). ‘de modo certo’; de maneira segura’. [xiii/cdsm/353]: Enton lle disse o abade: “Pois que tu est' oyd' ás, | e creio **certãamente** que con eles jantarás, | rogo-t' eu que vaa tigo comer de tan bon manjar”. [xiii/cdsm/241]: Este miragr' escrito foy logo mantenen', e deu a Santa Maria graças toda a gente; e nos assi façamos, ben sey **certamente** que é dos peccadores esforç' e lum' e via. [xiv/dsgd/13rc2]: **Ecertamēte** assi aca | eceo . *que* ante *quese* conprise oseti | mo dya . ante aqueste mõie mo | rreo . *pero* nõ fora chamado cõ os | outros pella uoz *que* do penedo fa | lara . [xiv/flos/6rc2]: E emtom oseu creligo dom *pedro* . | dise rrogote padre quem digas | por quese uãão os bõds deste mu) | do tam asinha . e os que poderiã | uiuer aproueito das almas de | mujtos . ou nõ os acham ia no | mundo . ou **çertamēte** som ia | muy poucos . [xv/cdpi/c38]: (...) e quamdo elRei Dom Pedro mandou sua filha Dona Beatriz, como anteagora ouvistes, pera casar com o Iffamte Dom Fernamdo, por aazo daver melhor ajuda delRei seu tio, soaram primeiro novas em Vallada, hu pousava elRei, que elRei de Castella lhe mandava duas suas filhas que estavam ja nas Alcaçevas, que



som dalli viimte legoas, mas nom sabiam dizer **certamente** por que as mandava a elRei, nem a que emtençom.

certamente → certãamête.

certamête → certãamête.

chãamente ~ **chaamente** ~ **chããmente** ~

chaãmête ~ **chããmête** ~ **chammente**

– adv. (< *chãa* ~ *chaa* ~ *chaã* ~ *chãã* ~ *cha* [do lat. *planus*, -a, -um]^{mf.} + -mente ~ -mête). ‘de modo simples’; ‘de maneira singela’. [xiii/cdsm/192]: Quando foi mannãa, | daly o sacou | seu dono; e **chãamente** | lle contou | que viu da louçãa | Virgen, que nos sãa | e nos da maçãa, | fez perdon aver: [xiv/flos/10vc2]: Conselham-te

chaamente que temas as obras do enmiigo e fuge delas em tal que as nõ faças, ca muyto som maaos, ca o temor de Deus dobre é. [xiv/dsgd/21rc1]: E dom pedro disse . sey esto padre | **chaãmête** / e nõ douido nêhãa | cousa . [xv/orte/33r]: Este bispo, como era muy leterado e muy sutil, husaua de sotilezas em suas preegaçõdes e nõ aproueytou nehãa cousa, e entõ enviarõ outro bispo, que nõ era tã leterado, mas era mais percebydo e husaua de exenplos e de parauoas, preegando **chããmête** em suas preegaçõdes, e este cõuerteo pouco meos toda Ingraterra. [xv/orte/101v]: E eu meesmo, vêdo esto, som tragido aa fe uerdadeyra, ca nõ sõ ã nos ymagêes e êcurrimêtos e argumentos mas he ã nos **chããmente** a uerdade que leua o homê aa saluaçõ, ca todos resurgiremos, hũus pera uida perdurauil e outros resurgirõ pera doesto perdurauel, e estaremos ante a cadeyra de Jhesu Christo, assy como nos êsinõ as vozes dos prophetas e esse meesmo Senhor, assy como da testemunho a doutrina do Eua[n]gelho. [xvi/gdlp/p41]: Na

declinaçõ natural onde falamos das dições tiradas: podemos tãbem meter os auerbios os quaes quando são tirados polla mayor parte ou sempre acabão em mente. como cõpridamente. abastadamente. **chammente**.

chaãmête → chãamente.

chammente → chãamente.

chus – adv. (< lat. *plus*)^{mf.} ‘mais’; ‘outra vez’; ‘em grau superior’. [xiii/tals/1019]: E mãdo ainda q(ue) se s’asunar todos nõ poderem ou nõ q(ui)serẽ ou descordia for ent(r)’(a)q(ue)stes a q(ue) eu mãdo departir aq(ue)stas dezimas suso nomeadas, ualia aq(ui)lo q(ue) mãdarẽ os **chus** muitos p(er) nõbro. [xiv/flos/13vc1]: Ca saãem todos, em tempo do pã colher, a segar ou a servir por el, em algua guysa, assy que o que **chus** pouco gaanha tres ou quatro cafizes som.

claramente → claramête.

claramête ~ **claramente** ~ **clãramente** –

adv. (< *clara* ~ *clãra* [do lat. *clarus*, -a, -um]^{cp.} + -mête ~ -mente). ‘de modo claro’; ‘de maneira nítida’. [xiv/dsgd/44rc2]: Pedro | E oseu creligo dom pedro disse | orame semelha padre que meu | proueito foy por que eu nõ entendi | tam asynha oqueme tu diseste e | tam **claramête** pera tolher adu | uida que eu auja . que ia emtende | abertamête aquello que primeiramête | duujdaua. [xv/orte/78v]: E, assy como esta animalia vee muy agudamête, bem asy Jhesu Christo vee muy **claramente** os aseytamêtos do diaboo, que se nõ pode esconder nê êcobrir da sua sabêça. [xvi/gpjb/p73]: Pessoaes õs que tem números e pessoas como: amo, amas, ama, amamos, amãies, amam, onde



claramente vemos dous números, singular e plural e cada um deles tem três pessoas: amo, a primeira; amas a segunda; ama, a terceira, etc.

como ~ **coma** ~ **come** ~ **cõmo** – adv. (< lat. *quomodo*)^{mf.}. ‘de que forma’; ‘da mesma forma’. [xiii/frac/70v]: E por esta razão auen muytas descordias e muytas (con)tendas antr’os omees. Vnde (con)uen a todo rey que ha de teer os poobos en justiça e en deryto que faça l[e]s p(er) que os poboos sabyã **como** an de uiuer, e as desauenças e os preytos que nasçerẽ antr’elles seyã departidos de guisa q(ue) aquelles q(ue) mal fazẽ recebã pã e os boos uiuam seguramente en paz. [xiv/fg/l025]: Sabe de q(ue) nos usam(os) ((L025)) e teem(os) por derreyto q(ue) o meyrão o corega coma out(r)o ueção e se pela uent(ur)a entral. e derõper ((L026)) a casa cõ pugno dar #v m(a)r(avidis) e se a derõper cõ coytelho dar #X^a m(a)r(avidis) e se a ((L001)) derõper cõ escud(os) ou lâcas ou espadas dar #XX. [xv/cdpi/cap3]: Rei Irmaão reçebemos vossa letera, pella qual nos significastes, a morte do mui alto, e mui honrrado elRei dom Affonssos de Portugal, vosso padre a que Deos perdoe, e per essa meesma nos fezestes saber, que vos assi como seu primogenito e herdeiro dos ditos reinos: erades levantado por Rei de Portugal, das quaaes novas em verdade Rei Irmaão ouvemos desprazer, e prazer juntamente, desprazer da morte do dito Rei, o qual sabiamos que nos amava **come** seu filho, e nos a el **come** a nosso muitoamado padre. [xvi/gd/p0s26]: e cada hũa destas ou são apartadas

como fazer ou jũtas como cõtrafazer. ou são velhas como ruão / cõpẽgar / çicais ou nouas **cõmo** peita e arcabuz. ou usadas como rẽda/sisa casa/corda.

communalmente → comũalmente.

compridament’ → compridamente.

compridamente ~ **compridament’** ~ **compridamẽte** ~ **compridamente** ~ **compridamẽte** ~ **cõpridamente** ~ **cõpridamẽte** – adv. (< comprida ~ conprida ~ cõprida [part. do v. *cumprir*, do lat. *complere*]^{m.} + *-mente* ~ *-ment’* ~ *-mẽte*). ‘de modo completo’; ‘de maneira plena’. [xiii/cdsm/369]: Eles forum muit’ aginna e pagaron seus dynneyros ben e muy | **compridamente** | a aquela moller bõa, e pediron-ll’ a sortella d’ouro fin, ca non | d’arente, | ond’ a pedra foi vermella; [e] que[n] quer que a catasse | por rubi sen nulla dulta cuydo que [a] juygasse. [xiii/cdsm/192]: Sa razon fñida, | fezo lo bautizar | seu don’, e **compridament’** | e muit’ onrrar. [xiv/dsgd/44rc1]: Eassy como este po | de ueer **compridamẽte** todallas | cousas *que* estam desóó atorre . Assy | aquelle que uee deus que he cri | ado[r] . detodallas cousas . pode ueer | naquel lume *per* que e em que | uee oseu criador todallas criatu | ras *que* som ã todo omundo *que* elle | fez . catodas som soel. [xiv/dsgd/14vc2]: Eassy aparece *queo* filho / | dedeus nosso senhor ihesu *christo* . *quehe* | **compridamẽte** deus e homẽ . e ha tã | grande poder como opadre e co | me *ospiritu santo* . e he hũa das tres pe | soas datrindade . algũa cousa *quer* | *quese* faça *quese* nom pode *conprir* . ca | *omilagre que* fez *naquestes* cegos . quis que fosse calado / e nõ fosse | sabudo . pero nõse pode asconder. [xiv/dnmv/46]: E esta doaço lhy faço por muyto bẽ que ouuj desse Mosteiro



e por dizimas que hy nõ paguej
cõpridamête como deuera. e por
cousas que ende ouuj. [xv/dnmc/204]:
(...) e nas dictas cassas certos adubíos
E benfeitorías segundo todo mjlor E
majs **conpridamente** he cõnheu/do
no estornamento do dicto
enprazamento (...). [xvi/gdlp/p41]:
Na declinação natural onde falamos
das dições tiradas: podemos tãbem
meter os auerbios os quaes quando
são tirados polla mayor parte ou
sempre acabão em mente. como
cõpridamente. abastadamente.
chammente.

compridamête → compridamente.

comũalmente ~ **communalme** ~
comunalmente ~ **comunalme** ~
cõmunalmente ~ **cõmunalmête** ~
cumunalmente – adv. (< *comũal* ~
communal ~ *comunal* ~ *cõmunal* [do
lat. *communalis*]^{mf.} + *-mente* ~ *-mête*).
'de modo comunal'; 'de maneira
comunitária, conjunta'.
[xiii/cdsm/233]: E dess huun se
tornaron. E pois as gentes souberon |
da terra este miragre, mui gran prazer
end' ouveron; | e todos **comũalmente**
a Santa Maria deron | loores, porque
son senpre os seus por ela guardados.
[xiii/cdsm/221]: As donas
maravilladas foron desto feramente | e
a aranna mostraron enton a muita de
gente, | e loaron mui' a Madre de
Deus Padr' omnipotente, | que todos
a[o] sseu reino **comunalmente**
convida. [xiii/frac/127v]: E s'ẽ #I
tempo foy feyta a diuida, todos os
deuedores q(ue) duu tempo sã seyã
entregados **communalme** cada huu
segũdo o que é a deuida.
[xiii/frac/106r]: Macar q(ue) o
marido aya mays ca a molh(er) ou
a molh(er) mays ca o marido, quer
en h(er)dade q(ue)r en mouil, todos
os fruytos seyam **cõmunalmête**

d'ambos e dous. [xiii/frac/111v]: E se
algũas gaanças fez o morto
da out(ra) parte, os
syrmaos p(ar)tãas **cõmunalmente** d(
e)(con)suu. [xiii/frac/110r]: E sse
ome qualquer morrer sen mãda e
erdeyros non ouu(er), assy como susu
é dito, o padre e a madre erden toda sa
boa **cumunalmente**, se fillo nenhuu
nõ ouu(er). [xiv/dsgd/44vc1]: pero
quero que saibas que este sancto de |
deus sam beento como quer que fose |
degrã fama no mundo por muytos |
millagres que fez . pero pareceo letra |
do **comunalme** per alguus liuros |
que ditou e escreueo arregla dos
monjes | ã quea / latim muy fremoso e
muyto | aberto e muy desempeçado
per que ohomẽ | aynda pode
entender aujda e os | costumes que
este sancto auja. [xv/orte/62r]: E bem
asy **comunalme** todo o mũdo fala
mêtirosamente.

comummente – adv. (< *comum* [do lat.
communis]^{cp.} + *-mente*). 'de modo
comum'; 'de maneira simples,
cotidiana'. [xvi/gpjb/p078]: E
leixando as figuras e viçios poéticos,
trataremos sómente daqueles per que
máis **comummente** fãlamos em
óraçãm soluta, porque, como já disse
quando tratei do açento, as cousas
que compétem aos poétas ficarãm
pera quando for restituído a este
reino o uso das tróvas.

comunalmente → comũalmente.

comunalme → comũalmente.

cõnheciamête → connoçudamente.

conhociamête → connoçudamente.

conhoçudamête → connoçudamente.

connoçudamente → connoçudamente.

connoçudamente ~ **cõnheciamête** ~
conhociamête ~ **conhoçudamête** ~
connoçudamente – adv. (<
connoçuda ~ *conhocida* ~
conhoçuda ~ *connoçuda* ~ *cõnhecida*



[part. do lat. *cognoscere*]^{mf.} + *-mente* ~ *-mête*). ‘de modo conhecido’; ‘de maneira consciente’. [xiii/cdsm/333]: **Connoçudamente** mostra miragres Santa Maria | en aqueles que a chaman de coração noit’ e dia. | Ca por esto quis Deus dela nacer, que dos peccadores | foss’ ant’ el por avogada, des i que todas doores | guariss’ e enfermidades; e daquesto sabedores | somos que sobre los santos todos á tal melloria. [xiii/cdsm/333]: Loando a Groriosa. E as gentes s’espertaron | todos [a] aquestas vozes; e poi-lo são acharon, | a Virgen Santa Maria mui de coração loaron, | porque tan apost’ acorre a quen por ela confia. | **Connoçudamente** mostra miragres Santa Maria... [xiii/frax/103r]: Estabelecemos e mandamos que todos os casamentos se façam per aquellas parauoas q(ue) manda a Sancta Eyg(re)ya e os que casarẽ seyã taes q(ue) possã casar sã peccado e todo casamento façasse **conhoçudamête** e nõ a furto e di guisa que se for mest(er) que sse possa prouar p(er) muytos. [xv/orte/15v]: Em esta batalha **conhocidamête** obrou a graça de Deus polla fe catholica e pella uirtude da Sancta Scriptura. [xv/orte/24v]: E porẽ diz o abade Casyano que o mõge que quer e cobiiça chegar ao cõnhecimeto das Scripturas, deue poer toda a jndustria da sua mête e a entençom do coração pera alinpar os vicios e os peccados carnaaes, ca, depois que os lançar de sy e as payxõdes da alma, logo os olhos do coração contemplarõ e uerõ **cõnhucidamête** os sanctos segredos das Scripturas, assy conmo fazem os olhos corporaaes que som enfermos, que nõ podem ueer o sol nõ a

claridade, e, tirada a enfermidade, logo podem oolhar o lume.

conpridamente → compridamente.

conpridamête → compridamente.

conthnuadamente → continuamente.

conthnuadamête → continuamente.

continoadamente → continuamente.

continoadamête → continuamente.

continuatamente ~ **conthnuadamente** ~

conthnuadamête ~

continoadamente ~ **continoadamête**

~ **continuatamête** ~

contynuadamente ~

cõthnuadamente ~

cõtinuatamente ~ **cõtinuadamête** –

adv. (< continuada ~ conthnuada ~ continoada ~ contynuada ~ cõthnuada ~ cõtinuada [do lat. *continuatus*, -a, -um]^{mf.} + *-mente* ~ *-mête*). ‘de modo continuado’; ‘de maneira consecutiva’.

[xiv/flos/62rc1]: Pero com tod’esto cada que deziam as horas ena eigreja, sempre alá ya **continuatamente**.

[xiv/dsgd/58vc2]: Euyuendo assy per tres | annos **conthnuadamête** huũdia o | emijgo antigo ueendose uençido per | tam grande forteleza do sancto monje | asanhouse e . sayo dacoua e tam grãde | foy a chama que dasua boca sayo que quei | mou quãtas aruores darredor domõ | te achou e per penna da uirtude de deus | conueolhe que dissese e que mostrase | atodos quamta era auertude e santi | dade que em aquel monje auja . e per tã | grande forteleza ouençera pois onõ | podera lançar daquella coua ã que | moraua per medo que lhe per tres ann)os | fezera. [xiv/dsgd/83vc2]:

Aqueste tolheo deus | olume dos seus olhos per quoren | ta annos **conthnuadamente** e | por que as grandes penas que deus da ã | este mundo aos homẽes por seus | pecados nõ as poderiã sofrer se agra / | ça delle



nõ ouuessem *pera* auer paçi | ençia
com *oque* sofresse. [xiv/dsgd/53vc1]:
Elle me contou que | dom erculom
bispo daçidade de peru | sio he homẽ
demujto sancta uida | cujo criado eu
fuy . e viuendo ã rrelli | giom fezerõno
bispo e aconteçeo em | tom no tẽpo
derrey totilla emijgo de | *deus* e dos
christãos . aoste dos godos te | ue
çercada aquella meesma çidade |
deperusio *per* sete annos **continoada**
| **mente** e polla grã fame *que* aujam |
aquelles que naçidade jaziã çerca | dos
mujtos çidadaos que afame nõ | podiã
sofrer fogiã . e amte que os | sete
annos fosem *compridos* tomarõ | os
godos açidade. [xiv/dsgd/54vc1]:
Quando | huũdaquelles que
guardauam | aegreia que era mais
soberuo ca | os outros uyo queo sancto
homem | esteuera tres dias
continoadamẽte | ãsua oraçom
cuidou queo fazia cõ | emfinta . e disse
aos sancto homem | *per* suas palauras
villãas *que* aquella | oraçom que
fezera *per* tres dias e | *per* tres noctes .
mais ofezera *per* | louuamjnhos dos
homẽes . ca por | guallardom que de
deus atemdesse . e | foy logo muy
asinha e deulhe hũa | ferida em seu
rostro e lançouo da e | greia como
homem yproquita e | que mostraua
que fazia uida degram | samtidade que
comsigo nõ auja. [xiv/dsgd/62vc1]: E
dom *pedro* seu clerigo disse gram tra
| balho he padre e cousa muy espan |
tosa he meter sempre mẽtes ã comose
| guarde homẽ **continuadamẽte**
contra elle conto nalide esta hũa aaz
contra | outra. [xiv/dsgd/61rc2]:
COMtou aynda sam | gregorio e disse
amigo nõ moes | teiro moraua
hũũfrade *que* estaua muy |
cõthinuadamẽte e he mayor *que* my
| de dias e sóóyme adizer muytas
cousas | *queeu* nõ sey em *que* amjnha

alma toma | conforto. [xv/orte/16v]:
Os fisicos desse[s]perarom da sua
uida, mais ella espera **cõtinuadamẽte**
hũũ [filho] de hũũ rey que ha em sy
tres condições muy nobres.
[xv/orte/52r]: Pello vnicornio, que he
besta muy cruel que persegue todos,
se êtede a morte, que nõ perdoa a
nẽhũũ, a coua he este mũdo, a aruor
he a medida da nossa uida que
contynuadamẽte he ruda e falece e
mĩgua pello dia e pella noyte, que som
os dous ratos que a rrooẽ, hũũ brãco,
per que se êtende o dia, e outro negro,
per que se êtende a noyte.
[xv/orte/84v]: E Mascezil se ffoy a
hũa jnsua hu viuiam seruos de Deus, e
esteue cõ elhes em jeiũs e ã orações
e ã salmos **cõtinuadamẽte** *per*
algũs dias cõ suas noctes.

contynuadamẽte → continuamente.

continuamente – adv. (< *continua* [do lat. *continuus*, -a, -um]^{cp} + *-mente*). ‘de modo contínuo’; ‘de maneira consecutiva’. [xvi/ctlp/prol]: E como quer, / mui manifico senhor, que a providemçia / diuina vos tenha dado [não sem] grande / merecimento [muito copiosa instrução], asi por notaveis e (e) mui / devotos rreligiosos que **continuamente** / em vosa casa temdes como por voso mui / craro emgenho, com tudo isto vos apraz / averdes notiçia das cousas feitas e ha- / queçidas polos jmclitos principes e grandes / senhores que amtigamente gram parte do mun- / do senhorearam.

contynuadamẽte → continuamente.

copiosamente – adv. (< *copiosa* [do lat. *copiosus*, -a, -um]^m + *-mente*). ‘de modo copioso’; ‘de maneira abundante’. [xvi/ctlp/prol]: E como com grande vomtade isto / desejase comprir, detriminei não somente se- / gir aos famosos poetas e istoreadores: / Virgilio e Omero e Ouidio e



Leomarte, / que disto mui
copiosamente falaram, mas a-/ jmda
segir em tudo e por tudo a Daris e / (e)
Ditis, estoreadores troianos, por
quanto / estes mesmos Daris e Ditis
fizeram sua / obra acabada e
comprida.

côpridamente → compridamente.

côpridamête → compridamente.

cordamente – adv. (< *corda* [do lat. *cordatus, -a, -um*]^{mf.} + *-mente*). ‘de modo cordato, ‘de maneira sensata, prudente’. [xv/dsgd/59rc2]: Epor | que acarreira per que sobiam ao môte | e que elle moraua era muy estreita. | huu menjno que hi antre aoutra jete | nõ metendo mentes como deuja hir | **cordamente** per tam perijgoso lugar.

corporalmente → corporalmête.

corporalmête ~ **corporalmente** – adv. (< *corporal* [do lat. *corporalis, -e*]^{mf.} + *-mête* ~ *-mente*). ‘de modo corporal’, ‘em pessoa’. [xiv/dsgd/79vc2]: Case elles creerem doseu corpo que se pode uêér pollos olhos . alguas | cousas que nunca uirom . por que | nõ creeram aquellas cousas muy | altas e muy boas que se **corporalmête** . | nõ pode uêér . ca rrazõ parece como | quer que seia ajudada polla fe que des | pollo morto dos corpos ujueram as | almas. [xv/cdpi/c27] (...), fez elRei chamar huu tabaliam, e presente todos jurou aos evangelhos per el **corporalmente** tangidos, que seemdo el Iffante, vivemdo aimda EIRei seu padre, que estando el em Bragamça podia aver huuns sete annos, pouco mais ou meos, nom se acordamdo do dia e mez, que el recebera por sua molher lidema per pallavras de presente como manda a samta igreja Dona Enes de Castro, (...).

cortesmente → cortesmête.

cortesmête ~ **cortesmente** – adv. (< *cortes* [do lat. *cors, cortis*]^{c.} + *-mête* ~

-mente). ‘de modo cortês’; ‘de maneira gentil’. [xv/orte/16v]: E entõ leuaram aquellas donzellas aquelle mãcebo ao castello muy **cortesmête**. [xvi/ctlp/c11]: E quando Jasom ouvio e vio / a fremosura tam grande em a domzela, tam / sabedor e tam desposta e os ofereçimen-/ tos e como lhe compria polas rrazões que / lhe avia dito, ele se lhe omilldou muy / **cortesmente** e dixelhe asy: «Senhora, por ser-/ to, eu creio agora que este meu caminho / os deoses o ordenaram, pois a mim maio-/ res cousas me quiseram dar do que lhes / eu pedia nem ajmda cuidei.

cõthinuadamente → continuamente.

cõtinuadamente → continuamente.

cõtinuadamête → continuamente.

cras → cras.

cras ~ **cras** – adv. (< lat. *cras*)^{mf.} ‘dia seguinte’; ‘amanhã’. [xiii/cdsm/292]: Con que vin ben des Toledo; e logo **cras** manaman | di a meu fillo que ponna esta omagen de Santa | Maria u a mÿa está, ca non é de pran | guisado de seer tan alte com’ ela, nen tan yqual. [xiv/flos/65rc2]: Leyxa-te hoje de maenfestar e **cras** te maenfestarás. [xv/orte/22v]: Leixo este soom cloax aas rããs e **cras** aos coruos e as uaydades aos vããos, e eu uou-me a hũa sciencia da lisica que he tal que nõ temem a conclusom da morte. Corminas e Pascual (1991) atentam que já era arcaísmo em 1500, ainda que não faltassem exemplos de seu uso; o que justifica a completa ausência da forma, ao menos neste *corpora*, no século XVI.

cruamête – adv. (< *crua* [do lat. *crudus, -a, -um*]^{mf.} + *-mête*). ‘de modo cru’; ‘de maneira difícil’. [xv/orte/62r]: Ca della uem ao homê a ceguidade do coraçõ e della ha grande sanha que he par de sandice, e della lhe uê a grande



yra e coragẽ, e della uem o trabalho apressado e sospeitoso e o cruel tormẽto da ãueya que queyma mais **cruamẽte** que o mais mezininho tormẽto do mũdo.

cruellmente → cruevilmente.

cruelmente → cruevilmente.

cruelmẽte → cruevilmente.

crueuilmẽte → cruevilmente.

cruevilmente ~ **cruellmente** ~ **cruelmente**

~ **cruelmẽte** ~ **crueuilmẽte** – adv. (< *cruevil* ~ *cruel* ~ *cruell* ~ *cruel* ~ [do lat. *crudelis*]^c + *-mente* ~ *-mẽte*). ‘de modo cruel’; ‘de maneira insensível’.

[xiv/flos/35rc2]: Di-me hu acharã aquelo que eu demando. Ou se nõ sabi por certo que te mandarey atormentar muy **cruevilmente** e depois enviar-t’ey esterrar a terra muy longe daqui, em que ti darã tantos tormentos, ata que moyras morte muy cruevil e muy desonrada? [xiv/dsgd/53rc2]: O clerigo diz *que* dom fulgẽ | çio *bispo* da egreia deutrilenera era muy | *perseguido* de totilla rrey dos godos muy **crueuilmẽte**. [xv/cdpi/c6]: Nenhum feito crime mandava que se desembargasse salvo perantelle, e se ouvia novas dalguum ladrom ou malfeitor, alongado muito donde el fosse, fallava com alguun seu de que se fiava, prometendolhe merçees por lho hir buscar, e mandavalhe que nom vehesse ante elle, ataa que todavia lho trouvesse aa mão; e assi lhos trariam presos do cabo do reino, e lhos apresentavom hu quer que estava; e da mesa se levantava, se chegavom a tempo que el comesse, por os fazer logo meter a tormento; e el meesmo poinha em elles mão quando viia que confessar nom queriam firindoos **cruellmente** ataa que confessavam. A todo o logar honde elRei hia, sempre achariees prestes com huun açoute, o que de tal offiçio tiinha

encarrego, em guisa que como a elRei trariam alguun malfeitor, e el dizia chamemme foaão que traga o açoute, logo elle era prestes sem outra tardança. [xv/orte/85v]: E quanto sanque se espargue **cruelmente** e quanta destroiçõ dos pobres e quanto despoboamẽto das terras! [xv/orte/85v]: E con sanha stringe os dentes e braada e esconde-se ãnas couas e ãnos lugares escondidos e aly esta asseytando as animalias que passam per aly, e salta ã ellas e espedaça-as **cruelmẽte**.

cumunalmente → comũalmente.

curtamente – adv. (< *curta* [do lat. *curtus*, *-a*, *-um*]^m. + *-mente*). ‘de modo curto’; ‘de maneira reduzida’. [xv/cdpi/prol]: Leixados os modos e diffinições da justiça, que per desvairadas guisas, muitos em seus livros escrevem, soomente daquella pera que o real poderio foi estabelleçido, que he por seerem os maaos castigados e os boons viverem em paz, he nossa emtençon neeste prollogo muito **curtamente** fallar, nom come buscador de novas razoões, per propria invençom achadas, mas come ajuntador em huun breve moolho, dos ditos dalguuns que nos prouguerom.

curyosamẽte – adv. (< *curyosa* [do lat. *curiosus*, *-a*, *-um*]^m. + *-mẽte*). ‘de modo curioso’; ‘de maneira interessada’. [xv/orte/152v]: E dizia que as cousas e as razões das cousas e as causas dellas erã tantas e tam jnfiindas e tam escondidas que, quanto o homẽ mais **curyosamẽte** e mais sotilmẽte ãquere ã ellas, tanto meos toma, aprendendo dellas. Esta moça muytas uezes via as cousas que nõ estauom presentes e as que aviam de uĩr.



D

dapres → apres.

daredor → derredor.

darredor → derredor.

deamte → deante.

deant' → deante.

deante ~ **deamte** ~ **deant'** ~ **diamte** ~

diante – adv. (< lat. *de-* + *inante*, através da var. arc. *denante*, *dēante*, *deante*)^c: ‘em frente’; ‘adiante’.

[xiii/frac/95r]: Se aquel que á de dar as testimonhyas en alguñ p(re)yto e ao plazo que posse o alcayde as adusser, se o outro ñ ueer ou non enuiar, o alcayd(e) ñ lexe de receb(er) as prouas assy como se el esteusse **deante** e uallã as testimonhyas se as ñ poder deytar p(er) algũa razõ assy como manda a ley. [xiii/cdsm/77]: O bispo e toda a gente **deant'** estando, | veend' aquest' e oynd' e de rijo chorando, | viron que miragre foi e non trasgeito | porende loaron a Virgen a feito. [xiv/dsgd/3vc1]: O *sancto* homẽ | dom honrrado abbade do dito *moesteiro* . | fez osinal dacruz sobre opene | do . e chamou onome de ihesu *christo* . | amuj *grandes* braados . *quelhe* so co | rresse . e logo openedo esteue em | sy . e nom foy mais por **diante** . | *pero que* nom achou lugar em *quese* re | teuisse. [xv/cdpi/cp28]: (...) e porem nos demovido açerca de tua pessoa com espiçial favor, por alguumas razooens, de que ao **deamte** esperamos paz e folgança em esses Rei nos, queremdo condescender a tuas prezes e delRei Dom Affonso teu padre, que per suas letras por ti a nos

humildosamente soplico (...)
[xvi/ctlp/cp6]: E a jmfante, / como quer que com gram medo emtendeo / que por ali lhes convinha passar, cavall-/ gou seu jrmão Frixo **diamte** e ella a-/ pos elle.

debaxo → debaixo.

debaixo ~ **debáixo** ~ **debaxo** ~ **debayxo** –

adv. (< *de-* + *baixo* [este do lat. *bassus*])^c: ‘na parte inferior de’; ‘sob’.

[xv/orte/74v]: E pois que asy he que o mudo pode falar cõ tanta multidõ de sanctos e cõ pessoas tam dignas, ñ deue curar de falar aos mais poucos e ñ dignos homẽs deste mudo, sse deleyta ênas cousas **debaixo**.

[xv/orte/75r]: E bem assy certamẽte qualquer homẽ tanto mais he enbargado de falar dedentro ã sua aalma cõ os santos, quanto se deleita falando con as creaturas terreaes **debayxo**.

[xvi/ctlp/cp33]: E este era mui / cruell as gemtes que **debaxo** de seu / poder e jurdição tinha. [xvi/gpjb/p80]: Hipozêsis quér dizer ajuntamento **debáixo**.

debayxo → debaixo.

deenvidos – adv. (< *de-* + *envidos* [este, do

lat. *invītus*])^{mf}: ‘contra a vontade’; ‘relutante’.

[xvi/flos/16vc2]: este foy ao moesteiro de mandado d’el-rey e disse a sã fruytoso que fizesse viir aquela donzela ant’el e que respondesse a seu esposo do que lhi demandasse. e quando ela sayo muy deenvidos, alçou os olhos ao ceo e rogou a nostro senhor que lhi ñ leixasse veer o rostro daquel seu esposo.

defronte – adv. (< *de-* + *fronte* [do lat. *frons*, *frontis*])^c: ‘de frente’.

[xvi/gpjb/p76]: Às que régem genitivo sam: debaixo do çéo; fóra do reino; dentro de casa;

defronte de mi; açerca de nós, etc.

deleitosamente → deleitosamẽte.



deleitosa ~ **deleitosamente** ~

deleitosamente ~ **deleitosamente** –

adv. (< *deleitosa* ~ *deleytosa* [deleit {do v. *deleitar*, do lat. *delectare*}^c: + -osa] + *-mête* ~ *-mente*). ‘de modo deleitoso’; ‘de maneira prazerosa’.

[xv/orte/150v]: E certamête, o homê que **deleitosa** uiue, desenpara [o amor de Deus e asy desenpara] Deus, que he amor e caridade. [xv/orte/6r]:

A Sancta Escripura he tal como ho orto do parayso terreal, porque ella he muy fremosamente apostada cõ marauilhosos e[n]xertos e muy graciosa

deleitosamente afeytada com muy graciosas plantas e he aprouada muy conpridamête cõ especias de muy bõ odor, e com flores muy resplandentes he muy **deleitosamente** cheyrada, e cõ fructos muy dilicados he muy auõdosamête **deleytosa**, (...).

[xv/orte/14v]: Este sancto homê ataa a fim de sua uida, que foy octeenta e cinco ãnos, nũca trouxe pano de linho nê foy banhado. E o corpo delle assy era refecto, que cuydariam os que o nã soubessem que uiuia **deleitosamente**. [xv/orte/102r]: E os rycos som lançados êna pobreza, e as molheres e os filhos delles, que forõ criados **deleitosamente**, uyuã e braadom depois, porque som lançados em muy grande mezquindade.

deleitosamente → **deleitosamente**.

deleitosamente → **deleitosamente**.

demais ~ **demays** - adv. (< lat. *demagis*)^{mf}. ‘excessivamente’; ‘além disso’.

[xiii/cdsm/295]: E outrossi nas sas festas ar fazia-lle mudar | senpr’ outros panos mais ricos pola festa mais onrrar, | e ben assi as fazia põer sobelo altar; | **demais** trovava per ela, segund’ oý departir. [xiii/frax/85v]: E se os alcaides quiserẽ fillar alguns homees que ouçã o preyto con el [ou]

con q(ue) se (con)selhe possa faz(er) e se nã quiser, [nã leyxe] a nenhuu traballarse no p(re)yto por ajudar a hũa parte e destoruar a out(ra) e se alguu y ouu(er) que o non queyra leyar p(er) mandado do alcaide, cada huu delles peyte #X m(a)r(auidi)s a meyadade a al rey e a meeada(e) ao alcaid(e) e **demays** deyteos do concelho uiltadamente. [xiv/flos/52vc1]: **Demais** sey eu huu homem que cada que estava em oraçõ sempre lha Deus compria. [xv/orte/147v]: Ca ella nã desejaua cõpanheyras, porque auia as boas cuydações por cõpanheyras e, ajnda **demais**, que êtom lhe parecia que era meos soo, quando era soo.

demays → **demais**.

dentro → dentro.

dentr’ → dentro.

dentro ~ **dentro** ~ **dentr’** – adv. (< *de* + adv. lat. *intro*)^{mf}. ‘na parte interior’; ‘interiormente’. [xiii/cdsm/318]: Ali un crerig’ avia de missa, que devoçõ mostrav’ acá aa gente, mais non era assi, non; e bõa paravl’ avia, mas **dentro** no coraçõ en com’ era de mal chẽo vos direi, se vos prouguer. [xiii/cdsm/115]: O moç’ ouve gran sabor | pois entrou na capela, | mas do hermitan mayor, | que viu **dentr’** en sa cela, | u ll’ enton Nostro Sennor | deu en un’ escudela | grand’ e bela | dous pães ben do ceo, | so un veo | que a toda cobria. [xiv/dsgd/15rc2]: Eante que nunca beezese ame | sa fez tanger as canpãas aa | bogya . perase pagarem del . que o | recebesem **dentro** pera comer. [xv/cpvc/3v]: E entraram toda las naos **dentro**. [xvi/adid/1165]: Trayo de dentro un leõ | metido en el coraçõ: | tiéneme el ánima dañada | en hombres, que es perdición.

depois → **depos**.



depos ~ depois ~ depouys ~ depus ~ despois
~ **despos ~ despoys ~ d'spois** – adv.
(< lat. *depost*)^{mf.} ‘em seguida’;
‘posteriormente’. [xiii/tals/1014]: E
mãdo q(ue) o q(ue) euder daq(ue)sta
mãda en mia vida q(ue) non’o busque
nenguu **depos** mia morte.
[xiii/frax/120r]: Todo vassallo
despoys que se espidir de seu senhor e
non lhy quis(er) tornar as armas nen
os caualos q(ue) del ouue, possao [o]
senor retar polhas lorigas.
[xiii/cdsm/069]: E **depus** isto, vernes
madurgada, | levava vinn’ e pan aa
pousada | Pedro do monge, u fez sa
passada | perant’ a porta que e mais
jusãa | Santa Maria [os] enfermos sãa
... [xiv/flos/27rc1]: **Depouys** que o
enmiigo mi fez tantas coyta levar e
tantas perseguições e tantas trestezas e
tantas amarguras e tantos pesares, assi
como vos ja contey, deu-mi **depos**
sesseenta e dous anos nostro senhor a
sa piedade que eu desejava pelo
princepe e pelos bispos da terra, que
mi fezerom muyta mercee e muyto
algo. [xiv/dsgd/4rc1]: Mais rogote
que me digas se aque | ste tam sancto
padre . deque suso fall | aste . se leixou
despos sy alguũ | seu discipulo queo
seguisse. [xv/cpvc/12r]: E **depois** da
comunham comungaram eses
Relegiosos E sacardotes E o capitam
com alguũs de nos outros ./ alguũs
deles por o sol seer grande em nos
estando comungando aleuantaran sse.
[xvi/ctlp/cp1]: E **despois** que quedou
/ Noe das agoas do diluio n’ arca que
Deus / lhe mandara fazer ele ali com
sua molher / e tres filhos: Sem, Cam
e Jafet e suas / molheres e as outras
alimarias que Deus a-/ li lhe mandara
meter. [xvi/gdlp/p17]: Os ditõgos que
eu ache y antre nos portugueses são
estes .ae. como tomæ .ãe. como pães
.ao. como pao .ão. como pão . ãy .

como mãy .ei. como tomei .eo. como
çeo .eo. como d’s .eu como meu .io.
como fugio .oe. como soe .oi. como
caracois . ðe. como põe .oi. como boi
.ou. como dou .ui. como fuy .nos
quaes .a. grãde e .a. pequeno .e assi .e.
grãde e ω grãde sempre se prepõe e
todas as outras asvezes se põe âtes e
as vezes **d’spois** hũas das outras
queremos aq repetir quanto e
neçessaria esta letra ou sinal til pera
os ditõgos porq se em çidadão e
escruião e outros desta voz e 30 outras
escreuemos .m. ou .n. no meyo dira
vilamo ou vilano.

depoys → depos.

depus → depos.

dereador → derredor.

dereitament’ → dereytamente.

dereitamente → dereytamente.

dereitamēte → dereytamente.

dereytamente ~ **dereitament’** ~
dereitamente ~ **dereitamēte** ~
dereytamēte ~ **deritamēte** ~
derytamente ~ **direytamente** ~
direytamēte – adv (< *dereyta* ~
dereita ~ *derita* ~ *deryta* [do lat. vg.
derectus, -a, -um]^{c.} ~ *direyta* ~ *direyta*
[do lat. class. *directus*, -a, -um]^{c.} + -
mente ~ -*ment’* ~ -*mēte*). ‘de modo
correto’; ‘de maneira esperada’.
[xiii/frax/114r]: Nenuũ omẽ poys
que for outurgado
dereytamente p(er) mandado
da S(an)c(t)a Eyg(re)ya cũ
algũa molh(er), non seya ousado de
casar cũ outra dementre que
aquella uiu(er) a macar q(ue)n(õ) aia
beeçoes cũ ella en Eygreya e macar
que nõ morarẽ en huu. [xiii/frax/71r]:
(...), pedĩdonos mercee q(ue) lhy
enmendassemos os usus se(us) que
achassemos que erã sen dereyto e que
lles dessemos foros per que iulgassẽ
dereytamēte d(es) aqui adeante, nos
ouuemos consello cũ nossa corte e cõ



os sabedores d(e) dereyto e demuslhys este foro q(ue) é scripto eneste liuro p(er) que se juygẽ cõmunalmente baroes e molheres e mandamos que este foro seya aguardado p(er) todo semp(re).

[xiii/frac/71v]: E tuda a da fe guardar e a Eyg(re)ya d(e) Roma q(ue) a manda guardar come sac(ri)fiço de N(ost)ro Senh(ur) Ih(es)u C(rist)o que se faz subello altar pello sac(er)dote que **derytamente** é ordyado e como do baptismo e dos outros sac(ra)mentos de S(an)c(t)a E yg(re)ya.

[xiii/frac/75v]: E ueem(os) q(ue) aquelles que **deritamẽte** o fazem ac(re)centalhes Deus seus bees. [xiii/cdsm/275]: E pois beveron, ar fillaron-s' a ir | **dereitament'** a Terena por conprir | ssa romaria; e porque os guarir | fora a Virgen, deron y por sinal | A que nos guarda do gran fog' infernal... [xiv/flos/76vc1]: E porque os cristaos entenderom que o emperador nonos mandava chamar se nõ pera sacrificar os ydolos e pera atormentar per desvayrados tormentos aqueles que sacrificar nõ quisesses, sete mancebos de gram sanguy que andavam em seu paaço e se amavam muy **dereitamente** huus outros, pois entenderom que per graça do spiritu sancto que a fe de Jhesu Christo por que muytos sofriam desvayrados tormentos era verdadeyra, em que se os homens podiam salvar e sem ela ne)hũ nõ podia receber salvaçõ das almas e dos corpos depos a resurreiçõ, creerom em Jhesu Christo e firmarom os seus corações de sofrer polo seu amor quantos e quam desvayrados tormentos lhis dessem e nunca fazer sacrificio aos ydolos que os gentios tiinham por seus deus.

[xiv/dsgd/22vc1]: E | prepos em seu coracõ dehir mo | rar ao deserto . e hũa sua ama | **queo** amaua muj **dereitamẽte** . | foisse soo com el. [xv/orte/91r]: E acharom pastores que guardauã gaado, que lhes disserom que hũa carreya daquellas era dura e fragossa e estreyta e per aquella hyriam **direytamẽte** e seguros a sua terra, e que a outra era ancha e chãã mas era perigosa e chea de ladrões. [xv/orte/116v]: Porẽ diz Sancto Ysidoro que aquelles som chamados rex **direytamente**, que sabem reger per boa maneyra tam bem sy meemos como os seus sojeitos. [xvi/gpjb/p086]: ESTA palavra ortografia é grega; quér dizer ciência de escrever **dereitamente**.

dereytamẽte → dereytamente.

de rijo → de rrijo.

deritamẽte → dereytamente.

derredor ~ deredor ~ daredor ~ darredor

– adv. (< *de* + *arredor* [este, de *a* + *redor*] ~ *de* + *redor*)^{mf}. ‘em volta de’.

[xiii/frac/143r]: Qvẽ aruor talhar ou parede derribar ou out(ra) cousa semellauil, seya teudo de o dezir aos q(ue) stã **derredor** q(ue) se g(ua)rden.

[xiv/dsgd/61vc2]: E tamto creçéeo aagua **derredor** daegreia | que chegou ataas frestas *que* estauam | chegadas ao teito da egreia . epero as por | tas daegreia estauã abertas e aagua | corresse **deredor** da egreia.

[xv/cpvc/13r]: E poseram lho **daRedor** de sy ./ pero ao asentar nom fazia memorea de o mujto estender pera se cobrir. [xv/orte/147r]: E poserom serpentes arredor do collo delle e **darredor** dos braços, dizendo: Esto recebe pellos abraçamentos das molheres que oueste. [xvi/ctlp/cp7]: E foise as serras e ali acolheo a sy / os mallfeitores e mantinhamse dos



rroubos / que faziam aos poucos de **derredor**.

de rrijo ~ de rijo – adv. (< de + rijo ~ rrijo [este do lat. *rigidum*])^{mf}. ‘com rijeza, energia, força’; ‘robustamente’. [xiii/cdsm/047]: Quand’ esto viu o monge feramen s’ espantou | e a Santa Maria mui **de rrijo** chamou, | que ll’ apareceu logu’ e o tour’ amêaçou, | dizendo: “Vai ta via, muit’ es de mal solaz.” [xiv/flos/19vc2]: E o pegureyro as tragia dũa parte e da outra per aqueles logares **de rijo** e sem piedade.

descortesmente – adv. (< *des-* + *cortes* [do lat. *cors*, *cortis*]^c + *-mente*). ‘de modo descortês’; ‘de maneira não gentil’. [xiv/ctlp/cp9]: Laume-/ dom, sem saber quem eram nem domde / vinhão, mandoulhes dizer mui **descor-/ tesmente** que se saisesem logo de seu por-/ to e ali nam estiuesem tam soo hũa ora, / se nam que soubesem que os deitaria / dali a mall de seu grado.

desdenhadamente – adv. (< *desdenhada* [part. do v. *desdenhar*, do lat. *disdignare*]^c + *-mente*). ‘de modo desdenhado’; ‘de maneira desvalorizada’. [xiv/flos/50rc2]: Se al nõ por reverença daqueles monges que seem com el nõ me enviará mal e **desdenhadamente** dante a sa porta, se lh’eu mostrar este meu filho que lhi gaanhe algũa mercee de Deus.

desembargadamente – adv. (< *desembargada* [part. do v. *desembargar*, do lat. *imbarricare*]^c + *-mente*). ‘de modo desembargado’; ‘de maneira desimpedida’. [xiv/dsgd/48vc2]: E como o pobóo ouyo | amdar e atã **desembargadamente** . | fallar começarõ achorar cõ prazer e dar | mujtas graças adeus .

desenfreadamête – adv. (< *des-* + *enfreada* [part. do v. *enfrear*, do lat. *infrenare*]^c + *-mête*). ‘de modo desenfreado’; ‘sem interrupção’. [xv/orte/150v]: O bezerro que ham de matar, correndo liuremête pera a morte, husa **desenfreadamête** dos deleitos, ca os bezerros que teem pera matar leixa[m]-nos andar liuremête soltos ênos pastos.

desonradamente ~ desonrradamête – adv. (< *des* + (*h*)*onrada* ~ (*h*)*onrrada* [part. do v. *honrar*, do lat. *honorare*]^c + *-mente* ~ *-mête*). ‘de modo desonrado’; ‘de maneira desacreditada’. [xiv/flos/12vc2]: Quando esto ouvyo o bispo e as outras gentes creerom-no e mandou o bispo que lho levassem deante muy **desonradamente**. [xiv/dsgd/74rc1]: E por que | os lagareiros nõ ujam nõ hũa | zeite correr da oliuas . e uiam queo | *seruo dedeus queos coitaua pera lhe emche* | rem ho odre d’azeite . asanharonse | comtra elle muy rrygamente . e tro | uuerõno aynda pior *que da primeira* | e aujltarõno muy mal e doestarõno | **desonrradamête**.

desonrradamête → desonradamente.

despois → depos.

despos → depos.

despoys → depos.

destintamente ~ distintamente – adv. (< *destinta* ~ *distintá* [do lat. *distinctus*, *-a*, *-um*]^m + *-mente*). ‘de modo distinto’; ‘separadamente’. [xvi/gdlp/p7]: Examinemos a melodia da nossa ligua e essa guardemos como fezerão outras gêtes: e isto desdas mais pequenas partes tomando todas as vozes e cada hũa por si e vendo em ellas quantos diuersos mouimentos faz aboca cõ tâmbê diuersidade do som e em que parte da boca se faz cada mouimento porq nisto se pode



discutir mais **destintamente** o proprio de cada lingua. [xvi/gpjb/p65]: Os Latinos (a quem nós seguimos) **distintamente** faláram déla.

de todo – adv. (< de + todo (este do lat. *totus*)^{mf}. ‘totalmente; ‘por inteiro’. E também se tira este vérbo [h]ei, [h]ás que é **de todo** irregular, assi na conjugaçám como na formaçám, porque, sendo da primeira conjugaçám, acába no infinito em *er*, que paréçe da segunda.

detras – adv. (< *de-* + *tras* [este do lat. *trans*])^c. ‘na parte posterior’; ‘após’. [xv/cpvc/2v]: E huum deles trazia per baixo da solapa de fonte a fonte pera **detras** huña maneira de cabeleira de penas d aue amarela que seria de compridam d huum couto . muy basta.

deuinalmête – adv. (< *deuina* [do lat. *divinus*, -a, -um]^c + *-mête*). ‘de modo divino’; ‘de maneira sublime’. [xv/orte/21r]: Toda scriptura **deuinalmête** spirada proueytosa he pera ensinar, pera seer homê perfectó pera todo bem.

deuotamente → devotamente

deuotamête → devotamente.

devotamente ~ **deuotamente** ~ **deuotamête** – adv. (< *devota* ~ *deuota* [do lat. *devotus*, -a, -um]^c + *-mente* ~ *-mête*). ‘de modo devotado’; ‘de maneira dedicada’. [xiii/cdsm/295]: Ca aquestas duas cousas fazem muy conpridamente | gaannar amor e graça dela, se **devotamente** | se fazem e como deven; e assi abertamente | parece a ssa vertude sobre tod’ ome coitado. [xiv/dsgd/12rc1]: Efoisse denoche peraaquel | lugar hu estaua openedo . e fez | sua oracõ muj **deuotamête** ano | sso senhor . quelhe tirasse daly a | quel penedo . per tanto espacio ãquanto | os mões podessem auer orto | deuercas enquese podessem manter. [xv/orte/121v]: E ella,

fazêdo sua oraçom **deuotamente** aa bêêta Uirgem, adormec[e]o.

dianete → deante.

dianete → deante.

dignamente → dignamête.

dignamête ~ **dignamente** – adv. (< *digna* [do lat. *dignus*, -a, -um]^{cp}. + *-mente* ~ *-mête*). ‘de modo digno’; ‘de maneira apropriada’. [xv/orte/147v]: E **dignamête** he de maginar que esta tal alma que he cadeyra de Deus, esplandecête cõ grande apostamento de uirtudes. [xv/cdpi/cp3]: Porem requeremos aa tua real da reza que sempre com firme desejo vivas em temor do Senhor Deos, honrrando a sua sancta egreja, e sendo favoravel aas ecclesiasticas pessoas: as mantenas sempre em seus direitos, e liberdades: e que sejas amator, e deffensor das viuvas, e dos orfoons, alçando os agravos aos teus sobditos que lhe nom seja feita enjuria, e que sem reçoimento dalguma pessoa sempre sejas honrrador e amator da justiça, de guisa que por tuas obras **dignamente** sejas chamado per nome de Rei que bem rege; e sei çerto se o assi fezeres, que sempre em teus dias viveras em paz, e folgança, avendo Deos em tua ajuda., e a sua santa egreja te avera em sua emcomenda sendo prestes pera toda tua honrra, e comprimento de justas petiçoões, dante em Avinhom &c.»

dilicadamente ~ **dilicadamête** – adv. (< *dilicada* [do lat. *delicatus*, -a, -um]^c + *-mente* ~ *-mête*). ‘de modo delicado’; ‘de maneira atenciosa’; ‘de maneira frágil’. [xv/orte/56v]: E porê Sancta Pelagia, sendo neta de rey, de muy alta geeraçõ e noblemente nada e noblemête cassada cõ o principe da cidade de Lemogêes e muy **dilicadamente** criada ênas riquezas e emnos deleitos deste mûdo, depois



que lhe morreo seu marido, mudou o trayo segral e abaixou a nobreza da sua linhagem en tanto e calcou emteyramête os afaagos e a booa andança deste mûdo, que andaua pellos agros fazendo seruiço e obras per suas mãos, per que ouuese a necessidade muy estreyta pera sua uida, êtendendo que as cousas da booa andança deste mûdo nõ erã propriamente booa. [xv/orte/151r]: Outrosy conta Uicente ãna Storia triptica que Pedro Damiam, duc de Ueneza, avia hũa sua molher que viuia tam **dilicadamête** e tam uiçosamête, que se nõ queria lauar cõ as aguas das fontes nẽ doutros lugares con que se acostumauã lauar os homẽs, mas os seus seruos lhe apanhauã, donde quer que podiam, o orualho que caya do ceo pera se lauar cõ elle.

dilicadamête → dilicadamente.

direytamente → dereytamente.

direytamête → dereytamente.

discretamente – adv. (< *discreta* [do lat. *discretus, -a, -um*]^m + *-mente*). ‘de modo discreto’; ‘de maneira reservada’. [xv/orte/152v]: Ca ella tam sagesmente [falaua e tã **discretamente**] conselhaua e tam proueytosamête emduzia e amoestaua, que claramête parecia que o Senhor Deus, que ensyna sciencia a todo homẽ, siia e moraua ã ella. [xvi/gdlp/p27]: E tambem escreuer/quasi **discretamente** ver E alfayate porque faz alfayas.

distintamente → destintamente.

docemente ~ **docemête** – adv. (< *doce* [do lat. *dulcis*]^{cp} + *-mente* ~ *-mête*). ‘de modo doce’; ‘de maneira agradável’. [xv/orte/130v]: E o padre leuãtou-o e abraçou[-o] **docemente** e beijou[-o]. [xv/orte/71v]: E cantã muy **docemête**, ã tal guisa que cõ a dulçura do seu cantar fazẽ adormecer os mareantes.

docemête → docemente.

dooridamête – adv. (< *doorida* [do lat. *doloritus, -a, -um*]^c + *-mête*). ‘de modo dolorido’; ‘com sofrimento’. [xiv/dsgd/60rc1]: Seendo huu dia e sua pousada que esta | ua perto da egreia ouujo hũa molher | chorar muy **dooridamête** denoite sobre | seu marido que tijnha morto na egreia | caonõ poderam soterrar de dia por que | morrera escontra auespera.

doutamente – adv. (< *douta* [do lat. *doctus, -a, -um*]^m + *-mente*). ‘de modo douto’; ‘de maneira instruída’. [xvi/gpjb/p20]: E, por a nõssa gramática, nêsta parte, nam ficár escãssa, diremos dos pontos que podemos usár, se quisêrmos **doutamente** escrever.

d’spois → depos.

duramête – adv. (< *dura* [do lat. *durus, -a, -um*]^c + *-mête*). ‘de modo duro’; ‘de maneira penosa’. [xv/orte/54v]: E he outrosy a carnẽ tal come o caualo brauo, e porẽ diz o Ecclesiastico que o cauallo que nõ he amãsado uay **duramête**.

E

ẽcubertamente → emcubertamente.

ẽde → ende.

eentom → enton.

eentom → enton.

eentõ → enton.

embora – adv. (contr. *de em boa hora*)^c. ‘em boa hora’. [xvi/adid/l200]: Ide e vinde muit’ **embora**.

emcubertamente ~ **ẽcubertamente** ~ **encubertamente** – adv. (< *emcuberta* ~ *encuberta* ~ *ẽcuberta* [em- ~ en- ~



-ê + {*cuberta* → *coberta* (part. do v. *cobrir*, do lat. *cooperire*)^c} + *-mente*). ‘de modo encoberto’; ‘de maneira escondida’. [xv/cdpi/cp17]: Em esto adoeceo Dom Joham Affonssso Dalboquerque, e elRei mandou **emcubertamente** trautar com o físico que pensava delle, que lhe faria merçees, e que lhe desse com que morresse: e elle fezeo assi, segumdo depois foi sabudo; e os vassallos de Dom Joham Affonssso prometerom de nom emterrar o seu corpo ataa que esta demanda fosse acabada, e el assi o mandou em seu testamento: e quando aquelles senhores hordenavom conselho sobre aquello que lhes comviinha fazer, fallava em logar de Dom Joham Affonssso, Rui Diaz Cabeça de vaca, que fora seu mordomo moor; e eram as gentes destes senhores todos ataa cimquo mil de cavallo, e muita gente de pee. [xv/orte/98v]: E o meestre respondeo: Todos cryam que eu era bõdõ, mas eu **êcubertamente** husaua esta maldade, e, quando estaua ã ponto de morte, nõ quisse confessar este pecado cõ uergonça e, quando me senti muy chegado aa morte, mãdey pello capellã pera lhe cõfessar este pecado contra natura, e, ante que elhe ueese, sayo-me a alma. [xvi/ctlp/cp6]: E mandoulhe que mui **encubertamente** / o leuase a montanha e o dese a criar e man-/dase aquele que ho ouvese de criar que ho / criase a todalas asparesas, ora farto ora / faminto, ora ao frio ora ao soll, e que lhe / pusesem nome Jupiter.

emfim ~ **enfim** – adv. (< prep. *em* + *fim* [do lat. *finis*, *-is*]^{mf}). ‘finalmente’; ‘afinal’; ‘por fim’. [xv/cdpi/cp31]: A maneira de sua morte, seemdo dita pelo meudo, seria mui estranha e crua de comtar, ca mandou tirar o coração

pellos peitos a Pero Coelho, e a Alvoro Gomçallves pellas espadoas; e quaaes palavras ouve, e aquel que lho tirava que tal officio avia pouco em costume, seeria bem doorida cousa douvir, **emfim** mandouhos queimar; e todo feito ante os paaços omde el pousava, de guisa que | comendo oolhava quamto mandava fazer. [xvi/adip/1492]: Tudo é nada **emfim**!

emjustamente – adv. (< *injusta* [do lat. *injusta*]^m + *-mente*). ‘de modo injusto’. [xvi/ctlp/cp8]: E dizia a gemte que aquela em-/ presa era da rrainha sua senhora e ele que hi-/ a com ela como com sua mesma mai que era / e polo samge **emjustamente** derramado de / seu[s] jrmãos.

emtam → enton.

emtão → enton.

emteiramente → inteiramente.

emteiramête → inteiramente.

emteyramête → inteiramente.

emtom → enton.

encubertamente → emcubertamente.

end’ → ende.

emfim → emfim.

enganosamente – adv. (< *engan* [el. comp. do lat. tardio *ingannare*]^m + *-osa* + *-mente*). ‘de modo enganoso’; ‘de maneira a induzir ao erro’. [xiii/cdsm/195]: Ali u lidaron, | ca ben y mataron | e ar enterraron | aquel que t’ avia | por muit’ **enganosa-** | **mente**, e a el tiraron| daquest’ amargosa | Quena festa e o dia ...

enhatamente – adv. (< *enhata* [de origem desconhecida]^c + *-mente*). ‘de modo hediondo’; ‘de maneira repugnante’. [xiv/flos/23rc2]: E muytas vezes veo a mim qual ele era muy negro e de mais vestia-se o mais **enhatamente** que podia e viinha a mim como besta espantosa, por me espantar e por mi fazer mal, em logar de mi fazer bem.



ensembra – adv. (< lat. *in simul*)^{mf.} ‘em conjunto’; ‘juntamente’.
[xiii/frax/77r]: A ley deue seer moostrada que todo o ome o possa entender q(ue) nenguu non seya enganado p(er) ellae q(ue) seya (con) uenhauil aa t(er)ra & ao tẽpo e s[e]ya onesta e boa e dereyta e ygual e profeytosa a todos **ensembra** e a cada huu p(er)sy. [xiv/flos/37rc2]: Em tempo daqueste, vivendo os cristaos em gram folgança e sem mal que lhis neguu fezesse e a cidade de Merida **ensembra** com seu sancto bispo Masono, dando muytas graças a Deus porque viviam em gram mana e em gram folgança, em muyto serviço e em muyto louvor de nostro senhor(...).

entam → enton.

entanto – adv. (< lat. *intantum*)^{mf.} ‘nesse tempo’; ‘nesse ínterim’.
[xiii/cdsm/065]: E o ome bõo sempre lle rogava | que sse corregesse e o castigava; | mais aquel vilão poren ren non dava, | assi o tragia o dem’ engan[a]do. | A creer devemos que todo pecado ... | Pois que o prest[e] viu que mõiamento | non lle valia ren hũa vez nen çento, | escomungou-o enton por escarmento, | cuidando que fosse per i castigado. | A creer devemos que todo pecado ... | Mais el por aquesto non deu nemigalla | nen preçou sa escomoyon hũa palla. | **Entanto** o preste morreu, e sen falla | ficou o vilão del escomungado. [xvi/adid/1257]: Calai-vos, muitieramá, | até que meu irmão se vá! | Dissimulai por i **entanto**.

então → enton.

enteiramente ~ **emteiramente** ~
emteiramẽte ~ **emteyramẽte** ~
enteiramente ~ **enteyramẽte** ~

ẽteyramente ~ **ẽteyramẽte** – adv. (< *enteira* ~ *emteira* ~ *emteyra* ~ *enteyra* ~ *ẽteyra* [do lat. *integrã*]^{c.} + *-mente* ~ *-mẽte*). ‘de modo inteiro’; ‘de maneira completa’.
[xiii/cdsm/045]: Os diaboos ar disseron: “Esto per ren non faremos, | ca Deus é mui justiceiro, e por esto ben sabemos | que esta alma fez obras por que a aver devemos | toda ben **enteiramente**, sen terç’ e sen meadade”. [xiv/dsgd/45rc1]: Eaconteço hũũdia *que* em quanto | assy amdaua per montes e per ualles . | uééo *aquella* coua ã que *primeiro* mora | ra sam beemto e hi folgou toda *aquella* | noite sem outro *que* em ella ouuese .⁴⁹ | dos millagres *que* hi *deus* fazia pollo glo | riosso sam beemto e despois quese le | uantou amanhaa achouse saa e | salua cõ todo seu emtẽdimento co | mo se nũca fosse sandia e asy foy sẽper | sáa e cõ todo seu siso **enteiramente** | todo tempo de sua ujda . [xv/cdpi/prol]: A huma por espertar os que ouvirem que emtemdam parte do que falla a estoria, a outra por seguirmos **emteiramente** a hordem do nosso | razoado; no primeiro prologo ja tangida. [xiv/dsgd/69rc2]: Mais *aquelle* | quese ia ofereçera *adeus emteiramẽte* | Elle otrouue muy mal e doestou | asi como elle deuja . *aquelle bispo* da | seita d’ario *que* aelle ueera *perao* comũ | gar denoite . disselhe *que* como quer *que* | elle esteusse no corpo legado e deson | rrado e mal treito . *pero* asua alma | tijnha muy segura e muy asessega | da e muy firme eno amor de ihesu | *christo* na sua fe . [xiv/flos/18rc2]: E Apollonio ya ensinando e castigando da fe de Deus os que o levavam presos, e eles se tornarom todos

⁴⁹ Sinal de justificação



cristaaos e receberam a fe de Jhesu Christo **enteyramente** em seus corações e foram ante o juyz e outorgarom-se ant'el que eram cristaaos. [xv/orte/40v]: E case-sse **enteyramête** cõ o Ffilho de Deus, que, cõ grande amor e caridade que ouue de releuar a nossa mezquindade, sposou cõsigo a nossa natureza. [xv/orte/56v]: E porẽ Sancta Pelagia, sendo neta de rey, de muy alta geeraçõ e noblemente nada e noblemête cassada cõ o principe da cidade de Lemogêãs e muy dilicadamente criada ênas riquezas e emnos deleitos deste mûdo, depois que lhe morreo seu marido, mudou o trayo segral e abaixou a nobreza da sua linhagem en tanto e calcou **enteyramête** os afaagos e a boa andança deste mûdo, que andaua pellos agros fazendo seruiço e obras per suas mãos, per que ouuese a necessidade muy estreyta pera sua uida, êtendendo que as cousas da boa andança deste mûdo nõ erã propriamente boas. [xv/orte/65v]: E assy parece que a bemauêturãça das cousas mortaaes he mezquinha, a qual nõ dura perdurauelmête a aquelles que a soffrem cõ ygual coraçõ, nõ ella toda **êteyramête** deleyta os que som coytosos com ella. [xv/orte/65v]: Ca a cõdiçom dos bêãs humanaes he muy coytada, a qual ou nõca uẽ toda **êteyramente** [ou nõca dura perdurauelmente].

enteyramente → enteiramente.

enteyramête → enteiramente

entõ → enton.

entom → enton.

enton ~ **eemtom** ~ **centõ** ~ **centom** ~ **emtam** ~ **emtão** ~ **emtom** ~ **entam** ~ **então** ~ **entam** ~ **entám** ~ **entõ** ~ **entom** ~ **entón** ~ **êtão** ~ **êtom** ~ **êton**
– adv. (< lat. *intunc*)^{mf.} ‘nesse ou

naquele momento’. [xiii/cdsm/027]: Os Apostolos log’ a Monte Syon | foron, u a Virgen morava **enton** | Santa Maria, e muy de coraçõ | a rogaron que os vëess’ acorrer. [xiii/cdsm/281]: Diss’ **entón** o cavaleiro: “Este poder nono ás | que me façás que a negue, nen tanto non me darás | que negue tan bãõ dona; ante m’ iria matar”. [xiii/frac/80r]: E sse aquecer que alguu dos escriuaes enfermar ou p(er) out(ra) razõ no poder faz(er) carta que lly mandẽ, vaa **entõ** [a] alguu dos outros scriuaes publicos q(ue) a faça. [xiv/flos/51vc1]: E des **entom** ata hoje este dia nunca vi homem nem molher. [xiv/dsgd/52vc1]: **Eentõ** | opoboo que uéera *pera* uer amorte | do sancto deu gramdes braados . e | marauilhouse muyto começou | ahomrrar osancto *bis*po polla hon | rra quelhe fezerõ as bestas mu | das. [xiv/dsgd/52vc1]: **Eemtom** elrey polla grã | marauilha que vio da honrra | queo husso fezera ao sancto *bis*po | trabalhouse d’honrrar osancto *bis*po | pois queo honrraua abesta que | emtendimento nõ auja . ca entẽ | dia *que* este nõ era senõ polla graça | e santidade que ã elle auja. [xiii/dsgd/2vc1]: **Eentom** disse dom pedro . | nõ cuydo eu / *que* em toda terra de yta | lia . aia homéês de grandes *uir*tu | des. [xiii/dsgd/29vc2]: E dom pedro dise **emtom** | grandes marauilhas som estas | padre que contas deste glorioso | sam beento . que na auga que | tirou da pedra semelha mouses | eno ferro que sayo do fundo da | allagoa açima d’agua semelha | eliseu . e em agua ã que amda | ua semelha oapostollo sam pedro | ena obediência docoruo semelha | dauid. [xv/cpvc/3r]: E **entam** *pera* o castical como que avia



tambem prata ./ mostraran lhes huum papagayo pardo que aquy o capitam traz ./ tomaram no logo na mão. [xv/orte/3v]: E **emtam** abriřõ-lhe o costado e acharon-lhe o caraçom aberto e partido, e era dentro em elle escripto: Jhesu meu amor. [xv/orte/35v]: E esto ata aqui diz Sancto Ysidoro. E diz Plinyo que o leom **ētom** he ãna mais alta nobreza, quando tẽ os ombros e o collo cubertos de comas. [xv/orte/110r]: E tẽẽ-sse por beauẽturados, quando som poderosos, e ã esto som malamẽte ãganados, porque, quanto os poderosos forẽ ã mais alto estado, **ētõn** se reuoluẽ ã mayor periigo. [xvi/cpvc/4v]: E **entam** bertolameu dijz o fez outra vez tornar que lhes dese aquilo. [xvi/ctlp/cp2]: Porem, lembradosel[h]e do mall que seu pay / e a sua cidade tinhão pasado, fez hum all-/ caser em hũa penha mui allta que esta-/ va ali sobre o mar e fez ali sua mora-/ da, porque te **emtão** não ouvera em ha / çidade fortaleza senão somente as ca-/ sas. [xvi/adbi/1334]: Ouvir missa, **então** roubar, é caminho per' aqui. [xvi/gdlp/p28]: Ora pois de tal nome comeste que nem e mais proprio nẽ mais antigo em outra terra que nesta se quiserem' saber a etimologia ou nãçimẽto delle ha mester que saibamos onde premeiro naçeo esta cousa aque chamamos arcabuz e quẽ no pario este nome digo assi nouo naçido: nã so a terra: mas a pessoa particular hauemos de saber e **ētão** lhe preguntemos por que lhe assi chamou:e pode ser que a pessoa que ch a cousa não lhe pos logo o nome: ou por vẽtura não jeste nome mas outro/e depois lhe poserão este. [xvi/gpjb/p79]: Sinaléfa quẽr dizer apartamento que cãsi é como ã de çima, o quãl viçio cometemos

quando algũa diçãm acãba em lãtera vogãl e se começa em outra vogãl, porque **entãm** lançamos ãa das vogães fõra neste mõdo: tempo é d'andãr daqui por: de andar daqui.

entõn → enton.

entonç' → entonce.

entonce ~ entonç' ~ entonce ~ entonces – adv. (< lat. *intunc*)^c: ‘nesse ou naquele momento’. [xiii/cdsm/329]: **Entonce** disseron todos: “Quiçai aqueste rapaz | foi furta a offerenda, que lle Deus [aqu]esto faz; e catemos se a trage e tornemo-la en paz | sobrelo altar u ante a foron off[e]recer”. [xiii/cdsm/369]: **Entonce** toda a gente que y era assũada deron mui grandes loores | por tan fremoso miragre aa Virgen gloriosa, que hé Sennor das sennores; | e dando vozes diziam: “Quem foi quem te semellasse | de guardar os seus de dano nen tan ben os amparasse?” [xiii/cdsm/185]: **Entonç'** os combatedores tornaron todos atras; | e tres mouros que entraran, chus negros que Satanas, | no castelo, os de dentro os fezeron en caer | Poder á Santa Maria grande d' os seus acorrer ... | Mortos de cima do muro. E diss' el rei: “Nulla prol | non ei de mais combatermos, e tẽer-m-ia por fol | sse contra Maria fosse, que os seus defender sol.” [xvi/adid/1186]: **Entonces** vos abrirei de muito boa vontade.

entonces → entonce.

entreguemente → entregamẽte.

entregamẽte ~ entreguemente – adv. (< entrega ~ entregue [do lat. *integralis*]^{mf}. + *-mẽte* ~ *-mente*). ‘de modo integral’; ‘de maneira completa’. [xiii/frac/72v]: Mays todo quanto ouer enaquella sazon que for achado en tal feyto, todo seya **entregamẽte** del rey.



[xiv/flos/30vc2]: Entom derom a meyadade de totalas cousas que haviam ao sancto homem e a outra meyadade reteverom pera si em sa vida e ordiarom que depos sa morte esta outra meyadade ficasse a esse sancto homem **entreguemente**.

envidos → anvidos

er → ar

eramá → maõra.

escassamente – adv. (< *escassa* [do lat. *escarpus, -a, -um*]^m + *-mente*). ‘do modo escasso’. ‘de maneira rara’.

[xvi/gpjb/p63]: Per outra maneira soprimos gram diversidade de avérbios, ajuntando a um nome ajetivo feminino ésta palásra mente e dizemos: boamente, màmente. **escas[s]amente**, grandemente. etc., que quér dizér má, escás[s]a, grande vontáde.

escomdidamente → ascondudamente.

escondidamente → ascondudamente.

escondidamête → ascondudamente.

escundudamente → ascondudamente.

escusamente – adv. (< *escusa* [do lat. *absconsus, -a, -um*]^m + *-mente*). ‘de modo escuso’; ‘de maneira escondida’. [xv/cdpi/cp31]: Huum pobre manco que sempre em sua casa avia esmolla quamdo Diego Lopez comia, e com quem alguumas vezes joguetava, vio estas cousas como se passarom, e cuidou de o avisar no caminho ante que chegasse ao logar, e soube **escusamente** contra qual parte Diego Lopez fora, e chegou aas guardas da porta que o leixassem sahir fora, e elles de tal homem nenhuuma cousa sospeitamdo, abrimdo a porta leixaromno hir.

esforçadamente – adv. (< *esforçada* [part. de *esforçar* {es + *força* [este do lat. tard. *fortia*] + -ar} + *-mente*). ‘de modo esforçado’; ‘de maneira vigorosa’. [xiii/c sm/341]: Des que

aquest’ ouve dito, log’ ante toda a gente | sobiu encima da pena, correndo **esforçadamente**, | e diss’ a mui grandes vozes: “Madre daquel que non mente, | val-me, ca tu senpre vales aos que torto non fazen.” [xiv/dsgd/69rc1]: Eocaualeiro nouo de ihesu | christo sabendo oquelhe quieriam fazer rres | pondeo **esforçadamente** que nunca ia mais | poderia leixar auerdadeira de ihesu christo que | hua uez conheçera.

espaçosamente ~ **spaciosamête** – adv. (<

espaçosa ~ *spaciosa* [espaço {este do lat. *spatium*]^{mf} + *-osa*] + *-mente* ~ *-mête*). ‘de modo espaçoso’; ‘com extensão de tempo ou espaço’.

[xv/cdpi/cp1]: Este Rei acreçentou muito nas comtias dos fidallgos, depois da | morte delRei seu padre, ca nom embargando que elRei Dom Affonso fosse comprido dardimento, e muitas bomdades; tachavamno porem de seer escasso, e apertamento de | grandeza; e elRei Dom Pedro era em dar mui ledto, em tanto que muitas vezes dizia que lhafroxassem a çinta que estonçe husavam nom mui apertada, por que se lhe alargasse o | corpo, por mais **espaçosamente** poder dar: dizendo que o dia que o Rei nom dava, nom devia seer avudo por Rey. [xv/orte/28r]: E porê todo homê se deue trabalhar por aprender e leer os liuros das sciencias proueitasas, mayormente das Sanctas Scripturas, e deuê-as leer **spaciosamête** e nom arreuatadamête, ca a cousa alta e grande nõ se comprende nõ fazo em pequeno spaço, assy como a natureza nõ cõsente que o corpo do elifante seja formado êno uêtre da madre sênã per spaço de dous ãnos, porque he muy grande.

espantosamente – adv. (< *espanto* [der. regr. de *espantar* {do lat. vulg.



expaventare, do cláss. *expavere*}^{mf.}] +
-osa + -mente). ‘de modo espantoso’;
‘de maneira assustadora’.
[xiv/flos/47vc1]: E pois que me vyo,
braadou muyto **espantosamente** e
disse-mi: Ay, Filha, aquesto padesco
eu polas maas obras que fizi, ca
totalas boas obras que viia a teu padre
fazer todo o eu tiinha por sandice.

especialmente → especialmente.

especialmente ~ **especialmente** ~
espeçialmente ~ **especialmête** ~
espiçialmente ~ **especialmête** ~
spicialmête ~ **spicialmête** – adv. (<
especial ~ *especiall* ~ *espeçiall* ~
espiçiall ~ *espicial* ~ *special* ~ *spicial*
[do lat. *speciale*]^{mf.} + -mente ~ -mête).
‘de modo especial’; ‘de maneira
particular’. [xiv/flos/66vc1]: E porem
tu debes saber que nosso senhor é boo
e misericordioso naturalmente e,
especialmente, faz misericordia a
aqueles que se partem dos seus
pecados e que se achegam a ele per
confissom verdadeira.
[xiv/flos/48vc2]: Aqui se segue hũũ
exemplo per que aparece que Deus
conforta specialmente aqueles que em
este mundo conforto dos homens nũ
houverom e tolhe-o a aqueles que em
este mundo conforto dos homeens
receberom. [xv/cdpi/cp6]: Este Rei
Dom Pedro em quanto viveo, husou
muito de justiça sem afeiçom, tendo
tal igualdade em fazer direito, que a
nenhuum perdoava os erros que fazia,
por criaçom nem bem querença que
com el ouvesse; e se dizem que aquel
he bem aventurado Rei, que per si
escodrinha os malles e forças que
fazem os pobres, e bem he este do
conto de taaes, ca el era ledto de os
ouvir, e folgava em lhes fazer direito,
de guisa que todos viviam em paz, e
era ainda tam zeloso de fazer justiça,
espeçialmente dos que travessos

eram, que perante si os mandava
meter a tormento, e se confessar
nom queriam, el se desvestia de seus
reaaes panos, e per sua mão açoutava
os malfeitores, e pero que dello muito
prasmavom seus conselheiros e outros
alguuns, anojavasse de os ouvir, e
nom o podiam quitar dello per
nenhuuma guisa. [xv/cdpi/cp15]:
ElRei de Purtugal respondeo a esto,
que bem çerto devia el de seer dos
boons e grandes divedos, que sempre
ouvera amtre os Reis de Purtugal e
Daragom, pollos quaaes el com razom
aguisada poderia ser bem escusado de
fazer nem dizer cousa, que a el e a sua
terra fosse perjuizo; moormente que
amtre elRei Dom Affonso seu padre
e elRei Dom Pedro Daragom que
entom era, forom firmadas posturas e
amizades, pera se amarem e
ajudarem, **espiçialmente** contra
elRei Dom Affonso padre delle Rei
de Castella; e que isso meesmo fora ja
a elle trautado per vezes, depois que
amtre elles recreçera aquella
discordia: mas que nom embargando
estas razões todas, que emtemdia
que amtrelles ambos, avia tantos e
tam boons divedos, e assi aguisadas
razões, per que cada hum delles
devia fazer, por honrra e prol do outro,
toda cousa que podesse; e que el assi
o emtemdia de fazer, tambem em
aquele mester que emtom avia, come
em todollos outros. [xv/orte/1r]: Eu,
muy pecador e nũ digno de todo bẽ,
[es]creuy este liuro pera proueito e
spi[ri]tual dilectaçom de todollos
simplezes, fiees de Jhesu Christo, e
spicialmête pera prazer e consolaçõ
da alma de ty, minha jrmã e
compan[h]eyra da c[asa] diuinal e
hũanal, que me rogaste muytas uezes
que te fizesse em [li]nguaem hũũ
liuro dos fectos [ant]ygos e das



façanhas dos no[bres barõees] e das cousas marauilh[osas] do mûdo e das propriedades das [animal]ias, pera leeres e tomares [espaço] e solaz ênos dias en que te [cõuem] cessar dos trabalhos corpo[raees]. [xv/orte/40v]: E quis dar parte e quinhã da sua bondade e dos seus bêes a totalas cousas e **especialmête** ao homê, ao qual deu que husasse de razom e que ouesse a sua gloria. [xv/orte/144v]: E asy parece que o diabo anda tentando os seruos de Deus en todollos logares, e **especialmête** ã as camas. [xv/orte/144r]: E mayormête [que em] aquella ora ã que nos husamos das camas molles e dilicadas, êtom **specialmête** nos soe mais tentar o diabo. [xvi/ctlp/cp28]: E quando naçia queimavamlhe o peito / direito por lhe nam estrovar o arco para / trazer as armas, **especialmente** ao ar-/ co, que era arma de que ellas mais vsauam.

especialmête → especialmente.

espassamente – adv. (< *espessa* [do lat. *spissus, -a, -um*]^c + *-mente*). ‘de modo espesso’; ‘de maneira densa’. [xiii/cdsm/309]: E poren te rogu’ e mando que digas a esta gente | de Roma que mia eigreja façan logo mantenede | u viren meant’ agosto caer nev’ **espassamente**. [xiv/flos/3rc2]: E debes pesseverar muyto **espassamente** em orações.

espiçialmente → especialmente.

especialmête → especialmente.

estoryalmête – adv. (< *estoryal* [por analogia, de *história* {do lat. *historia*}]^{mf}+ *-mête*). ‘a modo de história’; ‘a maneira de conto’. [xv/orte/13r]: E Ssancto Agostinho canta seu cantar muy amoroso, espoendo toda a Sancta Scriptura sobrecestralmente, fazendo entender as cousas sobrecelestriaaes

pellas cousas da sancta doutrina, e Sam Jheronimo canta muy gracioso cantar, mostrando-nos **estoryalmête** toda a ley uelha e a noua, e Sam Gregorio diz seu cantar glorioso, espoendo moralmente a Sancta Escripura pera bõos costumes da alma, e Sancto Anbrosio [canta seu] cantar muy praziuel, espoendo a Sancta Scriptura per figuras, fazendo entender como a Sancta Scriptura diz hũa cousa em figura doutra, e os outros sanctos doutores disserom seus cantares pera dançar e pera balhar, excitando e espartando os fiees pera conhecer a uerdade da ley uelha e da ley noua, e buscarom palauras proueytosas e muy dereytas que escreuerõ, per que uêcerõ e destroyrom os errores das sciências do mûdo.

estremadamente ~ **estremadamête** – adv. (< *estremada* [do lat. *extrematus*]^{mf}. + *-mente* ~ *-mête*). ‘de modo extremado’; ‘de maneira destacada’. [xiv/dsgd/65vc1]: E quando | todallas ofertas forã postas an | t’elle . oseruo de deus esteue muy bê | chamado . e tralhouse desconheçer | todallas ofertas **estremadamête** | huas das outras. [xiv/dsgd/41vc2]: Eora | pedro disse sam gregorio . podes | emtemder *que* aquelles *queserue* ano so senhor **estremadamente** como | seus desua casa fazê aas uezes | mjllagres sem outra piedade e sê | outra oraçom que ante ffaçam | anosso senhor *per* poderio grande | que elle del rreçerberõ . [xv/cdpi/cp5]: Falando elRei huum dia nos feitos da justiça, disse que voontade era e fora | sempre, de manteer os poboos de seu Reino em ella, e **estremadamente** fazer direito de si meesmo, e por quanto elle sentia, que o moor agravo que el e seus filhos, e outros alguuns de seu



senhorio faziam aos poboos de sua terra, assi em o tomar das viandas por preço mais baixo do que se vendiam, que porem el mandava, que nenhum de sua casa, nem dos Iffantes, nem doutro nenhum que em sua merçee e Remos vivesse (...).

estremadamête → estremadamente.

êvão → enton.

êteyramente → inteiramente.

êteyramête → inteiramente.

êtom → enton.

êton → enton.

ey ~ **eis** – adv. (< origem incerta, talvez forma evolutiva do lat. *ex*)^{mf.} ‘aqui está’. [xiii/cdsm/355]: E diss’ el: “E non iredes comigo, se Deus me valla, | ca non querria con vossos parentes aver baralla; | demais vou en romaria, e non querria en fala | er do que prometudo **ey** mui gran temp’ á pas[s]ado.” [xiv/flos/51rc2]: Metede mentes, **ey** nostro senhor vem e diz: “Dade acá o vaso escolheyto antre todos aqueles que moram no ermo”. [xvi/gpjb/p62]: De demostrar: **eis**, ei-lo, ei-la.

F

faaqueyramête – adv. (< *faaqueyra* [de *faago* + *-eira* ‘meiga’; ‘carinhosa’]^{mf.} + *-mête*). ‘de modo fagueira’; ‘de maneira carinhosa’. [xv/orte/33v]: A doutrina da Sancta Escripura he fremosa come o cristal, deleytosa assy como a rrosa e he feyta asy como o fogo lomeoso e como o êcenso de bõ odor e como a olyue[i]ra fremosa ênos campos e he muy noble, ca trauta de

muy noble materia, e porê tira **faaqueyramête** todos pera sy.

façilmente ~ **fácilmente** ~ **façilmête** – adv.

(< *facil* ~ *façil* ~ *fácil* [do lat. *facile*]^{m.} + *-mente* ~ *-mête*). ‘de modo fácil’; ‘sem dificuldade. [xvi/gdlp/p29]: Dições comũs chamamos aquellas que em muitas linguas seruem igualmente: e o tempo em que se mudarão dhũa lingoa para outra: fica tão lõge de nos que não podemos **façilmente** saber de qual para qual lingua se mudarão: porque assi as podião tomar as outras linguas da nossa/como a nossa dellas: como alfayate. almoxarife. alguidar: almocreue. [xvi/gdlp/p29]: Mas tornãdo a nosso proposito a estas dições alheas cõ neçessidade e não **façilmête** trazidas chamarlhemos alheas em quãto forẽ muito nonas de tal feição que não possamos negar seu naçimêto: e despoys pelo tẽpo a diãte cõformandoas cõ nosso chamarlhemos nossas/porque desta maneira forão as que agora chamamos comũs de que logo falaremos. [xvi/gpjb/p1]: EM a cartinha passáda dêmos árte pera os mininos **fácilmente** aprenderem a ler, com toda a diversidade de silabas que a natureza de nõssa linguagem padêçe.

façilmête → **façilmente**.

falsamente ~ **falsamête** – adv. (< *falsa* [do lat. *falsus, -a, -um*]^{m.} + *-mente* ~ *-mête*). ‘de modo falso’; ‘de maneira impostora’. [xiii/frac/97v]:

Mays d(e)poys que o iuyzo for fijdo, nenhuũ nõ possa parar ante sy nenhũa deffensiõ se nõ mostrar que aquel que deu o juyzo nõ era alcayd(e) nẽ auia poder d’alcayd(e), ou se mostrar que aq(ue)l que trouxe o p(re)yto en seu nome nõ foy seu pessoeyro, mas que teue a uox **falsamête**, ou se mostrar q(ue) o iuyzo foy dado p(er) falsas cartas ou p(er)falsas



testemonhas. [xv/orte/112v]: E pera que he esto senõ que elhes, uerdadeyramête uêçudos, uêçom **falsamente** nã sejã ã uerdade uecedores mas ã openyom que cuydem que som uêcedores? Per estas cousas sobredictas se mostra que as dignidades e poderios nom ham de ssy bem proprio e natural.

falsamête → falsamente.

familiarmête – adv. (< *familiar* [do lat. *familiare*]^m + *-mête*). ‘de modo familiar’; ‘de maneira doméstica’. [xv/orte/61v]: Bẽ asy faz a boa andança das cousas terreaes a[a] alma do homẽ ãprehada do uerbo de Deus. Ca, se for ajûtada **familiarmête** cõ ella, faze-lhe mouer a palaura de Deus que auia cõcebida e pello seu mezquinho abraçar faze-lha lançar de sy fora como auortiço, afogando-a cõ seus abraçamêtos, ã guisa que nã saae a lume de boas obras, porque o cuydado do segle e o engano das riquezas afogã e matam a palaura de Deus, a qual palaura he uerbo de uida, uerbo blando e doce.

feamente – adv. (< *fea* [do lat. *foedus*, -a, -um]^{mf} + *-mente*). ‘de modo feio’; ‘de maneira repugnante’. [xv/cdpi/cp16]: Segundo testemunho dalguuns que seus feitos deste Rei de Castella escreverom, elle foi muito compridor de toda cousa que lhe sua natural e desordenada vontade requeria; em tanto que dizendo nos pello meudo todo o que **feamente** se poderia ouvir | de seus feitos, cahiriamos em reprensom, que nom eramos escasso de comtar os malles alheos, moormente taaes que som pregoeiros de maa e vergonhosa fama: porem muito menos daquelles que achamos escriptos, dos principaaes diremos e mais nom.

feramen → feramente.

ferament’ → feramente.

feramente ~ feramen ~ ferament’ – adv. (< *fera* [do lat. *ferus*, -a, -um]^{mf} + *-mente*). ‘de modo feroz’; ‘de maneira intensa’. [xiii/cdsm/055]: Con sennor, assi dizia, chorando mui **feramente**: | “Mia Sennor, eu a ti venno como moller que se sente | de grand’ erro que á feito; mas, Sennor, venna-ch’ a mente | se che fiz algun serviço, e guarda-me mia pessoa | Atant’ é Santa Maria de toda bondade bõa... [xiii/cdsm/047]: Quand’ esto viu o monge **feramen** s’ espantou | e a Santa Maria mui de rrijo chamou, | que ll’ apareceu logu’ e o tour’ amêaçou, | dizendo: “Vai ta via, muit’ es de mal solaz”. [xiii/cdsm/154]: Que sanguent’ o tavoleiro foi. E quantos y estavam, | en redor veend’ o jogo **ferament’** en s’ espantavan, | ca viian fresc’ o sangui e caent’, e ben cuidavan | que algun deles ferido fora de spad’ ou de lança. [xiv/flos/14rc2]: E el esto dizendo muyto ameudi e gemendo muy **feramente**, ya ja aluzecendo e esto era domingo.

fermosamête → fremosamente.

festivamente – adv. (< *festival* [do lat. *festivus*, -a, -um]^{mf} + *-mente*). ‘de modo festivo’; ‘de maneira alegre’. [xiv/flos/2vc1]: Mais, quando foy ora de terça, começou a rezar **festivamente** sas horas, e eu, estando cabo de sa cela, orey hi Deus.

fielmente ~ fielmête – adv. (< *fiel* [do lat. *fidelis*]^c + *-mente ~ -mête*). ‘de modo fiel’; ‘de maneira leal’. [xiv/flos/39rc1]: A cabo de poucos dias acaeceu que o sancto bispo forrou huus meninhos servos que o serviam em sa vida muy **fielmente**, deu-lhis ja poucos de seus dieiros e poucas possissoes. [xv/orte/64r]: E esto auia por grande hõrra a aquelle seruete que asy era escolheito. Emtom aquelle principe mãdou dizer a aquele seu escudeyro, que nã auya mais que hũõ olho, que elle



o escolhia que morresse e fosse queymado cõ elle, porque elle o seruia muy bem e muy **fielmête**, e que o amaua muyto, e porê o queria assy hõrrar mais que todollos seus seruêtes.

fielmête → fielmente.

finalmente ~ **finalmente** ~ **finalmête** – adv. (< *final* [do lat. *finale*]^m + *-mente* ~ *-mête*). ‘de modo final’; ‘por fim’. [xv/cdpi/cp36]: Dalli partio e veosse a Tolledo, e foi na çidade grande revolta se oreçerariam ou nom, por que a huuns | prazeria que o reçebessem, outros eram de todo em contrairo; pero **finalmente** ouverom acordo de o colher em ella, e foi reçebido com grande prazer. [xv/orte/28v]: E porêm deue o homem aprender e leer per liuros de doutrina moral pera auer bõds e sanctos costumes, a qual deue seer contra os pecados, e **finalmête** pera edificar o amor de Deus e do proximo emna alma, ca asy o diz Sancto Agostinho: Esta he a fim e o cõprimêto da ley e de todas as Sanctas Scripturas, cõuem a saber o amor de Deus e do prouximo. [xvi/gpjb/p62]: De acabár: em conclusám, **finalmente**.

finalmente → finalmente.

finalmête → finalmente.

fingidamente – adv. (< *fingida* [part. do v. *fingir* do lat. *fingere*]^m + *-mente*). ‘de modo fingido’; ‘de maneira falsa’. [xv/orte/134r]: Eu conheci algũas molheres que eram de madura ydade e muytas de grande linhagem que se delectauã auerẽ mãcebos por filhos spirituaes e perderom a uergonça pouco e pouco e, chamãdo-se **fingidamente** madres delles, ouuerõ-nos por maridos.

firmamente → firmemente.

firmement’ → firmemente.

firmemente ~ **firmamente** ~ **firmement’** ~ **firmemête** – adv. (< *firme* ~ *firma* [do lat. vulg. *firmis*, cláss. *firmus*]^c + *-mente* ~ *-ment’* ~ *-mête*). ‘de modo

firme’; ‘de maneira estável’. [xiiI7frac/104v]: **Firmemente** deffendemos q(ue) nenhuus nõ seyã ousados de casar (contra) mandamêto da S(an)c(t)a Eygreya poys que lhis for deffendodo. [xiii/cdsm/145]: E dest’ un miragre quero que sabiades | per mi, porque sempre voontad’ ajades | de fazer por ela ben e que tennades | **firmement’** en ela vossos corações. [xiv/flos/48vc1]: E depois que esto prometi dezia aquel pecador say-me da eigreja e propugi **firmamente** em meu coraçõ que des ali adeante nunca fezesse nêhũa maldade ant’os olhos de meu senhor Jhesu Christo, a que se rem nõ pode asconder. [xv/orte/34r]: A Sancta Scriptura cõuida os sinplizes e os que nouamête começam pera pelejarẽ cõ os pecados e chama os mais perfectos e creçudos pera guardarẽ as uirtudes e stabelece **firmemente** todolos fiees em estado de perfeçoem **firmemête** ã guardãdo os preceptos da ley e os cõselhos de Jhesu Christo, asy como foy fecto a Sancto Agostinho, segundo se contem e este falamêto.

firmemête → firmemente.

folgadamête – adv. (< *folgada* [part. do v. folgar, do lat. *follicare*]^c + *-mête*). ‘de modo folgado’; ‘de maneira descansada’. [xiv/dgsd/99vc1]: E des | que sooe ajudar pera amdar **folga** | **damête** seu camjnho pera se dar por | esto aemtender que asua alma a| janna de leuar spiritualmente perao | outro mundo.

fora ~ **fóra** – adv. (< lat. *foras*)^{mf}. ‘na parte exterior’. [xiii/tals/1010]: Da t(er)ceira o arcebispo de Bragaa e o arcebispo de Santiago e o bispo do Portu e o de Lixbona e o de Coïbria e o de Uiseu e o d’Euora fazã desta guisa: q(ue) u q(ue)r q(ue) eu moira q(ue)r en meu reino q(ue)r **fora** de meu regno fazam aduzer meu



corpo p(er) mias custas a Alcobaza. [xiv/flos/3vc1]: E hũũ dia que quis o abade sair **fora** do moesteiro, quando o achou assi jazer em terra, levantou-o e disse-lhi: – Filho, onde és ou quem é teu padre ou ta madre ou como has nome? Per ventura fezisti alguũ grande erro e com medo de teu senhor fugisti por te asconder aqui? [xv/dnmv/95]: E querendo as ditas partes hir contra este emprazamento pera o britar em todo ou em parte nom posa nem / seJa a ello Recebjdo em Juizo nem **fora** delle. [xvi/gpjb/p18]: OS nomes avérbiães se derivam dos avérbios. Dos quães a nóssa linguágem tem mui poucos, e sómente ponho estes por exemplo: soberano, de sobre; vantagem, de àvante; forasteiro, de **fóra**; traseiro, de atrás.

fóra → fora.

forçosamente → forçosamête.

forçosamête ~ forçosamente – adv (< *força* [do lat. tard. *fortia*]^{mf.} + *-osa* + *-mête* ~ *-mente*). ‘de modo forçoso’; ‘de maneira’. [xv/orte/5r]: E dise-lhe o diaboo: Cansado es, Ciriaco? Eu te aduxe a Persia asy como te antedisse. E com grande clamor dizia o diaboo êno aar: Oo, nome espantoso, que me faz sair **forçosamête**. [xvi/ctlp/cp8]: Mas avi-/ a saido este Peleo homem ardido e / bolisoso e tinhalhe o rreino **forçosamente**.

fortemente ~ forte mente ~ fôrtemente ~ fortemête – adv. (< *forte* ~ *fôrte* [do lat. *fôrtis*]^{c.} + *-mente* ~ *-mête*). ‘de modo forte’; ‘de maneira resistente’. [xiii/cdsm/205]: O castelo **fortemente** foi derredor combatudo | e os muros desfezeron, ond’ en gran medo metudo | foi o poblo que dentr’ era; e pois que sse viu vençudo, | colleu-sse a hũa torre mui fort’. E de cada lado | Oraçon con piadade oe a Virgen de grado... [xiii/cdsm/343]: Ond’ avêo en Caorce

dũa moller que ssa fila | ouve mui grande fremosa; mais o diabo, que trilla | aos seus, fillou-a **forte mente** a gran maravilla, | e dizia toda cousa a quen lla enpreguntasse [xiv/dsgd/69rc1]: Erminyildo começou adespregar | ã seu coraçõ orreyno terreal e todallas | outras cousas terreáães queno mundo | som . e adeseiar muy **fortemente** orrey | no dos çééos que por semper ha de durar. [xv/orte/34v]: Quanto chorey, ouuïdo os hymnos e os cantares muy doces da egreya! Ca aquellas uozes corriam ênas minhas orelhas **fortemête**. [xvi/gpjb/p43]: Pensem do número singular e este pronome da terceira pessoa, se, e, reçiprocamente, dizemos: No páço se pragueja **fôrtemente**.

forte mente → fortemente.

fortemête → fortemente.

francamente – adv. (< *franca* [do fr. *franc.* que, a partir do século XII, adquiriu o sentido de ‘que diz abertamente o que pensa’, em seguidamente ao de ‘livre’]^{m.} + *-mente*). ‘de modo franco’; ‘de maneira honesta’. [xiii/cdsm/016]: E, con tod’ aquesto, dava seu aver tan bem | e tan **francamente**, que lle non ficava ren; | mas quando dizia aa dona que o sem | perdia por ela, non llo queri’ ascoitar.

fremosamente ~ fermosamête ~ fremosamête – adv. (< *fremosa* ~ *fermosa* [do lat. *formosus*, *-a*, *-um*]^{mf.} + *-mente* ~ *-mête*). ‘de modo fermoso’; ‘de maneira bela’. [xv/orte/7r]: E esta disputaçom tam sutil auia o sancto doutor pello entendimêto que lhe daua o Spiritu Sancto emna Sancta Escripura, em que elle achaua as êxertações muy marauilhossas da Sancta Trindade e da encarnaçom do uerbo deuinal, que fazem muy **fremosamente** apostado o orto da Sancta Escripura. [xv/orte/8r]: Estas



duas igrejas som plantadas muy **fremosamête** ãna Sancta Escripura, que fala dellas e de seu fundamêto em muytos logares. [xv/orte/40v]: E, querendo o Senhor Deus que a sua bondade fosse mais **fermosamête** declarada, fez a creatura razoauel que podesse cõprender cõ a rrazom e cõ o entendimêto a bondade deuinal e, cõprehendendo-a, que a amasse, que se assemelhasse a ella, quanto podesse, e a seguise.

fremosamête → fremosamente.

G

gabosamente – adv. (< *gab* [el. compl. do prov. *gabar*] + *-osa* + *-mente*). ‘de modo gaboso’; ‘de maneira jactanciosa’. [xv/orte/84r]: E aquelle que **gabosamente** se tem por sabedor, porque ha as ciências seglaaes, este tal lança si meesmo fora da mayor perfeçom da luz da cuydaçom celestrial e da claridade do uerdadeyro lume, assy como aquelle que a o olho da alma ãfermo.

geeralmente → jeeralmente.

gloriosamête – adv. (< *gloriosa* [do lat. *gloriosus, -a, -um*]^{mf.} + *-mête*). ‘de modo glorioso’; ‘de maneira ostentativa’. [xv/orte/39v]: Ca nõ quis o uerbo do Padre mais altamête nã a carnẽ nõ pode mais **gloriosamête** cassar, onde tres cousas fez este sposo Jhesu Christo, as quaaes nõ pode fazer mayores: a primeyra que encheo sua madre ã tal guisa que a nõ pode mais ãcher, ca a ãcheo de ssy meesmo, a segunda cousa que abayxou a natureza diuinal en guisa que a nõ

pode mais hum[i]ldar, ca a ajũtou ã hũũ cõ a carnẽ do homẽ fecta de terra, que he o mays baixo ellemêto, e humildou-a ataa a morte, a terceyra que exalçou a natureza humanal ã guisa que a nõ pode mais exalçar, ca a ajuntou ã hũũ cõsigo.

graadamente – adv. (< *graada* [do lat. *graduale*]^{m.} + *-mente*). ‘de modo gradual’. [xv/orte/137v]: Nom he nehũa cousa segura ã que sospirá os desejos do todo o p[ob]oo, ca hũũ a demou per fremusura e o outro per ãgano e outro per falar apostamête e outro per **graadamente** dar.

graciosamente → graciosamête.

graciosamête ~ **graciosamente** ~

graçiosamente – adv. (< *graciosa* ~ *graçiosa* [do lat. *gratiosus, -a, -um*]^{m.} + *-mente* ~ *-mête*). ‘de modo gracioso’; ‘de maneira’. [xv/orte/73r]: Ex o odor do meu filho, assy como odor do agro cheo, ao qual beenzeo o Senhor Deus. Ca o odor de Jhesu Christo dá refeyçõ per muytas guisas ao cheyro, como sse fosse muy **graciosamête** mesturado ou conposto cõ odores das rossas e dos lilios e das uiollas e de todas as outras cousas de bõõ odor que nacam ãno canpo do mũdo. [xv/orte/129r]: Onde diz Sancto Ambrosio: Asy como aquelles que [per] sandice som ãalheados ãna mête, ya nõ vẽẽ as cousas uerdadeyramête mas vẽẽ a fantasia da sua paixom e da sua sandice, bem asy a mête que he apertada con as prisõões da cobiiça do ouro senpre vee ouro e prata, senpre conta as rendas, mais **graciosamente** oolha o ouro que o sol. [xv/cdpi/cp36]:

Certamente perderasse o reino Daragom todo, se fortuna tão çedo nom abreviara os anos da vida deste Rei Dom Pedro, ca omze vezes que el em Aragom fez entrada, ganhou çinquenta e dous



logares aqui comtheudos, afora outros muitos que aqui nom som nomeados; e chegou elRei Dom Pedro a Tolledo, e pos recado na çidade, e dhi partio pera Sevilha. Os de Burgos veemdo que se nom poderiam defemder delRei Dom Hemrrique, mandaromlhe seus recados e reçoerberomno na çidade, e corohousse alli por Rei, e veherom a elle muitos procuradores das villas e çidades do reino e reçoerberomno por senhor; em guisa que do dia da coroaçam a viinte e çimquo dias, foi todo ho reino a seu mandado, e el reçoebia todos **graçosamente**, e a nenhuum era negado cousa que pedisse.

grandemente – adv. [do lat. *grandis*]^{mf.} (< *grande* [do lat. *grandis*]^{mf.} + *-mente*). ‘de modo grande’; ‘de maneira imponente’. [xv/cdpi/cp41]: A elRei Dom Hemrrique prougue desto, e tornousse pera Burgos, e alli hordenou cortes, nas quaaes foram juntos os moores do reino; e, çertos da viimda que elRei Dom Pedro queria fazer, lhe foi prometida ajuda pera despesa da guerra, e offereçidos os corpos a seu serviço, como bem podia veer; e elRei em tanto mandava por gentes que lhe cada dia viinham, com que partia **grandemente**, e lhe fazia muita honrra. [xvi/gpjb/p063]: Per outra maneira soprimos gram diversidáde de avérbios, ajuntando a um nome ajetivo feminino ésta palásra mente e dizemos: boamente, màmente. escas[s]amente, **grandemente**. etc., que quér dizér má, escás[s]a, grande vontáde.

grauemente → gravemente.

grauemête → gravemente.

gravemente ~ **grauemente** ~ **grauemête** – adv. (< *grave* ~ *grau* [do lat.

gravis]^{cp.} + *-mente* ~ *-mête*). ‘de modo grave’; ‘de maneira pesada’. [xiv/flos/1rc2]: E quando veo, achou Paaya ant’os pees do bispo jazer, chorando muy **gravemente**. [xv/orte/140r]: E, por nõ seer êcuberto seu peccado, concebeo e foy prenhe. E, porque ella castigaua muy bê suas monjas, mouera[m]-se **grauemente** contra ella, quando a uiram prenhe e diserõ-no ao bispo.

grossamête – adv. (< *grossa* [do lat. *grossus*, -a, -um]^{mf.} + *-mête*). ‘de modo grosso’; ‘de maneira espessa’. [xv/orte/73r]: E podes ajuda **grossamête** taxar e extimar que a blandeza e a dulçura do odor ão corpo do mais pequeno sancto seera ãna outra uida cincoenta uezes tanta quanta he qualquer blandeza de odor natural que possa seer achada ã este mûdo.

guysadamête ~ **aguisadamente** – adv. (< *guysada* ~ *aguisada* [part. do v. (a) *guisar* {(a) + *guisa* [do germ. **wisa*] + *-ar*]^{mf.} + *-mente* ~ *-mête*). ‘de modo guisado’; ‘de maneira adequada’. [xiii/frac/113r]: E el non seya teudo de lhy dar mays se nõ quis(er). E sse eneste p(razo) pagar nõ poder nẽ [...] eruedeo aquel a q(ue) deue a diuida d(e) guysa q(ue) eel [...] que lhy dé q(ue) comha e q(u)e uesta **guysadamête**. [xv/orte/p106]: Pero nõ os deue leixar sem castigo mas deue-os castigar **aguisadamente**, ca diz Sam Jeronimo que a geeraçõ dos seruos he querelosa, e porẽ deuem seer castigados, ca - o Pam e a diciplina he obra dos seruos , diz o Ecclesiastico.



H

hi → i

hoje ~ **oge** ~ **oje** – adv. (< lat. *hodie*)^{mf.} ‘hoje, neste dia; presentemente, agora, nos nossos dias’. [xiii/cdsm/245]: “Ay, Virgen groriosa, guarda-m’ **oge**, se te praz, | daquesta prijon tan forte en que o meu corpo jaz; | nenbre-te se t’ eu serviço fiz que foss’ a ta loor.” [xiv/flos/3rc2]: Tu gaanhasti **hoje** esta mha alma mesquinha e per ti quis Deus pela sa mercee guardá-la do inferno. [xv/cpvc/11v]: E **oJe** que he sesta feira primeiro dia de mayo pola manhaam saymos em terra com nossa bandeira E fomos desenbarcar acjma do Rio contra o sul onde nos pareçeo que serja mjllhor cantar a cruz pera seer melhor vista. [xvi/ctcp1]: E esqueçido de totalas / outras gemtes foi arrebatado e leuado / ao parayso terreall domde esta **oje** em / dia e tambem Elias.

homildosamente → omildosamente.

homrradamente → onrradamente.

honde → und(e).

honestamente – adv. (< *honestus* [do lat. *honestus, -a, -um*]^{mf.} + *-mente*). ‘de modo honesto’; ‘com probidade’. [xiv/flos/34rc1]: E mandou deostar per esses seus mandadeiros, **honestamente** e com reverença assi como el devia, que se partisse da seyta de Arrio em que vivia, ca ão havia estado no mundo em que se podesse salvar, senõ na fe dos christãos.

honradamente → onrradamente.

honrradamente → onrradamente.

honrradamête → onrradamente.

hõrradamête → onrradamente.

humildosamente → omildosamente.

humildosamête → omildosamente.

humjldosamente → omildosamente.

hy → i

hygualmente → igualm(en)te.

I

ieramá → maõra.

igualm(en)te ~ **hygualmente** ~ **igualmente**

~ **igualmête** ~ **jualmente** ~

jigualmête ~ **yualmente** ~

yigualmête – adv. (< *igual* ~ *hygual* ~

jigual ~ *yigual* [do lat. *aequalis*]^{mf.} +

-mente ~ *-mête*). ‘de modo igual’; ‘de

maneira igualitária’. [xiii/tals/1009]:

Da out(ra) meiadade solten

ende p(ri)meiram(en)te todas mias

devidas e do q(ue) remaser fazam

en[de] t(re)s partes e as duas partes

agiã me(us) filios e mias filias e

departiãse ent(r)’(e)les **igualm(en)te**.

[xiii/tals/1014]: E

o q(ue) remaser daq(ue)sta mia t(er)c

ia mãdo q(ue) segia partido

igualmête en cinq(ue) partes das

quaes una den a Alcobaza u mando

geitar meu corpo. [xiv/flos/5rc1]: E

derom graças a nostro senhor e

disserom-lhi que aquelo que de cõsuã

gaanharom que o partirom

yualmente ante si.

[xiv/dsgd/101rc2]: Mais por que

ocoraçom | do homẽ he muy duro . e

nõ creem | todos **jualmente** nõ

soomente o | que ouuem . mais aynda

aquello | que uẽẽ nom presta atodos

yigual | mente ueer as penas do

jmferno | aque uááo os pecadores.

[xv/orte/47r]: E diz que Deus nõ he



direito nẽ jgual, porque nõ parte os
bẽes do mũdo **jgualmẽte**, e põe
culpa ao proximo, porque lhe nõ
acorre cõpridamẽte, e asanha-se e
murmura e pecca. [xv/orte/139v]:
Anbos som bõos **ygualmẽte**, posto
que seiã desyguaaes ãna uẽtuyra.
[xv/orte/154v]: E porẽ nõ confii
nehũũ da hydade da mãcebya nẽ da
força nẽ da forteleza do corpo nẽ da
saude corporal nẽ da boa andança do
mũdo, ca a morte nõ perdoa a nehũũ,
e **hygualmente** morrẽ os mãcebos e
os uelhos. [xvi/gdlp/p29]: DIções
comũs chamamos aquellas que em
muitas linguas seruem **igualmente**.

igualmente → iguالم(en)te.

igualmẽte → iguالم(en)te.

inda → ainda.

iramá → maòra.

iuso → juso.

J

ja ~ já – adv. (< lat. *jam*)^{mf.} ‘logo’; ‘agora’;
‘desde então’. [xiii/cdsm/017]: En
Roma foi, **ja** ouve tal sazõn, | que hũa
dona mui de coraçõn | amou a Madre
de Deus; mas entõn | soffreu que fosse
do demo tentada. [xiv/dsgd/85rc2]: E
| opadre e os fissicos ueerõ mujto a |
sinha . mais obispo *que* leixarõ
ẽfermo | acharõno **ja** morto.
[xv/dnmc/204]: E oue asy como se
ella **ja** fosse fallecida. [xvi/adbi/1480]:
Como nõ vem ela **já**?

já → ja.

jamais – adv. (< lat. *jam magis*)^{mf.} ‘nunca’;
‘em tempo algum’. [xiii/cdsm/348]:
Aquel rei tesouros grandes
dependera que avia | pera conquerer
a terra que chaman Andaluzia; | mais

atan muito fiava na Virgen Santa
Maria, | que nunca **jamais** cuidava
aver mingua de tesouros.
[xiv/flos/40rc2]: E vive e regna com
nosso senhor Jhesu Christo pera todo
sempre **jamais**. [xvi/ctlp/cp15]: E des
que o soube / nunca mais entrou
alegria no seu co-/ ração e nunca, por
seguranças que Ja-/ som lhe fez,
jamais paz ouve amtre / elles, tamto
que Jaso[m] a veõ a-/ voreçer.

jeeralmente ~ jeeralmẽte ~ geeralmente –
adv. (< *jeeral ~ geeral* [do lat.
generalis]^{mf.} + *-mente ~ -mẽte*). ‘de
modo geral’; ‘de maneira imprecisa’.
[xiv/dsgd/80rc1]: Ediseo aynda mais
abertamete . | e **jeeralmente** per
outras palauras . | dizemdo todallas
cousas som uáás | e todas uaaõ ahuu
lugar ca assy | como som fectas de
terra . assy se tor | nõ em terra.
[xiv/dsgd/71vc1]: E por ysso di | se
opropheta jeremia mujtas partes |
fezerõ os meus olhos das aguas que |
sáae delles . Epor cada pecado deue |
homẽ fazer seu chanto . Pero
jeeralmẽ | te fallando dizemos *que*
primeiramẽte | *que* deduas maneiras
som as maney | ras da dóór e da
amargura e da compũ | çom e dos
pecados . [xv/orte/57r]: Ca per muy
pequẽno espaço sera vestido e aa
morte ficara nuu de nuydade dobrada,
ca estas cousas do mũdo nõ tolhem a
nuydade da uerdadeyra sabedoria nõ
tyrã a fame mas leixam famii[n]tos os
que se dellas querem fartar e
geeralmente ellas aproueitã pouco ou
nada e ãpeecẽ muyto, onde diz o
sabedor Salamõ, afirmãdo que
aquelles que se gloriam ãnas cousas
da boa andãça do mũdo, dirã ã esta
guisa ã fim: Que nos aproueyto a
ssoberua, ou a gabança das riquezas
que proueyto nos deu? Certamẽte
nehũũ!



jeeralmête → jeeeralmente.

jigualmente → igualm(en)te.

jigualmête → igualm(en)te.

jmda → ainda

jnperialmente – adv. (< *jnperial* [do lat. *imperiale*]^m. + *-mente*). ‘de modo imperial’; ‘relativo ao império’. [xv/orte/147v]: E esta cadeyra he acesa e lucête e clara e certamente *jnperial*, ãna qual o rey da gloria rege **jnp[e]rialmente** o regno da alma, chegando e abrãgendo dhũa fim ataa outra fim dos poderios da alma fortemete e hordenãdo e despoendo todas as cousas brandamente.

juntamente → juntamente.

juntamente ~ juntamente ~ juntamête ~ jütamente ~ jütamête – adv. (< *junta ~ jumta ~ jüta* [do lat. *junctus*, part. pass. de *jungere*]^{mf}. + *-mente ~ -mête*). ‘de modo ligado; ‘de maneira atada’. [xv/cdpi/cp15]: Mas por que alguuns ouvindo aquesto, desejaram saber que guerra foi esta, ou por que se começou e durou tamto tempo, e nos fallar desto podiamos bem escusar, por taaes cousas seerem feitos de Castela e nom de Purtugal; pero nom embargamdo isto, por satisfazer ao desejo destes, des i por que nos parece que nom avemdo alguma noticia das cruelldades e obras deste Rei Dom Pedro de Castella, nom podem bem viir em conhecimento, qual foi a razom, por que el depois fogio de seu Reino e se viinha a Purtugal buscar ajuda e acorro, e como depois de sua morte muitos logares de Castella se deram a elRei dom Fernamdo, e tomarom voz por elle; porem faremos de todo huum breve fallamento, começando primeiro nas cousas que lhe aveherom em começo de seu reinado, vivemdo aimda elRei Dom Affonso de Purtugal seu avoo, com as outras que

se seguïrom depois que reinou elRei Dom Pedro seu tio; as quaaes nos parece, que se em outro logar melhor contar nom podem que todas aqui **juntamente**, emtremetendo seus feitos com a guerra; e primeiro das cousas que fez amtes que a começasse, por saberdes todo em çerto de que guisa foi. [xv/cdpi/cp28]: Semelhavelmente foi pregumtado Estevam Lobato, e disse que seemdo | elRei Iffamte e pousamdo em Bragamça, que o mandara chamar a sua camara e que lhe dissera que o mandara chamar, por que sua voomtade era de receber Dona Enes que presemte estava, e que quina que fosse dello testemunha, e que o daiam da Guarda que ja hi estava, e outrem nom, tomara o dito senhor per huuma mão e ella per outra, e que emtom os recebera ambos per aquellas pallavras que se costumam dizer em taaes esposiros, e que os vira viver **juntamente** ataa o tempo da morte della, e que esto fora em huum primeiro dia de janeiro, podia aver sete annos pouco mais ou menos. [xv/orte/3r]: E diz Plinio que os elifantes, quando vãão **jütamête**, fazem hir os mãebos deante e guarda[m]-nos cõ grande diligêcia e ensina[m]-nos pera faz[er]em aquelo que elles fazem. [xv/orte/86v]: Assy foy que o êperador Julyo Cessar e o êperador Ponpeyo eram anbos êperadores de Rroma **jütamente**. [xvi/gdlp/p9]: E porque as letras liquidas nas partes das diuisões que ja fizemos não tem lugar nem fazê genero ou espeçia de letras por si. Mas somente são letras semiuogaes deminuidas de sua força. Por tanto aqui **juntamête** falaremos dellas. [xvi/gpjb/p5]: Síllaba é ùa das quatro pártes da nõssa Gramática que



corresponde à Prosódia, que quer dizer acento e canto: a qual sílaba é ajuntamento de ãa vo/gal com ãa c duas e às vezes três consoantes que **juntamente** fazem ãa só vóz.

juntamête → juntamente.

junto – adv. (< lat. *unctus*, part. pass. de *ungere*)^{mf.} ‘juntamente’; ‘perto’. [xiv/dsgd/7rc1]: Eo abbade ficou | os olhos em ell . e disse ao bispo . | Padre . aqeste porqueme tu ro | gas ueio eu *que* nom he mõe . | ca oseu coracom / **Junto** anda com | os em mijgos do linhagê deadã. [xv/cpvc/12v]: E asy se sobio **Junto** com ho altar em huã cadeira E aly nos preegou do auanJelho. [xvi/gdlp/p3]: e Ptolemeu na tavao da espanha põe Libisoca e Libura:e esta derradeira libura põe **junto** do rio tejo abaixo de toledo da parte do sul/quasi mostrando ser Euora que agora chamamos.

juso ~ **iuso** – adv. (< lat. *deorsum*, reduzido a *iusum*)^{mf.} ‘para baixo’; ‘embaixo’. [xiii/cdsm/341]: Diss’ ele: “Par Deus, no fogo non quero que vos que[i]medes, | mais en aquel altar santo do Poi quero que juredes | que torto non me fezestes, e ar quero que saltedes | de cima daquela pena con esses que **juso** jazen.” [xiv/fg/22v]: Esto deuẽ a dar dos pesos. Da arroua dar #ij d(ieyros) e des alj a **iuso** dar #j d(ieyro) e da arroua e m(eia). dar #iij d(ieyros). e se chegar a duas; dar #iiij d(ieyros) e se a ellas nõ chegar n(õ) de ergo #iij d(ieyros).

justamête – adv. (< *justa* [do lat. *justus*, -a, -um]^{cp.} + *-mente*). ‘de modo justo’; ‘de maneira exata’. [xv/orte/119v]: E, se o principe ou o prelado he de[s]posto **justamête** por seus desmerecimêtos, cousa he de muy grande saude, ca se tira ã todo ou pella maior parte da

subjeiçom do diaboo e das penas do jnferno ou das do purgatorio.

jütamente → juntamente.

jütamête → juntamente.

L

la ~ lá → alá

largamente ~ **largamête** – adv. (< *larga* [do lat. *largus*, -a, -umz]^{cp.} + *-mente* ~ *-mête*). ‘de modo largo’; ‘de maneira abundante’. [xv/orte/130v]: E diz Sancto Agostinho que o ouro mais atormêta aquelle que o mais **largamente** ha. [xvi/gdlp/p36]: Como liuro que desdo seu prinçipio eprinçipal intêto sempre quis e agora quer dizer este de papel escrito porque lemos e assi homẽ e molher/terra pedra/e muitos infindos outros das dições proprias: e de suas espeçias e do vso dellas hauemos de falar mais **largamête** em outra obra aqui so tratamos do naçimêto das dições e hũa parte desse naçimêto e a propriedade de que aqui abasta o que apõtamos todauia amoestamos que as dições proprias tẽ a prinçipal parte da bõa e clara linguagê e destas vsaremos mais a meude.

largamête → largamente.

laydamente – adv. (< *layda* [do fr. *laid*, do germ. *lait*]^{mf.} + *-mente*). ‘de modo laido’; ‘de maneira repugnante’. [xiv/flos/61vc1]: E logo o enmiigo antigo do liagem de Adã entrou em ela e fazia-a torcer muy **laydamente**.

lealmente – adv. (< *leal* [do lat. *legalis*, e]^{mf.} + *-mente*). ‘de modo leal’; ‘de maneira fiel’. [xiii/frax/79r]: E estes façã as



cartas **lealmente** e dereytas quaes lhys mādare faz(er). [xiv/dsgd/64vc2]: Aqueste aconteçeo que se nunca partira | da egreja desam pedro era homẽ de gram | humjldade e debóós costumes e de santa uj | da . e seruia atã **lealmente** anosso senhor na | quella egreja desam pedro queo apostollo sam | pedro mostrou per maraujlhas que lhe fez fazer | deatã grande mereçimẽto elle era amte deus | e por qual oelle tijna e por qual oelle de | uja ateer amte que deus seruise.

ledamente ~ **ledamẽte** – adv. (< *leda* [do lat. *laetus, -a, -um*]^{mf.} + *-mente* ~ *-mẽte*). ‘de modo ledado’; ‘de maneira alegre’. [xiv/flos/18vc1]: Mas muy juntos e muy chegados em caridade e em amor. Tanto que chegamos a aquel logar e os frades o souberom, sayrom a nós e receberom-nos muy bem e muy **ledamente** e trariam cestos com pã e enfusas com agua segundo como o propheta castigou huus quando disse: – Non existis filijs israelis cum pane et aqua. [xv/orte/64v]: Ergo, nõ se deue homẽ gloriar da boa ãdança ou bemauëturança do mũdo, onde diz Seneca que a uida segura sem contrayro he asy como o Mar Morto, ãno qual ã hũ dia andom os nauios **ledamẽte** e ã elle meesmo som alagados. Este Mar Morto he en terra de Palestina, e ãtra ã elle o ryo de Jordam.

legeyramẽte → lygeyramẽte.

legeyramẽte → lygeyramẽte.

leuemẽte – adv. (< *leue* [do lat. *levis, e*]^{mf.} + *-mẽte*). ‘de modo leve’; ‘de maneira rãpida’. [xv/orte/23r]: Em certas horas e certas cousas deue homẽ leer, porque a liçom de muytas guisas [de] desuayradas cousas, que homẽ acha de aqueecimẽto, nom hedifica mas faz a alma mouidiça, porque as cousas

que homẽ recebe **leuemẽte**, parten-se ligeyramẽte da memorya.

liçitamente – adv. (< *liçita* [do lat. *licita*]^{cp.} + *-mente*). ‘de modo lícito’; ‘de maneira permitida’. [xv/cdpi/cp28]: (...) | aimda que per linha transverssa dhuma parte no segundo graao e doutra no terçeiro, sejaes divedos e parentes, e isso meesmo aimda que per razom doutras duas linhas | collateraaes, seja embargo de parentesco, ou cunhadia amtre vos no quarto graao, **liçitamente** per matrimonio os podessees ajuntar; nos per apostollica autoridade despicial graça todo tiramos e removemos, despensamdo contigo e com aquella com que assi casares, de nosso apostollico poderio, que a geraaçom que de vos ambos nasçer, seer legitima sem outro impedimento: (...).

lidemamente – adv. (< *lidema* [do lat. *legitimus, -a, -um*]^{mf.} + *-mente*). ‘de modo lídimo’; ‘de maneira legítima’. [xv/cdpi/cp40]: (...) e tomou elRei quamto aver o arçebispo tiinha no castello da rocha, e deu as fortellezas a Dom Fernando de Castro, e fezeo comde de Trastamara e de Lemos e de Sarna, domde soya seer comde elRei Dom Hemrrique, fazendolhe do dito comdado moorgado pera sempre, pera el e pera todos seus herdeiros **lidemamente** naçidos: e Dom Alvaro Perez seu irmão, e Andres Sanches de Gres, que viinham veer elRei, quando souberom a morte do arçebispo, tornaromsse pera suas terras com medo, e tomarom voz delRei Dom Hemrrique.

ligeyramen → lygeyramẽte.

ligeyramẽte ~ **ligeyramen** ~
legeyramente ~ **legeyramẽte** ~
ligeiramente ~ **ligeiramẽte** ~
ligeyramente ~ **ligeyramẽte** ~
ligeiramẽte ~ **lygeyramente** – adv.



(< *ligeira* ~ *legeira* ~ *legeira* ~ *ligeira* ~ *ligeira* ~ *ligeira* ~ *ligeira* ~ *lygeira* ~ *lygeira* ~ *lygeira* [do fr. *léger*, este do lat. pop. **leviarius*, de *levis*]^{mf.} + *-mente* ~ *-mête*). ‘de modo ligeiro’; ‘de maneira rápida, vaga. [xiii/cdsm/153]: Ond’ aquest’ avêo en | que logo s’ ergia | a sela **ligeiramen** | Quen quer que ten en desden... [xiii/frax/124v]: Qven der fiador por uenda ou por deuida ou por out(ra) cousa q(ua)lquer, déo atal que aya ualya de tâto q(ue) possa ben pagar e cû q(ue) possa au(er) dereyto **lygeyramête** aquel a q(ue) o á d(e) dar e que nã seya daquelles que deffend(e) a ley q(ue) nã possã fiar. [xiv/dsgd/44rc2]: Mais por queo entendimêto | deste que vira deus alçouse tanto | muyto sobre todallas outras cri | aturas **que ligeiramente** se nem | hũũ afam uira todallas coussas | que erã so deus. [xiv/dsgd/50rc1]: Edeseio muyto **que aquelles que** | este feito leerẽ ou ouirẽ quese guar | dem demorar cõ nẽ hũa molher . se | quiserẽ uiuer ã castidade ca polla uis | ta de cada dia dafaçe damolher creçe a | cobijça maa no coraçõ e depois uem | acoentimêto pollo aazo quea uẽ | **ligeiramête** afazer obra domal que | cujdou . e esto que eu quero contar . | dam testemunho todos aquelles a | delleue **que** morauã na çidade defunda | ã que aquel dom andre deque fallamos | era bispo. [xv/orte/45r]: Mas o homẽ deue poer ante os olhos da sua carnẽ a ymagem da [carne] que faz esquecer as cousas terreaes e as maas deleitações. ca diz Sam Jheronimo que **legeyramête** despreza todallas cousas aquell que senpre pensa que ha de morre. [xv/orte/85r]: Ca a lebre he animalia temerosa e corre muy **ligeiramente** e dorme cõ os olhos abertos.

[xv/orte/91v]: E ellas nã podem bem fugir pollo ãbargo das calças, e toma[m]-nas porẽ mais **lygeyramente**. [xv/orte/94r]: E certamente, se o homẽ se tornar ã sy meesmo e êtrar em sua mente e ã seu êtendimêto que aja por guiador, **ligeiramête** lhe sera demonstrada a êtrada do parayso, mas a boa andança deste mũdo desuia o homẽ do muy alto e uerda[de]yro bem e assy faz que lhe nã... pera a entrada do parayso, mas a maa andança reduz o homẽ ao uerdadeyro bem, ca ella he uerdadeyra e ãsyna uerdadeyramête aquelles cõ que [sse] jũta e solta-os dos prisões e he tenperada e sages. [xv/orte/97v]: Outrossy, o louuor ãpeece a aquelle que he louuado, porque **legeyramente** o faz leuãtar ã uããgloria, onde diz Sancto Ambrosio: ã aquelle tenpo mayormête louuo eu e exalço [per louuor] os merecimêtos da sanctidade quando a adulaçõ e o afaago nã tẽpta aquelle que louua, nẽ o leuãtamento nã tẽpta aquelle que he louuado. [xv/orte/107v]: E outrosy, aquelle que he escarnido ã este mũdo, mais **lygeiramête** ouue Deus a sua oraçõ, e depois ãna outra uida recebe sorte e he cõtado antre os filhos especiaaes de Deus.

ligeiramente → lygeyramête.

ligeiramête → lygeyramête.

ligeyramente → lygeyramête.

limphamente ~ **linpamête** – adv. (< *limpha* ~ *linpa* [do lat. *limpidus*, -a, -um]^{mf.} + *-mente* ~ *-mête*). ‘de modo limpo’; ‘de maneira pura’. [xv/flos/48vc1]: E des aqui adeante ti prometo que me parta de toda maldade e que te servha muy **limphamente**. [xv/orte/141r]: Nom sabedes que o filosofo puro e perfecto amortificou todos seus e ã purpura, nã podẽ **linpamête** uistir Jhesu Christo.

linpamête → limphamente.



liurementemente → liuremête.

liuremête ~ **liurementemente** ~ **livrementemente** ~ **lyurementemente** – adv. (< *liure* ~ *livre* ~ *lyure* [do lat. *liber*]^{mf.} + *-mente* ~ *-mête*). ‘de modo livre’; ‘de maneira desimpedida’. [xiii/frac/76v]: Deffendemos que nenhuu crischao nen judeo nen outro omê nenhuu nõ seya ousado d(e) cõprar nõ de fillar a penhores calezes nõ liuros nõ cruces nen uestimêtas nõ outros ornãmêtos d(e) S(an)c(t)a Eyg(re)ya e se alguu o fez(er) ou fillar ent(re)geo a eyg(re)ya **liuremête** e sen p(re)ço nenhuu. [xiv/dsgd/38vc2]: E o sancto bispo per que se havia de comprir a sentença nõ quis que mais fosse ante o seu cavalo des aly adeante, mais deu por livre ele e seus filhos e sa molher e disse-lhis que se fossem **livrementemente** pera u quer que quissem. [xv/orte/88v]: E diz outrosy que os bẽes temporaes que ueem continuadamête hũ[s] enpos outros he certa demonstrãça de maa uêtura que a de uĩr, ca o bezerro que querem matar, leixa[m]-no andar **liurementemente** ã bõos pastos mas o justo he constrãgido e afastado do prazer da deleitaçõ que trespassa, assy como o bezerro que he pera laurar retẽ-no so o jugo. [xv/orte/45r]: E ella per uirtude do anel começou a esquecer o amor que auia a Moyses, e leixou-o hir **lyurementemente** pera sua terra.

livrementemente → liuremête.

lixosamente – adv. (< *lix(o)* [de origem obscura]^{mf.} + *-osa* + *-mente*). ‘de modo lixoso’; ‘de maneira imunda’. [xiv/flos/24rc1]: E quando foy assi que nõ houve razom nem carreya peru nos mal podesse buscar, tornou-se a mim e começou-me a deostar muy mal e muy **lixosamente**.

llogo → logo.

lõge → longe.

logo ~ **llogo** ~ **lõgo** ~ **loguo** – adv. (< lat. *loco*, ablativo de *locus*)^{mf.} ‘imediatamente’. [xiii/frac/78v]: Se alguu se querellar doutrẽ [ao] alcayd(e) e o alcajde nõno quiser chamar **logo** aquel de que se q(ue)relar que lhy uenha faz(er) dereyto, ou si lhys o p(re)yto alongar por rogo ou por algũas das partes ou por amor de lly faz(er) algũa ajuda, se aquel a q(ue) fazã reuolta poder esto prouar, peyte o alcajde do seu as custas q(ue) fez o quereloso e os danos que fez por aquella reuolta e recebeo, e o querelloso seya creudo p(er) sa parauoa e p(er) sa iura subre estas custas e subr’estes danos, a p(ra)z(er) daq(ue)l a q(ue) se querelara do alcayd(e). [xiii/cdsm/175]: E pois entrou en Tolosa, foi **llogo** fillar pousada | en casa dun grand’ erege, non sabend’ end’ ele nada; | mas quando o viu a gente, foi ende maravillada | e disseron ao fillo: “Dest’ albergue vos quitade.” [xiv/flos/14rc1]: ois esto disse, acostou-se a mim e levey-o pera sa casa e deytou-se **logo** no astrago e feriu hi muyto de sa cabeça e regou toda a terra em derredor de si de lagrimas e disse: – Senhor, muyto alto perdoa-mi, ca hũa molher me tolheu a huũ dia quanto bem fiz des que fuy nado. [xv/cpvc/2r]: E seendo afomso lopez nosso piloto em huum daqueles naujos pequenos per mandado do capitam por seer homem vyuo E deestro pera Jsso meteo se **loguo** no esquife a somdar o porto demtro E tomou em huũa almaadia dous daqueles homeẽs da terra . mançebos E de boos corpos . [xvi/gpjb/p91]: (...) bem sei que, por ser novidade e o uso estár em contraio, será cousa



trabalhosa serem **lógo** éstas nóvas figuras recebidas em nóssa ortografia, mas o tempo ás fará tam próprias como sam as outras de que usamos.

lógo → logo.

loguo → logo.

longe → longe.

lomje → longe.

longamente – adv. (< *longa* [do lat. *longus*, -a, -um]^{mf.} + -mente). ‘de modo longo’; ‘de maneira espaçosa’. [xv/orte/109v]: E elhe ouue de esto grande prazer, sperando que uiviria muy **longamente**, ca muy alongado estaua de dizer missa ã Jherusalem, ca elhe estaua ã Rroma.

longe ~ **lõge** ~ **longe** ~ **lomje** ~ **lonje** – adv. (< lat. *longe*)^{mf.} ‘distante’; ‘afastado’. [xiii/frac/123]: Qvando alguũ omẽ emp(re)sta a outro cauallo ou out(ra) bestta en q(ue) uaa a alguu logar sabudo nomeadam(en)te, se a outro logar a leuar mays **longe** ou se lha emp(re)stou por leuar algũa cousa nomeadamẽte ãelha e a mays carregar ou se fez mayor iornada [...] en guysa q(ue) meos ualha, seya teudo de dar a ualhia a seu dono. [xiv/dsgd/23rc2]: Eporẽ | de apareceo huũdya depascoa | nosso senhor / ahuũcreligo de | misa que moraua **lonje** do lu | gar desam beento . [xv/cdpi/cp21]: ElRei cuidamdo de o tomar, seguio o caminho per homde el fora; e aquel dia que Dom Tello chegou a Bermeo e emtrou no mar, esse dia chegou elRei, e emtrou em outros navios, cuidamdo de o encalçar: o mar era um pouco bolicoso, e elRei anojousse, e leixou de o seguir por que hia mui **longe**, e tornousse em terra, e premdeo Dona Johana sua molher. [xvi/ctlp/cp27]: Mas nhũa *nam* era tam bem asem-tada *nem* tam forte, porque avia nos

seus / muros em allto cimcoemta estados e eram / todos de hũa pedra mui dura, e as a-/ meas de alltura de hũa lamça açima / do muro, e eram de hũa pedra bran-/ ca como cristall e asy dura como marmo-/ re que parecia de **lomje** que tinha hũa / mui fremosa coroa. [xvi/gdlp/p29]: DIções comũs chamamos aquellas que em muitas linguas seruem igualmente: e o tempo em que se mudarão dhũa lingoa para outra: fica tão lõge de nos que não podemos facilmente saber de qual para qual lingua se mudarão: porque assi as podião tomar as outras linguas da nossa/como a nossa dellas: como alfayate. almozarife. alguidar: almocreue.

lonje → longe.

lygeiramẽte → lygeyramẽte.

lygeyramente → lygeyramẽte.

lyuremẽte → liuremẽte.

M

maenfestadamẽte – adv. (< *maenfestada* [do lat. *manifestata*]^{c.} + -mẽte). ‘de modo manifestado’; ‘de maneira revelada’. [xiii/frac/145v]: Qvãdo alguu feyto desguisado for feyto en concelho d(e) guysa q(ue) seya maenfestado, o alcayde de seu ofizio dé aq(ue)lha pãa q(ue) merece aaq(ue)l q(ue) ofez, p(er)o q(ue) out(ra)acus açõ ã out(ra) p(ro)ua non aya. Ca enas cousas q(ue) sũ **maenfestadamẽte** nõ á mest(er) out(ra) acusazõ ã out(ra) p(ro)ua.

magnifestamente – adv. (< *magnifesta* [do lat. *manifestus*, -a, -um]^{m.} + -mente).



‘de modo manifesto’; ‘de maneira evidente’. [xv/orte/100v]: E mais **magnifestamente** e mais claramente parecera a obra firme e a eficacia da tua escolla e da tua doutrina e a legeyrice de ãsinar pera proueito de muytos per posiçom dos exenplos, pellos quaes te mostraras a todos exenplar ãna honestidade dos costumes.

mais ~ **maís** ~ **maís** ~ **majs** ~ **mays** – adv. (< lat. *magis*)^{mf.} ‘em maior quantidade ou com maior intensidade’; ‘em grau superior’; ‘exprime cessação ou limite, quando acompanhado de negação’. [xiii/cdsm/156]: E o que **mais** grave ll’ era, | que quando oya son | dizer dos que el dissera, | quebrava-ll’ o coraçom | porque non podia nada cantar, ond[e], gran prazer | ouvera muitas vegadas, e fillava-ss’ a gemer. [xiv/dnmv/65]: E de Johã fferñadez Ja passado / que foy seu filho e nosso tío asy **maís** cõpridamête he contjudo ã hũũ Sentêca que / ãde o dito Martj saluadorez tẽ; (...). [xv/orte/120v]: E, assy que entendo aquello que padeço e ãtendo aquello que perdy, faze-sse a mÿ **mays** graue aquello que soffro, ca agora som quebrantado cõ as ondas do grande mar deste mũdo, e ãna naue da minha mête som britado com tormêtos de muy forte tenpestade. [xv/cpvc/12v]: E asy se sobio Junto com ho altar em huã cadeira E aly nos preegou do auanJelho E dos apostolos cujo dia oJe he trautando em fim da preegaçom deste voso prosegujmento tam santo E vertuoso . que nos causou **majs** deuaçam ./ eses que aa preegaçam senpre esteueram estauam asy coma nos olhando pera ele ./ e aquele que digo . chamaua alguũs que viesem pera aly /. alguũs vijnham E outros hiam se. [xvi/gpjb/p3]: E,

porque a **maís** pequena déstas pãrtes é a lêtera, donde se todalas dições compõem, vejamos primeiro déla e desi das outras três, nam segundo convém à órdem da Gramática especulativa, mas como requére a preçeitiva, usando dos termos da Gramática latina cujos filhos nós somos, por nam degenerár déla.

maís → mais.

majs → mais.

mal ~ **mall** – adv. (< lat. *male*)^{mf.} ‘de maneira imperfeita ou ruim’. [xiii/frax/72r]: Assy como a infirmitad(e) e a chaga q(ue) é g(ra)nde eno corpo nõ pod(e) saar sã grandes maestrias nã sã grandes meezinhas por ferro e por queymas, assy a maldad(e) dos que sã endurados e p(er)fyosos en faz(er)lhys **mal** non lha pod(e)n tollersenõ p(er) g(ra)ues pãas, ca o diz a Escripura que o sandeu en sandice guísse de seer cordo que non suffra pea. [xiv/dsgd/7vc2]: Meteua logo | em sua boca . e ho em mygo / en | trou logo em ella . e derriboua | em terra . e estorcendoa e tragẽ | doa muj **mal** . [xv/cdpi/cp6]: Os que hi estavam que aqesto viam, sospeitando **mal** de suas razoões, aficavamse muito a pedir merçee por elles, dizendo que por hum Judeu astroso nom era bem morrerem taaes homeens, e que bem era de os castigar per degredo, ou outra alguuma pena, mas nom mostrar contra aquelles que criara pello primeiro erro tam grande cueza. [xvi/ctlp/cp6]: E como / soe sempre ser quererem as madrastas / **mall** aos emteados, tomou esta tamto a/vorecimento aos seus, .s. com Heles e Fri-/ xo, que tinha em casa, e tanto foi



que por / toda maneira *que* podia lhe
bu[s]cava ha / morte.

malament' → malamente.

malamente ~ **malament'** ~ **malamête** ~
màmente – adv. (< *mala* ~ *mà* [do lat.
male]^{mf.} + *-ment'* ~ *-mente* ~
mête, com epêntese). ‘de modo mal’;
‘de maneira imperfeita ou ruim’.
[xiii/cdsm/353]: E de tal razon com'
esta vos direi, se vos prouguer, |
miragre que fez a Virgen, que sempre
nosso ben quer, | per que ajamos o
reyno de seu Fill', ond' a moller |
primeira nos deitou fora, que foi
malament' errar. [xiv/flos/43vc2]: E
se os ñ achava pacientes, enviava-os.
E quando chegou aa porta da cidade,
o discipulo daquel filosofo, a que
derom em peendencia que desse algo a
quem quer que o deostasse per tres
anos, e quis entrar pela porta, o velho
sabedor que provava todos os outros
se eram pacientes, per deostos que
lhes dizia, deostou este mancebo muy
malamente. [xv/orte/197r]: E ñ tan
solamête aquelles que escarnecem dos
outros per palauras e per geestos
acontecê seerê depois escarnidos, mas
ajnda aquelles que per obra querem
fazer escarnho e dâno aos seruos de
Jhesu Christo, som depois **malamête**
escarnidos, asy como aconteceu a hũ
grande homê, segundo sse contem em
este falamêto que sse segue.
[xvi/gpjb/p62]: Per outra maneira
soprinos gram diversidâde de
avêrbios, ajuntando a um nome
ajetivo feminino ésta palâsra mente
e dizemos: boamente, **màmente**.
escas[s]amente, grandemente. etc.,
que quér dizér má, escás[s]a,
grande vontáde.

malamête → malamente.

maliciosamente ~ **maliciosamête** – adv. (<
malicia [do lat. *malitia*]^{mf.} + *-osa* +
-mente ~ *-mête*). ‘de modo malicioso’;

‘de maneira maldosa’. [xv/orte/25r]:
E esta sabedoria he chamada
diabolica, porque o diaboo foy aquelle
que primeyramête [cobiçou] a auer
hõrra e senhorio, sendo angio ão
ceeo, quando cobiçou seer
semelhante a Deus, e depois
maliciosamente ouue emveia ao
homê e feze-o cayr em peccado, e
porêm a sabedoria diabolica pertêce
aa malicia. [xv/orte/94v]: Se tu
auorreces a cousa que ñ he fiel,
deues desprezar e lançar de ty a boa
auêturâça do mu[n]do, ca ella
maliciosamête te leixara quando
folgares con ella, e nũca pode nehũ
seer seguro de o ella ñ leyxar.

maliciosamête → maliciosamente.

mall → mal.

màmente → malamente.

manhosamente – adv. (< *manha* [provav.
do lat. **mania*, derivado de *manus*]^{mf.}
+ *-osa* + *-mente*). ‘de modo
manhoso’; ‘de maneira habilidosa’.
[xvi/ctlp/cp18]: Des que Juno vio que
por emtam ño lhe / prestauam seus
emcamtamentos para se / vimgar de
sua comboça, soube que nam / era
verdade o que a domzela chamada /
Galante dixera, mas que ho dixera
ma-/ nhosamente porque seus
emcamtamentos / desfaleçesem.

maora → màora.

màora ~ **aramá** ~ **eramá** ~ **ieramá** ~ **iramá**
~ **maora** ~ **muitieramá** ~
muit'ieramá – adv. ‘Em hora má’.
[xvi/adid/109]: Por qual demo ou por
qual gamo | ali **màora** chorarei?
[xvi/adid/1485]: Agora, **aramá**! | Lá
há índias mui fermosas, | lá farieis vós
das vossas | e a triste de mi cá, |
encerrada nesta casa, | sem consentir
que vezinha | entrasse por ãa brasa, |
por honestidade minha.
[xvi/adbi/1328]: Embarca, **eramá** pera
ti, | que há já muito que t'espero!



[xvi/adbi/1182]: Oh, que **maora** venhais, | onzeneiro, meu parente!
[xvi/adbi/1465]: Andar **muitieramá!**
[xvi/adip/1116]: Si, agora, **ieramá,** | também eu me ria cá | das cousas que me dezia. [xvi/adip/1394]: Vá-se, **muit'ieramá,** | que sempre disse e direi: | Mãe, eu me não casarei | senão com homem discreto, | e assi vo-lo prometo | ou antes o leixarei. [xvi/adip/1426]: Corremos a **iramá.**

marauilhosamente → maravilhosamente.

marauilhosamête → maravilhosamente.

marauylhosamente → maravilhosamente.

maravilhosamente ~ maravillosament' ~

marauilhosamente ~

marauilhosamête ~

marauylhosamente – adv. (<

maravillosa ~ *maravilhosa* ~

marauilhosa ~ *marauylhosa*

[*maravilha* {do lat. *mirabilia*}^m +

-osa + *-ment'* ~ *-mente* ~ *-mête*). ‘de

modo maravilhoso’; ‘de maneira

admirável’. [xiii/cdsm/325]: Ca a que

nos abr os braços e o inferno nos serra,

| tan ben faz pelo mar vias come pela

chãa terra; | e quen aquesto non cree

maravillosament' erra | e de Deus en

niun tempo perdon aver non devia.

[xiv/flos/14vc1]: E el ergueu-se pela

graça de Deus que era em el. Muyto

preegou **maravilhosamente.** E el que

era cheo do spiritu sancto corregiam

os errados e castigava-os do juyzo que

ha de viir. [xiv/dsgd/73vc1]: Mais o |

poder de *deus que* as suas mentes ma

| raujlhosamente espantara auida |

detodos estes . mais **maraujlhosa |**

mente guardou atua naue *que* por |

oito dias foy chea d'agua ataas |

tauoas *que* estauam ã çima nadou | cõ

todos aquelles *que* em ella anda | uã

per seu camjnho dereito atáá | *queos*

noue dias chegou ao porto do | castello

dechiteram. [xv/orte/8r]: E tam

marauilhosamête me deleito ênas

uozes e ênos doces cantares daquella
celestrial corte, que me lenbra
daquello que diz o propheta Daud
êno salmo: Os ceos recontam a gloria
de Deus. [xv/orte/78v]: Assy como
esta animalia mora ênos altos môtes,
bem asy Jhesu Christo mora ênas
almas dos sanctos e ênas mêtes dos
sanctos angios, que som aleuãtados
como montes perduraees, dos quaes
ele allomea muy tostemête e
marauilhosamente as almas fiees.

maravillosamente → maravilhosamente.

mãsamente – adv. (< *mãsa* [do lat. vulg.

mansus, der. de *mansuetudo*, *-inis*]^{mf}

+ *-mente*). ‘de modo manso’; ‘de

maneira pacífica’. [xv/orte/109r]:

Onde diz Seneca que os nobres

barõões desprezam os doestos e nõ

cuyrã das ãjurias, ca propriedade he

da grandeza uerdadeyra nõ se sentir

ferido das ãjurias, assy como a grande

besta fera, quando lhe ladrõ os cãães,

olha-os **mãsamente.**

maiormente → mayormente.

maioirmête → mayormente.

mayormente ~ maiormente ~ maioirmête

~ **mayormête ~ moormente ~**

moormête ~ móórmête – adv. (<

mayor ~ *maior* ~ *moor* ~ *móór* [do lat.

maiore, comparativo de *magnus*]^m +

-mente ~ *-mête*). ‘de modo

específico’; ‘de maneira mais

intensa’; ‘principalmente’.

[xiii/frax/74r]: Assy como nos sumos

teodos d(e) dar gualardõ dos bees

deste mundo aos q(ue) nos y s(er)uẽ,

mayormente deuemos dar

a N(ost)ro Senh(ur) Ih(es)u C(rist)o d

os bees terreaes

por saud(e)d(e) nossas almas de

que auem(os) uida eneste mundo e

todos outros bees que auemos

e asp(er)am(os) mayor gualardon eno

outro e uida p(er)durauel.

[xiv/dsgd/54rc2]: Efoy acabo da



çidade d'esplete huum | homẽ muy de
sancta uida e muyto | honrrada que
ouue nome jsaac e | durou ataa
opostumeiro tempo dos | godos
aqueste jsaac conheçerõ muy | tos
destes donosso tempo **moormête** |
auirgem sancta gregoria *que* ora mora
| na questa çidade . acabo da egreia de
| samcta maria sempre uirgem.
[xiv/dsgd/81v]: Mais em *pero pedro*
por *que* aalma | ãe quamto no corpo he
dauida ao cor | po . e aujda do corpo
pareçe perse mouer | e *persemitir* ãe
quãto nos ueemos *queo* | corpo se
moue e aos semtidos que *deus* | ao
corpo deu polla alma . assy como |
quãdo homẽ uéé e gosta e cheira e |
ouue . e **móórmête** quamdo tamge
que | he fundamêto de todos os outros
sem | tidos sem *que* ão podẽ ueér
nẽhũa a | limaria quamdo todo esto
nos ueé | mos no homẽ se pode mouer
e pode | semtir sabemos *que* aalma
amda ãe | elle . como quer quea *per*
nossos olhos | ão ueiamos.
[xiv/dsgd/97rc1]: Efoy cõ ella aquella
sancta noite | e foy muy mááo fecto
mujto span | toso pera dizer
moormente pera fazer.
[xv/orte/119r]: Nem de dia, ãe que he
ocupado ãnos cõsistorios e ãnas
contendas e trautados e preytos e
continuadas supplicaçõões cõ que he
muyto agrauado, ão pode auer hũa
hora boa êteyra, **maiormente** que a
cuydaçom menecolica quebranta a
folgança da noyte e a salsa do
cuydado e deliberaçom amargosa e do
estudo nojoso quebranta o solaz da
mesa. [xv/orte/119v]: E, se o prelado
ou principe he desposto contra dreito,
sem seu desmerecimento, ão auera
conparaçom aquella uergonça e
cõfusom aa gloria que se lhe seguira,
maioirmête a aquelle que ouuer
paciencia, ca a sua uergonça he ante

poucos e baixos e terreaes e
tenporalmente, mas a sua gloria e
honrra he ante Deus e ante enfiindos
moradores do ceo, que dura por
senpre. [xvi/gdlp/p20]: Ainda porẽ
que as vezes ficão ãbas êteyras
mayormête se são diuersas como
acaba ãe a vogal: e começa a segũda.

mayormête → mayormente.

mays → mais.

mazquinhomête ~ **mezquinhomête** ~
mezquinhomête – adv. (< *mezquinho*
~ *mazquinho* [do ár. *meskin*]^{mf.} +
-mênte ~ *-mête*). ‘de modo
mesquinho’; ‘de maneira desgraçada’.
[xv/oe780v]: E muytas uezes morre
homẽ muy **mazquinhomête** sem
espaaço de pẽdença. [xv/orte/61r]:
Ay, ay, que tam alta geeraçõ e tam
alto filho como he a palaura de Deus,
cõcebida ãna mête do homẽ, se perde
pella conpanhia da boa andança
malauêturada e asy he afogada e
matada tam **mezquinhomête!**
[xv/orte/37r]: E ão era marauilha de o
homẽ ão conhocer a sabedoria de
Deus, porque a creatura razoauel, que
he o homẽ, per sua culpa comêdo o
fructo defeso per Deus, foy deprouada
e chagada **mezquinhomête** ãnos bẽes
naturaes, que lhe Deus auia dados, os
quaaes som poderio e sabedoria e
bõõdade e substancia ão departida.

meesmo ~ **mesmo** – adv. (< lat. vulg.
medipsimus)^{m.} ‘também’;
‘exatamente’; ‘precisamente’.
[xiii/frax81r]: E isto **meesmo** seya
dos h(er)deyros edos (con)paneyros e
n hũa demanda ou de clerygo
en p(re)yto d(e) sa eygreya.
[xiv/flos/26rc2]: E em esse dia
meesmo deytey-me a dormir e dormi.
[xv/cpvc/3r]: E asy **meesmo** acenaua
pera a tera. [xvi/ctlp/cp7]: E asy
mesmo, a por-/ ta do templo da parte
de demtro estauam / dous liões tam



espantoso[s] que maravi-/ lha era velos.

melhor → mellor.

mellor ~ **melhor** ~ **melor** ~ **milhor** ~ **milhór** – adv. (< lat. *meliore*)^{mf.} ‘mais satisfatoriamente’.

[xiii/cdsm/202]: Estand’ el assi en prezes, veo-lle a coraçõ | a rima que lle minguava, que era de tal rason | en latin e que mostrava: “Nobile Triclinium.” | E non avia palavra que y fizesse mellor | Muito á Santa Maria, Madre de Deus, gran sabor ...

[xiii/frax/91r]: Qvando alguu omê fez(er) demanda (contra) out(ro) sobre besta ou sobre outro gaado qual quer e aq(ue)l que demandar a besta ou o gaado disser o tẽpo e o outro que fez(er) a demanda disser aquella meesma rason ou disser o tempo des quando ha ha meos, por desfaz(er) a razõ do outro, mandamos que ambas as partes tragã sas testemunhas e desy o alcayd(e) cate qual delles firmou

melor e cõ mays testemunhas, aquel seya creudo mays ena demanda.

[xiv/flos/31vc2]: E el nõ per razõ da honra, mais per razom de poder **melhor** servir a Deus, ensinando e encarreyrando os homens pera a sa gloria e dando boo eyxemplo de si ao poboo per paravoa e per obra, quis ficar por bispo. [xv/orte/131v]: E diz Boecio: As rriquezas nõ som preciosas nõ de grande preço per nossa natureza nõ pella sua. Ca

milhor esplandecem, espargendo-as ã despendendo, que ajũtando-as. E a auareza senpre faz os homẽs odiosos, e a largueza os faz nobres. [xvi/gpjb/p6]: E os Latinos e Gregos sentem **milhór** o tempo das sílabas por cáusa do vërso do que ô nós sintimos nas tróvas: porque cási máis espéra a nõssa orelha o

consoante que a cantidáde, dádo que a tem.

melor → mellor.

menos → mẽos.

menyos → mẽos.

meos → mẽos.

mẽos ~ **menos** ~ **menyos** ~ **meos** – adv. (< lat. *minus*)^{mf.} ‘em quantidade ou intensidade menor’. [xiii/cdsm/245]: Entre Doir’ e Mynn’ avia, no reyno de Portugal, | tal tempo foi, roubadores que fazian muito mal, | escudeyros e pões, cavaleiros outro tal; | aquel que **mẽos** roubava, entr’ eles era peor. [xiii/frax/102v]: |E| assy como se sse alçar alguũ omê que nõ era escomungado nen deuedado nõ seya soterrado ou sobre cousa q(ue) non possa guardar como subre uuas ante q(ue) o uinho seya feyto delas ou subre messes q(ue) seyã de segar ou sobre outra cousa qual quer semellauil ou se for sobre dar gou(er)nho a **menyos** peq(ue)nhyos.

[xiv/dsgd/2rc2]: E quanto amais deseio . tan / | to mais me acho andar *per* esse | mar . e apossso **menos** auer.

[xv/orte/2v]: E asy mostrou este leterado a sua doutrina per paciencia, ca, segundo diz hũũ sancto padre, a doutrina do barõ conhece-sse pella paciência, ca, quanto o homẽ he **meos** paciẽte, tanto se mostra por **meos** ãsinado. [xvi/adip/1852]: Senhora, o que ele mandou | não posso menos fazer.

mesmo → meesmo.

mẽtirosamente ~ **mẽtirosamẽte** – adv. (< *mẽtirosa* [*mentira* {relacionado com *mentir*, mas de maneira obscura}^{mf.} + *-osa* + *-mente* ~ *-mẽte*). ‘de modo mentiroso’; ‘de maneira enganosa’. [xiii/frax/114v]: Qvemq(ue)r que algũa cousa (con)prar, se o uendedor non for arreygado, receba del boo fiador e ualla a uẽda, ergo se for



feyta p(er) engano que faça
o (con)prador por uender a cousa que
seu dono ão queria uender, como [se]
disse **mētirosamēte** ca tija seu
cauallo e el rey mandaua q(ue) ãehuu
cauallo ão ualese
mays d(e) #C m(a)r(auidi)s.

[xv/orte/62r]: E bem asy
comunalmēte todo o mūdo fala
mētirosamente.

mētirosamēte → mētirosamente.

mezquinhomēte → mazquinhamēte.

mezquinhomēte → mazquinhamēte.

milhor → mellor.

milhór → mellor.

moormente → mayormente.

moormēte → mayormente.

móórmēte → mayormente.

mortalmēte – adv. (< *mortal* [do lat. *mortalis*, -e]^{mf.} + *-mēte*). ‘de modo morta’; ‘de maneira letal.
[xiv/dsgd/17vc1]: Eem esto pe | caua
ajnda **mortalmēte**. [xv/orte/65v]:
Entõ hũũ delles tyrou hũũ lyuro
pequẽno de seu seeo, escripto ã leteras
douro. Eu, pero que ãunca soube leer,
lyi todo o que era escripto ãno lyuro e
vy ã elle algũũs poucos e pequẽnos
bẽes que figi quando era moço, ante
que peccasse **mortalmēte**.

mui → muito.

muit’ → muito.

muitieramá → maòra.

muit’ieramá → maòra.

muito ~ **mui** ~ **muit’** ~ **muj** ~ **mujto** ~
multo ~ **muy** ~ **muyto** – adv. (< lat. *multu-*)^{mf.} ‘em alto grau’.
[xiii/nt/1031]: E sup(er) sa aiud[a] oue
mal c(ũ) Goncaluo Gomez que li
custou **multo** da auer e muita perda.
[xiii/cdsm/110]: Tant’ é Santa Maria
de ben **mui** conprida,
que pera a loar tempo nos fal e vida.
[xiii/cdsm/110]: E pois foi apoderado
| de ssa alma, **muit’** irado | foi ao fogo
privado | pola y pẽar des en.

[xiv/dsgd/73vc2]: Mais ão ha tres dias
| que chegou hũũmonje da quella |
proença e trouue mandado **muy** . |
graue come disse *que* aquelle meu |
amigo era sinado deste mūdo.

[xiv/dnmv/46]: E esta doaçõ lhy faço
por **muyto** bẽ que ouuj desse
Mosteiro e por dizimas que hy ão
paguej cõpridamēte como deuera. e
por cousas que ende ouuj.

[xv/dnmc/190]: Sabham quantos este
presente publico stromento de
prosegujmento dapellaçom virem que
no anno do nasçimento de nosso
sẽnhor Jhesu cristo de mjll e
quatrocentos e vijnte e sex annos
dezooito dias do mes de Mayo na **muj**
nobre çidade de Lixboa aa porta
chamada do furadoiro fréguisía da
egreja de sanhoãne da praça da parte
de fora descontra o mar(...).

[xv/dnmc/ E deu e entregou a hũũ
homẽ mãço que se per nome /
chamaua pedrairas naturall da dita
çidade e presente staua cõ hũũ
sóómbreiro na cabeça e hũũ dardo na
maóo e hũũ barrill hũũ presente
publico stromento scripto e asjgnado
ã purgamjnho per mj dito tabeliam ã
Razom dappellaçõ que o dito
mosteiro antre/ pos pera a igreja e
corte de Roma temẽdosse as donas e
cõuẽto delle séer agrauadas per o
mujto honrrado padre e sãnhor dom
pedro (...). [xvi/adbi/1690]: Outro
navio está cá **muito** melhor
assombrado.

muj → muito.

mujto → muito.

multo → muito.

muy → muito.

muyto → muito.



N

nada – adv. (< lat. tard. *(res) nata*)^{mf.} ‘em grau nenhum’; ‘de modo nenhum’. [xiii/frac/109v]: [xiv/dsgd/36vc1]: E depois queos fra | des esto virom . derom graças a | deus e apremderõ e foram çertos | que na grã mjngoia . deus pode | fazer gramde auondança e desto | nõ duujdarõ **nada**. [xiv/dsgd/46vc2]: Mais | obispo piadoso por *que* era homẽ deboa pa | laura e muyto emsynado *pera* fazer | creer acada hũoquelhe quisese di | zer . disse *aaquella* molher *proue* que nõ . duuidase **nada** daquello *que* lhe dezia . | mais queo tomase logo por *seruo* e *queo* | fosse dar *aaquel* que tijinha seu filho | ã catiuo e que trouese seu filho e elle | ficaria ã seu logar. [xv/cpvc/3r]: E nom gostaram dele **nada** nem o quiseram mais / troueram lhes agoa per huã albarada tomaram dela senhos bocados.

nam → nõ.

não → nõ.

naturalmente → naturalmente.

naturalment’ → naturalmente.

naturalmente ~ **naturalmente** ~ **naturalment’** ~ **naturalmẽte** – adv. (< *natural* ~ *natural* [do lat. *naturalis*, -e]^{c.} + *-mente* ~ *-ment’* ~ *-mẽte*). ‘de modo natural’; ‘de maneira espontânea’. [xiii/cdsm/335]: Com’ en si **naturalmente** a Virgen á piadade, | assi **naturalment’** ama os en que á caridade. [xiv/dsgd/12rc1]: Tirando | hũu muj pequeno lugar que apareçia | na costa do monte . pero era em | bargado per huã gram penedo |

que nacia hi **naturalmẽte**. [xv/cdpi/prol]: Esta virtude he muy neçessaria ao Rei e isso meesmo aos seus sogeitos, por que avemdo no Rei virtude de justiça, fara leis per que todos vivam dereitamente e em paz, e os seus sogeitos seemdo justos, compriram as leis que el poser, e comprimdoas, nom faram cousa injusta contra nenhuum, e tal virtude como esta pode cada huum ganhar per obra de boo entemdimento, e aas vezes naçem alguuns, assi **naturalmente** a ella despostos, que com grande zello a executam, posto que a alguuns vicios sejam emclinados.

naturalmẽte → naturalmente.

nẽ → nen.

nẽbradamẽte – adv. (< *nẽbrada* [part. do v. *nembrar* → *lembrar*, do lat. *memorare*]^{mf.} + *-mẽte*). [xiii/frac/81v]: Outrosy depoyos que der outro pessueyro, o p(ri)meyro seya tollecto p(er) que o dono da uoz non lha toilha **nẽbradamẽte**.

neçessariamente – adv. (< *neçessaria* [do lat. *necessarius*, -a, -um]^{mf.} + *-mente*). ‘de modo necessário’; ‘de maneira inevitável’. [xv/cdpi/cp12]: E *pera* encaminharem de fazer | tesouro, tiinham todos esta maneira: em cada huum anno eram os Reis çertificados pellos veedores de sua fazenda, das despezas todas que feitas aviam, assi em enbaixadas come em todallas outras cousas, que lhe **neçessariamente** conviinha fazer.

nem → nen.

nen ~ **nem** ~ **nẽ** – adv. (< lat. *nec*, com apócope e nasalização)^{mf.} ‘também não’; ‘e não’; ‘sequer, ao menos’. [xiii/cdsm/001]: **Nen** quero de dizer leixar | de como foy chegada | a graça que Deus enviar | lle quis, atan grãada,



| que por el esforçada | foy a compan[n]a que juntar | fez Deus, e enssinada, | de Spirit'avondada, | por que souberon preegar | logo sen alongada. [xiv/dsgd/4rc1]: Este nõ ha mester deseer *pri* | meiramẽte discipolo . ca he meestre . e atal foy sam ioham *babtista* . | *deque* nunca leemos *que* meestre **nẽ** | huõouesse . como *quer que* muitos | discipulos depois ensinasse. [xv/cdpi/cp42]: e o Príncipe lho preguntou estomçe, e el disse que nom emmentara nenhuuma cousa das filhas, nem do aver que levava comsigo: «pois, disse o Príncipe, **nem** «vosso tio nom era adevinha do que vos tiinhees na voomtade». [xvi/adip/1553]: (Homem que não tem **nem** preto, | casa muito na má hora.)

nenllur – adv. (Provavelmente oriundo do cruzamento de *nenhum* com *alhur*)^c: ‘em lugar nenhum’. [xiii/cdsm/419]: Dized’ u a metestes; mais sei eu que **nenllur** | achar nona podedes quant’ o Breton Artur, | ca eu a vi na nuve sobir, e me chamou.

nõ ~ nam ~ não ~ nom ~ non – adv. (< lat. *nom*)^{mf}. ‘não’. [xiii/tals/1003]: E ssi filio barõ **nõ** ouuermos, a maior filia q(ue) ouuermos *agia*’o. [xiv/dsgd/15rc2]: Eeu uy | aquy *pera* comer . e ahynda **non** | abri minha boca *pera* louuar *deus*. [xv/dnmc/96]: E **nom** chamaram a elles outro nemhũ *senh*’xvi/ctlp/cp38]: E amdamdo / asy com a dor da morte dixeu asy aos seus / amigos: «Não he rrezão que a *mim*, que **nam** / puderão amansar os grandes traba-/ lhos sem fim que minha madrasta / Juno me buscaua, que me mate agora / tam vill cousa». [xvi/adip/1061]: **Não** te apresses tu, Inês: maior é o ano que o mês.

noblemente → nobremente.

noblemẽte → nobremente.

nobremente ~ noblemente ~ noblemẽte ~ nobremẽte – adv. (< *nobre ~ noble* [do lat. *nobilis*, -e]^{mf}. + -mente ~ -mẽte). ‘de modo nobre’; ‘de maneira digna’. [xiv/dsgd/44vc2]: Aquesta | carreira era lestrada demujtos panos | preciosos . e auja lampadas tã sem | custo e de tamta claridade quea nõ | poderia nõ huõ dizer e huõ homẽ | que andaua atã **nobremente** uis | tido de uestiduras claras e muy . | fremosas e preguntou aaquelles | que esta carreira vijam cuia era aquella | carreira . ou quẽ auja dehir por ella . | e elles disserom que nõ sabiã. [xv/orte/56v]: E porẽ Sancta Pelagia, sendo neta de rey, de muy alta geeraçõ e noblemente nada e **noblemẽte** cassada cõ o principe da cidade de Lemogẽes e muy dilicadamente criada ãnas riquezas e emnos deleitos deste mũdo, depois que lhe morreo seu marido, mudou o trayo segral e abaixou a nobreza da sua linhagem en tanto e calcou emteyramẽte os afaagos e a booa andança deste mũdo, que andaua pellos agros fazendo seruiço e obras per suas mããos, per que ouuese a necessidade muy estreyta pera sua uida, ãtendendo que as cousas da boa andança deste mũdo nõ erã propriamente boas. [xv/orte/56v]: E porẽ Sancta Pelagia, sendo neta de rey, de muy alta geeraçõ e **noblemente** nada e noblemẽte cassada cõ o principe da cidade de Lemogẽes e muy dilicadamente criada ãnas riquezas e emnos deleitos deste mũdo, depois que lhe morreo seu marido, mudou o trayo segral e abaixou a nobreza da sua linhagem en tanto e calcou emteyramẽte os afaagos e a booa andança deste mũdo, que andaua pellos agros fazendo seruiço e obras per suas mããos, per



que ouuese a necessidade muy estreyta pera sua uida, êtendendo que as cousas da boa andança deste mûdo nõ erã propriamente boas. [xv/orte/104r]: Conta Sam Bernardo de hũu bispo de Carnota, que auia nome Gaufrido, que foy enviado pello papa por legado aas partes de Aquitania, que senpre andou aa sua propria despessa, cõprindo **nobremête** seu officio.

nobremête → nobremente.

nom → nõ.

nomeadamente ~ nomeadamête – adv. (< *nomeada* [part. do v. *nomear*, do lat. *nominare*]^m. + *-mente ~ -mête*). ‘de modo nomeado’; ‘de maneira designada’. [xiii/frac/82r]: Nenuhu p(es)sueyro que seya dado enalguu p(re)yto quer p(er)a demand ar quer p(er)a deffender ou p(er)a iuyzo fillar nõ possa faz(er) nenhua auença nen nẽhuu cõpoymento enaquell p(re)yto, ergo se llo o dono da uoz mandar **nomeadamente** p(er) aquella p(es)su arya. [xiii/frac/108v]: E outrosy, se daq(ui)lho que p(ri)meyro auya mandado, algũa cousa tolh(er) ou der ou alhear da manda que auya feyta daq(ue)lho, non ualla, empero q(ue) **nomeadamête** an(te) a desfez ca atanto ual q(ue) a desfãca tolda se quiser p(er) feyto como p(er) dito quando lhy prouger.

nomeadamête → nomeadamente.

non → nõ.

nouamente → novamente.

nouamête → novamente.

novamente ~ nouamente ~ nouamête – adv. (< *nova ~ noua* [do lat. *novus, -a, -um*]^{cp}. + *-mente ~ -mête*). ‘outra vez’; ‘há pouco tempo’. [xiv/flos/22vc2]: E em esse meesmo moesteiro, deziam hua cousa que entõ aveera hi **novamente**. [xv/dnmc/204]: E que a

dicta sua filha daquy em deante aja E logre E pusua o dicto lagar com suas cassas como terceira pessoa com sseus êcargos contheudos na scriptura do dicto êprazamento e possa ênouar com o dicto moesteiro E tomar delle **nouamente** o dicto lagar em tres persoas ou como lhe aprouer. [xvi/gdlp/p29]: (...) e porque disto ja fica dito no capitolo preçedente tornemos a falar das dições alheas as quaes tamẽ com alghũ trato vem ter a nos: como de guine e da India onde tratamos e cõ arte não somête quando a arte vẽ **nouamête** a terra como veo a da impressão (...).

nũca → nu[n]q(u)a.

numca → nu[n]q(u)a.

nunca → nu[n]q(u)a.

nu[n]q(u)a ~ nũca ~ numca ~ nunca ~ nũqua – adv. (< lat. *nunquam*)^{mf}. ‘em tempo algum’; ‘jamais’; ‘de jeito nenhum’. [xiii/nt/1016]: E d(e) tres ã Tefuosa und(e) li **nu[n]q(u)a** ar der[ũ] nada. [xiii/frac/93r]: E se llo non prouar metalli o au(er) en mao do fiel ou penhores |q(ue)| que os ualhã e iure o q(ue) demanda ca **nũqua** lhos pagou nen quitou e pa[gue]lhy a diuida. [xiv/flos/23vc1]: Mas o enmiigo que se **nunca** paga dos homens que fazem serviço a Deus viinha a mim cada noyte e metia-me aas vezes tal espanto que me nõ leyxava folgar nem dormir. [xv/cpvc/7r]: (...) estando o capitam com ele perante nos todos sem o **numca** njmguem emtender nem ele a nos quant a cousas que lh omem pregumtaua d ouro que nos desejuamos saber se o avia na terra. [xvi/gdlp/p03]: E so esta nossa terra Portugal na espanha quãdo os godos com seus costumes barbaros e viçiosos perderão a Espanha teue



sempre bādeyra **nūca** sogeyta a mouros.

nūqua → nu[n]q(u)a.

O

ōde → und(e).

ogano – adv. (< lat. *hoc anno*)^{mf.} ‘neste ano’. [xiv/flos/52rc2]: E aqui confesso eu o nome de meu senhor Jhesu Christo e louvo-o e dou-lhi graças polo bem que mi faz e estou em mha oraçõ a meu prazer muy grande. E nunca recebi conforto dos meus pecados que me eram perdoados, senõ **ogano**, depois que passaram quarenta e nove anos e entrey nos cinquenta.

oge → hoje.

oje → hoje.

omde → und(e).

omildosamente ~ **homildosamente** ~ **humildosamente** ~ **humildosamēte** ~ **humjldosamente** ~ **vmilldosamente** – adv. (< *omildosa* ~ *homildosa* ~ *humildosa* ~ *humjldosa* ~ *vmilldosa* [humilde {do lat. *humilis*}^{cp.} + *-osa* + *-mente* ~ *-mēte*). ‘de modo humilde’; ‘de maneira modesta’. [xiii/cdsm/071]: Pois dit’ ouve esto, foi-sse a Virgen groriosa; | e dess enton a monja sempre muit’ **omildosamente** | assi dizia como ll’ a Piadosa | mostrara que dissesse, daquesto non dultemos. [xiv/flos/4rc1]: E o abade e todos os frades deitarom-se ante ele e rogarom-no que lhis perdoasse porque lhis foram esquivos. E el respondeulhes e disse-lhis muyto **humildosamente**: – Nõ queyrades assi honrar huum tâ podre, ne)huu)

cativo pecador, ca vós sodes sanctos e meus senhores. [xiv/dsgd/52vc1]: E quando | chegou aelle esqueçeolhe toda acru | eza que primeiro mostrara . e lan | çousse muy **homildosamente** am / | te obispo e amergeo acabeça e come | çoulhe alamber os pées pera dar a | entender abertamente atodos que | as bestas brauas mostrauã cora | çoees d’homões mansos ao sancto | bispo oque os homēes mostrauã co | raçoees de bestas brauas . [xiv/dsgd/50vc2]: Epor *que* obispo lho negaua aynda e | lho nõ queria conhecer emadeo oju | deu enas palauras e disse por *que* me ne | gas oquete demãdo cao dia d’oomtem | aauespera atal estado ueeste cõ ella *que* | *pera* lhe mostrares amor máao quelhe | aujas deste hũa ferida cõ tua mão | antre as espadoas . Eobispo ueendose | uençido pollas pallauras quelhe | disera comfesou humjldosamente | oquelhe *primeiro* negara . e o judeu | deulhe conselho muy sãao *perase* guar | dar daquellas uergonha e daquella cõ | fusom quelhe estaua aparelhada . | e amostroulhe cõ soberua seu feito | e as palauras *que* delle ouira ao *spirito* | máao. [xv/orte/30v]: Este deus nõ ha mester os nossos beens, mas ficade os geolhos ameude ante elle e subplidade-lhe **humildosamēte**, ca elle nõ demãda offertas de guados mas de deuaçom dos corações. [xvi/ctlp/cp11]: E quando Jasom foi com a jfante, elle / lhe fez sua rreueremçia mui **vmilldosamente** / e ella, emsendida e conuencida d’ amor, não se / pode ter que o nam fose abraçar dizemdo asy: / «Ay Jasom! Tu so foste o primeiro que emçemdeste / o meu peito com chamas de fogo d’ amor que nam / se pode matar.

omrradamente → onrradamente.



ontem ~ ontem – adv. (< lat. *ad noctem*)^m.

‘o dia que imediatamente anterior ao de hoje’. [xv/cpvc/09v]: E enquanto nos faziamos a lenha . faziam dous carpenteiros huã grande cruz d huum paa que se **ontem** pera ysso cortou ./ mujtos deles vijnham aly estar com os carpenteiros. [xvi/adip/1419]: Eu falei **ontem** ali | que passaram por aqui | os judeus casamenteiros | e hão-de vir agora aqui.

ond’ → und(e).

onde → und(e).

onrradament’ → onrradamente.

onrradamente ~ omrradamente ~

onrradament’ ~ homrradamente ~

honrradamente ~ honrradamente ~

honrradamête ~ hõrradamête –

adv. (< *onrrada ~ omrrada ~*

homrrada ~ honrada ~ honrrada ~

hõrrada [part. do v. *honrar*, do lat.

honorare]^c + *-mente ~ -ment’ ~ -*

mête). ‘de modo honrado’; ‘de

maneira digna’. [xiii/cdsm/285]: En

leixar teu mõeiteiro u vivias, com’ eu

sei, | mui ben e muit’ **onrradamente**,

e yr ta carreira | e desdennares a mi e

a meu Fillo santo Rey, e non averes

vergonna en nihã maneira?

[xiii/cdsm/132]: E a Virgen que nos

valla, | quando ll’ a alma sayda | foi do

corpo sen baralla, | **onrradament’** e

comprida, | lla levou u Deus siia. |

Quen leixar Santa Maria ...

[xiv/dsgd/53rc2]: Ede | pois *queos*

seus clerigos chegarõ aaçidade |

depapollonja soterrarõ oseu corpo na

sua egreja muy **honrradamête** e tor |

narõse logo muy asinha *pera* anaue | ã

que ueerõ assy como osancto bispo . |

mandara. [xiv/dsgd/53vc2]: Edepois

quese lembrarõ doseu sãcto | bispo

traballarõse desaber omde jazia | oseu

sancto corpo perao soterrarem bẽ | e

honrradamente na egreja dobem |

auentuyrado aposto[lo] sam pedro.

[xiv/flos/40vc2]: E devedes saber vós que ouvistes as vidas sanctas dos gloriosos bispos que forom de Merida que todolos corpos destes sanctos bispos de que falamos jazem soterrados muyto **honrradamente** em hũa cela nõ muy longe do altar da gloriosa virgem sancta Olalha. [xv/cdpi/cp44]: E fez trazer o seu corpo do mosteiro de Santa Clara de Coimbra, hu jazia, ho mais **homrradamente** que se fazer pode, ca ella viinha em huumas andas, muito bem corregidas pera tal tempo, as quaaes trariam grandes cavalleiros, acompanhadas de grandes fidalgos, e muita outra gente, e donas, e domzellas, e muita creelezia. [xv/orte/121r]: E foy-sse a sua cassa e achou muy grande riqueza, segundo lhe disera o diaboo. E começou de uiuer **hõrradamête** como ante. [xvi/ctlp/cp10]: E ella, saben-/ do como os cavaleiros vinhão, rreçe-/ beos **omrradamente** e fezlhes muito pra-/ zer.

ontem → ontem.

ora ~ óra – adv. (< lat. *ha hora*, por *hac hora*, ou de *ad horam*)^{mf}. ‘agora’; ‘neste momento’. [xii/nt/1035]: E **ora** in ista tregua fur(ũ) a Ueracĩ amazarũli os om(é)s erma[rũ]li #X casaes seu torto al rec. [xiv/dsgd/3rc1]: Ealgũas ou | tras coussas te contarey / *per* ra | zom dos feitos *que* aquecerom . | e *per* razom das coussas *quese* per | elles podem entender . e aque | sto *que ora* eu conto aprendyo | *per* testemunho dehoméés boõs | muito honrados. [xv/dnmc/192]: (...) cõ todas ssuas entradas e Saidas E dereitos e pertenças per Razom de dous mjll Reaaes / brancos desta moeda que **ora** corre E preço que vall que eu dicto Rodjgo affomso conhoço.



[xvi/gpjb/p30]: A formaçám dos nomes no plurár da primeira declinaçám é cousamui fácil, ca nam tem máis que acrecentár-lhe ésta lêtera *s.* como **óra** vimos em o nome *rainha* que declinámos.

óra → ora.

ordenadamête → ordñadamente.

ordñadamente ~ **ordenadamête** ~

ordinadamête – adv. (< ordñada ~ ordenada ~ ordinada [do lat. *ordinatus, -a, -um*]^{mf.} + *-mente* ~ *-mête*). ‘de modo ordenado’; ‘de maneira ordenada. [xiv/flos/50rc2]: E depois que fezerom todos o sinal da cruz sobre ele assi como siiam

ordñadamente, aa cima ofereceo ao abade Pastor e el nõ queria em el poer sas mãos. [xiv/dsgd/61rc1]: Ecomo quer *que* este sam paullo fosse | ao terceiro çééo e ouese hi mujtos | segredos de *deus* pero tamto foy oamor | *que* ouue aaquelles *que* tem fe de *christo* *quese* trabalhou defallar decomo os casa | dos *deu*e) viuer

ordenadamête . ca disse | queo marido *deu*e dar seu diujdo a | molher ao marido. [xiv/dsgd/3vc2]: Nom ouuj *que* a | queste fosse discipollo de nõhuũ. | como *quer que* aquelles que **ordinadamête** . | e ordenada uida fazem . nom que | iram seer meestres.

ordinadamête → ordñadamente.

ousadamente ~ **ousadamête** – adv. (< *ousada* [part. pass. do v. *ousar*, do lat. vulg. **ausare*, de *ausus*, part. pass. de *audere*]^{mf.} + *-mente* ~ *-mête*). ‘de modo ousado’; ‘de maneira destemida’. [xiii/cdsm/245]: “Meu servidor, | O que en coita de morte mui grand’ ou en prijon for ... | Entra no rio e passa a alen, e acharás | as portas do mñesteiro sarradas; mas entrarás | per elas **ousadamente** e na eygreja marrás | e dirás est’ aos frades todos e ao prior.” [xiv/dsgd/82rc1]: E

Sam gregorio rrespondeo . por que | sam paullo disse que fe he fun / | damêto das cousas que homẽ spera assy | como som os béés da gloria doparaiso | que nos esperamos polla fe que auemos . | ca affe nos fez créer as cousas que nom | uéemos nõ apareçẽ ao olho . podemos | dizer **ousadamente** que aquellas cousa se | *deu*e créer *quese* nõ pode uer. [xv/orte/88r]: E assy parece sen duuida que os barõões e as femeas spirituaes, se nõ entendesem algũũ grande bem ãno marteyro e ãna maa andança do mũdo, nõ o padeciryã cõ tanta paciencia e tam de boa võõtade e tam **ousadamête**, mas elhes sabẽ que logo depos o marteyro êtrarõ ãno reyno dos ceos.

ousadamête → ousadamente.

outrossi → outrossi.

outrossi ~ **outrossi** ~ **outrossy** ~ **outrossy** – adv. (< *outro* + *si(m)*]^{mf.} ‘outrossim’; ‘igualmente’; ‘da mesma maneira’.

[xiii/cdsm/261]: Esta é da bõa dona que deseja[va] veer mais d’al ome bõo e de bõa vida, e bõa dona **outrossi**.

[xv/cdpi/cp3]: Prazer **outrossi** ouvemos mui grande Rei Irmaão, quando soubemos que erades alçado em Rei de Purtugal, e do Algarve, pella subçessom herdeira, a vos per direito perteençente. [xv/orte/126v]: E porẽ Diopenes, o filosofo, disse ao ladrom que lhe queria furtar o sacco dos dinheiros que tiinha de noyte aa cabeceyra: Malauêturado, toma esse sacco, por tal que leixes todos dormir.

Outrossy, as riquezas geerom door. [xvi/ctlp/cp17]: E **outrossy** soube como avia de uir aque-/ lle dia.

outrossy → outrossi.

outrossy → outrossi.



P

pacientemente – adv. (< *paciente* [do lat. *patiens, -entis*]^{mf.} + *-mente*). ‘de modo paciente’; ‘de maneira resistente’. [xv/orte/106v]: Outrossy, en praça forõ delle leudos libello[s] da sua infamia e de seu doesto, e rimos e cantares de escarnho delle forõ publicamente dictos por doesto delle, pero todo elhe soffreo **pacientemente**.

pacificamente – adv. (< *pacifica* [do lat. *pacificus, -a, -um*]^{m.} + *-mente*). ‘de modo pacífico’; ‘de maneira’. [xv/orte/148v]: Quando Alexãdre leo esta carta, mãdou-lhe dizer ã outra: E nos **pacificamente** viinremos a uos.

particularmente ~ **particulármente** ~ **particularmête** – adv. (< *particular* ~ *particulár* [do lat. *particulare*]^{m.} + *-mente* ~ *-mête*). ‘de modo particular’; ‘de maneira especial’. [xvi/gpjb/p5]: E onde ham de servir e quantos açidentes tem, **particularmente** trataremos ao diante, no titulo da Ortografia. [xvi/gdlp/p41]: Vejamos **particularmête** dos artigos/nomes: e verbos. cuja e esta mais propria. [xvi/gdlp/p099]: Té qui tratamos **particulármente** de cada ãa das nóssas lêteras; fica agóra vermos do til, a que podemos chamár soprimento ou abreviatura de quátro lêteras, m, n (pela maneira que já vimos, quando tratamos de ambos) e abreviatura de ue, a este módo: q, que tanto sinifica como este que.

particulármente → particularmente.

particularmête → particularmente.

passamête – adv. (< *passa* [do lat. *passa*]^{c.} + *-mête*). ‘de modo passo’; ‘lentamente’. [xv/orte/3v]: As Sanctas Esripturas deuẽ seer leudas **passamête** e nõ correndo per ellas, porque o coração nõ pode entender a sentença dellas, leendo-as trigosamête, onde diz o sabedor que a natureza nõ quis fazer tostemête nehũa cousa grande mais posse em qualquer obra fremossa algũa careza, pera nõ seer facta ligeiramête.

peor ~ **peyor** ~ **pior** – adv. (< lat. *peior* ou *peior, us*, genitivo *peioris* ou *peioris*)^{mf.} ‘mais mal’. [xiii/cdsm/72]: Non porque de Nostro Sennor | disse mal, mais que da Flor, | sa Madre, disse **peor**. [xiii/frac/121r]: Se alguu ome diss(er) ca p(er)deu cousas q(ue) tija en encomêda, p(er)o q(ue)yra iurar que se p(er)derõ, déo o seu a seu dono, se outras cousas das suas non p(er)deu cõ ellas, ca nõ é razõ d(e) seer sã culpa, poys que as cousas q(ue) ten en encomêda gardou **peyor** ca as suas. [xiv/dsgd/74rc1]: E santullo saçerdote se *partira* logo de | uos e hirssa *pera* sua casa . E por que | os lagareiros nõ ujam nõ hũña | zeite correr da oliuas . e uiam *queo* | *seruo dedeus queos* coitaua *pera* lhe emche | rem ho odre d’azeite . asanharonse | comtra elle muy rrygamente . e tro | uuerõno aymda **pior que** da primeira | e aujltarõno muy mal e doestarõno | desonrradamête . [xv/cpvc/1]: (...) nom leixarey tambem de dar disso minha comta a vossa alteza asy como eu melhor poder aJmda que pera o bem contar E falar o saiba **pior** que todos fazer. [xvi/gdlp/p15]: (...) e do mao pronũciar veo o pior escreuer d’ssas dições cõ. ch.

perdurauelmente → perdurauelmête.



perdurauelmête ~ **perdurauelmente** ~

perdurauilmête – adv. (< *perdurauel* ~ *perdurauil* [do lat. *perdurabilis*]^{mf.} + *-mente* ~ *-mête*). ‘de modo perdurável’; ‘de maneira subsistente’. [xv/orte/65v]: E assy parece que a bemauêturãça das cousas mortaaes he mezquinha, a qual nõ dura perdurauelmête a aquelles que a soffrem cõ ygual coração, nõ ella toda êteyramête deleyta os que som coyotosos com ella. [xv/orte/65v]: Onde diz Boecio: Qual he aquelle tam beadante que nõ aya desuayro e baralha ã algũa parte cõ a calidade do seu estado? Ca a cõdiçom dos bêês humanaes he muy coyutada, a qual ou nõca uẽ toda êteyramente [ou nõca dura

perdurauelmente]. [xv/orte/35v]: E vêceo **perdurauilmête** e per muytas guisas, dando uictoria aos seus, onde diz Sam Paulo: Deus deu a nos victoria per Jhesu Christo.

perdurauilmête → **perdurauelmête**.

perfectamente → **perfectamête**.

perfectamête ~ **perfectamente** ~

perfeitamente ~ **perfeytamente** ~ **perfeytamête** – adv. (< *perfecta* ~ *perfeita* ~ *perfeyta* [do lat. *perfectus*]^{mf.} + *-mente* ~ *-mête*). ‘de modo perfeito’; ‘de maneira realizada’. [xv/orte/39v]: Nem pode o spiritu auer **perfectamête** folgança, en quanto he apartado da carne, ataa que nõ tornẽ a ella ãna resurreccõ geeral. [xv/orte/46v]: E escoldrinhem os sabedores e ãqueyram pera saber as altas cousas do ceo e as anchezas da terra e as cousas profundas do mar, e desputẽ de cada hũas destas cousas e trautẽ **perfectamente** de todas, aprendam senpre ou ãsinẽ, que auerã desta ocupaçom sãnõ trabalho que acharõ e aflicçom do spiritu? [xvi/gpjb/p069]: A todas éstas cousas

corresponde o nome ajetivo, bons, com que **perfeitamente** recebemos aquela notiça, os hõmens bons. [xv/orte/74r]: Porque, quanto mais homẽ per maneyra de merecimento desprezar os odores do mũdo, tanto mais **perfeytamête** e mays deleitosamête recebera a muy grãde blandeza dos odores celestriaes, nõ tam solamête ãna outra uida mais ajnda ã esta presente vida, asy como aconteceu a Sancto Eloy, segundo se contẽ em este falamẽto que se ssegue. [xv/orte/146v]: E porẽ todo aquelle que **perfeytamente** quer auer a cõsolaçom do Senhor Deus, deue ãgeytar as consolações terreaes.

perfeitamente → **perfectamête**.

perfeytamente → **perfectamête**.

perfeytamête → **perfectamête**.

perlongadamente ~ **perlongadamête** –

adv. (< *perlongada* [part. do v. *perlongar*, do lat. *prolongare*]^{mf.} + *-mente* ~ *-mête*). ‘de modo prolongado’; ‘de maneira’. [xiv/flos/62vc1]: E el, vivendo em tantos pecados muy **perlongadamente**, entendeu que os dias de sa vida eram poucos ja e chamou os mayores e os mais privados de sa corte (...). [xv/orte/33r]: aquelles que ham sciẽcia, muytas uezes defendem o seu pecado per ella e porẽ stam mais **perlongadamête** em ell, e porẽ diz ãno Euãgelho: Porque uosoutros dizedes: ueemos, porẽ o uosso peccado esta.

perlongadamête → **perlongadamente**.

perseueradamente – adv. (< *perseuerada*

[part. do v. *perseuerar*, do lat. *perseuerare*]^{m.} + *-mente*). ‘de modo perseverado’; ‘de maneira persistente’. [xiv/dsgd/23vc2]: E aynda contou sam grego | rio deste padre sam been | to . que hũu dya



seendo el soo | no deserto . veeo
oẽmijgo / e tentou | o / com hũa aue
pequena e negra | que chamã merloa .
e comecou a | uoar ante seu rostro . e
andar | tam **perseueradamente**
darredor | delle . que atomara com sua
m | aão se quisera . [xv/orte/114v]: E
elhes se aficauõ que fosse enperador,
e elhe cõtradizia **perseueradamente**.

persoalmente ~ **perssoavellmente** – adv. (<
persoal ~ *perssoavell* [do lat. tard.
personalis]^{mf.} + *-mente*). ‘de modo
pessoal’; ‘de maneira individual’.
[xv/orte/145v]: E per estas maneyras
consolla e cõforta o Senhor Deus o
homẽ **persoalmente** ã esta vida
presente, mayormẽte aquelle que
emgeyta a consollaçõ dos homẽs.
[xv/dnmv/94]: O casal da carreya
que Jaz na ffreguesya de taagillde e
que he do ditto mosteyro de villarinho
com ta condiçom que o moredes e
povoredes **perssoavellmente** nas dittas
tres vydas per vos ou per outrem.

perto → preto.

perssoavellmente → pessoalmente.

peyor → peor.

piadosamente → piedosamente.

piedosamente ~ **piadosamente** – adv. (<
piedosa ~ *piadosa* [de *piedade* (por
analogia), do lat. *pietas*, *-atis*]^{mf.} + *-mente*). ‘de modo piedoso’; ‘de
maneira benevolente’. [xv/cdpi/cp3]:
E pois assi he que o Senhor Deos, em
cuja mão he o poderio, de dar a cada
huum vida e morte, lhe prougue de
piedosamente o levar deste mundo
(...). [xv/orte/63v]: E porẽ, falando
Sam Paulo da mizquindade dos bõs
ẽ esta uida, diz asy: Todos aquelles
que querem viuer **piadosamente** ã
Jhesu Christo, padecerõ
persyguiçõdes.

pior → peor.

pirmeiramente → primeiramente.

pirmeiramẽte → primeiramente.

pobrememente – adv. (< *pobre* [do lat.
pauper, *-eris*]^{cp.} + *-mente*). ‘de modo
pobre’; ‘em condiçõ de pobreza’.
[xiv/29vc1]: Aqueste viveu naquesta
provincia com os outros monges que
hi eram muy **pobrememente**.

pois ~ **poys** – adv. (< lat. *post*)^{mf.} ‘depois’;
‘realmente’; ‘de fato’.
[xiii/cdsm/009]: E **pois** que o monge
aquesto feit’ ouve, foi-ss’ enton sa
via, omagen no sã. [xiv/flos/fl3vc2]:
Quando esto ouvyo Filemon
rependeu-se muy de coraçõ de
quanto mal havia dicto contra o servo
de Deus de guysa que logo se fez fazer
cristaao. **Poys** que esto houve feito,
foy-se logo perante o adeantado hu
estava julgando. E ante todo o poboo
que hi era assũando disse: – Ay, Juyz,
erras (?) muy malamente que os
homens sanctos e *servos de Deus*
fazes atormentar e matar. Ca os
cristaaos *nõ* preegam mal neno fazem.
[xv/cdpi/cp6]: E **pois** que
escrepvmos que foi justiçoso, por
fazer dereito em reger seu poboo, bem
he que ouçaaes duas ou tres cousas:
por veerdes o geito que em esto
tiinha. Assi aveo que pousando el nos
paaços de Bellas que el fezera, dous
seus escudeiros que gram tempo avia
que com el viviam, seendo ambos
parçeiros ouverom conselho que
fossem roubar huum Judeu que pelos
montes andava vendendo speçearia, e
outras cousas, e foi assi de feito, que
forom buscar aquella çuja prea e
roubaromno de todo, e o peor desto,
foi morto per elles; sua ventura que
lhe foi contraira, aazou de tal guisa
que

forom logo presos e tragidos a elRei
ali hu pousava. [xvi/gdlp/p028]: mas
sempre afirmarey que **poys**
Quintiliano no primeyro liuro
confessa que os latinos vsauão de



vocabolos emprestados quãdo lhos seus faltauão que tãbê da nossa ligua tomarão alghũs/como nos tomamos da sua: os quaes como nossos os auemos de tratar e pronunçiar e cõformar ao som da nossa melodia: e ao sentido das nossas orelhas: e tambem os que forem alheos como alheos lhe daremos o que seu for.

porventura – adv. (< *por-* + *ventura* [este do lat. *ventura*])^c: ‘acaso, por acaso’. [xvi/adid/1226]: Sou rainha **porventura**?

pouco – adv. (< lat. *paucus, -a, -um*)^{mf}: ‘em pequena quantidade’; ‘insuficientemente’. [xiii/cdsm/055]: Mais o demo, que sse paga **pouco** de virgãidade, | fez, como vos eu ja dixee, que sse foi con un abade, | que a por amiga teve un mui gran tenp’ en Lisbõa. [xiv/dsgd/2rc2]: Ee | sto he oque eu dixee *primeiramẽte* . | que aquelles *que* andamos pello | mar . quanto mais andamos . | tanto mais **pouco** ueemos . o | porto dequenos *partimos* . se nos *pera* | el nom queremos tornar. [xv/cdpi/cp21]: O Iffamte nom embargamdo que estevesse casado com Dona Isabel hirmaã da molher do comde Dom Tello, proguelhe muito com taaes novas, e beijou as maãos a elRei por ello, cuidamdo **pouco** no que lhe el tiinha ordenado; e elRei partio logo, e o Iffante com elle, e foi em sete dias em Aguillar do campo, omde Dom Tello estava. [xvi/adip/1523]: Se este escudeiro há-de vir | e é homem de discrição, | hás-te de pôr em feição, | e falar **pouco** e não rir.

poys → pois.

prestes – adv. (< lat. tard. *praestus*)^c: ‘disposto, pronto’; ‘com presteza’. [xv/cdpi/cp2]: (...); e fez saber per sua carta a elRei Dom Pedro seu tio, como avia vontade de a trelladar, pera a poer

em Sevilha na capella dos Reis com elRei Dom Affonso seu padre; e hordenou pera hirem com o corpo da Rainha o Arçebispo de Sevilha, e outros prellados de seu Reino, e desi mandar deante, pera correger todallas cousas que compriam pera o corpo ir honrradamente, Gomez Perez seu despenseiro moor, ao qual o corpo avia de seer entregue, pera hordenar todo o que mester fazia a sua trelladaçom, pera quando os prellados vehessem, que achassem todo **prestes**, e se partissem logo. [xvi/adbi/1055]: Vai ou vem, embarcai **prestes**!

prestesmente – adv. (< *prestes* [do lat. tard. *praestus*]^c + *-mente*). ‘de modo disposto’; ‘com presteza’. [xvi/gdlp/p41]: notarei os auerbios acabados em *.mente*. sinificãõ calidade. e não todos os que sinificãõ qualidad’ acabão em *.mẽte*. porque ja agora não diremos **prestesmente**. como disserão os velhos nẽ raramẽte os quaes velhos tãbê forão amigos de pronũciar heis certos nomes verbaes em *.mento*. como cõprimẽto. afeiçãoamẽto. e outros que jagora não vsamos.

presumptuosamente – adv. (< *presumptuosa* [do lat. *praesumptuosu-*]^m + *-mente*). ‘de modo presuntuoso’; ‘de maneira presunçosa’. [xv/cdpi/cp28]: (...) porem nenhuum homem seja ousado **presumptuosamente** contra esta nossa despenssaçom hir, doutra guisa seja certo na hira e sanha do todo poderoso Deos, e dos bem aventurados Sam Pedro e Sam Paulo | apostollos emcorrer: damte em Avinham duodeçimo Kalem das de março, do nosso pontificado anno nono.



pret' → preto.

preto ~ **perto** ~ **pret'** ~ – adv. (< lat. *prettus*)^{mf.} ‘perto’; ‘próximo’. [xiii/cdsm/351]: E desta razon miragre [mui] fremoso vos direi, | que mostrou Santa Maria, com' eu en verdad' achei, | na eigrej' a Daconada, hũ' aldea que eu sey | que é **preto** de Palença; e oyde-m' a lezer. [xiii/cdsm/014]: Esta Sennor groriosa quis gran miragre mostrar | en un mõeiteir' antigo, que soya **pret'** estar | da cidade de Colonna, u soyan a morar | monges e que de San Pedro avian a vocaçon. [xiv/dsgd/23rc1]: Aqueste | mõeie romãão moraua em hũũ| moesteiro d'hũũabbade *que* auja no | me adeus dado . *que* era **preto** daquel mō | te / em *que* moraua sam beento [xv/cpvc/1]: E sabado #xiiij do dito mes amtre as #biiij E #ix oras nos achamos antre as canareas mais **perto** da gram canarea E aly amdamos todo aquele dia em calma a vista delas obra de tres ou quatro legoas. [xvi/ctlp/cp19]: Mas / dizem os autores que **perto** dali, em a mata / Nemea, que amdaua emtomçes hum liam / mui forte que em toda aquela terra lhe / tinham mui gram medo.

primeiramente → primeiramente.

primeiramête → primeiramente.

primeiramente ~ **pirmeiramente** ~ **pirmeiramête** ~ **primeiramente** ~ **primeiramête** ~ **primeyramête** – adv. (< *primeira* ~ *pirmeira* ~ *primeyra* [do lat. *primarius*, -a, -um]^{mf.} + *-mente* ~ *-mête*). ‘em primeiro lugar; ‘de maneira antecipada’. [xiii/frax/72v]: Nostro Senhur Ihesu Cr(is)to ordiou **primeiramente** ala en sa corte enos ce(os) e posse sy cabeça e começamêto dos angios e dos archangos e quis e mandou que o amassem e guardassẽ come

começamento e guarda d(e) todo e depouys esto fez ome a maneyra de sa corte e|n| como [a si] auya posto cabeça e começo, pose ao home a cabeça encima do corpo e neella posse razõ [e] entendimento d(e) como se deuẽ a guiar os outros nembros e como an de seruir e d'aguardar todos a cabeça mays qua a ssy meesmos. [xiv/dsgd/2rc2]: Ee | sto he oque eu dix **primeiramête** . | *que* aquelles *que* andamos pello | mar . *quanto* mais andamos . | tanto mais pouco ueemos . o | porto de *quenos partimos* . se nos *pera* | el nom queremos tornar. [xiv/dsgd/62rc1]: E sam gregorio rrespondeo nom | dizem pedro denem hum *que* | ueençe oque ha uitoria . senõ daquelle | que **pirmeiramente** entrou ã lide. [xiv/dsgd/54rc2]: Este | sancto padre jsaac . nõ nacto em | ytallia . mais diz sam gregorio | quero comtar os millagres que | elle fez *quando* em ytallia morou | este homrrado padre jsáac . *quando* | **pirmeiramête** uééo da terra dese | ria aaçidade d'espolete emtrou na | egreia e rrogou aaquelles *que* ae | greia guardauã quelhe desem le | çemça defazer sua oraçõ na egreiaquamto se elle quisese . e queo nom | lançasem da egreia quamdo anoite | ueese . [xv/orte/17v]: E porẽm aquel que lee pella Sancta Escripura, soyba per estes graaos: primeiramente aya liçom e doutrina, e dessy meditaçom e pensamêto e oraçom e contẽplaçom, ca a doutrina lhe dara entendimêto, e a meditaçom lhe dara cõselho, e a oraçõ pidira a Deus o que lhe compre, e ãna contemplaçõ ho achara. [xv/orte/22r]: E diz Sam Jheronimo que os filosafo antigos emsinauã os seus discipulos em bõos costumes, onde diz Sancto Agostinho e Seneca que Socrates filosafo **primeyramête**



emclinou toda a filosofia pera
corregger e cõpoer os bõds costumes.
[xvi/ctlp/cp3]: E este foi o que em
Asia **primeira-/ mente** fez plantar
vinhas e fazer vinho, / tamto que lhe
chamarão o deus dos vi-/ nhos.

primeyramête → primeyramente.

primeiro – adv. (< lat. *primarius, -a, -um*)^{mf.}
'primeiramente'; 'inicialmente'; 'para
começar'; 'antes de mais nada'.
[xiii/cdsm/091]: Se ben queres servir-
me, **primeiro** amar-m-ás | muit' ena
voontade, outrossi onrrar-m-ás, | e
sobre tod' aquesto sempre me loarás,
| pois me fillou por madre Deus,
seend' eu moller. [xiv/flos/34vc1]: E
depois o bispo dos hereges a que
deziam Sũa começou a falar
primeiro e disse paravoas muyto
asperas e muy çujas e de gram
sobervha, ca, qual ele era de dentro,
taes obras e taes palavras mostrava el
de fora. [xv/cpvc/12r]: praya E fomo
la poer onde avia de seer que sera do
Rio obra de dous tiros de beesta ./ aly
andando nysto vijnriam bem #CL ou
mais ./ chentada a cruz com as armas
E deuisa de vosa alteza . que lhe
primeiro pregaram . armaram altar ao
pee dela. [xvi/ctlp/cp1]: E de-/ yxou a
Noe porque ho achou justo e mui bom
/ para rrestaurar ho linhagem vmanall,
/ que este era neto de Enoch, o quall
era / em a primeira ydade de Adam e
conhe-/ çeo **primeiro** a Deus.

principalmente ~ **prinçipalmente** ~
prinçipálmente ~ **prinçipalmête** –
adv. (< *principal* ~ *prinçipal* ~
prinçipál [do lat. *principalis, -e*]^{mf.} +
-mente ~ *-mête*). 'de modo principal';
'de maneira originária'.
[xv/orte/101v]: E pregütou Eubollo a
Basilyo: Que cousa he philosophia. E
disse-lhe Basilio: A philosophia
principalmente he pensamento e
meditaçõ da morte. [xv/orte/41r]: E,

porque Jhesu Christo ha ã sy jnfiinda
bondade, que he hũa das razões por
que a cousa deue seer amada, porẽm
elle deue seer **prinçipalmête** e muy
ardentemente amado.
[xvi/gpjb/p054]: Temos ainda em as
nóssas conjugações alguns tempos
que dizemos per rodeio, assi por
uso de nóssa linguagem como pera
significár alguns que os Latinos tem,
de que nós careçemos, os quães
podaram hem
sentir os seus gramáticos,
prinçipalmente no módo opta/tivo e
subjuntivo. [xvi/gpjb/p100]: E assi
este til como outras vergas e pontos
que tem a nóssa escritura,
prinçipalmente õs da lêtera tiráda,
que máis se pódem chamár atálhos
dos escrivães, por nam gastárem
tempo, e papél que [por] outra
algũa neçessidáde.

prinçipalmente → principalmente.

prinçipálmente → principalmente.

prinçipalmête → principalmente.

propriamente ~ **própriamente** ~

propriamête – adv. (< *propria* ~
própria [do lat. *proprius, -a, -um*]^{mf.} +
-mente ~ *-mête*). 'de modo próprio';
'de maneira adequada'. [xv/orte/57r]:
E porẽ Sancta Pelagia, sendo neta de
rey, de muy alta geeraçõ e noblemente
nada e noblemête cassada cõ o
principe da cidade de Lemogẽs e
muy dilicadamente criada ãnas
riquezas e emnos deleitos deste mûdo,
depois que lhe morreo seu marido,
mudou o trayo segral e abaixou a
nobreza da sua linhagem en tanto e
calcou emteyramête os afaagos e a
boa andança deste mûdo, que andaua
pellos agros fazendo seruiço e obras
per suas mããos, per que ouuese a
necessidade muy estreyta pera sua
uida, êtendendo que as cousas da boa
andança deste mûdo nõ erã



propriamente boas. [xv/orte/56v]: E diz mais Seneca que os uerdadeyros bẽes som aquelles que a razão da, firmes ou perduraees, que nõ pode cayr nõ decrecer. Mas os outros nõ som **propriamẽte** bõds, ca, se elles uerdadeyramente fossem bõds, nõ naceriã delles tantos males. [xvi/gpjb/p6]: E porque às vezes ãa só lêtera vógal sérve de sílaba, **própriamente** a ésta tál nam chamaremos sílaba mas àquela que for compósta de vogal e consoante.

própriamente → propriamente.

propriamẽte → propriamente.

proueytosamẽte – adv. (< *proueytosa* [proveito {do lat. *profectu-*}^{mf.} + *-osa*] + *-mẽte*). ‘de modo proveitoso’; ‘de maneira’. [xv/orte/152v]: Ca ella tam sagesmente [falaua e tã discretamente] conselhaua e tam **proueytosamẽte** emduzia e amoestaua, que claramẽte parecia que o Senhor Deus, que ensyna sciencia a todo homẽ, siia e moraua ã ella.

publicamente ~ **publicamẽte** ~ **pubricamente** – adv. (< *publica* ~ *pubrica* [do lat. *publicus,-a,-um*]^{c.} + *-mente* ~ *-mẽte*). ‘de modo público’; ‘de maneira coletiva’. [xv/orte/106v]: E o ãperador soffreo esto cõ paciẽcia. Outrossy, en praça forõ delle leudos libello[s] da sua infamia e de seu doesto, e rimos e cantares de escarnho delle forõ **publicamente** dictos por doesto delle, pero todo elle soffreo pacientemente. [xv/orte/88r]: Outrosy, os da cidade de Helyoplo e de Aretusya, que morauõ em Siria, ueherõ a tanta crueldade, que [faziam] estar nuas **publicamẽte** ante o poboo as sanctas uirgẽes, que nõ auiã ã custume de parecer ante o poboo. [xv/cdpi/cp5]: . E mandou que quallquer Judeu ou Mouro, que depois de sol posto fosse achado pela çidade,

que com pregom **pubricamente** fosse açoutado per ella.

publicamẽte → publicamente.

pubricamente → publicamente.

puramente – adv. (< *pura* [do lat. *purus,-a,-um*]^{m.} + *-mente*). ‘de modo puro’; ‘de maneira imaculada’. [xv/orte/135v]: Ca a door que elle ha da perda dos bẽes tenporaes, sinal he que os amaua e assy nõ amaua Deus **puramente**, porque toda door uem do amor.



qnto → quanto.

quã ~ **quam** ~ **quão** – adv. (< lat. *quam*)^{mf.} ‘a que ponto’; ‘em que grau’. [xiv/dsgd/39rc1]: Emtendeo ora *pedro* . | disse sam gregorio de **quã** grande | mereçimẽto foy este sam beento . | pois quea terra nõ quis rreçeber | ãsy ocorpo daquelle monje que | asua graça nõ auja. [xiv/dsgd/56rc2]: Esei tu meu amjgo dom pedro que | por *que* tu soubeste de **quam** sancta uj | daffoy aquell sacerdote e de muy boa | fe e **dequam** boa uerdade nõ duujda | ras dofeito queme elle comtou . *que* | assy nõ seia casabes tu *que* nõ deria elle senõ toda uerdade . [xvi/adip/1425]: Não sabeis **quão** longe fomos!

quam → quã.

quamto → quanto.

quando ~ **quamdo** ~ **quand** – adv. (< lat. *quando*)^{mf.} ‘em que época ou ocasião; no tempo em que’; ‘às vezes’. [xiii/frax/116v]: Os cambhyos tãto son achegados aas uendas que adur se entendẽ en cousas muytas e en muytos d(e) logares se é a uẽda u se é o cambho. E por esto fazemos entender



quãdo é uêda ou q(ua)ndo é câbyo. E se algũa cousa derõ por caualo ou por mũa ou por out(ra) cousa q(ua)lquer que nõ seyã dijeyros, esto é cambhio e nõ uêda. [xiv/dsg/37rc2]: Eel | les diserom **quamdo** ueestes anos | padre . e el rrespondeo . nõ uos apa | reçi eu quando jazéés dormjndo . | e amostreiuos todos os lugares | ã que aujades defazer os hedifi | çios do moesteiro hideuos uos ora | pera uosso lugar e obrade efazede todas | aquellas cousas *que* uos eu mostrey | per uisam e elles ueerõse logo e | marauilharõse muyto daquello | *quelhes* disera osancto padre . e ordena | rom todo omoesteiro asy como lhes | elle per uisom mostrara . [xiv/flos/18rc2]: Mas de todo esto fazia el bem maenfestar todos seus frades **quando** haviam d'entrar aa missa. [xv/cpvc/flv]: E o capitam mandou no batel em terra njcolaa coelho pera veer aquele Rio E tanto que ele comecou pera la d hir acodiram pela praya homeês **quando** dous **quando** tres de maneira que quando o batel chegou aa boca do Rio heram aly #xbijj ou #xx homeês . pardos todos nuus sem nhuãa cousa que lhes cobrise suas vergonhas . [xvi/adid/1247]: Meninos que andam brincando e tiram **de quando em quando**. [xvi/adip/1615]: E **quando** queres partir?

quant' → quanto.

quanto ~ **qnto** ~ **quamto** ~ **quant'** ~ **quãto** – adv. (< lat. *quantum*)^{mf.} ‘quão grande’; ‘como’; ‘tanto’. [xiii/cdsm/366]: Un falcon lle dessen feito, que mui de grado farian, | e que ena sa ygreja ant' o seu altar porriam; | e pois esto ouveron dito, chamaron **quanto** podian | o falcon que lles vêesse. Mais macar braadadores | A que en nossos cantares nos chamamos Fror das flores ... [xiii/cdsm/025]: Poi-lo

crischão assi fis | fez o judeu, a poucos dias | con seu aver **quant'** ele quis | gãou en bõas merchandias; | ca ben se soub' en trameter | dest' e ben faze-lo sabia; |mas foi-ll' o praz' escaecer | a que o el pagar devia. [xiv/dsgd/20vc2]: Edizia sam gregorio . | ora podes entender pedro / **quãto** | amaua *deus* aqueste sacerdote se | uero . *deque* nom quis sofrer huu po | uco . *que* ouuesse / hũa pequena *triste* | za . [xv/cdpi/cp31]: (...); e alli lhe disse o pobre se escapar quina, que vestisse os seus fatos rotos, e assi de pee amdasse **quamto** podesse ataa estrada que hia pera Aragom, e que com os primeiros almocreves que achasse, se metesse por soldada, e assicom elles de volta amdasse seu caminho; (...)]. [xvi/ctlp/cp09]: E ajmda / em a sua forte çidade *nam* se defemde-/ ra que eu dele *nam* tome vingamça, / e ali vera como se rrecebem os ospe-/ des e *quam* pouco custa a boa palavra / e **quanto** aproveita».

quãto → quã.

quase → casy

quasi → casy

quãto → quanto.

queyxosamête – adv. (< *queyxosa* [*queixa* {der. regr. de *queixar* [do lat. vulg. **quassiare*, der. de *quassare*]^{mf.} + *-mête*). ‘de modo queixoso’; ‘de maneira pesarosa’. [xv/orte/48r]: E a senhora dise-lhe **queyxosamête**: Vay, faze o que te mãdo, ca bem lhe auõdarom tres uaras de burel, segundo eu sey a sua cõdiçõ e a sua uõtade.

quiça → quiçay.

quiçai → quiçay.

quiçais → quiçay.

quiçay ~ **quiça** ~ **quiçai** ~ **quiçais** ~ **sicais** – adv. (< cast. *quizá*, sendo este a redução do ant. *quiçab*, *quiçabe*, alteração de *qui sabe*)^{m.} ‘quem sabe’; ‘talvez’. [xiii/cdsm/411]: Cousa, e non |



passedes de Deus seu mandamento, | e
id' a vossa casa logo sen tardamento; |
ca se o non fezdes, **quiçay** por
escarmento | vos dará Deus tal morte
que será mui sôada. [xiii/cdsm/185]:
“Demais, non levades arma e ydes assi
en cos, | e com' os mouros son falsos,
quiça travarán de vos; | e poren'd' ao
castelo nos queremos tornar-nos.”
[xiii/cdsm/329]: Entonce disseron
todos: “**Quiçai** aqeste rapaz | foi furtar
a offerenda, que lle Deus [aqu]esto faz;
| e catemos se a trage e tornemo-la en
paz | sobrelo altar u ante a foron
off[e]recer”. [xvi/ctlp/cp25]: E **quiçais**
achara outra por que te es-/ queça». [xvi/adip/380]: Ficai-vos ora com
Deos, | çarraí a porta sobre vós | com
vossa candeazinha; | e **sicais** sereis vós
minha, | entonces veremos nós...

quitamente – adv. (< *quita* [do lat. med. *quietus*, alteração de *quietus*]^{mf.} + *-mente*). ‘de modo quite’; ‘de maneira tranquila’. [xiii/cdsm/292]: Mas ponnan-mi en gēollos, e que lle den o anel, | ca dela tiv' eu o reyno e de seu Fillo mui bel, | e são seu **quitamente**, pois fui cavaleir novel | na ssa eigreja de Burgos do mōesteiro reyal”.

R

rafecemente → refecemente.

raramente ~ **raramēte** – adv. (< *rara* [do lat. *rarus*, -a, -um]^{c.} + *-mente* ~ *-mēte*). ‘de modo raro’; ‘de maneira escassa’. [xv/cdpi/cp44]: Por que semelhante amor, qual elRei Dom Pedro ouve a Dona Enes, **raramente** he achado em alguuma pessoa, porem disserom os antiigos que nenhuum he tam verdadeiramente achado, como aquel

cuja morte nom tira da memoria o gramde espaço do tempo. [xvi/gdlp/p41]: notarei os auerbios acabados em .mente. sinificão calidad. e não todos os que sinificão calidad' acabão em .mēte. porque ja agora não diremos prestesmente. como disserão os velhos nē **raramēte** os quaes velhos também forão amigos de pronüciar heis certos nomes verbaes em .mento. como cōprimēto. afeiçãoamēto. e outros que jagora não vsamos.

raramēte → raramente.

reçiprocamente – adv. (< *reçiproca* [do lat. *reciprocus*]^{pp.} + *-mente*). ‘de modo’; ‘de maneira’. [xvi/gpjb/p43]: Pensem do número singular e este pronome da terceira pessoa, se, e, **reçiprocamente**, dizemos: No páço se pragueja fôrtemente.

refecemente ~ **rafecemente** – adv. (< *rafece* [do ár. *ar-rakhiç*]^{mf.} + *-mente*). ‘de modo refece’; ‘de maneira ordinária’. [xiv/flos/26vc2]: E esto foy quando se quis partir de mim. E vencerom-no as temptações do enmiigo tã **refecemente** que filhou huñ asno que haviamos, em que nós carregavam o que haviamos mester, e carregou-o de livros que eu fizera pera seu altar e doutras cousas que eu hi dera e ganhara pelos homens boos e pelas boas donas e assi foy enganado e preso do enmiigo. [xiv/flos/10rc1]: E se alguem quiser seer coraçudo em totalas cousas e sanhudo, logo o desemparará o espiritu sancto porque pecou e se moveu **rafecemente**.

ricamente ~ **rricamente** – adv. (< *rica* ~ *rrica* [do germ. **rihhi*]^{mf.} + *-mente*). ‘de modo rica’; ‘de maneira farta’. [xiii/cdsm/295]: Onde foi a hũa Pasqua mayor, que Deus resorgiu, | que el Rey fez sa omagen da Virgen; e poi-la viu | ben feita e ben fremosa,



ricamente a vestiu | e sobr' o altar a pose, e fez monjas y vñir. [xiv/ctlp/cp11]: E depois tomaramse polas mãos / e foramse a semtar em hum estrado que / mui **rricamente** estaua aparelhado.

rijamente → rijamente.

rijamente ~ **rigamente** ~ **rrigamente** ~ **rriamente** ~ **rryamente** ~

rrygamête – adv. (< *rija* ~ *riga* ~ *rriga* ~ *rryga* ~ *rriia* [do lat. *rigidus*, -a, -um]^c + *-mente* ~ *-mête*). ‘de modo rígido’; ‘de maneira intensa’.

[xiv/flos/34vc2]: E o sancto bispo como era piadoso, pois os vio chorar, doeu-se deles muyto e chorou com eles muy **rijamente** e depois confortou-os per sanctas palavras que lhis disse. [xiv/dsgd/19vc2]: Começou acharar muj **riga** | **mente** porel . Edisse suas jrm | áas hideuos e nõ queirades tal | rogo fazer anêhuũ. ca mandado | he denosso senhor . aque nõ pode | contra dizer nem húú homẽ . [xiv/dsgd/35rc1]: Entom sam gregorio disse | hum homẽ d’alto sange | que auja nome teupobro . e fora | tornado afe de ihesu *christo* per sam | béento . e era mujto amigo do | honrrado padre sam beento ca | era deboa ujda . Eeste entrou | hũa uez naçella desam beento | e achou chorando muy **rriga** | **mente** .

[xiv/dsgd/40vc1]: E osancto homẽ | fosse logo aoraçõ . e tamto queo com | prio tornouse logo . e oespiritu máao a | chou hũũmonje velho estar . tiran | do auga e entrou logo em elle e der | rybouo logo ã terra e torçiao muy | **rrygamete**. [xiv/dsgd/71rc2]: Eeu esta enfermida | de auemdo . chegauase a festa dapas | coa e por que no sabado sancto em que | todollos menynos gritauã entom | começey acharar muy **rrygamête** .

[xv/cdpi/cp34]: (...) e elRei ouve

disto gramde menemcoria, e mandou tornar suas gentes sobre o logar, e tam **rijamente** lhe deu o combate que a emtrou logo per força; e por esto mandou fazer aquella gramde mortiidade. [xvi/ctlp/cp29]: E dizemdo estas pala-/ vras foi cometer a Maniple mui **rriamente** / e ella lhe começou a dar mui fortes gollpes / que foi hũa cousa de maravilha.

rijo ~ **rrijo** – adv. (< Do lat. *rigidum*)^{mf}.

‘com rijeza, energia, força’; ‘robustamente’. [xv/cpvc/8r]: E lançou o na praya ./ abasta que ataaquy como quer que se eles em alguũa parte amansasem logo d hũa mão pera a outra se esqujuauam coma pardaaes de ceuadoiro E homem nom lhes ousa de falar **Rijo** por se mais nom esqujuarem E todo se pasa como eles querem polos bem amansar. [xvi/ctlp/cp23]: E chegarão am-/ damdo pelejamdo. E tam **rrijo** os cometerão / que os fizerão arredar.

rrazoadamente ~ **rrazoadamête** - adv. (< *rrazoada* [part. pass. de *razoar*, este de *razão*, do lat. *ratio*, -onis]^{mf} + *-mente* ~ *-mête*). ‘de modo arrazoado’; ‘à maneira da razão’.

[xiv/dsgd/80vc1]: Dise aynda | em pessoa daquelles que se pagam | do mundo alegrate mançebo e de | leitade e tua mançebia e depois | desto dise em pessoa daquelles que | fallam **rrazoadamente** e dize auer | dade amançebia e o delleito som cou | sas uáas. [xiv/dsgd/81rc2]: Eaquellas outras palauras ã *que* | mostra *queas* almas dos homẽs ujuẽ | depolla morte e hã *seus* gallardooes assy | enobẽ como no mal segundo as obras *que* fezerõ . disse salamõ em pessoa daquel | les *que* fallam **rrazoadamête** . e aquesto di | sse e leixou por semtẽça defenetuia e uer | dadeira .

rrazoadamête → rrazoadamente.



rricamente → ricamente.
rrigamente → rijamente.
rriiamente → rijamente.
rrijo → de rrijo.
rrygame → rijamente.
rrygamête → rijamente.

S

saborosament' → saborosamente.

saborosamente ~ **saborosament'** – adv. (< *saborosa* [do lat. *saporosus*, -a, -um]^c + *-ment'* ~ *-mente*). ‘de modo saboroso’; ‘de maneira agradável’.
[xiii/cdsm/158]: E tiró-o do castelo e disse-lle **saborosament'**: | “A Rocamador vai-te e passa ben per Tolosa.” [xiv/flos/36rc2]: E falando-lhi muy **saborosamente** confortou o servo de Deus muy fiel e disse-lhi: – Ja tempo vem em que te tornes pera ta cidade e mi faças o serviço que mi soyas a fazer.

sagázmente – adv. (< *sagáz* [do lat. *sagax*, -*acis*]^{cp}. + *-mente*). ‘de modo sagáz’.
[xvi/gpjb/p76]: E com conjuçám se ajuntam dous e três como: Bem prudente e **sagázmente** se [h]ouvéram os Romanos contra os Cartaginenses.

sagesmente → sagesmête.

sagesmête ~ **sagesmente** ~ **saiesmente** – adv. (< *sages* ~ *saies* [do fr. *sage*, que por sua vez, virá, provav. do lat. *sapius*]^m. + *-mête* ~ *-mente*). ‘de modo sages’; ‘de maneira inteligente’.
[xv/orte/152v]: Ca ella tam **sagesmente** [falaua e tã discretamente] conselhaua e tam proueytosamête emduzia e amoestaua, que claramête parecia que

o Senhor Deus, que ensyna sciencia a todo homê, siia e moraua ã ella.

saiesmente → sagesmête.

sanctamente ~ **sanctamête** – adv. (< *sancta* [do lat. *sanctus*, -a, -um]^c + *-mente* ~ *-mête*). ‘de modo santo’; ‘de maneira sagrada’.
[xiv/dsgd/56vc1]: Perto daquelle lugar d’omde | estes dous homêes bóos veujam auia | hũ moesteiro deque morrera ia oabade . | e os monjes daquelle moesteiro . rrogarõ | aosancto cuterçio que fose seu abade . e elle | leixouse uençer aos rrogos dos monjes . | e rregeo aquelle moesteiro per muytos a | nnos . e per seu trabalho aquelles mon | ies viuerom muy **sanctamente** e pera | nõ ficar sóo aquel oratorio ã que primey | ramête . leixou hi florêçio seu companh | eiro homê de grande oraçõ e muy sim | plez . e elle moramdo hi soo huu dia lã | çousse ã sua oraçõ e pedia anosso senhor | que ha poder sobre todallas coussas que | lhe desse naquelle lugar algue que mora | sse cõ elle cõ que ouesse solaz e prazer.
[xv/orte/100v]: (...), por[que] nõ aproueyta[m] logo nõ ãtendem a liçõ nõ a sabem, porque aquello que tu falaras seram grandes cousas que ãsinaras sem voz e en silencio, as quaaes som sobre as forças delles, ca tu per demostraçõ de fermossos exenplos que uerõ cõ seus olhos ensina-llos-as a viuer bem e **sanctamête** e uirtuosamête.

sanctamête → sanctamente.

sanhudamête – adv. (< *sanhuda* [der. de *sanha*, do lat. *insania*]^{mf}. + *-mête*). ‘de modo sanhudo’; ‘de maneira colérica’.
[xv/orte/49v]: Uerdadeyramête este mũdo he muyto pera auorreger e ãtejar, porque elle todallas cousas que da a seus amigos, todo lhe toma depois **sanhudamête** e



muy toste e desnua-os de todo bem e ueste-os de confusom e carrega-os de muy graues cargos e taees os ãuiaa perdurauel tribulaçõ.

saudauelmête – adv. (< *saudauel* [der. de *saúde*, do lat. *salus, -utis*]^c + *-mête*). ‘de modo saudável’; ‘de maneira sã’. [xv/orte/6r]: A Sancta Escripura he tal como ho orto do parayso terreal, porque ella he muy fremosamente apostada cõ marauilhosos e[n]xertos e muy graciosamête afeytada com muy graciosas plantas e he aprouada muy conpridamête cõ especias de muy bõ odor, e com flores muy resplandecentes he muy deleitosamente cheyrada, e cõ fructos muy dilicados he muy auõdosamête deleytosa, e cõ muy tenperados orualhos he muy blandamête regada, e he muy **saudauelmête** abalada cõ uentos muy mansos de grande tenperança, e cõ muy deleitossos cantares daues he muy docemente resoada, e con muy linpos ryos he muy abastossamente circũdada, e cõ muy fortes sebes he muy seguramête guardada, e cõ guardadores muy preuistos he con grande vigilya gouernada.

secretamente – adv. (< *secreta* [do lat. *secretus, -a, -um*]^c + *-mente*). ‘de modo secreto’; ‘de maneira escondida’. [xv/cdpi/cp34]: E dizia elRei Dom Pedro que neestes trautos fora fallado **secretamente**, que pois el casava com a filha delRei Daragom, e tomava com el tal divedo, que matasse ou premdesse primeiro o Iffante Dom Fernamdo seu irmão, e o comde Dom Hemrrique, que eram seus inmiigos, e que pois o nom fezera, que nom curava de suas preitesias. [xvi/ctlp/cp12]: Es[a] noy- / te estiueram ambos e ao outro dia apa- / rrelhou Medea todas estas

cousas que di- / xera e mandouas **secretamente** a Jasom.

seguramente ~ **seguramête** – adv. (< *segura* [do lat. *securus, -a, -um*]^{mf} + *-mente* ~ *-mête*). ‘de modo seguro’; ‘de maneira estável’. [xiii/frax/70]: Vnde (con)uen a todo rey que ha de ter os poobos en justiça e en deryto que faça l[e]s p(er) que os poboos sabyã como an de uiuer, e as desauenças e os preytos que nasçerẽ antr’elles seyã departidos de guisa q(ue) aquelles q(ue) mal fazẽ recebã pã e os boos uiuam **seguramente** en paz. [xiv/flos/33vc2]: E **seguramente** posso dizer, ca nõ é cousa que se deva calar, que moor prazer havia em dar ca em tomar. E tanto era o bem que fazia a todos, assi aos frades come aos seus amigos, come aos sergentes da eigreja sua, que todos eram ricos per el. [xv/orte/6r]: (...), e he muy saudauelmête abalada cõ uentos muy mansos de grande tenperança, e cõ muy deleitossos cantares daues he muy docemente resoada, e con muy linpos ryos he muy abastossamente circũdada, e cõ muy fortes sebes he muy **seguramête** guardada, e cõ guardadores muy preuistos he con grande vigilya gouernada. [xvi/ctlp/cp12]: E despois tirareis o coração da / serpe e fareis sacrefiço no templo e / tomareis **seguramente** o vello fadado».

seguramête → seguramente.

semelhavelmente – adv. (< *semelhavel* [de *semelha(r)* {do lat. **similiare*, de *similis*} + *-vel*]^{mf} + *-mente*). ‘de modo semelhante’; ‘de maneira similar’. [xv/cdpi/cp44]: **Semelhavelmente** mandou elRei fazer outro tal muimento e tam bem obrado pera si, e fezeo poer açerca do seu della, pera



quando se aquecesse de morrer o
deitarem em elle.

semp → sêp(re).

semper → sêp(re).

sempr' → sêp(re).

sempre → sêp(re).

senpre → sêp(re).

sêp(re) ~ semp ~ semper ~ sempr' ~

sempre ~ senpre ~ ssempre – adv. (<

lat. *semper*)^{mf.} ‘na totalidade do

tempo’; ‘continuamente’;

‘invariavelmente’. [xiii/tals/1012]: E

rogo q(ue) cada un destes

añiu(er)sarios fazam **sêp(re)** no dia

de mia morte e

fazam t(re)s comemoracionesen t(re)s

partes do ano e cada dia fazam cantar

una missa por mia alma por **sêpre**.

[xiii/cdsm/165]: A este soldan

chamavan per seu nome Bondouar, |

que Egito e Alapa avia a seu mandar |

e Domas e a Camela; e porende

guerrear | queria **sempr'** a c[r]ischãos

e fazer-lles muito mal. [xiv/dnmv/43]:

Auede uos daqj adeãte o dito quarto

de dita Leyra firmemête por **senpre** e

quantos depus uos ueerẽ.

[xiv/dsgd/25vc1]: E emtom dise

pedro seu clerigo | se esto he asy como

tu dizes padre | que *quer* dizer esto he

escripto do a | postollo sam pedro que

quando | oanjo o tirou do carçer

tornouse | asy medes e dise ora sey eu

uer | dadeiramête *que* enujou noso

senhor | oseu anjo e liuroume do

poder de | erodes e domal detodollos

judeus . | canõ podemos *dizer* desam

pedro que | nõ cujdaua **semper** na sua

fazem | da e nos seus feitos

deleitandose | **semper** ã deus nas

oraçoes que fazia | ergo como tornaua

asy medes | *que* **semper** cõ sigo

andaua cuidando | em deus e

deseiandoo e amãdoo | gregorio.

[xiv/dnmc/157]: Sabahã (sic) todos

que eu Sancha domingujz molher que

ffuy en outro tẽpo de Johane amjgo

mor[a]dor ã Lixbõa Dou e / outorgo

afforo pera todo **ssenpre**.

[xv/dnmc/185]: E diserõ que lhes

prazia de o dito Johã affomso e sua

molher aJom a dita cassa pera

Sempre per a guisa que he cõthei/do

no Afforamẽto cõtanto que ele Joham

affomso e sua molher / e seus

herdeiros dem cada hũu ãno **Sempre**

ao dito mosteiro seis llibras da moeda

antiga pagados a como El Rey

mandar. [xvi/gdlp/p16]: pOrque nos

ja dissemos que antre nos e os latinos

tambẽ era sobeja esta letra .k. agora o

queremos repetir porque de feyto

desta letra e do vso della duuidão a

mayor parte dos grãmaticos latinos

posto que Diomedes diga que serue

semp seguindose .a. breue.

sequer ~ siquer ~ ssequer – adv. (< *se* +

quer [3ª pessoa do sing. do verbo

querer])^{mf.} ‘ao menos’; ‘nem mesmo’.

[xiii/cdsm/067]: E vẽo pera el logo

mansso, e bon contenente, | e disse:

“Sennor, queredede que seja vosso

sergente, | e o serviço dos pobres vos

farei de bõa mente, | pois vejo que vos

queredes e fazedes y bondade; | A

Reynna gloriosa ta[n]t’ é de gran

santidade ... | E **ssequer** o meu serviço

averedes en dõado.” [xiv/dsgd/24rc1]:

Entõ disse o | seu creligo dom pedro .

ia | entendo padre . **sequer** pouqui |

tinho que testemunho deue aauer |

oprelado daquelles conque uiue.

[xvi/adbi/1744]: Já **siquer** estou em

paz, | que não me leixáveis lá.

sicais → quiçay.

simplement' → simplesmente.

simplesmente → simplesmente.

simpemente ~ simplement' ~

simplesmente ~ simprezmente ~

sinplizmente ~ sinplizmẽte ~

sinprezmẽte – adv. (< *simple* ~

simples ~ *simpre* ~ *simprez* ~ *sinpliz* ~



sinprez [do lat. *simplicem*]^{mf.} + *-ment'* ~ *-mente* ~ *-mête*). 'de modo simples'; 'de maneira fácil'. [xiii/cdsm/159]: E dest' oyd' un miragre de que vos quero falar, | que mostrou Santa Maria, per com' eu oý contar, | a ùs romeus que foron a Rocamador orar | como mui bõos crischãos, **simplesment'** e omildosos. [xiii/cdsm/151]: Ca enquant' el os gẽollos ficav' e "Ave Maria" dizia mui | **simpresmente** | aa Virgen, de Deus Madre, contra el sse levantava, veendo-a essa | gente. [xiv/flos/32rc2]: El respondeu **simpresmente** e disse que ja o dissera a outros muytos. [xv/orte/12r]: Pero, porque nõ pode contradizer ao ministro cõ temor de Deus, começou logo preegar **sinplizmente** e dessy pello processo do sermõ falou tam claramête e tam altamente, que todos se marauilharõ. [xv/orte/149r]: Onde diz Sam Jeronimo que o sabedor nõca pode seer soo, s. **sinplizmête**, ca el tem consigo todos os que forã e os que som bõos e o coraçom liure e leua-o e trespassa-o pera hu quer. [xv/orte/134v]: Entõ veo a elle a bêta Uirgem e trouue-lhe hũa mão muy fremosa e posse-lha eno loguar du elle talhara a outra e disse-lhe: Porque tu nõ cessaste dos meus lououres e entendeste o precepto do Euãgelho **sinprezmête**, eu te êtrego esta mão celestial polla carnal que tu talhaste. [xvi/gpjb/p55]: Chamamos tempo per rodeo quando **simplesmente** nam podemos.

simpresmente → simplesmente.

sinaadamente → assijnaadamête.

sinplizmente → simplesmente.

sinplizmête → simplesmente.

sinprezmête → simplesmente.

siquer → sequer.

so → sso.

sobejamête – adv. (< *sobeja* [do lat. **superculus*]^{mf.} + *-mête*). 'de modo sobejo'; 'de maneira excessiva'. [xv/orte/147r]: Assy como foy desconsolado ãno jnferno hũũ homẽ que fora muy hõrrado e muy rico ã este mũdo e husara de todollos uiços e cõsollações e prazeres vãos do mũdo **sobejamête**.

sobruosamête → sobruosamente.

sobruosamente ~ **soberviosament'** ~ **sobruosamête** – adv. (< *soberviosa* ~ *sobruosa* ~ *sobruosa* [*sobervo* ~ *sobruo* + *-oso*, aquele do < lat. *superbu-*]^{mf.} + *-ment'* ~ *-mente* ~ *-mête*). 'de modo soberbo'; 'de maneira altiva'. [xiii/cdsm/192]: Ena Groriosa, | e a razõar | mal e **soberviosament'** | e desdennar | que era 'ng[an]osa | muit' e mentirosa | sa fe e dultosa | e sen prol tẽer; | e tal revoltosa | cous' e enbargosa | e d' oir nojosa | non é de caber. [xiii/frac/115v]: Qvando alguu ome uender seu s(er)uo ou sa s(er)ua, se o s(er)uo (contra) aquel que foy seu senhor se aleuãtar **sobruosamente** ou lhy apos(er) alguu mal, dêlhe o p(re)ço aaquel que o (con)parou e receba seu seruo & uinguesse del como quis(er), foras que nõ o mate nen lhy tolha membro. [xv/orte/42r]: E ella dizia a aquelle[s] que estauã em redor: Chamade-me Mercurio martir, e jra matar Juliano que blasfema ãno meu filho **sobruosamête**.

soberviosament' → sobruosamente.

sobitamente → subitamête.

sobrecelestrialmente – adv. (< *sobre-* + *celestrial* [< *celeste* {este do lat. *caelestis*}]^{mf.} + *-mente*). 'relativo ao céu'. [xv/orte/13r]: E Ssancto Agostinho canta seu cantar muy amoroso, espoendo toda a Sancta Scriptura **sobrecelestrialmente**, fazendo entender as cousas



sobrecelestriaaes pellas cousas da sancta doutrina. Destaca-se o uso enfático da forma sobre-

solament' → solamête.

solamente → solamête.

solamête ~ **solament'** ~ **solamente** ~

sollamente ~ **sollamête** ~ **somente** ~

sómente ~ **sòmente** ~ **somête** ~

soamente ~ **soomête** ~ **sóomête** –

adv. (*sola* ~ *so* ~ *soo* ~ *sóo* [do lat. *solu-*]^{mf.} + *-ment'* ~ *-mente* ~ *-mête*).

'apenas'. [xiii/cdsm/039]: Daquesto foron [mui] maravillados | quantos das terras y foron juntados, | que

solament' os fios defumados | non viron do veo, nena brancura | Torto seria grand' e desmesura ...

[xiii/frax/74r]: E non tan **solamête** u deuem(os) dar, mays aguardar o que é dado. [xiii/frax/85v]: Os preytos nõ deuẽ seer destoruados por uozes nen por uoltas. Mays o alcayde deue mandar seer ha hũa parte aquelles que nõ an de ueer nada no p(re)yto e aquelles cuio é o p(re)yto o[u] seus uozeyros deuẽ seer ant'el tã

solamente. [xiv/dsgd/40vc2]: E aqieste des sua menjnice / sem | pre fez grande steença . pera auer depois . agloria do paraisso . E a | tam conprida era auida *que* fazia . | *que* nom tam **soomête** de obras ma | as e desaguissadas . mais ajn | da / depalaura sobeia *que* nom pre | sta nem empeece anêhũ . *aque* | chama a escriptura ouciosa . se *guar* | daua. [xiv/dsgd/91vc1]: Eporemde *pedro* aquelles *que* ora rre | çerberom senhas estollas . e depois | darresurreiçõ rreçerberom duas duas. | nõ quer al dizer senõ que os justos | *que* ia som ã paraiso rreçerberõ ia sen | has estollas . ca rreçerberõ **sóomête** | gloria nas almas e depois da rre | surreiçõ rreçerberã duas duas ca | rreçerberam gloria na al | mas e nos corpos.

[xv/cpvc/3r]: E nom gostaram dele nada nem o quiseram mais / troueram lhes agoa per huũa albarada tomaram dela senhos bocados E nom beberam . **soamente** lauaram as bocas E lamçaram fora.

[xv/orte/66v]: E, se os homês ouuessẽ tal uista, muy feo ueriã o corpo que parece defora fremoso. E porẽ nõ he muyto de prezar a fremusura delle. Onde diz meestre Odofredo: Muyto cõpre a nos de nos trabalharmos de curar da nosa alma, ca a fremusura do corpo tam **sollamête** he ãno coyro decima. [xv/orte/102r]: Nom tam **sollamente** querem os homêes auer hõrra em gualardom da sua sabedoria, mas ajnda outros querem e deseiam hõrra de caualaria e de fecto darmas e de guerra. [xv/orte/151r]: Onde dizem os naturaes que falarõ da propriedade das animalias, que a uaca grossa lança de ssey o jugo, mas aquella que nõ he tam governada e que he husada a elle, **somête** o collo ao jugo per sua uõõtade. [xvi/ctlp/cp2]: Porem, lembrandose[h]e do mall que seu pay / e a sua cidade tinhão pasado, fez hum all-/ caser em hũa penha mui allta que esta-/ va ali sobre o mar e fez ali sua mora-/ da, porque te emtãõ nõ ouvera em ha / çidade fortaleza senãõ **somente** as ca-/ sas. [xvi/gpjb/p18]: OS nomes avérbiães se derivam dos avérbios. Dos quães a nõssa linguágem tem mui poucos, e **sómente** ponho estes por exemplo: soberano, de sobre; avantaje, de àvante; forasteiro, de fóra; traseiro, de atrás. [xvi/gpjb/p1]: E, por que os mininos das escólas de ler e escrever, tomáram a outra parte e nom ésta, por ser o primeiro leite de sua criaçãm, parece-nos que ficáva esta sem fundamento. nam declarando aõs que virem ésta **sòmente** que na



primeira é o princípio, onde está dedicada ao príncipe, nosso senhor.

solempnemente ~ solēpnemēte – adv. (< *solempne* ~ *solēpne* [do lat. *sollemnis*]^{mf.} + *-mente* ~ *-mēte*). ‘de modo solene’; ‘de maneira consagrada’. [xv/cdpi/cp16]: (...); e elles com medo disseromno assi, e forom reçe- | bidos na villa de Qualhar dentro da igreja **solempnemente** pello bispo de Salamanca, que os rechebo ambos: em outro dia partio elRei dali, e numca mais vio esta Dona Johanna; e ella chamousse sempre Rainha, pero nom prazia a elRei dello. [xv/orte/137v]: A sabedoria que nũca seca, e, se foy amador da fremusura della, e êtom sayba que a ell especialmente nõ cõvẽ a cassar. Esto he determinaçom **solēpnemēte** pellos douctores.

solēpnemēte → solempnemente.

sollamente → solamēte.

sollamēte → solamēte.

somente → solamēte.

somēte → solamēte.

soo → sso.

soomente → solamēte.

sotilment’ → sotillmente.

sotillmente ~ sotilment’ ~ sotilmēte – adv. (< *sotil* ~ *sotill* ~ *sotil* [do lat. *subtilis*, *-e*]^{mf.} + *-ment’* ~ *-mente* ~ *-mēte*). ‘de modo sutil’; ‘de maneira hábil’. [xiii/cdsm/245]: O alcaid’ enton de Nevia con sua companna vil | viron que assi perderan o pres’ e os soldos mil, | e que assi hũa dona llo levava tan **sotilment’**, | e viron que a Madre fora do Remiidor. [xv/cdpi/p444]: E seemdo nembrado de homrrar seus ossos, pois lhe ja mais fazer nom podia, mandou fazer hum muimento dalva pedra, todo mui **sotillmente** obrado, poemdo emlevada sobre a campãa de çima a imagem della com coroa na cabeça, como se fora Rainha;

e este muimento mandou poer no moesteiro Dalcobaça, nom aa emtrada hu jazem os Reis, mas dentro na igreja ha mão direita, açerca da capella moor. [xv/orte/116r]: Destas cousas e doutras muytas que pertẽcem aos rex, nõ he leue cousa dar conta ao Senhor Deus, que conhece todallas cousas mais **sotilmēte** que todos e despos todallas cousas ã peso e ã conto e ã medida pera dar pẽna yqual segundo o peso e a medida e o conto daquellas cousas de que a de seer dada conta.

sotilmēte → sotillmente.

spaciosamēte → espaçosamente.

specialmēte → especialmente.

spicialmēte → especialmente.

spiritualmente ~ spiritualmēte – adv. (< *spiritual* [do lat. *spiritualis*]^{mf.} + *-mente* ~ *-mēte*). ‘de modo espiritual’; ‘de maneira imaterial’. [xiv/dsgd/37vc2]: Asy este sam bẽto | ueeo **spiritualmente** per grande espaço deterra pera ensinar aseus | monjes como fezesem luga | res ã que fezesem uida spritual. [xv/orte/75v]: E certamēte muytos homẽs, porque nõ podem andar corporalmēte, andã porẽ mais perfectamēte **spiritualmēte** com os mouimẽtos de dentro da alma.

spiritualmēte → espiritualmente.

ssenpre → sêp(re).

ssequer → sequer.

sso ~ so ~ soo ~ sóo – adv. (< lat. *solu-*)^{mf.} ‘samente’; ‘apenas’; ‘unicamente’. [xiii/cdsm/034]: De noit’. E poi-la levou **sso** ssa capa furtada, | en ssa cas’ a foi deitar na camara privada, | des i assentou-ss’ aly e fez gran falimento; | mas o demo o matou, e foi a perdimento. [xiv/dsgd/75rc1]: (...) E dezialhe le | uantate e uaite . deus poderoso te tire | desuas mãos . e eu na mão denosso | senhor **sóo** ponho meu coraçõ . ca nom | podem os



lombardos fazer comtra mjm | senõ
quamto elle lhes leixar fazer.
[xv/orte/27r]: Mas elrey nõ quis beuer
aquella agua, como quer que ouuese
muy grande sede, mas entornou-a ã
terra, porque nõ podia auõdar a todos,
e, se elle **soo** beuesse, auiriã os outros
moor sede. [xvi/ctlp/cp30]: E para
isto não / chamou nhuns dos gramdes
que *consygo* / soia leuar, mas foise
com **so** os seus. Ressalta-se que em
alguns contextos *so* corresponde a
sob.

subitamente → subitamête.

subitamête ~ **sobitamente** ~ **subitamente**
~ **subpitamente** ~ **supitamente** –
adv. (< *subita* ~ *sobita* ~ *subpita* ~
supita [do lat. *subitus*, -a, -um]^{cp}. + -
mête ~ -*mente*). ‘de modo súbito’; ‘de
maneira repentina’. [xv/orte/84v]: E
quantos mortos **subitamête** e sã
pêdença lançou e envio[u] a ardidez
ao jnferno pera seerẽ atormêtados
pera senpre! [xv/orte/74r]: E, estando
elle deitado em oraçõ em aquelle
loguar, começou **sobitamente** a
dormir. [xv/orte/100r]: Muyto se
trabalham os homêes ã este mûdo de
auer dignidade e hõrra, têẽdo que som
bemauêturados por ella, mas ã esto
som malamête ãganados, ca a hõrra
senpre ha consigo grande cuydado por
cõpanheyro e nõ dura continuadamête
per longo tenpo e mayor
desprezamêto faz ao homẽ que a
deleitaçõ que ella ha, onde diz Pedro
de Rauena que muy grande cuydado
acõpanha senpre as riquezas e as
hõrras, que nõca se parte dellas, e a
ponpa do mûdo he fumo e uêto que
subpitamente esuaece e se sume, as
quaaes cousas, como quer que muytas
uezes prazẽ aos homês, pero aduzem
anojamento e pesar, e, como quer que
deleytem hum pouco, per mais longo
espaço desprazerom. [xv/orte/155r]:

Outrosy, o conde de Mesticonia,
sẽẽdo hũũ dia ã seu paaço cõ muytos
caualeyros, chegou **subitamente** hũũ
home[m] nõ conhecido ãcima dhũũ
cauallo e ãrou pello paaço e disse a[o]
conde que se leuãtase. [xvi/adbi/int]:
Primeiramente no presente auto se
fegura que no ponto que acabamos
d’expirar chegamos **supitamente** a
um rio, o qual per força havemos de
passar em um de dous batês que
naquele porto estão, scilicet um deles
passa pera o paraíso e o outro pera o
inferno.

subpitamente → subitamête.

supitamente → subitamête.

suso ~ **susso** ~ **susu** – adv. (< *sursum*,
através de *susum*)^{mf}. → iuso. ‘acima’;
‘em cima’. [xiii/tals/1019]: E mãdo
ainda q(ue) se s’asunar todos nõ
poderem ou nõ q(ui)serẽ ou discordia
for ent(r)’(a)q(ue)stes a q(ue) eu
mãdo departir aq(ue)stas dezimas
suso nomeadas,
ualia aq(ui)lo q(ue) mãdarẽ os chus
muitos p(er) nõbro. [xiii/frac/110r]:
E sse ome qualquer morrer sen mãda
e erdeyros non ouu(er), assy como
susu é dito, o padre e a madre erden
toda sa boa cumunalmente, se fillo
nenhuu nõ ouu(er). [xiv/dsgd/62vc1]:
COntou aynda são gregorio e | disse
eleuterio barom muy | sancto e padre
uelho e antigo de que | **susso** fallamos
era tã certo desta cousa | que eu quero
contar. [xv/orte/150v]: Enganas-te,
homẽ, que crees de te deleitar muyto
ẽnas cousas que ãpecẽ a[a] alma ou ao
corpo, ca o Criador de todallas cousas,
por tal que os homês nõ achem sabor
ẽnas cousas que sã sobre a terra mas ã
aquellas que som **suso**, assy como
muy percebido senhor, nõ fez algũa
cousa deleitosa ãnas cousas terreaes
que nõ fosse empeciuyl a[a] alma ou
ao corpo ou a anbos. [xvi/gdlp/p34]:



(...) ainda porem que não sempre isto he açertado/porque muitas vezes alghũas dições que ha pouco são passadas são ja agora muito auorreçadas: como abem/ajuso acajuso/a **susso**/e hoganno/algorrem: e outras muitas.

susso → suso.

susu → suso.

T

tã ~ tãõ ~ tam ~ tan – adv. (< lat. *tam*, ou apócope de *tantum*)^{mf.} ‘em tal grau’; ‘de tal modo’. [xiii/nt/1023]:

E d(e) pos

iste p(lec)to pre[n]d(e)ronli o seruical otro om(e) de sa casa, e troser(ũ)no #XVIII

dias p(er) mōtes e fecer(ũ)les **tã** máa prisõ

p(er) que leuar(ũ) deles q(u)anto poder(ũ) au(e)r. [xiv/dsgd/5rc1]: D’outra parte piadade . e | door que auia da madre . que fazia **tan** | gram chanto por seu filho . mo | ujaõ pera pedir anosso senhor / que | socorrese /

aaquela molher **tam** | coyta da . E aacima apiedade uẽ | ceo ahomildade. [xv/dnmv/96]: E antijgas de monte em fonte rroto e por rronper e con todas suas perteenças Assy e **tam** compridamente como pertecem ao dicto moesteiro (...). [xvi/ctlp/cp11]:

Ouvin-/ do Medea como estauão ali omens **tam** gene-/ rosos e **tam** grandes *senhores* e **tãõ** *graciosos* / desejou de os ver.

tãbẽ → tanben.

tãbem → tanben.

tãben → tanben.

tal – adv. (< lat. *talis*, -e)^{mf.} ‘desse jeito ou modo’; ‘assim’. [xiii/frac/72v]: Mays todo quanto ouer enaquella sazõ que for achado en **tal** feyto, todo seya entregamẽte del rey. [xiv/flos/15rc1]: Mais pois era hora de vespera yam-se os frades que faziam as celas pera seu moesteiro e quando chegavam totalas cousas que lhes era pera comer achavam guysadas, de **tal** guysa que achavam meos nemigalha de quanto metiam em fazer as outras celas. [xv/cpvc/09v]: E per **tal** maneira que andam fortes segumdo os homeẽs que ontem a suas casas [foram] deziam porque lhas viram la ./ era Ja a comuersaçam deles com nosco tanta que casy nos toruauam ao que aviamos de fazer. [xvi/adip/1238]: Dês que nasci até agora | não vi **tal** vilão com’este, | nem tanto fora de mão.

tam → tã.

tamalaues – adv. (< tãõ + mal + avés, este do lat. *vix*)^{m.} ‘apenas, difficilmente’. [xvi/gdlp/p31]: e cõ tudo para mais abastança se se achar alghũa dição junta cujas partes apartadas nenhũa dellas por si sinifique como. desde **tambẽ**. e então. e nelhures. e algures. e **tamalaues**.

tambe → tanben.

também → tanben.

tampouco ~ **tãpouco** – adv. (< tãõ + pouco)^{c.} ‘também não’. [xvi/gdlp/p41]: NAm dizemos ainda agora neste lugar nẽ liuro que cousa he artigo: nem **tampouco** mostramos qual officio tem: porque aqui não falamos se não das formas ou figuras das vozes ou dições. [xvi/gdlp/p44]: Porque era longo cõprender tanta variedade d’terminaçõs ajudounos a natureza e vso da nossa lingua cõ os artigos os quaes sempre ou as mays vezes



acompanhão os nomes cuja companhia declara os generos desses nomes: não dixemos aqui quantos nẽ quaes erão os generos dos nomes: nem tâpouco que cousa he nome como tambe fizemos aos artigos: e faremos nos verbos: porque do intento desta parte da grammatica que agora tratamos não he mais que so dar notiçia das vozes e não difinções ou determinadas declarações das cousas.

tamto → tãto.

tan → tã.

tanbẽ → tanben.

tanbem → tanben.

tanben ~ **tãbẽ** ~ **tãbê** ~ **tãbé** ~ **tãbem** ~ **tãben** ~ **tãbe** ~ **tãbê** ~ **tãbé** ~ **tãbem** ~ **tãben** ~ **tãbe** ~ **tãbê** ~ **tãbé** ~ **tãbem** – adv. (< *tã* + *bem*)^{mf.} ‘da mesma forma’; ‘além disso’; ‘realmente’. [xiii/frac/148v]: E porẽ q(ue)remos emandamos q(ue) o s rumeus quaesq(ue)r q(ue) seyã e onde q(ue)r q(ue) [uenhã], possã **tanben** ena saude come na enfermidade fazer manda de sas cousas segũdo sas uoontades. [xiii/frac/77r]: As leys amã e desynã as cousas q(ue) sã d(e) Deus e demandã e demonstrã d(er)reyto e iustiça e o ordiamẽto dos boos costumes e son guyamẽto do pobuu e ajuda e sã **tãben** p(er)a os omees come p(er)as molleres e assy p(er)a manceboscome p(er)a uel los e **tanbẽ** p(er)a os sabedores come p(er)a os insabes e tãben pera os das cidades come p(er)a os das aldeyas e sã aguardamento del rey e dos poboos. [xiv/dsgd/29vc2]: Eco | mo ohonrrado padre sam bẽẽto | ouujo dizer que aquel prellado | morrera tam máá morte fez | muy grãde chamto . e o por que oseu emijgo tam maa morte | morrera e em tam gram perigo | daalma e **tambem** por que oseu

desçipollo ouue prazer da morte de | seu emijgo. [xv/cdpi/cp7]: Nom soomente husava elRei de justiça contra aquelles que razom tiinha, assi como leigos e semelhantes pessoas: mas assi ardia o coraçom delle de fazer justiça dos maaos, que nom queriam goardar sua jurdiçom, aos clerigos **tanbem** dordeens pequenascomo de maiores; (...). [xvi/adip/1446]: Não fui eu **também** contigo? [xvi/gdip/p15]: Damoslhe quintiliano o qual diz no primeiro liuro assi Olhe bẽ o grãmatico diz se ãtre os latinos sobejão mais letras ei a nota daspiração a qual se fosse neçessaria **tãbé** teriamos nota ou sinal de não aspiaração: e aulo gellio quasi o mesmo sinte aos tres capitolos do segũdo liuro: cõ os quaes nẽ eu quero dar mais valia ao costume de muitos grãmaticos: nẽ quero deixar a esperiẽcia que me mostra não auer aspiaração nestas terras: se não se elles chamão aspiaração a qualquer spirito:o qual todas as letras tẽ ou pouco ou muito e hũas são diferentes das outras em diminuyção/acreçêtameto ou qualquer mudãça d'spirito. [xvi/gdip/p35]: E outro resguardo seja que com serem mais velhos sejam **tambem** mais vsados e ameudados/e o vso delles seja aprouado por aquelles que mais sabem: e **tambem** teremos estoutro resguardo no vso das vozes nouas que sempre as saluaremos cõ alghũ sinal d'stes ou outro qualquer semelhãte: os sinaes são: como dizẽ: porque assi diga. ou fale. porque vse d'ste vocabolo: ou dizer. como dizẽ la. como diz foão. quasi dãdo a entender que não vsamos açinte da tal nouidade ou **tãbê** velhiçe se for cousa velha porque tãbê das vozes velhas dizemos outro tanto como das nouas nestes resguard'. [xvi/gdip/p02]: Porq se as



obras são proua do homẽ. Como diz a suma verdade Jesu xpo nosso d's: e as palauras são ymagem das obras: segũdo diogenes laerçio: escreue que dezia Solon sabedor de Greçia Cada hũ fala como quẽ ã: os bos falão virtudes e os maliçiosos maldades: os religiosos pgão d'sprezos do mũdo e os o cavaleiros blasonão suas façanhas: e esses sabẽ falar os que ãtẽdẽ as cousas: porq das cousas naçẽ as palauras e não das palauras as cousas: diz misõ filosofo: e outra vez çißero a bruto e quitiliano no oitauo liuro òde **tãbẽ** disse que falar e pnũciar o que entẽdemos: este so e hũ meyo que d's quis dar as almas raçãoaes para se poderẽ comunicar antre si: e com o qual sendo spirituaes são sentidas dos corpos. [xvi/gdlp/p22]: letra .e. pequeno que esta na penultima soa mais que em memorea e neçessareo. e nã somẽte soa mais mas **tãbem** em si tẽ o açento e prinçipal tõ da dição assi porque antes não tê outra vogal mayor como **tãbem** porque despois de si não se continoa logo outra vogal mas metesse no meyo hũ .y. consoãte. [xvi/gdlp/p03]: E os lugares de portugueses que ficarão em Portugal/posto que as vezes fossem vencidos como **tambe** as vezes erão vencedores: porq assi passa onde ha continoa guerra. [xvi/gdlp/p16]: Bem podẽ escusar essa letra .q. como cadeyra. coando começo. cuberto: e **tambẽ** estoutras .ce e ci. como ceixume e cina: se não que aos vulgares sera trabalhoso: e por tanto em quando com liquida e em queyxume e quina escreuamos .q. ainda que o meu parecer era que nestes derradeiros pois não soa letra liquida não se escreuesse se não assi: qeixume e qina/e assi outros

semelhantes. [xvi/gdlp/p16]: E outro tanto antre .i. e e. pequeno como memoria ou memorea/ gloria: ou glorea. Ainda que eu diria que quando escreuemos .i. na penultima sempre ponhamos o açento nessa penultima seguindose logo a ultima sem antreposição de consoante/como/ arauia/e se a tal penultima assi d'vogaes puras não teuer o açeto não na escreueremos cõ .i. se não cõ .e. como glorea/e memorea. antre as consoantes .b. e .p. são muy semelhantes/e .c. com .g. tem muita vezinhença, e .d. com .t. f. com .v/1. com .r. singelo .ç. com .z/e. s. ou .ss. j. e .x. **tambẽ**: as vogaes hũas cõ outras em ter voz: e as cõsoantes antre si em ferir sobre as vogaes.

tanto → tãto.

tãto → tã.

tãpouco → tampouco.

tarde ~ **tãrde** ~ **tãrdi** – adv. (< lat. *tarde*)^{mf.} 'depois do tempo próprio'. [xiii/cdsm/321]: O que mui **tarde** ou nunca se pode por meezya | sãar, en mui pouco tempo guarez' a Santa Reynna. [xiv/flos/28rc2]: E nono soterrarom porque era ja **tãrdi**. [xv/orte/65r]: E a jnfirmitade o acoytaua muyto, e elrey o aficaua que fezesse pẽdẽça, e o caualeyro lhe disse: Senhor, muyto **tarde** he ya, ca ya som julgado e cõdenpnado e nõ posso auer pẽdença. [xvi/gpjb/p61]: De tempo: antontem, ontem, [h]oje, agóra, depois, cedo, **tãrde**, nunca.

tãrdi → tarde.

tãto ~ **tãnto** ~ **tãnto** – adv. (< lat. *tantu-*)^{mf.} 'grande quantidade de vezes'; 'alto grau'; 'de tal maneira'. [xiii/nt/1003]: D(e) noticia d(e) torto que fece(rũ) a Laurẽci(us) Fernãdiz por plazo qve fec(e) Gõcauo Ramiriz antre suos filios e Lourẽzo



Fernãdiz q(u)ale podedes saber: e oue au(e)r, d(e)erdad(e) e dau(e)r, **tãto** q(u)ome uno d(e) suos filios, daq(u)ãto podes(ẽ) au(e)r d(e) bona d(e) seuo pater; e fiolios seu pater e sua mater. [xiv/flos/15rc1]: E **tanto** andou ata que achou longe daquel seu moesteiro hũa cela muy pequena e fez em ela sa morada. [xv/cpvc/2]: a noute segujmte ventou **tanto** sueste com chuuaçeiros que fez caçar as naaos E especialmente a capitana [xvi/ctlp/cp1]: E hum dia, amdando por / hum arvoredado achou h[û]a parreira em que / avia vuas e tomou delas e comeoas e / tirou delas mosto e bebeo dele e **tanto** que / se embebidou.

temperadamente ~ **tenperadamẽte** ~ **tẽperadamente** ~ **tẽperadamẽte** – adv. (*temperada* ~ *tenperada* ~ *tẽperada* [part. do v. *temperar*, do lat. *temperare*]^{mf.} + *-mente* ~ *-mẽte*). ‘de modo temperado’; ‘de maneira harmônica’. [xv/cdpi/cp11]: Nom se podem tam **temperadamente** dizer os louvores dalguuma pessoa, que aquelles cujas lingoas sempre tem costume de reprehender, nom acham logares a elles despostos, em que ameude bem possam prasmar. [xv/orte/28v]: E estas sciencias entendam e julgũe con diligencia e **tenperadamẽte** e leixem de studar e de leer pellas cousas superfluas em que nõ ha proueyto, onde diz Seneca que muy grande sandice he buscar cousas sobeias em tam pequẽno tempo como he a uida do homẽ. [xv/orte/12v]: Asy como ãno orto do parayso terreal ventom muy tenperados uẽtos que o fazem muy tẽperado ã bõds aares, bem asy o orto da Sancta Scriptura he muy praziuel e de grande saude per muy tenperados ventos que em ella uẽtam muy

mãsamente e soplam muy **tẽperadamente**, onde diz Salamõ ãno Cantar do Amor: Leuãta-te, aguiam, e tu, auegro, vem e sopra ãno meu orto e correrom as especias delle. [xv/orte/84r]: Ca diz Sam Paulo: Nom he bem saber mais que o que conple de saber mas saber **tẽperadamẽte**.

tenperadamẽte → temperadamente.

tenporalmente – adv. (< *tenporal* [do lat. *temporale*]^{mf.} + *-mente*). ‘de modo temporal’. [xv/orte/119v]: E, se o prelado ou principe he desposto contra dreito, sem seu desmerecimento, nõ auera comparaçom aquella uergonça e cõfusom aa gloria que se lhe seguira, maiormẽte a aquelle que ouuer paciencia, ca a sua uergonça he ante poucos e baixos e terreaes e **tenporalmente**, mas a sua gloria e honrra he ante Deus e ante enfiindos moradores do ceo, que dura por senpre.

tẽperadamente → temperadamente.

tẽperadamẽte → temperadamente.

todo – adv. (< lat. *totus*)^{mf.} ‘totalmente; ‘por inteiro’. [xiii/cdsm/054]: Est’ era sisudo e leterado | e omildoso e ben ordinado, | e a Santa Maria **todo** dado, | sen tod’ orgullo e sen louçaãya. [xiv/flos/2vc1]: O rostro havia muy magro e muyto amarelo e **todo** enrugado. [xv/orte/6r]: A entrada deste parayso, depois do peccado de Adam, sempre foy çarrada e uedada a toda a geeraçõ humanal, ca he **todo** cercado ã rredor de muro de fogo, em tal guisa que aquel fogo se jũta pouco meos cõ o ceo.

torpemẽte – adv. (< *torpe* [do lat. *turpis*]^{mf.} + *-mẽte*). ‘de modo torpe’; ‘de maneira indigna’. [xv/orte/98v]: E ajnda padeço outra mayor uergonça, ca muytos demões ham custume de uĩr a mÿ e fazẽ a mÿ muy **torpemẽte**



perante muytos aquello que eu figi, e esto me he tanta uergonça e tanta afliçom, que o ño posso dizer.

torto – adv. (do lat. *tortus*)^{mf.} ‘mal’; ‘de modo inconveniente ou errado’. [xiii/cdsm/265]: Sempr’ a Virgen santa dá bon gualardon | aos seus que **torto** prenden sen razon.

tost’ → toste.

toste ~ **tost’** – adv. (< prov. *tost*, do lat. *tostus*, part. pass. de *torrere*)^{mf.} ‘logo’; ‘rapidamente’. [xiii/cdsm/027]: Des que foron dentr’, assi lles conteceu | que logo San Pedr’ ant’ o altar varreu, | e aos judeus tan **tost’** apareceu | omagen da Virgen pintada seer. [xiv/flos/13rc1]: Tu semelhas huñ mercador. A ti veeras viir e leva-te **toste** e vay contra el. [xv/orte/26v]: E assy foy fecto Alexandre aas condições daquel seu ayo, sendo moço pequẽno, que depois ño pode carecer aquelles maaos costumes, ca enclinado he o homẽ pera seguir o mal que uee fazer, e ño pode gaanhar as uirtudes dos outros e segue mais **toste** os peccados.

tostemente ~ **tostemẽte** – adv. (< *toste* [< prov. *tost*, do lat. *tostus*, part. pass. de *torrere*]^{mf.} + *-mente* ~ *-mẽte*). ‘de modo imediato’; ‘de maneira rápida’. [xv/orte/cdpi/cp21]: E Dom Tello amdava aquel dia ao monte, e humm seu escudeiro quamdo vio elRei, foilho logo dizer **tostemente**; e elle fogio a pressa, e chegou a Bermeo huuma sua villa ribeira do mar, e emtrou em pinaças de pescadores, e foisse pera Bayona de Ingraterra. [xv/orte/46r]: Esta he a folha que leua o uẽto **tostemẽte**, segundo diz Job, e he restolho e palha, que he fecta seca pello sol, ca muy **tostemẽte** se cõtoria o homẽ e perece de todo.

tostemẽte → **tostemente**.

totalmente – adv. (< *total* [do lat. med. *totalis*]^{c.} + *-mente*). ‘de modo total’; ‘de maneira completa’. [xvi/gpjb/p56]: Outros vérbos temos os quães **totalmente** nam séguem éstas régras a que podemos chamár irregulares, como alguns que os Latinos tem.

trigosamente ~ **trigosamẽte** ~ **trigossamẽte** – adv. (< *trigosa* ~ *trigossa* [triga + *-osa*, aquele regr. de *trigar* ‘azafamar-se’]^{mf.} + *-mente* ~ *-mẽte*). ‘de modo trigoso’; ‘de maneira apressada’. [xv/orte/154r]: E, porque a uida do homẽ he muy pequena, deue o homẽ jũtar os bõds merecimentos **trigosamẽte**. Porẽ diz o Ecclesiastes: Quaeesquer cousas que pode fazer a tua mão obraras **trigosamente**. [xv/orte/154r]: E, assy como fazem os segadores que, quando falece o dia e se chega a noyte, **trigosamente** apanham os moolhos e põõẽ-nos ã mõte, e bem asy deue fazer todo fiel christãõ ã esta uida falecente, ajuntar muytos merecimentos **trigossamẽte** e sem preguiça, ca, se homẽ he preguiçoso pera obrar, he forçado que caya ão jnferno, assy como sse mostra per este falamento.

trigosamẽte → **trigosamente**.

trigossamẽte → **trigosamente**.

trocadamente – adv. (< *trócada* [part. do v. *trocara*, de origem incerta]^{m.} + *-mente*). ‘de modo trocado’; ‘de maneira permutada’. [xvi/gpjb/p87]: Chamam-se éstas lêteras vogáes porque cada ãa per si, sem ajuntamento de outra, fáz perfeita vóz, e, **trocadamente**, ãas com as outras, fázem estes sete ditongos: ai, au, ei, eu, ou, oi, ui.



U

u – adv. (< lat. *ubi*)^{mf}. ‘onde’; ‘para onde’; ‘quando’. [xiii/nt/1050]: E fur(ũ)li **u** ueriar e p(re)nder(ũ) ãd(e) o cõlazo und(e) mamou [o lec]te e gacarũno e getar(ũ) in t(e)r(r)a polo cecar e le[ua]r(ũ) delle q(u)a[n]to oue. [xvi/gpjb/p95]: O segundo **u** sérve na composiçám das dicões e antigamente servia per si de avérbio locál, como quando se dizia: **U** vás? **U** móras? Do quá l já nam usamos.

uerdadeiramente → verdadeiramente.

uerdadeiramēte → verdadeiramente.

uerdadeyramente → verdadeiramente.

uerdadeyramēte → verdadeiramente.

uiçosamēte → viçosamente.

uilmente → vilmente.

uiltadamente – adv. (< *uiltada* [part. do v. *aviltar*, do lat. *ad-vilitare*]^m. + *-mente*). ‘de modo aviltado’; ‘de maneira [xiii/frac/86r]: E se seu mandado

desprezar p(ey)t(e) #XXX m(a)r(auid i)s os #X al rey e os #X ao alcayde e os #X ao (con)tendor q(ue) é doutra parte e encima deytēno uiltadamente.

ujlmente → vilmente.

uirtuosamēte – adv. (< *uirtuosa* [do lat. *virtuosus*]^c. + *-mēte*). ‘de modo virtuoso’; ‘de maneira disposta a prática do bem’. [xv/orte/100v]: (...) ca tu per demostraçõ de fermossos exenplos que ueerõ cõ seus olhos ensina-llos-as a viuer bem e sanctamēte e **uirtuosamēte**.

und(e) ~ honde ~ õde ~ ond’ ~ onde ~ omde ~ unnde – adv. (< lat. *unde*)^{mf}. ‘ocorre com diversas funções desde

pronome a conjunção subordinativa, conservando, contudo, sua significação de base locativa: ‘em que lugar’; ‘de que lugar’. [xiii/nt/1016]: E d(e) #VII e medio casaes antre Coina e Bastuzio **und(e)** li nunq(u)a der(ũ) q(u)iniõ. E d(e) tres ã Tefuosa und(e) li nu[n]q(u)a ar der[ũ] nada. [xiii/nt/1017]: E d(e) tres ã Tefuosa und(e) li nu[n]q(u)a ar der[ũ] nada. E #IIos ã Figeerecdo **unnde** nũqua li der(ũ) q(u)inõ. [xiii/cdsm/111v]: E desto que lle pedia tan muito a afficou | por esto, que hũa noite en sonnos llo outorgou, | **ond’** ele foi muit’ alegre, tanto que ss’ el espertou, | e loou porend’ a Virgen, a Sennor espirital. [xiv/dsgd/45rc2]: Mais por que aquelles que som de pe | quena fe . podem duujdar que os sanc | tos nõ lhe socorreram ally **omde** os seus | corpos nom jazem por tanto faz mes | ter aas vegadas pera tolher aduujda | destes taaes que fazem mayores mara | uilhas . ally omde nõ jazem que ally | **omde** os seus corpos jaze. [xv/dnmc/190]: S. Sabham quantos este presente publico stromento de prosegujmento dapellaçom virem que no anno do nasçimento de nosso sēhor Jhesu cristo de mjll e quatrocentos e vijnte e sex annos dezooito dias do mes de Mayo na muj nobre çidade de Lixboa aa porta chamada do furadoiro frééguisia da egreja de sanhoãne da praça da parte de fora descontra o mar ((?) **Onde** Jazem os naujos que uáám e ueem pera frandes E pera Aragom e outras partes (...). [xv/cdpi/cp6]: A todo o logar **honde** elRei hia, sempre achariees prestes com huum açoute, o que de tal offiçio tiinha encarrego, em guisa que como a elRei tragiam algum malfeitor, e el dizia



chamemme foaão que traga o açoute, logo elle era prestes sem outra tardança. [xvi/gdlp/p2]: Como diz a suma verdade Jesu xpo nosso d's: e as palauras são ymagem das obras: segũdo diogenes laerçio: escreue que dezia Solon sabedor de Greçia Cada hũ fala como quẽ ã: os bos falão virtudes e os maliçiosos maldades: os religiosos pgão d'sprezos do mũdo e os o cavaleiros blasonão suas façanhas: e esses sabẽ falar os que ãtẽdẽ as cousas: porq das cousas naçẽ as palauras e não das palauras as cousas: diz misõ filosofo: e outra vez çißero a bruto e quitiliano no oitauo liuro **õde** tãbẽ disse que falar e pnũciar o que entẽdemos: este so e hũ meyo que d's quis dar as almas raçionaes para se poderẽ comunicar antre si: e com o qual sendo spirituaes são sentidas dos corpos.

unnde → und(e).

V

vããmẽte – adv. (< *vãã* [do lat. *vanu-*]^{mf.} + *-mẽte*). ‘de modo vãõ’; ‘de maneira vazia’. [xv/orte/102r]: Quẽ esto espera, **vããmẽte** espera, ca diz Sanctiago que qualquer que quiser seer amigo deste segle, he fecto jmiigo de Deus.

veramente – adv. (< *vera* [do lat. *verus*]^{cp.} + *-mente*). ‘de modo vero’; ‘de maneira’. [xiii/cdsm/149]: Ela lle respos logo” “Ome de mal ciente, | este que tenn’ en braços é essa **veramente** | a Ostia que sagras, de que non es crente | porque a ti semella que de pan á fegura.

verdadeirament’ → verdadeiramente.

verdadeiramente ~ **uerdadeiramente** ~ **uerdadeiramẽte** ~ **uerdadeiramente** ~ **uerdadeyramẽte** ~ **verdadeirament’** ~ **verdadeiramente** ~ **verdadeyramẽte** – adv. (< *verdadeira* ~ *uerdadeira* ~ *uerdadeyra* ~ *verdadeyra* [do lat. *veridicus*]^{c.} + *-mente* ~ *-mẽte* ~ *-ment’*). ‘de modo verdadeiro’; ‘de maneira’. [xiii/cdsm/335]: Buscar o que non podian achar per nulla maneira; | enton tornaron a ele e disseron: “**Verdadeiramente** | non ficou [na] vila rua, nen cal nen carreira, | que buscada non ajamos, sen duvida end’ estade”. [xiii/cdsm/173]: E que esto non dissesse a outri, mas ssa carreira | se foss’. E el espertou-sse enton e achou inteira | a pedra sigo na cama, tan grande que **verdadeirament’** | era come castanna, esto de certo sabiades. [xiv/flos/124vc2]: E se **verdadeiramente** te quiseres salvar e sabor has de me veer, vay-me veer antr’os outros bispos, ca soo nõ me poderás veer”. [xiv/dsgd/79rc2]: Equamdo *aquelle* | menjno *que* no carçer naçeo e criou e | *que* nõ sabe nõ hũa outra cousa senom | as treuas do carçer ã *que* naçeu *quando* | táães cousas ouujr dizer asua madre | *que* nunca prouou nõ conheço *per* uista | deseus olhos **uerdadeiramente** . pode | duujdar sea no mundo aquellas cousas *dequelle* fallou sua madre. [xiv/dsgd/84vc2]: Etonou | se outra uez osanto homẽ *pera* os | apostollos e diselhes logo me uou | senhores logo me uou senhores e | dizendo estas palauras saiulhe | aalma docorpo . e assy deu testemu | nho . *que* como ouira uerdadeiramẽte | foy cõ ello **uerdadeiramẽte**. [xv/orte/14r]: E pregũtou o papa ao bispo como



soubera tam **uerdadeyramente** o lugar hu estauõ aquelles liuros e esconjuro-o que lho dissesse en toda guisa, e o bispo lhe contou todo cõmo lhe aueera, e dissy leuou os lyuros e foy-sse pera sua terra. [xv/orte/93v]: E hũu tenpo trouue Diogenis cõsigo hũu vasso de paaõ per que beuia, e vyo hũu moço beuer con sua mãõ que enchia dagoa, e logo quebrantou o uaso do madeyro, dizendo: **Verdadeyramête** eu nõ sabia que a natura me dera uaso per que beuesse. [xv/orte/110v]: Ca as dignidades nõ fazẽ ao homẽ **uerdadeyramête** digno, porque nõ arrincam os peccados nẽ exercitam as uirtudes e porẽ nõ ham hõrra nẽ reuerça, assy como faz a sabedoria e as outras uirtudes.

verdadeyramente → verdadeiramente.

verdadeyramête → verdadeiramente.

vergonnosamente – adv. (< *vergonnosa* [do lat. *verecundus*]^c: + *-mente*). ‘de modo vergonhoso’; ‘de maneira desonrada’. [xiii/cdsm/195]: E el con pobreza, | por gãar riqueza | fez grand’ avoleza, | disse que querria; | e mui **vergonnosamente** | la deu con vileza, | ca non por esposa.

viçosamente ~ **uiçosamête** – adv. (< *viçosa* [do lat. *vitiosus*-]^{mf}: + *-mente* ~ *-mête*). ‘de modo viçoso’; ‘de maneira alegre’; ‘com viço’; ‘com luxo’. [xiv/flos/12vc2]: E os frades que esto viiam esforçavam-se mais eno serviço de Jhesu Christo porque viiam homem que fora rico e honrado e criado **viçosamente** fazer tal vida. [xv/orte/151r]: Outrosy conta Uicente ãna Storia triptica que Pedro Damiam, duc de Ueneza, avia hũa sua molher que viuia tam dilicadamête e tam **uiçosamête**, que se nõ queria lauar cõ as aguas das fontes nẽ doutros lugares con que se acostumauã lauar os

homẽs, mas os seus seruos lhe apanhauã, donde quer que podiam, o orualho que caya do ceo pera se lauar cõ elle.

vilmente ~ **uilmente** ~ **ujlmente** – adv. (< *vil* ~ *uil* ~ *ujl* [do lat. *vilis*, *-e*]^{mf}: + *-mente*). ‘de modo vil’; ‘de maneira desprezível’. [S. XIV: E depois que o seu abade entendeu, amoestou-o per paravaõ que se partisse de tã torpes pecados e deostou-o muy **vilmente**, assi como el merecia. (FLOS - F28vC12)]. [[xiv/dsgd/38vc2]: Eem outro dia acharom | oseu corpo fora dacoua como da pir | meira uez . e forõ logo ao moesteiro | do padre sam beento e rrogaronno | cõ mujtas lagrimas que rroga | se adeus por seu filho queo rreçebesse | aterra queo atam **ujlmente** lan | çaua fora dessy. [xv/orte/153r]: E esto sinifica que as gracias corporaes nõ som senõ mezquindades, porque as folhas do lilyo, en quanto som floridas e estam ã elle, dam bõõ odor e confortã a uista, mais, depois que caaem ã terra, fedem muy **uilmente**.

visuelmête → visivelmente.

visivelmente ~ **visuelmête** – adv. (< *visivel* ~ *visuuel* [do lat. *visibilis*, *-e*]^{mf}: + *-mente* ~ *-mête*). ‘de modo visível’; ‘de maneira evidente’. [xiv/flos/25vc2]: Depos muytas coytas e muytos perigoos que sofri em aquel logar pelo enmiigo, veo a mim **visivelmente** por me espantar

victoriosamête – adv. (< *victoriosa* [do lat. *victoriosus*]^m: + *-mête*). ‘de modo vitorioso’; ‘de maneira exitosa’. [xv/orte/36v]: E, uêceo **victoriosamête**, onde diz Sam Joham ãno Apocalipsy: Sayu uêcedor por tal que uêcesse.

vmilldosamente → omildosamente.



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA



Y

yualmente ~ yualmête → igualm(en)te.
ynda → ainda

5 ANÁLISE DOS DADOS

5.1 “DANDO NOME AOS BOIS”

Uma das principais questões de reflexão deste trabalho tem a ver com o nome dos elementos em foco aqui aos quais a gramática tradicional e quase todos os falantes de língua portuguesa têm chamado de “advérbios”. A bem da verdade, mesmo o termo ‘adverbiais’ pode ser discutido, considerando o desajuste com o significado que lhe deu origem, como já apontado no primeiro capítulo e que convém repetir nesta seção.

Advérbio vem do latim *adverbium*, e recebeu esse nome por se considerar que estaria *ad* (próximo, perto, junto) ao *verbium* (verbo). Uma rápida análise do comportamento desses elementos revelou, há certo tempo, que essa aproximação, no entanto, não se restringe apenas ao verbo; é praticamente consenso entre as gramáticas que essa aproximação também se dá com os elementos conhecidos como “adjetivos” e até mesmo com outros “advérbios”, ultimamente, já é possível até ver a inclusão de frases, como escopos possíveis desses elementos.

Somente por essa expansão na consideração dos elementos circunvizinhos aos chamados “advérbios”, tão simploriamente exposta no parágrafo anterior, é possível atestar a justificativa de atenuação do nome por que é conhecido a tanto tempo o termo ‘adverbiais’ como se tem visto nos trabalhos linguísticos das últimas décadas. Entretanto, se considerados os critérios para uma boa formulação definitiva em que o *genus proximum* e a *differentiae* são levados em conta, cada vez mais os termos acima apresentam-se desajustados (cf. BIDERMAN, 1993; FINATTO, 2003; MACHADO FILHO, 2012).

Nesse ponto do raciocínio, parece fácil descartar os termos usuais e buscar a adoção de um outro que satisfaça a equação científico-metodológica proposta. Daí, um afunilamento das características desses elementos fez surgir opções como ‘indicadores’, ‘atribuidores’ e, por fim, ‘aditivos’. Esse último seria o termo que melhor funcionaria para renomear os chamados

“advérbios”, fugir da circularidade definitória e conciliar a natureza dos diferentes elementos que funcionam como esse grupo e têm sido subcategorizados como modificadores e não-modificadores, fazendo abrigar elementos caracterizados como opostos sob uma mesma classe⁵⁰. Essas unidades que, primariamente, **adicionam** condição ou circunstância a seus escopos, deslizam bidirecionalmente num *continuum* de gramaticalidade e utilizam algumas de suas formas para desempenhar diferentes funções, oferecendo contextos de fronteira com, pelo menos, outras quatro classes de palavras.

Ainda assim, importa ressaltar a adoção do termo ‘adverbiais’ e aqui cabem algumas explicações de porque este texto não chama esses elementos de ‘aditivos’. Não custa confessar que o termo ‘adverbiais’ chegou a ser substituído por ‘aditivos’ e que uma restrita e informal pesquisa de aceitação do novo termo foi encetada. E apesar de a aceitação informal ter sido unânime após a exposição da inadequação dos termos atualmente usados, a justificativa não poderia ser mais simples e o exemplo mais contundente: seria contraproducente substituir drasticamente o termo ‘advérbios’ por ‘aditivos’, já que o termo ‘adverbiais’ já aponta uma insatisfação com o termo anterior e um alargamento de visão desses elementos, suas características e funcionamento (cf. MONTENEGRO, 1999).

Vale a pena tomar como exemplo o caso do termo ‘átomo’. Como é sabido, ‘átomo’ em qualquer de suas acepções dicionarísticas relaciona-se com outros termos como ‘minúsculo’, ‘mínimo’, ‘partícula’, porque vem do grego *átomos,os,on* pelo latim *atomus,a,um* significando ‘o que não pode ser cortado, indivisível’. A hipótese de uma partícula indivisível, substancial à matéria, que foi lançada pela primeira vez na Grécia Antiga por Demócrito, tem sido discutida, já há algum tempo, por vários teóricos na tentativa de explicar o átomo, sua estrutura e interação com o meio, desenvolvimento científico que, desde 1911, quando o núcleo atômico começou a ser estudado, deu a largada para o entendimento de que, além das principais partes do átomo (nêutron, elétrons e prótons), existem diversas partículas subatômicas, ou seja, partículas intrínsecas ao átomo, como quarks, léptons e mésons, tornando a adoção do termo ‘átomo’ inadequada. O uso do termo, apesar disso, parece não ser assunto discutido, não se sabe se pelos mesmos motivos que fazem este trabalho manter o termo ‘adverbiais’ ou por sua área de estudo

⁵⁰ Sobre a caracterização dos elementos, tratar-se-á mais adiante.

não estar tão intimamente atrelada à ciência para qual a definição seja tão relevante como é o caso da pesquisa em apresentação neste texto.

Seguindo a fórmula do *genus proximum* e das *differentiae*, é possível dizer, que os adverbiais podem ser elementos gramaticais de variabilidade estrutural – podendo ser simples (uma unidade) ou compostos (mais de uma unidade), algumas formadas com o acréscimo do morfema *-mente*. Sua posição depende da função sintática exercida, sendo importante observar que podem selecionar diversos escopos (verbo, adjetivo, outro advérbio e oração, podendo ainda selecionar outros materiais linguísticos), característica bastante significativa para a sua mobilidade sintática. Sua significação está atrelada a sua função de aditivo de condição – aqui se inclui a qualificação, intensificação, modalização, e da atribuição de circunstância ou qualquer outro traço de especificação designado pelo adverbial a seu escopo.

5.2 UMA CLASSE DE ADVERBIAIS?

Quando a organização de palavras em classes torna-se tema de um estudo, primeiramente, inicia-se uma aventura que combina história, tradição, conformação e familiaridade. Isso porque é impossível tratar do assunto sem revisitar o pioneirismo dos estudos clássicos que apresentaram essa divisão raramente questionada ao longo do tempo em que se faz análise linguística e, mais sumariamente, que a escola fomenta com tanta superficialidade.

Aristóteles, um dos filósofos clássicos dos mais tradicionais, destacou como categorias dos objetos do pensamento a essência, a quantidade, a qualidade, a relação, o lugar ou o tempo, o estado, a ação permanente, a ação transeunte ou a paixão. Tal ideia, largamente difundida como ‘categorias aristotélicas’, tem seu berço em tempos pré aristotélicos, já que Platão já partia da distinção de palavras para chegar a suas funções sintáticas, na altura do século V a.C., tendo chegado, inclusive, a distinguir o substantivo do verbo. Ressalta, Mattos e Silva (2019b, p.16) que tal distinção possibilitou “uma compreensão analítica de estruturação da linguagem como representação do pensamento”; e que, nas palavras da autora, essa é “uma filosofia que só

alguns séculos depois vem a fundamentar uma gramática”. Gramática cuja tradição foi estabelecida por Aristóteles ao identificar outra categoria que não era nome nem verbo e que ficou conhecida como o grupo das conjunções.

Às dez categorias aristotélicas, relistadas por Benveniste (1976) como 1. a substância ou essência; 2. o quanto; 3. o qual; 4. o relativamente a quê; 5. o onde; 6. o quando; 7. o estar em posição; 8. o estar em estado; 9. o fazer; e, 10. o sofrer, o autor relaciona 1. aos substantivos; 2., 3., e 4., às formas de qualificar; 5. e 6. às classes de denominações espaciais e temporais e as última às categorias verbais.

Entre a maneira como Aristóteles apresentou suas categorias com a forma que, atualmente, a gramática tradicional acomoda o que se convencionou chamar de substantivos, adjetivos, pronomes, interjeições, artigos, numerais, advérbios, verbos, conjunções, preposições, em dez diferentes classes gramaticais, é possível observar, por exemplo, a divisão em língua latina que se dava, nas palavras de Stock (2000), entre palavras variáveis (flexionáveis) e invariáveis (inflexionáveis). E detalha:

Flexionáveis são os nomina, isto é, os nomes (palavras de nomeação/identificação) e os verbos (palavras que exprimem o tempo ou a ação); inflexionáveis são as partículas (palavras que substituem pequenas partes do discurso ou que servem de preenchimento). Aos nomes pertencem: 1. os substantivos (palavras principais); 2. os adjetivos (palavras que exprimem qualidade); 3. os pronomes (palavras de substituição); 4. os numerais (palavras que exprimem número). [...] As partículas pertencem: 1. os advérbios (palavras que exprimem circunstância); 2. as preposições (palavras que exprimem relação); 3. as conjunções (palavras de ligação); 4. as interjeições (palavras de exclamação). (STOCK, 2000, p. 12)

Atualmente, dá-se “tradicionalmente o nome de classes de palavras ou partes do discurso a conjuntos abertos de palavras, definidos a partir de propriedades ou funções semânticas e/ou gramaticais” (Basílio, 2008, p. 21). No caso dos adverbiais, vigora uma discussão sobre considerá-los ou não como um grupo, uma classe de palavras, como chama a gramática tradicional, já que agrupam elementos que apresentam características diferentes que flertam, usando-se de um compartilhamento de formas, com outras supostas classes de palavras, como tentar-se-á detalhar.

Já Câmara Jr. (2011, p. 86) explica que:

A tradicional classificação dos gramáticos greco-latinos está pautada em critérios heterogêneos, e confusos, e sem hierarquia entre si. Daí a divisão entre substantivo e verbo ser de ordem semântica e mórfica (tipos de flexão diferentes), mas entre substantivo e o adjetivo ser funcional (o primeiro como determinado e o segundo como determinante) dentro de um sintagma, e daí ainda o advérbio semanticamente ser de natureza nominal (ex.: *belamente, cedo, barato*) ou de natureza pronominal (ex.: *aqui*, que também é pronome demonstrativo, como *isto* e *este*; *onde*, que também é relativo); e assim por diante.

E sugere que se conservem as denominações tradicionais distribuindo-as de acordo com seus valores semânticos, mórficos e funcionais de modo que haja uma divisão primária pelo critério semântico-formal e uma divisão secundária pelo critério funcional. O resultado dessa fórmula, segundo Câmara Jr. (2011, p. 86) seria:

1) nome, pronome, verbo que se opõem, respectivamente, pela significação estática, dêitica e dinâmica e pela morfologia especial de cada grupo; 2) substantivo, adjetivo, em que se dividem os nomes e pronomes conforme são determinados. Ou determinantes no sintagma. O advérbio se caracteriza, funcionalmente, por ser determinante de um verbo ou de um adjetivo, e, morficamente, por ser um nome ou pronome sem flexão. De papel meramente funcional são os conectivos, que podem ser subordinativos ou coordenativos; constituem-nos as preposições, que são conectivos subordinativos para sintagmas lexicais, e as conjunções, uma classe híbrida que contém conectivos subordinativos para sintagmas oracionais (conjunções subordinativas) e conectivos coordenativos para sequências lexicais e oracionais (orações coordenadas). Entre os pronomes, os relativos também são conectivos subordinativos oracionais. A interjeição, como palavra-frase, fica fora dessa classificação dos vocábulos propriamente ditos.

Em se tratando dos estudos relacionados à língua hispana, o entendimento é bastante parecido, pelo menos para González Calvo (2000, p. 323-324):

Para establecer o fijar en una lengua una clase de palabra, es decir, para definirla, parece que únicamente son pertinentes o distintivos criterios de función o papel sintácticos y criterios morfológicos (sobre todo de flexión). En cambio, para establecer subclases dentro de una misma palabra, son imprescindibles los criterios semánticos y los de combinación en la secuencia; incluso los de combinación en la estructura interna de la palabra por derivación. En el criterio combinatorio entran tanto

la posición, distribución y orden de las palabras en la secuencia como las posibilidades de permutación o cambio de orden⁵¹.

Perini (2008; 2010) considera que somente o potencial funcional – as funções que pode ocupar nas estruturas da língua), determina a classe a que determinado item pertence. Acontece que, como alerta Basílio (2019, p.22 e 23⁵²) “(...), para os propósitos da descrição gramatical, classes de palavras definidas em termos de um critério único não constituem a melhor opção” e que “(...), existe uma relação geral óbvia entre as propriedades semânticas e gramaticais das classes de palavras, que deve ser registrada na descrição gramatical”. Interessante notar que o próprio Perini (2008) ao discorrer sobre o que chamou de ‘questões básicas’ diz que “as classes se colocam bem no centro da descrição e da teoria linguística. Classificar é um pré-requisito indispensável a qualquer análise” (p. 91); e que “uma classificação se faz por objetivos. Mudando o objetivo, muda a classificação; e uma descrição gramatical comporta muitos objetivos, portanto muitas classificações” (p. 91).

É preciso considerar que a divisão em classes de palavras serve muito mais como uma ferramenta pedagógica que tenta organizar a atividade que os diversos elementos gramaticais apresentam nas línguas, ainda que, assumam-se aqui que os adverbiais constituam-se em uma categoria de elementos que perpassem por outras diferentes categorias, revelando contundentemente a natureza originária de sua formação no sistema de casos latinos⁵³.

⁵¹ **Tradução:** Para estabelecer ou fixar um uma língua uma classe de palavra, quer dizer, para definir-la, parecer que unicamente são pertinentes ou distintivos critérios de função ou papel sintáticos e critérios morfológicos (sobretudo de flexão). Em troca, para estabelecer subclasses dentro de uma mesma palavra, são imprescindíveis os critérios semânticos e os de combinação na sequência; inclusive os de combinação na estrutura interna da palavra por derivação. No critério combinatório entram tanto a posição, distribuição e ordem das palavras na sequência como as possibilidades de permuta ou troca de ordem.

⁵² Respectivamente.

⁵³ Segundo Stock (2000), o sistema latino de casos previa ação adverbial pontualmente nos casos acusativo (tornando-se expressão adverbial para indicar destino na pergunta *para onde?*), e; dativo (com a função adverbial de fim em resposta à pergunta *para quê?* (*dativus finalis*), além de, principalmente, no ablativo, com o caso das declarações adverbiais com os *ablativus separativus* – correspondendo à pergunta *de onde?*, *ablativus locativus* – referindo-se à pergunta *onde?*, *ablativus sociativus* na resposta à pergunta *com quem?* e designando o modo na resposta à pergunta *como?* / *de que maneira?* e qualidade, quando ligado a um atributo (*ablativus qualitatis*), e,

Muito se tem dito sobre as incoerências de categorizar elementos gramaticais sem se tomar critérios claros e que situem a análise no nível linguístico adequado à discussão. Fato é que, em se pensando em língua, apesar de o modelo educacional (brasileiro, pelo menos), pautado na gramática tradicional, frequentemente, utilizar-se da separação dos níveis linguísticos para formular uma didática que seja capaz de fazer chegar ao entendimento do uso e funcionamento dos elementos gramaticais à disposição dos utentes, a verdade simples de compreender é que os níveis constituem, juntos, a língua num jogo de abstração teórica e uso prático que é, por vezes, imprevisível e difícil de ser demonstrada, explicada e compreendida.

Ainda assim, tomam-se neste texto os advérbiais como uma categoria, entendendo que agrupam elementos que atuam com o objetivo de adicionar uma condição ou circunstância a outros elementos. Por essa característica, aproximam-se numa escala de gramaticalidade de adjetivos, pronomes e conectivos, mas distinguem-se destes dependendo do tipo de escopo que selecionam, assumindo assim diferentes funções sintáticas a depender do contexto linguístico em que funcionem. Muitas vezes, como é possível atestar pelos dados dos *corpora* deste trabalho, os advérbiais compartilham suas formas com essas outras categorias, trazendo a necessidade de atenção à maneira como atuam para distingui-los das outras categorias. Outras, no entanto, revelam-se sob formas quase que indubitavelmente consideradas advérbiais; é o caso, dos elementos que apresentam a adjunção do sufixo *-mente* em sua composição ou outros como *sim*, *não*, *nunca*, *talvez*, *hoje*, *ontem*, *amanhã*, que ainda podem ser encontrados em uso substantivado.

Como já visto, as teorias do protótipo e da gramaticalização licenciam uma teoria por *continuum*. Já que a intenção deste trabalho é questionar quão rígidos ou fluidos são os limites desse grupo de itens em relação aos adjetivos e conectivos, já que esses elementos compartilham com os advérbiais alguns traços, apresenta-se o quadro abaixo que pretende, baseado na teoria dos protótipos e na teoria da gramaticalização, oferecer uma análise preliminar do potencial funcional de algumas classes de palavras:

por fim, *ablativus instrumentalis* em respostas às perguntas *com quê/ através de quê?*, *devido a quê?*, *quanto?* / *em que medida?*, *em que aceção?*, e designando preço aliado a verbos que designem compra, venda e custos.

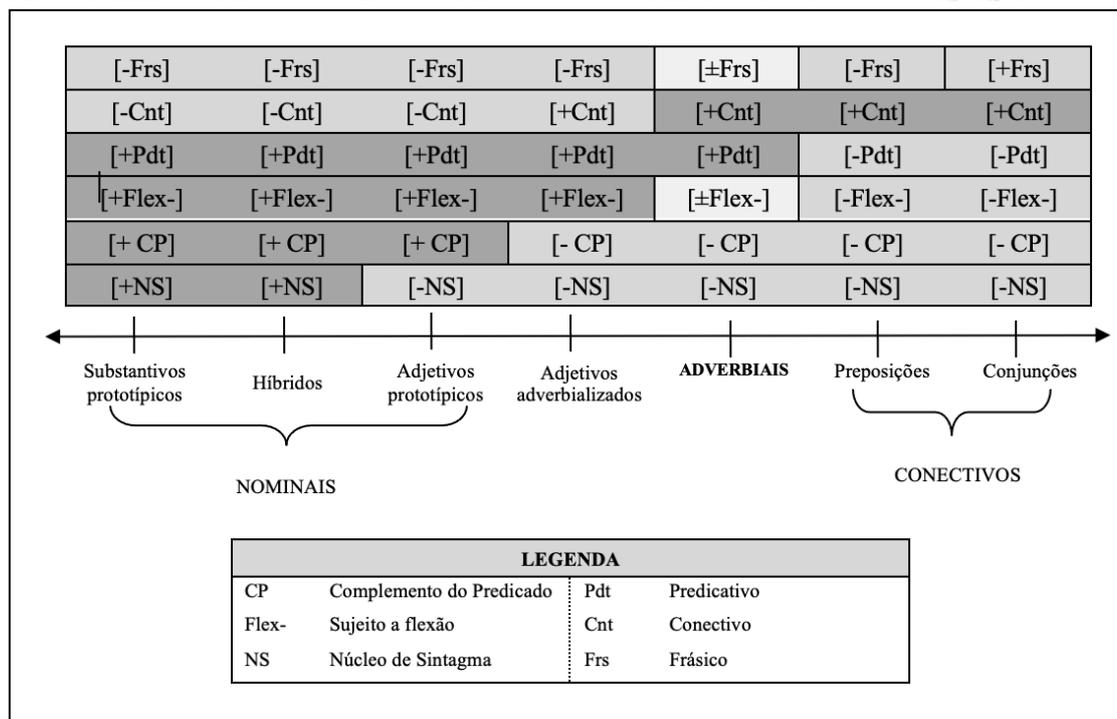


Figura 7. *Continuum* de traços dos nominais, adverbiais e conectivos.
Fonte: elaboração própria.

Vale ressaltar que os traços especificados no *continuum* acima oferecido propõem apenas ilustrar a natureza, alcance e limite dos elementos gramaticais destacados, a fim de oferecer uma conceituação e agrupamento mais adequados aos elementos gramaticais descritos.

5.3 ORGANIZAÇÃO GRAMATICAL EM CONTINNUM

É possível afirmar que a indistinção dos traços morfológicos, sintáticos e semânticos no tratamento dos adverbiais tem revelado ser o comportamento semântico priorizado no objetivo de conceituar e classificar esse grupo de elementos. Muitos estudiosos tem assim entendido, para a língua portuguesa, como Perini (2008; 2010), como viu-se anteriormente e para outras línguas, a exemplo do espanhol, como defende Gonçalves Calvo (2000, p. 323):

Una clase de palabra solo se podrá fijar con precisión en una lengua dada por las diferencias que mantenga con las otras clases de palabras existentes en esa misma lengua. Para establecer las clases y subclases de palabras en una lengua, hay que tener en cuenta, simultáneamente, todos los criterios pertinentes, que son: el semántico, el morfológico, el de papel o función sintáctica y el de distribución o combinación en la cadena⁵⁴.

Naturalmente, isso se dá devido à imanência de significar que está atrelada à língua; por isso, os traços apontados no quadro anterior são de níveis distintos de análise linguística. No caso dos adverbiais, a significação está atrelada à sua função⁵⁵ de **aditivo** – aqui se inclua a qualificação, intensificação, modalização, atribuição de circunstância ou qualquer outro traço de especificação designado pelo adverbial a seu escopo. Observe-se a circunscrição feita por Alvarez Martinez (1986, p. 158) para os advérbios: “Se puede definir como la categoría de lexemas cuya principal misión es la de funcionar como aditamento, sin que para ello requiera ningún transpositor”⁵⁶. Porém, como em espanhol o termo ‘aditamento’ deve mais adequadamente ser traduzido como ‘complemento’, vale destacar que não é o traço semântico que este trabalho pretende ressaltar, e sim, o de um ‘adicionador’, como se traduziria melhor o termo ‘aditivo’, aqui usado, em língua espanhola, ainda que o entendimento obtido é o de que o autor pretendia caracterizar os elementos adverbiais de maneira muito semelhante à pretendida aqui.

É importante salientar que o termo ‘aditivo’ foi eleito em lugar do termo ‘modificador’ tão comumente usado para tratar dos adverbiais por se entender que a modificação não é função exclusiva dos adverbiais. Os adjetivos também modificam seu escopo na medida em que lhe adicionam uma condição ou circunstância. A diferença da modificação entre adjetivos e

⁵⁴ **Tradução:** Uma classe de palavra só se poderá fixar com precisão em uma língua dada pelas diferenças que mantenham com as outras classes de palavras existentes nessa mesma língua. Para estabelecer as classes e subclasses de palavras em uma língua, há que ter em conta, simultaneamente, todos os critérios pertinentes, que são o semântico, o morfológico, o de papel ou função sintática e o de distribuição ou combinação na cadeia.

⁵⁵ Dissociado do termo função que remete ao funcionamento estritamente sintático do termo.

⁵⁶ **Tradução:** Pode ser definida como a categoria de lexemas cuja principal missão é a de funcionar como complemento, sem que para isso requisite qualquer transpositor.

adverbiais está, no entanto, além da seleção dos escopos, na posição em que as classes estão no *continuum* de gramaticalidade:

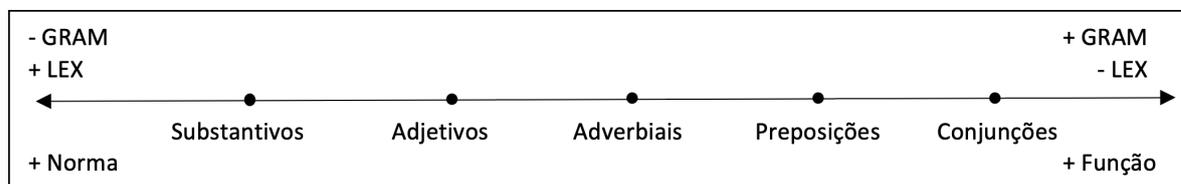


Figura 8. Recorte do *continuum* de gramaticalidade das classes de palavras.
Fonte: elaboração própria.

Isso porque o adjetivo, de natureza mais extralinguística, apresenta uma modificação mais sintagmática, enquanto o adverbial, mais funcional, com modificação que tende ao aspecto frásico, modifica a relação que se impõe fora de um sintagma, o que ocorre de maneira inversa com os adjetivos. Sua proximidade no *continuum*, no entanto, dá indícios do que parece ser uma espécie de paralelismo entre as classes, considerando que adjetivos e advérbias apresentem a função de adicionar uma condição, enquanto preposições e conjunções sirvam para estabelecer relações e os substantivos e verbos tenham o papel de reger seus sintagmas. Lembre-se que L. Hjelmslev “no sólo considera nombres a los tradicionalmente definidos como tales (sustantivo y adjetivo), sino que incluye asimismo al adverbio, porque entiende que em ocasiones el sustantivo y el adjetivo pueden actuar como término terciario^{57,58} (ALVAREZ MARTINEZ, 1986, p. 147). Assim, reforça-se a realidade da tenuidade das fronteiras entre classes de palavras, que é um tema abordado até por algumas gramáticas tradicionais, como foi possível ver na síntese das abordagens oferecidas em capítulo anterior. Para exemplificar tal situação, vale rever as seguintes orações:

⁵⁷ Segundo Alvarez Martinez (1986, p. 148), com tradução nossa, quando o substantivo perde a modificação de plural que é própria de sua natureza para encontrar-se adjetivado ou adverbializado.

⁵⁸ **Tradução:** “não somente considera como nomes os tradicionalmente definidos como tais (substantivos e adjetivos), mas também inclui o advérbio, porque entende que às vezes o substantivo e o adjetivo podem atuar como termo terciário.

(26a) Ele é muito homem.

(35) Ela escreve rápido.

A oração (26a) mostra um elemento usualmente indicado como substantivo, em função qualificadora; a (35), no entanto, apresenta uma forma normalmente identificada como adjetivo, elemento nomeadamente qualificador, mas selecionando como escopo um verbo, foco reconhecido por gramáticos e linguistas como de modificação dos adverbiais.

Nesse ponto, importa deter-se um pouco sobre o *continuum* apresentado na figura acima para reforçar sua natureza bidirecional, ainda que o uso desse recurso represente apenas uma ferramenta didática para a compreensão das relações linguísticas entre os grupos de palavras. Importa também ressaltar a compreensão da existência de uma relação muito próxima entre adverbiais e elementos pronominais, sobretudo, em sua atuação dêitica, e, obviamente, entre adverbiais e verbos, elementos que podem ser apresentados sem litígio como núcleo das relações morfossintáticas em língua portuguesa; relações não abrangidas pelo *continuum* que não consegue alcançar toda abstratização dessas relações que, na verdade, não são lineares como a imagem faz parecer. Alvarez Martinez (1986, p. 149) parece também entender a funcionalidade do modelo de *continuum* para apresentar as relações entre grupos, pois, ele mesmo fez uso de um gráfico linear para demonstrar as relações nominais de que trata em seu texto:

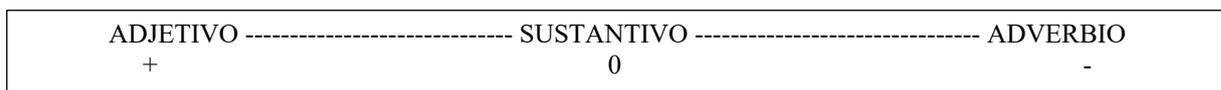


Figura 9. Gradação entre adjetivo, substantivo e advérbio.
Fonte: Alvarez Martinez (1986, p. 149).

Explica o autor que

este gráfico no supone, ni presupone, que para que una unidad se convierta de adjetivo en adverbio haya de pasar necesariamente por el sustantivo – es sin duda una

posibilidad, pero no de obligado cumplimiento –. (...) En efecto, por lo general la transposición del adverbio a sustantivo requiere el paso previo por la categoría de adjetivo.⁵⁹ (ALVAREZ MARTINEZ, 1986, p. 149-150)

Basílio (1995) também versa sobre a flutuação entre substantivos e adjetivos. A autora afirma que a diferenciação entre tais classes tem vez no fato de que seus membros não apresentam propriedades semânticas e situações de ocorrência completamente distintas e pelo fato de as gramáticas utilizarem diferentes critérios para a definição de cada classe; o substantivo é definido em termos semânticos e o adjetivo, geralmente, em termos sintáticos ou funcionais. Chama atenção a análise da autora por destacar também a substantivação de adjetivos. Para essa situação, ela dá os seguintes exemplos:

(36) Os velhos dormem pouco.

Não custa dizer que até mesmo as gramáticas tradicionais oferecem exemplos análogos como o visto em (36), porém lhes acompanham a máxima de que qualquer palavra antecedida por artigos seria considerada como substantivo.

Basílio (1995, p. 192) resume sua abordagem nas seguintes palavras:

Vimos, na análise de diferentes tipos de formação em português, que a aparente dificuldade de se distinguir adjetivos de substantivos se deve a propriedades de utilização de palavras de cada classe em situações restritas da outra classe, motivadas pela possibilidade de mudança de função, ou seja, correspondentes a situações em que ou um substituto exerce função de caracterização ou um adjetivo exerce função de designação. Dada esta relação e tendo em vista que não se verifica uma mudança integral de propriedades semânticas, sintáticas e morfológicas, devemos concluir que o fenômeno de flutuação adjetivo/substantivo em português é mais adequadamente descrito por um princípio geral segundo o qual designadores podem eventualmente funcionar como caracterizadores e vice-versa, caso em que as propriedades semânticas gerais apresentarão alterações em contextos restritos.

⁵⁹ **Tradução:** este gráfico não supõe, nem pressupõe, que para que uma unidade se converta de adjetivo em advérbio tenha que passar necessariamente pelo substantivo – é sem dúvida uma possibilidade, mas não é obrigatório esse cumprimento –. (...) De fato, em geral a transposição do advérbio ao substantivo requer a passagem prévia pela categoria de adjetivo.

Ainda que Castilho (2010) restrinja situações como em (26a) ocorridas apenas em expressões metafóricas e que a substantivação de adjetivos não chegue a ser novidade nem para estudantes de ensino fundamental, é inegável que a constatação da flutuação entre substantivos e adjetivos também configure uma ruptura nos paradigmas que têm sido perpetuados ao longo da história do ensino de língua portuguesa. Por outro lado, casos como exemplificados em (35) são amplamente discutidos por Mariana Gonçalves Barbosa em sua dissertação de mestrado intitulada ‘Gramaticalização de advérbios a partir de adjetivos: um estudo sobre os adjetivos adverbializados’, que foi defendida em 2006, na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Nesse trabalho, Barbosa (2006, p. 8) resume o que chama de ‘flutuação categorial de adjetivos para advérbios’ com as seguintes palavras:

Analisamos, neste trabalho, adjetivos que, em contexto sintático-semântico típico de predicativo, permanecem invariáveis, apresentando comportamento adverbial. [...] Fatores de motivação extralinguística também foram observados e demonstraram que falantes adolescentes ou adultos, com baixo grau de escolaridade e em elocução informal tendem a favorecer o uso de adjetivos adverbializados. Os resultados obtidos na análise apontam a instabilidade categorial entre adjetivos e advérbios como um processo de gramaticalização. Entre eles, temos: o caráter mais abstrato dos adjetivos que formam a estrutura em análise; sua alta frequência, se comparado àqueles que não permitam uso adverbial; a fixação de posição imediatamente após o verbo; os adjetivos adverbializados constituem uma série fechada e, muitas vezes, formam uma expressão mais cristalizada; por ocorrerem, preferencialmente, na fala coloquial, apresentam maior frequência no discurso, facilitando a gramaticalização.

Alvarez Martinez (1986, p. 148), considerando a análise em língua espanhola, também admite que “la delimitación entre adverbio y adjetivo no es lo suficientemente clara”⁶⁰, como já está solidificadamente comprovado por diversos estudos.

Importa ainda ressaltar a relação entre adverbiais, preposições e conjunções e as convergências e divergências que caracterizam as fronteiras entre os adverbiais e os conectivos. Poggio (2002, p. 79) lembra que

no latim, a relação entre os vocábulos na sentença era marcada, quase sempre, pelas flexões causais, sendo expressa, algumas vezes, apenas pela diferença na quantidade

⁶⁰ Tradução: “a delimitação entre advérbio e adjetivo não é suficientemente clara”.

vocálica da vogal final do vocábulo, utilizando-se também, embora secundariamente, os elementos de relação chamados preposições. Na época clássica, [...], o uso da preposição tornou-se necessário apenas para maior clareza ou ênfase, uma vez que os casos morfológicos latinos exprimiam as relações funcionais entre os elementos.

Vários autores reportam-se ao uso de advérbios como preposições, como Ernout e Thomas (1953, *apud* POGGIO, 2002, p. 92) e Magnien (1948, *apud* POGGIO, 2002, p. 92), os quais, respectivamente, assinalam:

Inicialmente, as partículas ou advérbios autônomos precisavam a relação expressa pela forma causal. Pouco a pouco, entretanto, pelo seu caráter acessório, essas partículas colocaram-se diante de verbos como preverbos (*ad-fero, ex-eo, in-pono, sub-mitto* etc.) ou diante de nomes como preposições (*ad eum, ex urbe e in urbem, sub montem e sub monte* etc.).

É o sentido adverbial que persiste nessas formas, quando elas entram na formação de verbos compostos e nos compostos nominais.

Segundo Coutinho (2011), a maioria das preposições latinas passou ao português, ao contrário das conjunções que, para suprir tal necessidade, recorreram a outras classes de palavras, sobretudo a advérbios e preposições, dando-lhes função conjuncional. Nas palavras de Castilho (2009, p. 288): “Preposições e advérbios são predicadores, isto é, atribuem ao seu escopo propriedades de que ele não dispunha”. A divergência entre preposições e advérbios, para o autor, dá-se no fato de as preposições, ao contrário dos adverbiais, serem transitivas e estabelecerem nexos sentenciais.

Lembra Franchi (2003, p. 155-16) que predicação concebe-se

nestes textos, como uma relação de sentido entre expressões linguísticas, ou seja, determinada pelas propriedades semânticas dos itens lexicais e das combinações de itens lexicais constituintes de uma unidade sintática. Lembre-se, ainda, que a Predicação não se restringe a uma relação semântica entre itens lexicais, mas envolve expressões complexas em processos componenciais e composicionais.

E que

a forma abstrata por que caracterizamos a Predicação e as relações temáticas, incluem como predicadores e atribuidores de papéis temáticos adjetivos, advérbios e preposições. (FRANCHI, 2003, p. 159)

Por isso, Perini (2010) chama atenção para as relações de sentido expressas pelas preposições. Essa ótica pode ser encontrada em algumas gramáticas de língua portuguesa, a exemplo de Bechara (1999, p, 518) que enumera uma série de preposições e locuções prepositivas expressando os valores de causa (*com, em, por, devido a, em virtude de, em vista de*); concessão (*sem - negando a causa e a consequência -, apesar de, não obstante*); condição (*a, sem*); consequência (*de*); finalidade (*a, de, para, em, a fim de*); meio e instrumento (*com, de*) e tempo (*antes de, a, depois de, após, prestes a, até*). Não custa destacar a semelhança desses papéis temáticos com as classificações dos advérbios feitas, comumente, nas análises gramáticas mais gerais.

Além da característica de predicação, destacada por Castilho (2009), a função conectora, oferecida por Moura Neves (2000) e Silva (2005), também é apontada como uma convergência entre preposições e advérbios. Moura Neves (2000) se vale dos advérbios juntivos, de valor anafórico, que podem se referir a uma porção de oração ou a um sintagma precedente; enquanto Silva (2005) identificou desde os conectores propriamente ditos (*mas, embora*), permeando os itens que, embora não julgados como conectores, responsabilizam-se por denunciar esse sentido (advérbios e locuções advérbias; preposições e locuções prepositivas: *em vez de, apesar de, sem* etc.) até chegar a outros meios (oposição sem conector), incluindo aí: “itens lexicais antonímicos”, “a negação”, “a semântica do verbo”, além da “sequencialidade temporal (antigamente/hoje, por exemplo)” (SILVA, 2005, p. 101). Isso sem contar com o fato de alguns gramáticos considerarem um tipo de advérbio conjuntivo, como dito anteriormente.

Sobre a origem das conjunções, também informa Ali (1964, p. 220):

Obscura é a origem de algumas conjunções latinas; porém a julgar por aquelas cujo histórico se conhece, a linguagem não teria criado (*sic*) vocábulos especiais para constituir a nova categoria. Serviram a este fim advérbios que, de modestos determinantes de um conceito único, se usaram como determinantes de toda uma sentença; e serviram também pronomes do tipo relativo-interrogativo, ou temas pronominais acrescidos de novos elementos.

Assim como Coutinho (2011) outros poucos autores têm dado destaque à relação entre advérbios e conjunções. Segundo Longhin-Thomazi (2006, p. 59), a correlação estreita entre advérbio e conjunção também é mostrada no trabalho de Mithun (1988) que mostra que as conjunções coordenativas tendem a derivar principalmente de advérbios discursivos. A autora também destaca que Câmara Júnior (1973), que, mais categoricamente chega a defender que a conjunção coordenativa é, geneticamente, sempre um advérbio, chamando atenção para o fato de que as conjunções não são os únicos mecanismos gramaticais que dão conta de expressar a coordenação sindética, em português, já que há uma série de advérbios que, quer simples ou em locução, estabelecem um elo coordenativo entre orações e até mesmo porções maiores de texto.

Neste ponto, vale refletir sobre a ordem dos conectivos no *continuum* e esclarecer que a antecedência das preposições em relação às conjunções se dá por serem aquelas mais sintagmáticas, enquanto as conjunções são mais frásicas; um paralelismo entre a relação entre adjetivos e adverbiais, nestes termos, idêntica. Fica claro assim que a herança adverbial de que dispõem preposições e conjunções estabelece um vínculo entre essas classes que as tornam vizinhas no *continuum* de gramaticalidade, ainda que haja uma hibridização de traços e, porque não dizer, de funções dos elementos nas fronteiras.

Para ilustrar, é possível imaginar um condomínio de casas separadas, cujos quintais não possuem grandes divisórias, e, em cujos espaços de separação, as crianças brincam e os moradores das casas convivem. Cada casa possui seus moradores, no entanto, um visitante não usual não possui experiência para identificar que pessoa mora em que casa, visto que, no espaço de convivência, não há qualquer tipo de marcação de território. Os adultos cumprimentam seus vizinhos e se relacionam uns com os outros, mas isso não impede que uma observação mais atenta identifique quem mora onde. De volta à realidade deste trabalho, é possível transcrever a situação imaginada acima, fazendo a seguinte explanação: O condomínio é o *continuum* entre as classes de palavras, que são as casas separadas. As crianças brincando fora de casa são os elementos híbridos, interclasses; já os adultos são os elementos prototípicos das classes. Assim como é mais fácil identificar que adulto mora em que casa, é mais fácil identificar os elementos

prototípicos por sua marcada delimitação de território, suas características que se apresentam de modo mais destacado. A metáfora tem fim didático, mas é importante ressaltar que, no caso dos elementos gramaticais, há a complexidade, imanente da língua em seus usos, que se apresenta em contextos tão dúbios que, principalmente na análise do português arcaico, não permitem, por vezes, a definição do escopo selecionado ou da função exercida pelo elemento. Aliás, se fosse diferente, uma teoria que admita a existência de elementos híbridos que funcionam entre as classes não seria muito convincente; embora a abstratização que demanda considerar traços, funções, escopos e tudo que aqui é proposto, ainda que de maneira embrionária, tenha alguma corpulência.

A fluidez entre os adverbiais e alguns elementos nominais e conectivos, mais especificamente, adjetivos e preposições, tem vez no *genus proximum* observável, sobretudo, nos traços de função relacionados a esses elementos, como se expõe na figura 7 deste trabalho.

Com os adjetivos, compartilha, dentre os traços elencados no quadro, os traços de [-NS] e [+Pdt]. O que distingue o adjetivo do adverbial, como se vê, são os traços [CP], [Flex], [Cnt] e [Frs], entendendo que o adjetivo é [+CP], [+Flex] e [-Frs], ao contrário dos adverbiais que são [-CP], [±Flex] e [±Frs], chamando atenção para o fato de compartilharem os traços de [-CP], e [+Pdt] com os adjetivos adverbializados. A figura 7 revela outros traços compartilhados por esses elementos: [-CP], e [-NS] (compartilhados com os adjetivos adverbializados, como já dito, e com os conectivos). Desse modo, o que distingue os adverbiais dos conectivos é justamente a função de funcionar como predicativo, não exercidas por preposições e conjunções. A distinção entre os conectivos se dá pela natureza frásica apresentada pelas conjunções, enquanto preposições são elementos sintagmáticos.

É importante ainda ressaltar a invariabilidade como característica comum entre adverbiais e conectivos, além do fato de que, para muitos gramáticos, esses elementos se assemelhem nos papéis temáticos de que se utilizam na explicitação da relação existente entre suas formas e seus significados. De qualquer forma, há ainda o fato de se contraírem com adverbiais a fim de expressar significados específicos, como em *daqui, dali, dentre, donde*, etc., e de se comporem com estruturas adverbiais, como defende Cunha (2007, p. 315):

Quando uma preposição vem antes do advérbio, não muda a natureza deste; forma com ele uma locução adverbial: *de dentro, por detrás*. Se, ao contrário, a preposição vem depois de um advérbio ou de uma locução adverbial, o grupo inteiro se transforma numa locução prepositiva: *dentro de, por detrás de*.⁶¹

Em suma, vale destacar que, desde o latim, a ocorrência de elementos híbridos, que atuam num espaço de interclasses, é fato observável, principalmente considerando os adjetivos com valor adverbial, os adverbiais que funcionam como modificadores de nominais, ou como predicativos, ou como conjunções etc. Assim, os adverbiais, assim como outros elementos, podem mudar de classes de palavras a depender da função sintática que estejam exercendo na frase. É fato que os adverbiais são elementos de natureza incontestavelmente heterogênea e que, do indo-europeu ao português, constituem-se como elementos extremamente versáteis. Por isso, é inegável a necessidade de considerar, em sua análise, os campos semântico, sintático, morfológico e discursivo, como propõe Castilho (2010); mas é igualmente inegável seu potencial funcional decorra de sua representação nesses campos de análise.

Aliás, parece bastante coerente a afirmação de Perini (2002) de que no conceito de modificação fundem-se sintaxe e semântica; e, por isso mesmo, talvez seja melhor considerá-la complexa e não obscura como propõe o autor (ainda que essa obscuridade se dê em função da abstratização que exige). E sim, a modificação aplica-se a outras palavras que não estejam em função de adverbiais, como observa-se na figura 7. Por fim, ressalte-se que, como sugere Perini (2002, p. 297), “é necessário estabelecer a lista de propriedades gramaticais a serem consideradas relevantes, e ninguém sabe quantas são, nem quais são, à parte algumas propostas preliminares”. Que os adverbiais ofertados pelos *corpora* de análise deste trabalho possam oferecer uma lista dessas propriedades, de modo que os estudos tão controversos dessa classe de palavra possam avançar.

⁶¹ Grifos do autor.

5.4 OS ADVERBIAIS DOS *CORPORA*

Não é apenas a questão da origem e manutenção do termo que aproximam o átomo do modelo de funcionamento de uma língua. O maior parte dos modelos atômicos podem ilustrar, com alguma aproximação, o funcionamento dos níveis linguísticos, como é possível observar através das imagens e descrição a seguir. Optou-se por acrescentar mais essa ferramenta didática, pois, como falado anteriormente, o modelo de *continuum* não consegue expressar a situação das classes de palavras dentro dos níveis linguísticos em perfeita conformidade com o que ocorre, sobretudo porque faz parecer que as relações entre os elementos são lineares, não possibilitando expor todas as relações possíveis, ainda mais considerando o efervescer da língua em uso.

Com o aprofundamento de estudos e acesso a ferramentas que viabilizam cada vez mais o fazer científico, do estabelecimento do átomo como um constituinte básico da matéria por Dalton (A), passando pela descoberta dos elétrons com Thomson (B), até o modelo consagrado por Rutherford (C), a ideia de modelo de átomo foi sofrendo mudanças ao longo dos tempos extrapolando, inclusive, esse último ao agregar as alterações feitas por Bohr (D) e chegar ao modelo atual da nuvem eletrônica, defendido por Heisenberg, Schrödinger e Dirac (E), como é possível acompanhar na figura abaixo:

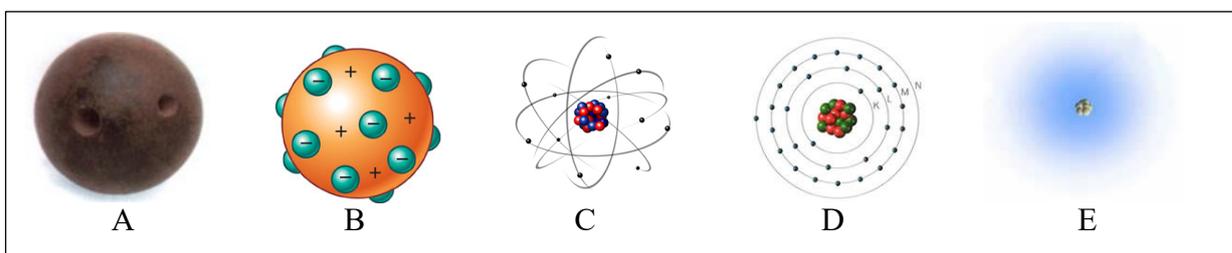


Figura 10. Evolução dos modelos atômicos.

Fonte: elaboração própria.

Ao pensar no funcionamento das línguas, a adoção do modelo da nuvem eletrônica torna-se bastante atrativo, considerando, como dito anteriormente, que este funcionamento é algo tão dinâmico que faz a harmonia entre todos os níveis, categorias e funções parecerem completamente abstratos, como na verdade são, sobretudo na fala. Como o objetivo do uso do modelo atômico aqui é ter uma ferramenta didática que traga alguma compreensão das relações linguísticas listadas, utilizar-se-ão os modelos de Rutherford e Bohr.

Com esses modelos é possível observar a existência de um núcleo e algumas camadas de níveis de energia. Os manuais de química explicam que, para o átomo, é possível a ocorrência de até sete dessas camadas (ou órbitas) as quais contêm, cada uma, uma quantidade específica de elétrons que giram em torno do núcleo num espaço conhecido como eletrosfera. Os níveis de energia de cada camada são determinados por sua proximidade com o núcleo, quanto mais afastadas do núcleo, maior a energia dessa camada, quanto mais próxima do núcleo, menor a energia; inversamente, o núcleo exerce cada vez menos poder de atração a medida que a camada se distancia dele. Os elétrons podem mudar de camada recebendo, assim, mais energia se passam a uma camada mais exterior (e, conseqüentemente, deixando o átomo em estado de maior agitação/estímulo) ou perde energia cada vez que se aproximam do núcleo; mas a sua tendência é de que tenham a menor energia possível, o que os químicos chamam de estado fundamental do átomo.

Perini (2010, p. 135) afirma que “se existe uma chave para a sintaxe do português, é o verbo”. O autor chega a dizer que “de todas as classes de palavras, o verbo é certamente o mais fácil de reconhecer, por seus sufixos característicos (...) e pela relação com os outros membros do seu lexema” e que “o lexema verbal é, de longe, o mais rico da língua” (p. 307). Aliás, dada a expressão do verbo tanto em morfologia quanto em sintaxe, parece que seria consensual relacionar o verbo ao núcleo de um modelo atômico-linguístico. Observe-se, por exemplo, que o verbo é o único elemento que mantém o mesmo nome nos dois níveis de análise. Seguindo a representação atomística, é possível estabelecer uma analogia entre as sete camadas de energia do átomo a sete grupos de palavras: substantivos, adjetivos, adverbiais, preposições, conjunções, pronomes e interjeições. Note-se que o modelo de Bohr apresenta o detalhamento

do átomo flagrando as suas camadas de energia num estado de imobilidade que favorece a localização das classes de palavras no sistema, como demonstra-se na figura 11:

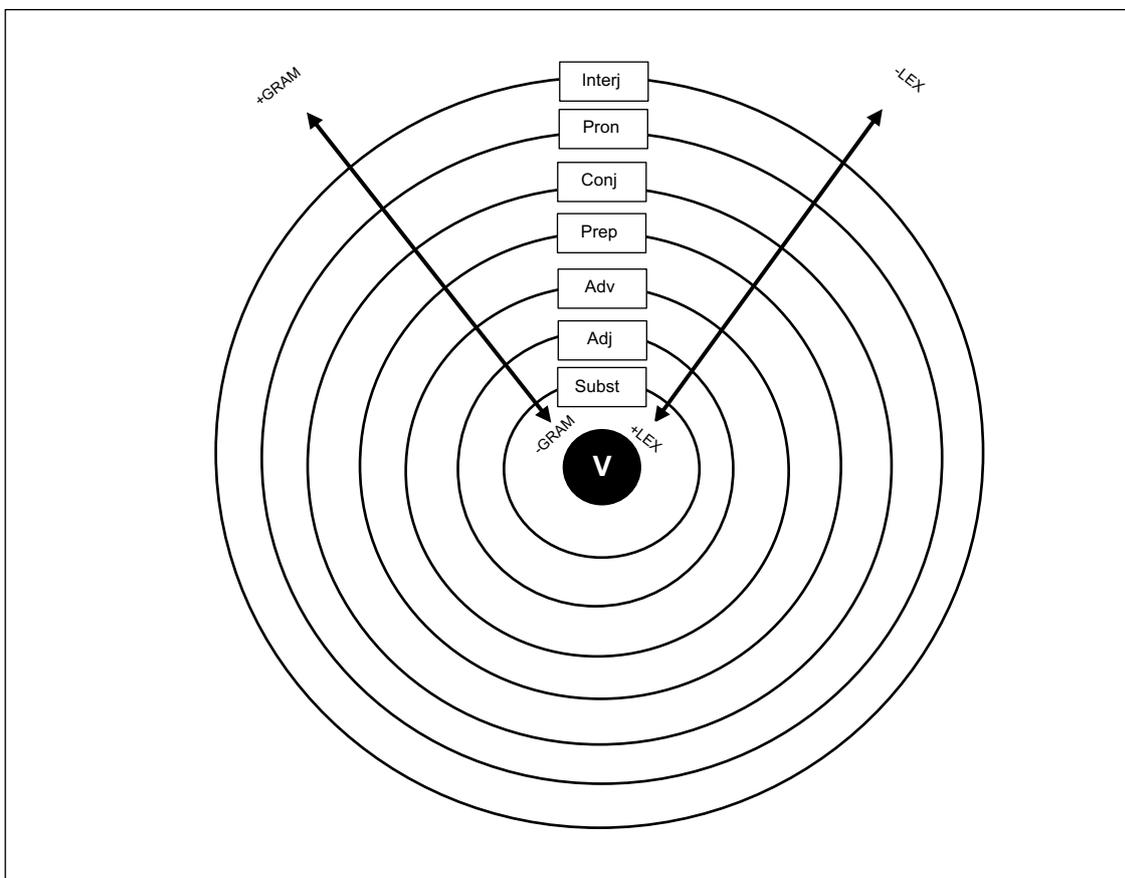


Figura 11. Modelo atômico-linguístico estático de classes de palavras.
Fonte: elaboração própria.

O modelo de Bohr funciona bem para organizar as classes abertas e classes fechadas de palavras, levando em conta que verbo, substantivo e adjetivo seriam [+substantivas], classes lexicais; conjunções e pronomes representam as classes fechadas [-substantivas], também chamadas de classes funcionais ou gramaticais, e; adverbiais e preposições estariam na fronteira entre essa classificação podendo vincular-se a ambas as classes dependendo do contexto. Os especificadores não foram considerados nesta análise por não apresentarem compartilhamento de forma/função profícuo com os advérbios⁶². Já o modelo de Rutherford tem a vantagem de

⁶² Apesar de este texto não ter metodologia teórica baseada nos estudos gerativistas, vale apontar que estes consideram os especificadores como argumentos externos, que não se juntam ao verbo, possuindo, portanto,

ilustrar uma realidade comum entre átomo e classes de palavras e deveras relevante: assim como elétrons das camadas de energia do átomo estão em constante movimento, os elementos das diferentes classes de palavras também se movimentam tanto ao redor do verbo quanto entre si num jogo de fricção e compartilhamento de formas em diferentes funções, promovendo o que se tem chamado aqui de fronteiras linguísticas.

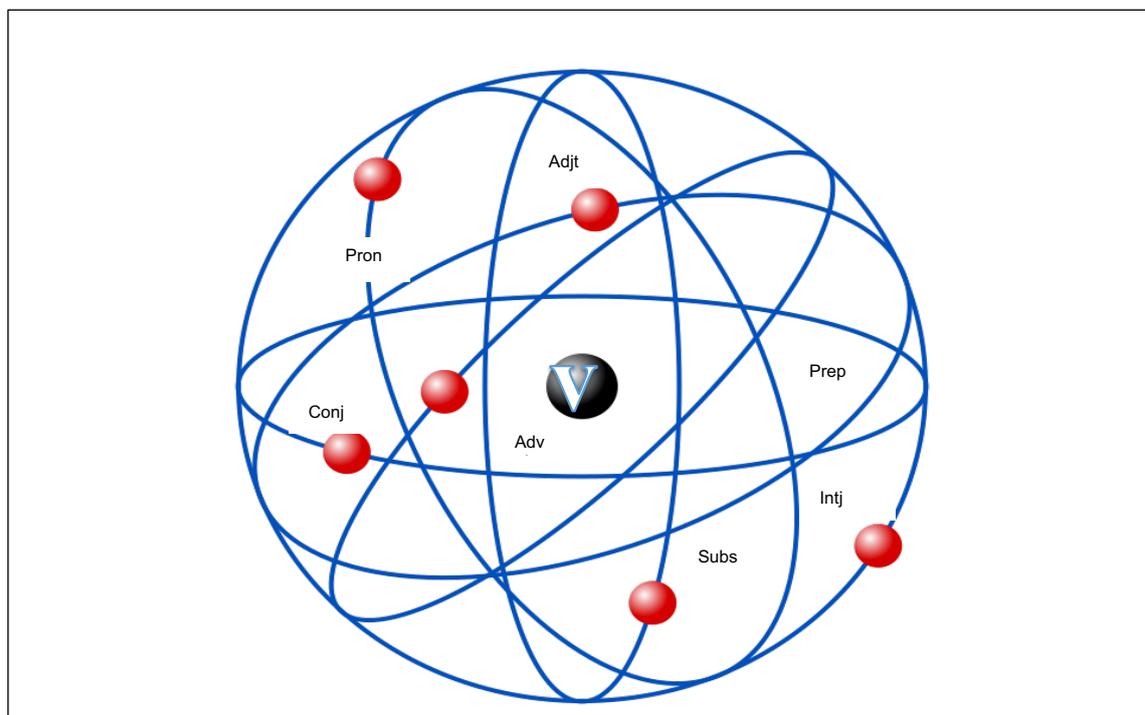


Figura 12. Modelo atômico-linguístico de classes de palavras em movimento.
Fonte: elaboração própria.

Sobre essa zonas, defende, oportunamente, González Calvo (2000, p. 310) que

Siempre he entendido que un buen método lingüístico ha de abordar con decisión el estudio de las dificultades fronterizas entre unidades, categorías, clases, o lo que sea y se quiera nombrar. Esas zonas de transición no solo no deberían anular definiciones rigurosas por parecer que no es posible asir o aprehender algo por completo, sino que deberían reforzarlas al reorientarlas y precisarlas. No sé por qué hay que ver como confuso o borroso lo que probablemente sea el aspecto que muestra mejor el

características peculiares em relação aos demais elementos na gramática. Com respeito a isso, cf., p.e. Raposo (1993).

movimiento o vitalidad de las lenguas, entendidas como hechos sociales e históricos, como instituciones humanas.⁶³

Com isso em mente, doravante, a apresentação dos dados desta pesquisa será abordada partindo da análise das zonas de fronteira, observação das zonas não fronteiriças e, finalmente, visão geral dos elementos nos *corpora*.

A funcionalidade e versatilidade dos elementos gramaticais pode ser representada facilmente em se tratando das relações com advérbias. Esses elementos fazem compartilhamento de formas para transitarem funcionalmente com substantivos, adjetivos, pronomes, conjunções, preposições e, até mesmo, interjeições. Não é difícil exemplificar essas situações como se pode observar abaixo:

- A. O **amanhã** a Deus pertence.
- B. A professora escreve **rápido**.
- C. Aquele homem come **muito**.
- D. Saiu pela estrada **afora** sem olhar para trás.
- E. Você não deveria pensar **assim** quando já tem experiência suficiente sobre o assunto.
- F. **Então!** Foi o que eu disse.

No entanto, é preciso admitir que em um *corpora* que compreende quatro séculos de verdadeira efervescência no sentido de promover mudança linguística e que agrega 20 (vinte) textos em português arcaico de diferentes gêneros, uma metodologia que utilizasse a leitura

⁶³ **Tradução:** Sempre entendi que um bom método linguístico tem que enfrentar decisivamente o estudo das dificuldades fronteiriças entre unidades, categorias, classes ou o que seja e se queira nomear. Essas zonas de transição no somente não deveriam anular definições rigorosas por parecer que não é possível agarrar ou apreender algo por completo, mas deveria reforçá-las ao reorientá-las e torná-las mais precisas. Não sei porque tem que parecer confuso ou apagado o que provavelmente seja o aspecto que mostra melhor o movimento ou vitalidade das línguas, entendidas como fatos sociais e históricos, como instituições humanas.

integral dos documentos em detrimento do uso de ferramentas como a usada (Wordsmith) tornou-se inviável diante da necessidade de apresentar, além desta análise, um produto lexicográfico como o proposto aqui. Isso porque, a necessidade de leitura integral para a apreensão de todos contextos de fronteira é um método indispensável para o reconhecimento dos elementos de fronteira. De qualquer forma, como o compartilhamento de formas com os substantivos é marcada quase sempre pela determinação, tornando a demarcação funcional mais simples de ser realizada, parece não haver tanto prejuízo científico, para o que se propõe, com a não apresentação de dados que exponham todos os dados que representem essa relação. No caso das conjunções e das interjeições, o uso da pontuação também auxilia a limitação funcional.

O movimento e vitalidade de que fala González Calvo (2000, p. 310) pode ser fartamente observado nos elementos de fronteira do *corpora* deste trabalho. E tão numerosos e profícuos são em suas relações que foi preciso subdividi-los em três grupos, conforme apresentam-se a seguir:

- I. **Unifronteiriços:** são elementos que apresentam compartilhamento do tipo binário. Funcionam ora como adverbiais, ora como outra classe de palavra (x).

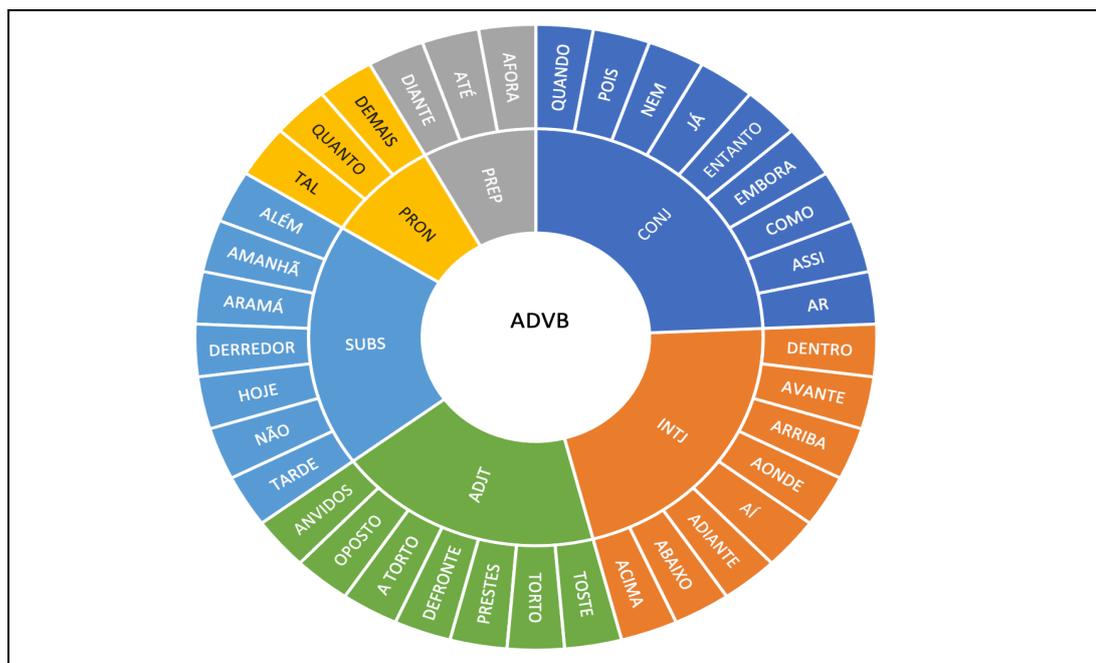


Figura 13. Distribuição dos elementos unifronteiriços.
Fonte: elaboração própria.

II. Bifronteiriços: são elementos que apresentam compartilhamento do tipo terciário. Funcionam ora como adverbiais, ora como uma classe de palavra (x), ora como outra classe de palavra (y).

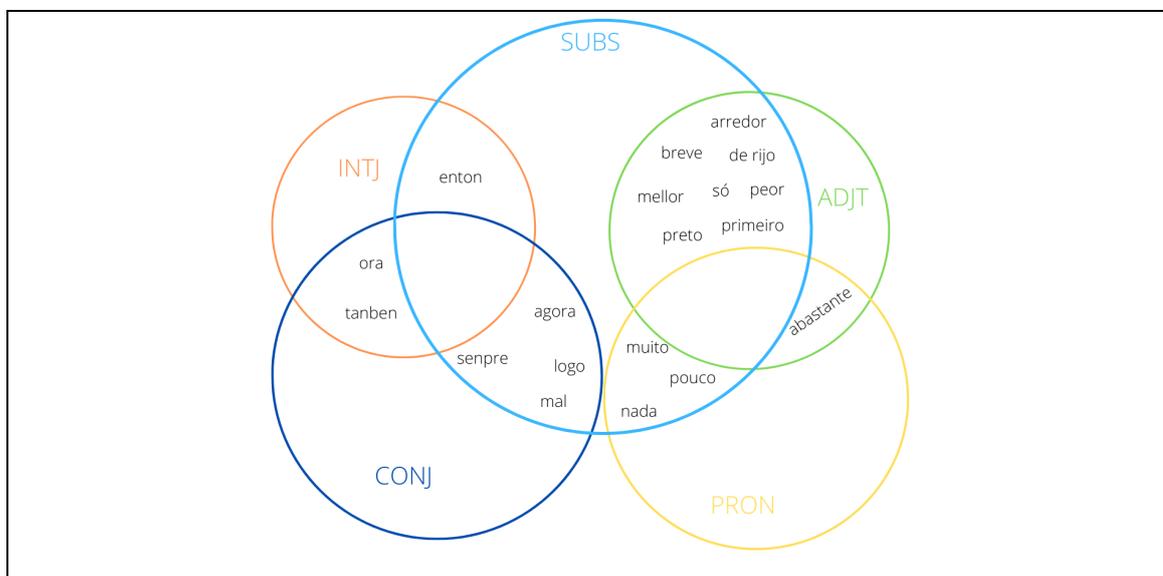


Figura 14. Distribuição dos elementos bifronteiriços.
Fonte: elaboração própria.

III. Trifronteiriços: são elementos que apresentam compartilhamento do tipo quaternário. Funcionam ora como adverbiais, ora como uma classe de palavra (x), ora como outra classe de palavra (y), ora como uma outra classe de palavra (z).

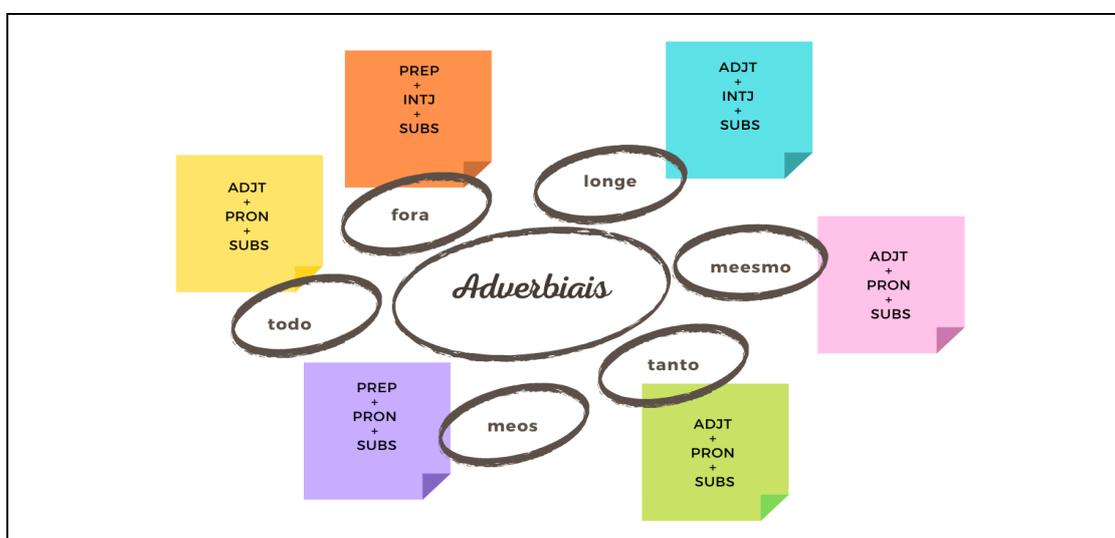


Figura 15. Distribuição dos elementos trifronteiriços.
Fonte: elaboração própria.

- IV. **Quadrifronteiriços:** são elementos que apresentam compartilhamento do tipo quinquenário ou complexo. Funcionam ora como adverbiais, ora como uma classe de palavra (x), ora como outra classe de palavra (y), ora como uma outra classe de palavra (z), ou ainda como uma quinta classe de palavra (w).

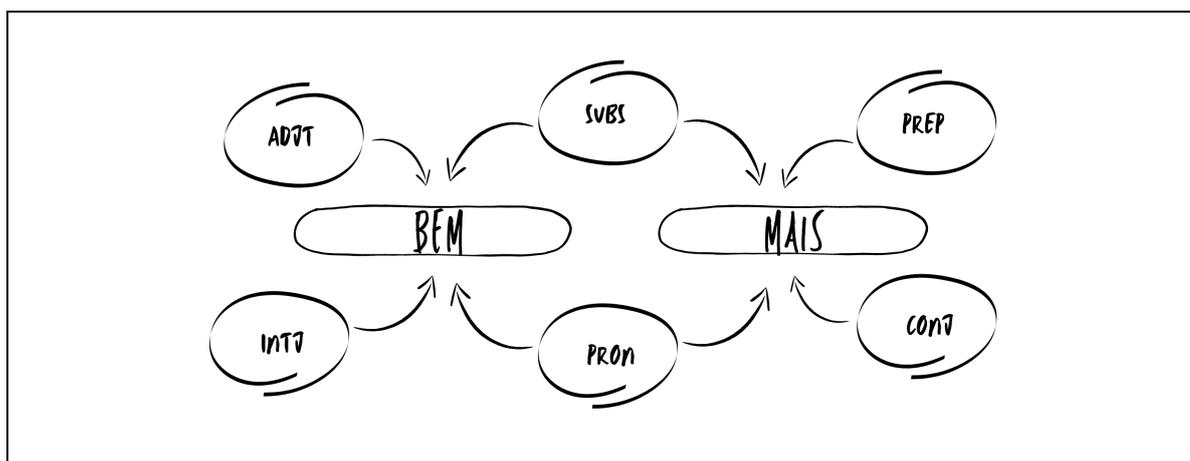


Figura 16. Distribuição dos elementos quadrifronteiriços.
Fonte: elaboração própria.

Dentro dos elementos adverbiais dos *corpora*, há um grupo de itens que merece destaque. Trata-se dos adverbiais formados com o sufixo *-mente*. Como é sabido, o morfema *-mente* origina-se do substantivo latino *mens, mentis* ao qual se podia atribuir a significação de ‘espírito, intenção, entendimento’, no caso ablativo. Segundo Coutinho (1962, p. 310) seus traços semânticos encontram-se nos escritores latinos Ovídio (*mente ferant placida*) e Quintiliano (*bona mente factum*). Inicialmente, este substantivo era usado apenas para significar um estado mental (*dubia mente, firma mente, forti mente, jocunda mente, obstinada mente*), passando para um sentido mais geral, não literalmente associado às qualificações próprias da mente (*pari mente, bona mente, ipsa mente, mala mente*); e por fim, sendo usado com “qualquer adjetivo que pudera dar lugar a um advérbio de maneira”⁶⁴ (*longa mente, sola mente*) (EGEA, 1993, p. 282). Assim, à medida que o substantivo latino *mens, mentis* passava por um processo de mudança linguística que envolvia, inclusive, sua significação, tornava-se cada vez

⁶⁴ **Tradução:** “qualquer adjetivo que pudesse dar lugar a um advérbio de modo”.

mais comum também utilizá-lo ligado a um maior número de qualificativos para a criação dos novos advérbios:

Esta terminação nada mais é do que o ablativo do latim *mens*, v.g. *em bona mente*. Por algumas locuções deste tipo se modelaram outras muitas, acabando por obliterar-se a significação primitiva do substantivo e passando êste (sic) tanto como um sufixo derivativo. (ALI, 1964, p.183)

Como lembra Santos (2014, p. 69-70),

as faces de mudança linguística ocorridas com o *-mente* são, na verdade, características do processo de gramaticalização por que passava este formativo vocabular a tempo da constituição histórica da língua portuguesa. Este item sofreu esvaziamento semântico ao passo que se tornou cada vez mais fixo ao qualificador com o qual compunha a formação do novo advérbio; a erosão fonética do morfema *-mente* não é percebida já que o item se manteve foneticamente imutável ao longo dos séculos seguintes. Desta maneira, os advérbios formados com o morfema *-mente* chegam a um novo estatuto: não é mais possível identificar dois lexemas em sua formação, já que o *-mente* deixa de ser substantivo, perde sua autonomia e passa de forma livre a presa, passando a ser comumente considerado pelos gramáticos como único sufixo adverbial do português. Ainda assim, como já foi dito, esta consideração atualmente está cercada pelos estudos que atestam as restrições referentes à sufixação nos advérbios formados com morfema *-mente*.

É importante registrar que, embora Coutinho (1962, p. 310) afirme que os adjetivos com valor adverbial não eram estranhos no latim (“Nas Glosas de Reinchenau ocorre *clamo altus*”), e Huber (1933, p. 254) defender que “qualquer adjetivo pode ser usado como advérbio”, baseado em Barbosa (2006) aventa-se a possibilidade de os adjetivos adverbializados, que agora notadamente coocorrem com os advérbios formados com o morfema *-mente*, possam significar a futura perda deste morfema em caracterização da conclusão do processo de gramaticalização (cf. BARBOSA, 2006).

Esse conjunto de elementos são usualmente apresentados como os típicos representantes do grupo dos advérbios, afirmação refutada aqui. As razões são simples. Retomando o raciocínio dos critérios para categorização de itens proposto por González Calvo (2000) em que alia os critérios sintático (função), morfológico (flexão) e semântico, além dos critérios combinatórios de posição, distribuição e ordem das palavras, chega-se à formação de um subgrupo peculiar em todos os aspectos. É possível, aliás, através do critério semântico, subdividir esses elementos, como faz Santos (2014). Além disso, a proximidade semântica com a fronteira dos adjetivos traz para o subgrupo características marcantes do potencial funcional daqueles qualificativos. Sendo assim, e ainda pensando sobre a ótica das fronteiras, é possível observar que esses itens poderiam melhor ser descritos como elementos oriundos de fronteira.

No caso dos *corpora* desta pesquisa, foram localizados 209 (duzentos e nove) diferentes exemplares oriundos de fronteira (listados a seguir⁶⁵), o que equivale a praticamente 2/3 (dois terços) do total de elementos coletados⁶⁶, proficuidade que quase justifica à associação desse grupo à prototipicidade dos advérbios:

- | | |
|-------------------|----------------------|
| 1. abastosamente | 11. antigamente |
| 2. abertamente | 12. apartadamente |
| 3. achegadamente | 13. apertadamente |
| 4. afeitadamente | 14. apostamente |
| 5. aficadamente | 15. apressurosamente |
| 6. afirmadamente | 16. ardentemente |
| 7. agalegadamente | 17. arravatadamente |
| 8. agudamente | 18. arteyramête |
| 9. altamente | 19. ascondudamente |
| 10. amargosamente | 20. asperamente |

⁶⁵ A grafia segue os critérios de entrada no Dicionário de Advérbios do Português Arcaico, oferecido neste trabalho.

⁶⁶ Desconsiderando as variantes dos elementos ao longo dos quatro séculos de análise.



- | | |
|-------------------------|-----------------------|
| 21. assessegadamente | 47. corporalmente |
| 22. assijnaadamête | 48. cortêsmête |
| 23. asũadamente | 49. cruamête |
| 24. atrevidamente | 50. cruevilmente |
| 25. avondosamente | 51. curtamente |
| 26. avarentamente | 52. curyosamête |
| 27. avondadamente | 53. deleitosamête |
| 28. bem-aventuradamente | 54. dereitamente |
| 29. boamente | 55. descortesmente |
| 30. brandamente | 56. desdenhadamente |
| 31. brevemente | 57. desembargadamente |
| 32. caladamente | 58. desenfreadamête |
| 33. caramente | 59. desonradamente |
| 34. castamente | 60. destintamente |
| 35. catolicamente | 61. deuinalmête |
| 36. certamente | 62. devotamente |
| 37. chãamente | 63. dignamête |
| 38. claramente | 64. dilicadamente |
| 39. compridamente | 65. discretamente |
| 40. comũalmente | 66. docemente |
| 41. comummente | 67. dooridamête |
| 42. connoçudamente | 68. doutamente |
| 43. conthinuadamente | 69. duramête |
| 44. continuamente | 70. emcubertamente |
| 45. copiosamente | 71. emjustamente |
| 46. cordamente | 72. enganosamente |



73. enhatamente	99. francamente
74. enteramente	100. fremosamente
75. entregamête	101. gabosamente
76. escassamente	102. gloriosamête
77. escusamente	103. graadamente
78. esforçadamente	104. graciosamente
79. espaçosamente	105. grandemente
80. espantosamente	106. gravemente
81. especialmente	107. grossamête
82. espessamente	108. guysadamête
83. estoryalmête	109. honestamente
84. estremadamente	110. igualm(en)te
85. façilmente	111. jeeralmente
86. falsamente	112. inperialmente
87. familiarmête	113. juntamente
88. faaqueyramête	114. justamête
89. feamente	115. largamente
90. feramente	116. laydamente
91. festivalmente	117. lealmente
92. fielmente	118. ledamente
93. finallmente	119. leuemête
94. fingidamente	120. licitamente
95. firmemente	121. lidemamente
96. folgadamête	122. ligeiramente
97. forçosamête	123. limphamente
98. fortemente	124. liuremête



- | | |
|-----------------------|------------------------|
| 125. lixosamente | 151. passamête |
| 126. longamente | 152. perdurauelmête |
| 127. maenfestadamête | 153. perfectamête |
| 128. magnifestamente | 154. perlongadamente |
| 129. malamente | 155. perserueradamente |
| 130. maliciosamente | 156. persoalmente |
| 131. manhosamente | 157. piedosamente |
| 132. marauilhosamente | 158. pobremete |
| 133. mãasamente | 159. prestesmente |
| 134. mayormente | 160. presumptuosamente |
| 135. mazquinhamête | 161. primeiramente |
| 136. mêtirosamente | 162. principalmente |
| 137. mortalmente | 163. propriamente |
| 138. naturalmente | 164. proveytosamête |
| 139. nêbradamête | 165. publicamente |
| 140. neçessariamente | 166. puramente |
| 141. nobremete | 167. queyxosamête |
| 142. nomeadamente | 168. quitamente |
| 143. novamente | 169. raramente |
| 144. omilsodamente | 170. reçiprocamente |
| 145. onrradamnete | 171. refecemente |
| 146. ordiãdamente | 172. ricamente |
| 147. ousadamente | 173. rijamente |
| 148. pacientemente | 174. rrazoadamente |
| 149. pacificamente | 175. saborosamente |
| 150. particularmente | 176. sagázmente |



- | | |
|------------------------|----------------------|
| 177. sagesmête | 194. tenporalmente |
| 178. sanctamente | 195. torpemête |
| 179. sanhudamête | 196. tostemente |
| 180. saudaueilmête | 197. totalmente |
| 181. secretamente | 198. trigosamente |
| 182. seguramente | 199. trocadamente |
| 183. semellauelmente | 200. uiltadamente |
| 184. simplesmente | 201. uirtuosamête |
| 185. sobejamête | 202. vãamête |
| 186. soberuiosamête | 203. veramente |
| 187. sobrecestralmente | 204. verdadeiramente |
| 188. solamente | 205. vergonnosamente |
| 189. solempnemente | 206. viçosamente |
| 190. sottilmente | 207. vilmente |
| 191. spiritalmente | 208. visivelmente |
| 192. subitamête | 209. victoriosamête |
| 193. temperadamente | |

É preciso compreender, como quer González Calvo (2000, p. 322) que “sería posible hacer un inventario universal, limitado, de clases de palabras, pero comprendiendo que cada lengua escoge de ese inventario, sin tener por qué poseerlo completo, un número determinado de clases y subclases. Y cada lengua organiza lo que escoge a su manera”⁶⁷. Ainda que no caso dos adverbiais pareça ocorrer com as quase infinitas possibilidades de elementos adverbiais, há um grupo de itens coletados nos *corpora* que se sobressaem por não fazerem fronteira com

⁶⁷ **Tradução:** “seria possível fazer um inventário universal, limitado, de classes de palavras, mas compreendendo que cada língua escolhe esse inventário, sem ter porque possuir completamente um número determinado de classes e subclasses. E cada língua organiza o que escolhe à sua maneira”.



nenhuma outra classe de palavra, motivo principal que os coloca como verdadeiros protótipos da classe dos advérbios. São 50 elementos listados a seguir:

- | | |
|---------------|----------------|
| 1. acerca | 24. cras |
| 2. acolá | 25. debaixo |
| 3. ademais | 26. depois |
| 4. adur | 27. detras |
| 5. aginha | 28. emfim |
| 6. ainda | 29. ensembra |
| 7. algur | 30. entonce |
| 8. alhur | 31. ey |
| 9. ali | 32. jamais |
| 10. alo | 33. juso |
| 11. amiúde | 34. lá |
| 12. antano | 35. màora |
| 13. antes | 36. nenllur |
| 14. ant'ontem | 37. nunca |
| 15. apres | 38. ogano |
| 16. aquem | 39. omtem |
| 17. aqui | 40. outrossi |
| 18. assaz | 41. porventura |
| 19. atrás | 42. quã |
| 20. cá | 43. quiçay |
| 21. casy | 44. sequer |
| 22. cedo | 45. suso |
| 23. chus | 46. tã |

ADVERBIAIS PROTOTÍPICOS		
ATRIBUIDORES DE CONDIÇÃO	ATRIBUIDORES DE CIRCUNSTÂNCIA	
	Temporais	Espaciais
Adur Aginha Apres Assaz Casy Emfim Ensembra Outrossi Porventura Quã Quiçay Sequer Tã Tamalves Tampouco	Ainda Amiúde Antano Antes Ant'ontem Cedo Cras Depos Entonce Ey Jamais Mãora Nunqua Ogano Otem	Acá Acolá Aí Algur Alhur Ali Aló Aquem Aqui Cedo Detras Ey Nenllur Suso U Unde

Quadro 11. Classificação dos elementos adverbiais prototípicos.

Fonte: elaboração própria.

Por fim, apresenta-se o quadro de levantamento dos dados dos *corpora* a fim de que se possa ter uma visão geral dos achados nesta pesquisa:

ADVERBIAIS	SÉCULO XIII				SÉCULO XIV				SÉCULO XV				SÉCULO XVI					
	COSM	FRAX	TALS	NTTT	FLOS	DSOG	PROV	DNWV	DNMC	CDPR	ORTE	CPVC	ADBI	ADD	CTLP	ADDP	ADLP	GFJB
ADVERBIAIS																		
ABANCO																		
ABASTANTE																		
ABERTAMENTE	Abertamente (2)				Abertamente (2)	Abertamente (10)					Abertamentos (1)							
AB	Ab (2)				Ab (12)	Ab (4)												
ABERCA		Aberca (1)				Aberca (1)					Aberca (2)							
ABEQUADAMENTE						abequada (3)					abequada (1)							
ABIMA						abima (3)					abima (1)							
ACOLÁ						acolá (3)					acolá (1)							
ACOLÁ						Acollá (2)					Acollá (1)							
ADERSA						Adersa (1)												
ADIANTE	Adiante (2)	Adiante (7)			Adiante (4)	Adiante (8)					Adiante (1)							
ADIANTE	Adiante (2)	Adiante (8)			Adiante (4)	Adiante (8)					Adiante (1)							
ADIR	adir (1)	adir (1)			adir (10)	adir (3)					adir (1)							
ADIR	adir (1)	adir (1)			adir (10)	adir (3)					adir (1)							
AFETIVAMENTE						Afetivamente (1)												
AFICADAMENTE	Aficadamente (2)				Aficadamente (2)	Aficadamente (3)					Aficadamente (3)							
AFICADAMENTE	Aficadamente (1)				Aficadamente (2)	Aficadamente (4)					Aficadamente (3)							
AFOR	Afor (2)				Afor (1)	Afor (2)					Afor (1)							
AFOR	Afor (2)				Afor (1)	Afor (2)					Afor (1)							
AGALEGADAMENTE						Agalegadamente (1)												
AGINHA	aginha (2)	aginha (1)			aginha (2)	aginha (5)					aginha (2)							
AGINHA	aginha (2)	aginha (1)			aginha (2)	aginha (5)					aginha (2)							
AGORA	agora (6)				agora (9)	agora (2)					agora (2)							
AGORA	agora (6)				agora (9)	agora (2)					agora (2)							
AGUARDAMENTE						aguarda (1)					aguarda (4)							
AI						ai (1)					ai (1)							
AI						ai (1)					ai (1)							
AI						ai (1)					ai (1)							
AINDA	ainda (1)	ainda (1)			ainda (2)	ainda (1)					ainda (1)							
AINDA	ainda (1)	ainda (1)			ainda (2)	ainda (1)					ainda (1)							
LA	la (1)	la (1)			la (2)	la (1)					la (1)							
LA	la (1)	la (1)			la (2)	la (1)					la (1)							
ALEM	alem (1)	alem (1)			alem (2)	alem (1)					alem (1)							
ALEM	alem (1)	alem (1)			alem (2)	alem (1)					alem (1)							
ALHUR	alhur (1)	alhur (1)			alhur (1)	alhur (1)					alhur (1)							
ALHUR	alhur (1)	alhur (1)			alhur (1)	alhur (1)					alhur (1)							
ALU	alu (1)	alu (1)			alu (2)	alu (1)					alu (1)							
ALU	alu (1)	alu (1)			alu (2)	alu (1)					alu (1)							
ALO	alo (2)				alo (4)	alo (1)					alo (3)							
ALTO	alto (2)				alto (4)	alto (1)					alto (3)							
ALTO	alto (2)				alto (4)	alto (1)					alto (3)							
ALTIMENTE						Altamente (1)					Altamente (2)							
ALTIMENTE						Altamente (1)					Altamente (2)							
AMANHÃ						Amanhã (1)					Amanhã (2)							
AMANHÃ						Amanhã (1)					Amanhã (2)							
AMIGOSAMENTE						Amigosamente (1)					Amigosamente (2)							
AMIGOSAMENTE						Amigosamente (1)					Amigosamente (2)							
AMUDE	Amude (1)	Amude (1)			Amude (1)	Amude (1)					Amude (1)							
AMUDE	Amude (1)	Amude (1)			Amude (1)	Amude (1)					Amude (1)							
ANTONEM	Antonem (1)					Antonem (1)					Antonem (1)							
ANTONEM	Antonem (1)					Antonem (1)					Antonem (1)							
ANTES	antes (1)	antes (1)			antes (2)	antes (1)					antes (1)							
ANTES	antes (1)	antes (1)			antes (2)	antes (1)					antes (1)							
ANTIAMENTE						Antiamente (1)					Antiamente (1)							
ANTIAMENTE						Antiamente (1)					Antiamente (1)							
ANDE						Ande (1)					Ande (1)							
ANDE						Ande (1)					Ande (1)							
APERTADAMENTE						Apertadamente (1)					Apertadamente (2)							
APERTADAMENTE						Apertadamente (1)					Apertadamente (2)							
APÓS	Após (1)	Após (1)			Após (1)	Após (1)					Após (1)							
APÓS	Após (1)	Após (1)			Após (1)	Após (1)					Após (1)							
APORTAMENTE	Aportamente (1)				Aportamente (1)	Aportamente (1)					Aportamente (1)							
APORTAMENTE	Aportamente (1)				Aportamente (1)	Aportamente (1)					Aportamente (1)							
APORTO	Aporto (1)	Aporto (1)			Aporto (1)	Aporto (1)					Aporto (1)							
APORTO	Aporto (1)	Aporto (1)			Aporto (1)	Aporto (1)					Aporto (1)							
APRÉS	Aprés (2)				Aprés (1)	Aprés (1)					Aprés (1)							
APRÉS	Aprés (2)				Aprés (1)	Aprés (1)					Aprés (1)							
APRESSURAMENTE	Apressuradamente (1)					Apressuradamente (1)					Apressuradamente (1)							
APRESSURAMENTE	Apressuradamente (1)					Apressuradamente (1)					Apressuradamente (1)							

ADVERBIAIS	SÉCULO XIII			SÉCULO XIV			SÉCULO XV			SÉCULO XVI											
	CORM	FMX	TALS	NTT	FLOS	DEBO	FRIV	DNMV	DNMC	CPRI	ORTE	CPVC	DNMV	DNMC	CTLP	ADD	ADBI	ADP	CDLP	OPAB	
AGISM																					
AGUI	Agui (84)	Agui (1)	Agui (1)		agui (146)	agui (20)	Agui (3)	Agui (3)		Agui (13)	agui (24)	Agui (2)			agui (19)	Agui (18)	Agui (18)	agui (29)	agui (27)	Agui (22)	
AR	Ar (101)	Ar (2)	Ar (6)		Ar (69)	Ar (26)				Ar (1)	Ar (2)				Ar (1)			Ar (1)	Ar (6)	Ar (16)	
ARDEMENTE																					
ARDEADAMENTE																					
AREDOZ	Areoz (4)																				
ARIBA	Arriba (1)																				
ARRETRATE																					
ASCENDIMENTE																					
ASPERAMENTE																					
ASSAZ	Assaz (51)																				
ASSEGUADAMENTE																					
ASSI	Assi (27)	Assi (24)	Assi (1)		Assi (68)	Assi (7)	Assi (1)	Assi (2)		Assi (6)	Assi (13)	Assi (2)			Assi (2)	Assi (16)	Assi (16)	Assi (28)	Assi (134)	Assi (166)	
ASSINADAMENTE																					
ASSIMADAMENTE																					
ATE	Até (1)																				
ATRAS	Atras (1)																				
ATREUADAMENTE																					
AUDACIOSAMENTE																					
AVANTE	Avante (1)																				
AVENIMENTE																					
AVONDAMENTE																					
AVONDO AVONDE																					
BAXO	Baxo (1) ad																				
BEI	Bei (23)	Bei (20)	Bei (1)		Bei (143)	Bei (11)	Bei (1)	Bei (1)		Bei (13)	Bei (15)	Bei (1)	Bei (1)		Bei (7)	Bei (2)	Bei (8)	Bei (8)	Bei (25)	Bei (25)	
BEI ABEITRADAMENTE																					
BOMENTE																					
BRANDAMENTE																					
BREVE																					
BREVEMENTE																					
CALDAMENTE																					
CARAMENTE																					
CARNALMENTE																					
CASAMENTE																					
CASY																					
CATULOCAMENTE																					
CEDO	Ced (3)	Ced (1)			Ced (9)	Ced (1)	Ced (1)	Ced (1)		Ced (3)	Ced (1)	Ced (1)			Ced (1)	Ced (1)	Ced (1)	Ced (3)	Ced (1)	Ced (1)	
CERTAMENTE																					
CHAMENTE																					
CHUS	Chus (13)	Chus (1)	Chus (2)		Chus (11)	Chus (1)	Chus (1)	Chus (1)		Chus (1)	Chus (1)	Chus (1)			Chus (1)	Chus (1)					
CLARAMENTE																					
COMO	Como (1)	Como (27)	Como (1)		Como (20)	Como (1)	Como (2)	Como (1)		Como (22)	Como (16)	Como (1)	Como (8)		Como (2)	Como (1)	Como (2)	Como (2)	Como (4)	Como (4)	
COMPRIAMENTE																					

5.5 CASOS ESPECIAIS

Neste último subcapítulo da análise, merecem destaque, ainda que preliminarmente, dois grupos de adverbiais: as Estruturas Correlativas e os que não apresentam atualmente uso frequente e são considerados como “arcaicos” pelos dicionários de língua portuguesa.

5.5.1 Estruturas Correlativas

Apesar de muitas vezes a Correlação ser identificada como um processo entre a coordenação e a subordinação, vários estudiosos já a concordam em dissociá-la desses processos, entendendo, como Pauliukonis (2001, p. 122), que correlação é “um processo estruturador de orações, diferente dos outros dois tradicionais, por estar em outro nível de articulação, marcado pela forma como se apresentam: entre as orações aparecem sempre dois termos conectivos”. A autora acrescenta ainda a conceituação de Gladstone Chaves de Melo:

Para nós a correlação é um processo sintático irreduzível a qualquer dos outros dois, um processo complexo, em que há, de certo modo, interdependência. Nele dá-se a intensificação de um dos membros da frase, intensificação que pede um termo, muitas vezes ocorre como que uma retenção para um salto, a que se segue o salto. (MELO 1980, *apud* PAULIUKONIS, 2001, p. 122)

Entendendo, como Santos (2014), que a Correlação é uma operação do nível discursivo e também admitindo que a teoria funcionalista, em que se baseia este estudo, não deve estar indiferente à participação dos atores da fala na escolha dos arranjos sintáticos disponíveis no sistema linguístico para melhor expressar as relações semânticas dos conteúdos linguísticos, destaca-se aqui o adverbial *somente* como um formador de estrutura correlativa ‘não somente... (mas)’, exemplificados, por amostragem, a seguir:

5.5.2 Adverbiais “arcaicos”

Para Mattos e Silva (2009a, p. 17) é Fernão de Oliveira, no mesmo texto em que se apresenta nos *corpora* desta pesquisa, que melhor define os arcaísmos, ou, como quer o autor, as “dições velhas”: “as que foram usadas mas agora são esquecidas” (1536 [2000], p. 45). A autora, que relativiza os conceitos de neologismo e arcaísmo mostrando como os fatores tempo e espaço são determinantes nessa discussão, visita e apresenta a abordagem de gramáticos e linguistas para exemplificar a questão. Mostra por exemplo, como o que seria um neologismo à época de Fernão de Oliveira – *bombarda*, seria “hoje um arcaísmo, uma vez que o objeto/coisa a que se refere se tornou arcaico e inútil diante das modernas armas bélicas” (p.19). Com relação aos arcaísmos, lembra Mattos e Silva (2009a, p. 19) que “ao parecerem extintos, reaparecem pelo menos em variedades rurais brasileiras. Se sarolha era usada nos séculos XIV e XV, no Livro de montaria de D. João I, reaparece em variedades dialetais como as dos falares baianos” (p.19). Com o que conclui: “neologismos e arcaísmos são conceitos relativos em relação ao tempo histórico das línguas e em relação aos seus referentes externos – as coisas/objetos. Desaparecendo e reaparecendo, as palavras continuam suas histórias, a depender da história dos falantes das línguas”.

Apesar da necessária relativização apontada por Mattos e Silva (2009a), os dicionários frequentemente apontam elementos que podem ser considerados “arcaicos”. Em relação aos dados desta pesquisa, registram-se os seguintes adverbiais:

ADVERBIAL	OCORRÊNCIAS POR SÉCULO			
	XIII	XIV	XV	XVI
Adur	13	25	44	0
Aginha	52	99	2	11
Algur	9	1	0	0
Alhur	6	1	0	0
Aló	2	4	6	0
Antano	1	0	0	0
Anvidos	2	0	0	0
Apres	22	4	1	0
Ar	174	79	1	21
Chus	16	11	0	0

Cras	25	5	6	0
Enhatamente	0	1	0	0
Ensembra	1	1	0	0
Entonce	8	0	0	3
Juso	9	4	0	0
Nenllur	8	0	0	0
Ogano	0	1	0	0
Suso	69	112	1	1
Tamalues	0	0	0	1
U	729	0	0	0

Quadro 13. Advérbios “arcaicos” e suas ocorrências.

Fonte: elaboração própria.

Inicialmente, observa-se o que parece ser uma baixa tendência ao desaparecimento dos elementos compostos com o morfema *-mente*, o que se deve, muito provavelmente, ao desuso da forma qualificadora que representa a base do advérbio. Há que se destacar também que o advérbio em questão – *enhatamente*, cuja a base já apresenta etimologia desconhecida, ocorreu apenas uma vez nos *corpora*, baixa produtividade que talvez justifique seu desaparecimento.

Em segundo lugar, importa apontar o ‘*entonce*’ que surge nos *corpora* como um exemplo correlato à ‘*sarolha*’ ressaltada por Mattos e Silva (2009a). Ainda que o dicionário o designe como um arcaísmo, é possível afirmar que uma pesquisa nas variedades dialetais brasileiras o confirmaria como um uso não tão infrequente assim na atualidade.

Em seguida, há que se listar os demais elementos que foram substituídos por outras formas antes da transição entre português arcaico e português moderno: *adur* → dificilmente/ apenas; *algur* → em qualquer parte; *alhur* → para outro lugar; *aló* → ali/ naquele lugar; *antano* → um ano antes/ em outro ano; *anvidos* → contra-vontade/ relutante/ involuntário; *apres* → junto de; *chus* → mais/ outra vez; *cras* → dia seguinte/ amanhã; *ensembra* → em conjunto/ juntamente; *juso* → para baixo/ embaixo; *nenllur* → em lugar nenhum; *ogano* → neste ano, e; *u* → onde/ para onde.

Por fim, tem-se uma lista de quatro elementos que ainda apresentavam-se em uso (ainda que esparsos em relação ao século XIII) no período de transição entre “os dois portugueses”, com destaque à sua presença em língua portuguesa, ou, na falta de informação desta, recorreu-se à dados da língua espanhola a fim de ao menos dar pistas sobre percurso dos elementos para que se busque sua trajetória em português:

i. Aginha:

Sobre a etimologia desse elemento, Costa (2009, p. 97) aponta as seguintes posições:

A fonte latina agina, ‘encaixe ou buraco em que se move o travessão da balança’, é, segundo Machado (1965, s.v. asinha), proveniente da forma feminina de *aginus, adjetivo derivado do verbo āgō, no sentido de ‘pesar’. Assumiu também em latim, segundo Machado, a acepção de ‘balança’, num rico jogo metonímico, portanto. Para Corominas e Pascual (1980-1991, s.v. aína) āgīnā é nome do latim vulgar, ‘atividade’, derivado, por abstração, do sentido de āgēre, na acepção de ‘conduzir, empurrar’, e é o étimo de ajinha (~asinha), advérbio trasmontano, ‘imediatamente, pronto’. Lembram, também, a existência do verbo āgīnāre, ‘agitar-se’, documentado em Petrónio, e as formas hispânicas ajinarse, ‘apressar-se’ e aginhado, ‘apressado’.

Destaca a autora, no mesmo texto, que apesar de possuir uma história semântica e morfossintática tão rica, esse elemento tenha desaparecido do português, não tendo sido atestado a partir do século XVII, e hipotetiza que a causa tenha sido a “intensa formação de novos adverbiais locucionais, como depressa” (p.97).

ii. Ar:

O advérbio ar/er teve vez em Filipe (2007) para quem o elemento teve origem no prefixo latino RE-. Em suma, a autora descreve sintaticamente e semanticamente o elemento:

(...) posiciona-se maioritariamente junto ao verbo, competindo por essa posição com o advérbio de negação não e os pronomes clíticos. No entanto, não se limita exclusivamente nem à posição pré-verbal nem à vizinhança do verbo. A tendência para a autonomização em relação ao verbo e uma maior mobilidade na frase manifesta-se ao longo do tempo, tornando-se mais acentuada nos textos tardios (s.culos XV e XVI). Por estabelecer relações inter-oracionais e inter-frásicas, apresenta, sintacticamente e semanticamente, características de advérbio conectivo,

podendo assumir um valor aditivo (equativo/reforçador) ou um valor contrastivo (antitético/concessivo). Estes valores mantêm-se estáveis ao longo do tempo. (p.9)

Tanto Filipe (2007) quanto Martins (2013) atestam que esse elemento adverbial só aparece no português quinhentista como a forma *er* e que a partir daí já não mais de atesta sob nenhuma forma. Explica Martins (2013, p. 390) que “os copistas quatrocentista não apagaram nem, aparentemente, atenuaram a presença no texto das formas *ar/er*, apesar de *ar* ser estranho aos textos do século XV e de *er* ter neles uma presença discreta”.

iii. Suso:

Afirma Meilán García (2016) que esse elemento desapareceu dos textos em língua espanhola ao longo do século XV. Agrega a informação de que “En el castellano medieval, fueron muy utilizados bien en función de aditamento respecto al verbo, o bien en el interior de grupos sintagmáticos complementando a sustantivos y adverbios”⁶⁸ (p. 89). Ainda assim, segundo o autor, por sua incapacidade de indicar o valor direcional acabou dando lugar ao advérbio *arriba*, que se consolidou no século XV. E complementa:

Además, la forma “no direccional” *dessuso* - (*encima*) era desplaza da por *ensomo* por su escaso rendimiento funcional y esta, a su vez, por la incipiente *enci ma*, en el siglo XIII. En el momento en que los adverbios *arriba* y *encima* se afianzan en el sistema (s. xv), desencadenan el cambio de *ayuso* y *deyuso* por las formas antónimas *abajo* / *debajo* (MEILÁN GARCÍA, 2016, p. 89)⁶⁹.

⁶⁸ **Tradução:** No castelhano medieval, foram muito utilizados em função de aditivo do verbo ou no interior de grupos sintagmáticos complementando substantivos e advérbios.

⁶⁹ **Tradução:** Além disso, a forma “não direccional” *dessuso* - (*encima*) era substituída por *ensomo* por seu escasso rendimento funcional e esta, por sua vez, pela incipiente *enci ma*, no século XIII. No momento em que os advérbios *arriba* e *encima* se estabelecem no sistema (s. xv), desencadeiam a mudança de *ayuso* e *deyuso* pelas formas antoônimas *abajo* / *debajo*.

Não foram encontradas informações referentes à língua portuguesa.

iv. Tamalvez:

Rodríguez Molina (2020) informa que, em espanhol, malavez ou malavés esteve em variação com a forma ‘abés’, apresentando o mesmo significado e tendo também funcionado como conjunção temporal. Ressalta o autor que malavez e malavés são próprios da Península Ibérica e comuns ao espanhol antigo, tendo sua forma em português arcaico como tamalavez ou malaves, mas sendo desconhecidos do Catalão. Pontua o autor que “malavez muestra una trayectoria documental más tardía que abés, pues el primer testimonio que registro (discutible) se ubica a finales del siglo xiii, mientras que sus apariciones más tardías se extienden hasta el siglo xvii”⁷⁰ (p. 300). E hipotetiza que

malavez atestigua la gramaticalización de la locución mala + vez (< v̄icis ‘turno, alternativa’; fr. fois, esp. vez, ptg. vez) a partir de un significado temporal ‘en una única y adversa ocasión’ que experimenta un cambio semántico hacia la noción de manera ‘con dificultad’ y el foco ‘apenas’, punto de partida del ulterior valor temporal de simultaneidad malavez ‘apenas (... cuando)’, de acuerdo con la siguiente cadena de gramaticalización: v̄icem > vez ‘ocasión’ > a mala vez > (a) mala vez > malavez.⁷¹ (RODRÍGUEZ MOLINA, 2020, p. 300)

⁷⁰ **Tradução:** malavez mostra uma trajetória documental mais tardia que abés, pois o primeiro testemunho que registra (discutível) se localiza nos finais do século XIII, enquanto suas aparições mais tardias se estendem até o século XVII.

⁷¹ **Tradução:** malavez testemunha a gramaticalização da locução mala + vez (< v̄icis ‘turno, alternativa’; fr. fois, esp. vez, ptg. vez) a partir de um significado temporal ‘em uma única e adversa ocasião’ que experimenta uma mudança semântico para a noção de maneira ‘com dificuldade’ e o foco ‘apenas’, ponto de partida do ulterior valor temporal de simultaneidade malavez ‘apenas (... quando)’, de acuerdo com o seguinte *continuum* de gramaticalização: v̄icem > vez ‘ocasión’ > a mala vez > (a) mala vez > malavez.

O autor conclui não ter dúvidas de que malavez não tem origem em abés, vix ou qualquer vocábulo árabe, estando inclinado a acreditar que o elemento esteja filiado ao romance a partir da locução mala vez.

Além da forma citada pelo autor, não foram encontradas informações referentes à língua portuguesa.

6 CONCLUSÃO

Por lo demás, el problema central es irresoluble: la enumeración, siquiera parcial de un conjunto infinito. En ese instante gigantesco, he visto millones de actos deleitables o atroces; ninguno me asombró como el hecho de que todos ocuparan el mismo punto, sin superposición y sin transparencia. Lo que vieron mis ojos fue simultáneo: lo que transcribiré, sucesivo, porque el lenguaje lo es. Algo, sin embargo, recogeré⁷².
(BORGES, J. L. 1985, p. 358)

Repetição. Essa poderia ser a sensação dos estudiosos em língua ao deparar-se com mais um trabalho sobre advérbiais. Mas, na verdade, a desconfiança proveniente da intuição linguística facilmente aguçada quando se observa o quão desajustado é o tratamento dispensado às classes de palavras pela gramática tradicional e continuado pelo ensino formal acrítico justifica a busca por uma calibração do olhar por parte de quem preza por uma gramática real, que leve em conta seu uso e seus consequentes movimentos ao longo da história. Além do mais, ao “fim” desta análise, é possível apresentar algumas contribuições relevantes e algumas conclusões, as quais serão sumarizadas doravante.

Um dos pontos de discussão aventada para este trabalho foi a questão do nome dado aos elementos conhecidos como advérbios. Considerando a etimologia do termo e o fato de notadamente estar aquém do que propõe, já que, sabidamente, esses itens não selecionam como escopo apenas elementos de natureza verbal, mas também “adjetivos”, outros “advérbios”, frases etc., seria plausível repensar o nome, levando em conta os critérios para uma boa formulação definitória que usa a fórmula do *genus proximum + differentiae*, o que faz o termo **advérbiais** parecer mais adequado, já que este atende o alcance necessário dos escopos e evita

⁷² **Tradução:** Por outro lado, o problema central é insolúvel: a enumeração, ainda que parcial, de um conjunto infinito. Nesse gigantesco instante, vi milhões de atos deleitosos e atrozes; nenhum me surpreendeu como o fato de que todos ocuparam o mesmo ponto, sem sobreposição e sem transparência. O que meus olhos viram foi simultâneo: o que transcreverei, sucessivo, porque a linguagem é sucessiva. Algo, no entanto, guardarei.

a contraprodução de um nome mais inovador, ainda que este transparecesse com mais exatidão o cariz dos itens observados.

Nomeados os itens, é importante defini-los conforme revelaram-se através da busca por atingir os objetivos deste trabalho. **Adverbial é a função de que se reveste um item ao adicionar condição ou circunstância ao seu escopo. Esse aditivo não modifica o item selecionado, mas condiciona, naquele contexto, o item à condição – aqui se inclua a qualificação, intensificação, modalização, ou circunstância de tempo ou de espaço acrescentada pelo elemento adverbial. Daí ser possível observar tantas formas compartilhadas funcionando ora como adverbiais, ora como substantivos, adjetivos, pronomes, conjunções, preposições e interjeições, conforme mostrou o capítulo anterior. Funcionando como adverbiais, essas formas assumem posições diferentes na sentença, pois possuem grande mobilidade sintática considerando que selecionam variados escopos, como antes foi explanado.**

Dito isso, as mentes mais abstratas podem concluir não existir uma classe para esses elementos, mas a didaticidade oferecida pela organização dos grupos gramaticais, sobretudo quando é concebível a reunião de formas que só cumprem a função linguística desses elementos ao apresentar traços peculiares a eles, torna justa uma classificação e subclassificação como as que estão propostas neste trabalho. O que não é admissível, a esta altura, é ignorar o fato de que os elementos da língua funcionam para atender a necessidade de comunicação de seus utentes num movimento em que mais vale o servir-se da forma gramatical para significar do que se ater a qualquer ideia preconcebida que se possa ter a partir do agrupamento dos itens, por mais didático que ele seja. Prova disso que é a língua não para de reinventar-se e surpreender os mais puritanos com seus empregos inusitados e por isso vê-se desde sempre a flutuação categórica dos elementos nunca sair de moda e continuar a produzir expressões como as destacadas nas frases a seguir:

- a. Divirtam-se **a grande!**
- b. Ele é bom **paca.**
- c. Uma quadra **inteira** de esportes submersa.

- d. Homem foragido havia dois anos é preso. Ele teria matado a companheira **enforcada**.

Provavelmente, o estranhamento não é natural. Talvez, a produtividade dos itens em função adverbial não se compare a nenhuma outra na gramática. A possibilidade de composição de formas com o sufixo *-mente*, por exemplo, é mais do que reconhecida e já foi representada por Dias Gomes, como foi apontada no capítulo inicial deste trabalho. Aliás, essa produtividade pode condicionar escopos, em nome do seu uso, fazendo, inclusive, com que o significado atrelado a uma lexia sofra uma reversão nunca esperada na concepção de um termo, haja vista os exemplos e. e f., abaixo:

- e. O Estado é laico, mas esta ministra é **terrivelmente** cristã.
f. Um ministro “**terrivelmente** evangélico” a caminho do Supremo Tribunal Federal.

Observe-se o jogo de significação e sócio-história nas duas orações. Seria lógico pensar que a então ministra Damares Alves quis condicionar com intensificação a qualificação de cristã com a qual atribuiu a si mesma na oração em e. No entanto, considerando o contexto sócio-político do Brasil à época de sua fala, conseguiu que o uso do adverbial ‘terrivelmente’ fosse usado para condicionar uma qualificação que define a manifestação religiosa - cristã, evangélico e sinônimos, de maneira depreciativa, como se vê na manchete de um jornal⁷³ de grande circulação em f.

E o uso dos advérbios não se contém em surpreender:

- g. Uma política deu **errada** lá atrás.

⁷³ Manchete da versão eletrônica do Jornal El País em 10 de julho de 2019 em matéria de Naiara Galarraga Górtazar publicada às 18h38, horário de Brasília.

Quem poderia imaginar a flexão de gênero de um adverbial licenciada por um chefe de Estado que é abertamente contra qualquer ideologia de gênero? Trocadilhos a parte, a flexão tem sido relativizada nos usos de elementos comumente apontados como inflexíveis. Ou você não conhece alguém que “comprou uma coisa zero”? Se não, pode buscar nos anúncios de motocicletas, bicicletas etc.

Enfim, cumpre, a partir de tudo isso, admitir que uma análise linguística pôde e sempre pode contribuir para a adequação de conceitos e classificações de elementos gramaticais que têm se ajustado, no decorrer da história, para servir à língua em sua tarefa primordial de significar, assumindo valores inesperados, compartilhando formas entre categorias e ajustando suas formas à funções solicitadas pelos contextos. Os dados dos *corpora* revelam isso, sobretudo se observadas as particularidades expressas pelos adverbiais de acordo com o tipo e função de texto em que se manifestam.

Nos *corpora*, os elementos coletados avolumam-se num número de 324 (trezentos e vinte e quatro) diferentes adverbiais em livre variação, conforme é possível atestar no Dicionário de Adverbiais do Português Arcaico oferecido como produto lexicográfico desta pesquisa. Destes, 64 (sessenta e quatro) são itens que compartilham suas formas com outra(s) categoria(s) gramatical(is): 37 (trinta e sete) funcionam como adverbiais ou como 1 (uma) outra categoria, 19 (dezenove) funcionam com adverbiais e como outras 2 (duas) categorias, 6 (seis) e como outras 3 (três) categorias, e 2 (dois) funcionam com adverbiais e como outras 4 (quatro) categorias; 209 (duzentos e nove) exemplares correspondem a elementos formados com o morfema *-mente*, considerados como oriundos de fronteira, e; 50 são elementos considerados como representantes prototípicos da classe dos adverbiais por apresentarem os seguintes traços de potencial funcional: $[\pm\text{Frs}]$, $[\pm\text{Flex}]$, $[\pm\text{Cnt}]$, $[\pm\text{Pdt}]$ $[-\text{CP}]$, $[-\text{NS}]$, sendo que, destes, 20 (vinte) são normalmente apontados como arcaicos pelos dicionários de língua portuguesa contemporânea.

Por fim, entendendo que estas considerações não encerram as discussões e análises sobre esses elementos, pelo contrário, podem incentivar análises que recubram outros itens gramaticais, sobre as hipóteses aventadas inicialmente afirma-se que:

- A análise linguística que pontue o *genus proximum* e a *differentiae* dos elementos é o meio mais adequado para o oferecimento de um conceito e uma classificação adequados aos advérbios e, provavelmente, a outras classes de palavras;
- A variedade lexical dos advérbios nos *corpora* revela vieses importantes de seu processo de mudança linguística. Ressaltem-se as formas em variação que caíram em desuso fazendo prevalecer seus co-ocorrentes;
- As mudanças observadas ao longo do tempo interferem nos outros valores que os elementos vão assumindo. Observe-se, como exemplifica Santos (2014, p. 134), o caso do item ‘altamente’ que apresenta uma mudança semântica significativa em que apresenta uma noção de ‘profundidade’, ‘distanciamento’:

h. E depois que cauarõ muyto | **altamente** . acharõ hi os frades | hũũ ydollo d’arame e lançaron | no per uentuyra na cozinha | que hi estaua perto. [dsgs/XIV/flrC1]
- Os diferentes gêneros literários e características sócio-históricas dos documentos corroboram para a figuração das particulares que os advérbios têm assumido na história. Haja vista o Orto do Esposo (séc. XV), documento mais profícuo em advérbios formados com morfema *-mente* em todo o *corpora*.

Espera-se que além de incentivar outros estudos sobre os comportamentos morfossintático e semântico das classes de palavras, este trabalho possa provocar a elaboração de outros produtos lexicográficos que contribuam com a constituição histórica da língua portuguesa.

REFERÊNCIAS

- ALI, Manoel Said. **Gramática Histórica da Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1964.
- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 33. ed. São Paulo: Saraiva, 1985.
- ALVAREZ MARTINEZ, Maria Angeles. Sustantivo, adjetivo y adverbio: caracterización funcional. **Verba**, Anuário Galego de Filologia 13. Santiago de Compostela, p. 143-161, 1986. Disponível em: https://minerva.usc.es/xmlui/bitstream/handle/10347/4894/1/pg_145-164_verba13.pdf. Acesso em: 13 set 2021.
- ANTUNES, Irandé. **Território das palavras: estudo do léxico em sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- BANZA, Ana Paula; Maria Filomena GONÇALVES. **Roteiro de História da Língua Portuguesa**. Évora: UNESCO Chair in Intangible Heritage and Traditional Know-How: Linking Heritage/ University of Évora, 2018. Disponível em: https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/22196/1/Roteiro_de_História_da_L%C3%ADgua_Portuguesa.pdf. Acesso em: 15 ago 2019.
- BARBOSA, Mariana Gonçalves. **Gramaticalização de advérbios a partir de adjetivos: um estudo sobre os adjetivos adverbializados**. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. O discurso da norma na gramática de João de Barros. **ALFA: Revista de Linguística**, v. 45, p. 11-32, 2001. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4183>. Acesso em: 24 jun 2017.
- BASÍLIO, Margarida. O fator semântico na flutuação substantivo/adjetivo em português. In: HEYE, J. (Org.) **Flores Verbais**. Rio de Janeiro: Ed. 34, p. 177-192, 1995.
- BASÍLIO, Margarida. Morfológica e Castilhamente: um Estudo das Construções X-mente no Português do Brasil. **D.E.L.T.A.**, vol. 14, nº especial, p. 15-25, 1998.
- BASÍLIO, Margarida. **Teoria Lexical**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003.
- BASÍLIO, Margarida. **Formação e classes de palavras no português Brasil**. Editora Contexto, 2008.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
- BELLINI, Lígia. Notas sobre cultura, política e sociedade no mundo português do século XVI. **Tempo, Rio de Janeiro**, v. 4, n. 7, p. 143-167, 1999.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral**. São Paulo: Edusp, 1976.

- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A estrutura mental do léxico. In: QUEIROZ, T. A. (ed.). **Estudos de filologia e lingüística**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1981. p. 130-145.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A ciência da lexicografia. **ALFA: Revista de Linguística**, p. 1-26, 1984. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3676>. Acesso em: 07 jan 2018.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **A definição lexicográfica**. Terminologia, Porto Alegre, n. 10, p. 23-43, 1993.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria Linguística: teoria lexical e linguística computacional**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BOMFIM, Eneida. **Advérbios**. São Paulo: Ática, 1988.
- BORGES, J. L. El Aleph. In: **Prosa Completa**. Vol. 2. Barcelona: Bruguera, 1985.
- BORGES NETO, José. **Ensaio de filosofia da linguística**. São Paulo: Parábola, 2004.
- BRASIL**. Com direito à palavra: dicionários em sala de aula. Elaboração Egon Rangel. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2012.
- BRAUDEL, Fernand. **El Mediterráneo y el mundo mediterráneo en la época de Felipe II**. Tomo 2. México: Fondo de cultura económica, 1997, p. 787-788.
- BUENO, Francisco da Silveira. **Gramática normativa da língua portuguesa: curso superior**. 7. ed. São Paulo: Saraiva, 1968.
- CAMARA JR, Joaquim Mattoso. **Princípios de Linguística Geral**. 4. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1973.
- CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. **História da lingüística**. Petrópolis: Vozes, 1975.
- CAMARA JR, Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. 34. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- CAMARA JR, Joaquim Mattoso. **Dicionário de linguística e gramática**. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- CARDERA, Esperança. **O essencial sobre a história do português**. Lisboa: caminho, 2006.
- CARDEIRA, Esperança. Revisitando a periodização do português: o português médio. **Domínios de Lingu@gem**, v. 3, n. 2-2, 2009. p. 103-115. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/11508>. Acesso em 02 dez 2018.
- CASTILHO, Ataliba de; CASTILHO, Célia. Advérbios modalizadores. In: ILARI, Rodolfo (Org.). **Gramática do português falado**. 4. ed. , v. 2. Campinas: Fapesp , 2002. p. 199-248.

CASTILHO, Ataliba de. Unidirectionality or multidirectionality? **Revista do GEL** 1: 35-48, 2004.

CASTILHO, Ataliba de. Para uma análise multissistêmica das preposições. In. **História do português paulista**. Campinas: Unicamp/Publicações IEL, 2009.

CASTILHO, Ataliba de. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CASTRO, Ivo (Org.). **Curso de História da Língua Portuguesa**. Lisboa: Universidade Aberta, 1991.

CASTRO, Ivo. **Introdução à história do português**: geografia da língua, português antigo. Lisboa: Colibri, 2004.

CAVALCANTE, Francisco Tarcísio. A produtividade Lexical do sufixo -mente na Língua Portuguesa. **Estudos Linguísticos**. Fortaleza: Livraria Gabriel, 1997. p. 63-84.

CINTRA, Geraldo. Mente: sufixo adverbial?. **Cadernos de estudos linguísticos**, v. 5, p. 73-83, 1983.

COELHO, Juliana Soledade Barbosa. **Semântica Morfolexical**: contribuições para a descrição do paradigma sufixal do português arcaico. Tese de Doutorado em Linguística apresentada ao Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

COROMINAS, Joan; PASCUAL, José. **Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico**. Madrid: Gredos. 6 v. , 1991.

CORREIA, Margarita. **Os dicionários portugueses**. Lisboa: Caminho, 2009, p. 21-46.

COSTA, Avelino Jesus da. Os mais Antigos Documentos Escritos em Português (dois manuscritos: Lisboa e Toledo). **Revista Portuguesa de História**, 17, p. 307-321, 1979. Disponível em: https://digitalis-dsp.uc.pt/jspui/bitstream/10316.2/46611/1/Os_mais_antigos_documentos_escritos_em_portugues.pdf. Acesso em 02 dez 2018.

COSTA, Sônia Bastos Borba. Adverbiais Portugueses no Século XVI. In: Rosa Virginia Mattos e Silva; Américo Venâncio M Filho. (Org.). **O português quinhentista**: estudos linguísticos. 1a. ed. Salvador: EDUFBA/UEFS, 2002, p. 195-215.

COSTA, Sônia Bastos Borba. Advérbios espaciais e temporais do português: indícios diacrônicos de gramaticalização. 3 v. **Tese de doutoramento**. Salvador: PPGLL / UFBA, 2003.

COSTA, Sônia Bastos Borba. Espaço e tempo em adverbiais portugueses quinhentistas. In: COSTA, Sônia Bastos Borba; MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. (Orgs.). **Do português arcaico ao português brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2003. p. 49-66.

COSTA, Sônia Bastos Borba. Fontes lexicais de adverbiais espaciais e temporais. In: OLIVEIRA, Klebson; CUNHA E SOUZA; Hirão Fernandes; SOLEDADE, Juliana (Orgs.). **Do português arcaico ao português brasileiro: outras histórias**. Salvador: EDUFBA, 2009.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de Gramática Histórica**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1962.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática Histórica**. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2011.

CROFT, William. **Radical Constrution Grammar: syntactic theory in tipological perspective**. New York: Oxford Univerty Press, 2001.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Gramática da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: MEC/Fename, 1972.

CUNHA, Antonio Geraldo da. Vocabulário Histórico-Cronológico do Português Medieval (DVD). **Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa**, 2002.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2007.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2007.

DASCAL, Marcelo. As convulsões metodológicas da linguística contemporânea. In: DASCAL, Marcelo (Org.). **Fundamentos metodológicos da linguística**, São Paulo: Global, 1978. p. 15-41.

DASCAL, Marcelo; BORGES NETO, José. De que trata a lingüística, afinal?. **Histoire épistémologie langage**, v. 13, n. 1, p. 13-50, 1991.

DETGES, Ulrich; WALTEREIT, Richard. Grammaticalization vs. reanalysis: A semantic-pragmatic account of functional change in grammar. **Zeitschrift für Sprachwissenschaft**, v. 21, n. 2, p. 151-195, 2002. Disponível em <https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/zfsw.2002.21.2.151/html>. Acesso em 15 mar 2019.

DIAS, Augusto Epiphaneo da Silva. **Syntaxe histórica portuguesa**. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1918.

DUBOIS, Jean *et al.* **Dicionário de linguística**. 2. ed. São Paulo: Cultrix. 2014.

DUQUE, Paulo Henrique. Teoria dos protótipos: categoria e sentido lexical. Segunda Parte. Rio de Janeiro. **Revista Philologus**, janeiro-março, ano 8, nº 22, p. 62 -81, 2002. Disponível em <http://www.filologia.org.br/revista/22/10.pdf>. Acesso em 08 fev 2020.

EGEA, Esteban Rafael. Restricciones Lexicológicas en el uso de los adverbios em *-mente*. In: ORTEGA, Soledad Varela. **La formación de las palabras**. Madrid: Tauros Universitaria, 1993. p. 282-299.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola, 2005.

FERREIRA, José de Azevedo. **Afonso X, Foro Real**. Lisboa: I.N.I.C. 1987. p. 125-309.

FERREIRA, Manuel Pedro. The medieval fate of the Cantigas de Santa Maria. In: **Journal of the American Musicological Society**, vol. 69, number 2, p. 295-353, 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/307088136_The_Medieval_Fate_of_the_Cantigas_de_Santa_Maria_Iberian_Politics_Meets_Song. Acesso em 13 dez 2018.

FILIPE, Laura Maria Martins. **O caso de ar/er: um ponto mal esclarecido na história da língua portuguesa**. (Dissertação de mestrado). Lisboa: Universidade de Lisboa, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/410>. Acesso em 25 out 2021.

FINATTO, Maria José Bocorny. O papel da definição de Termos Técnico-científicos. **Revista da Abrali**. Vol. 1, nº. 1, p. 73-97, 2002.

FINATTO, Maria José Bocorny. A definição de termos técnico-científicos no âmbito dos estudos de terminologia. **Revista de estudos da linguagem**. Belo Horizonte. Vol. 11, n. 1 (jan./jun. 2003), p. 197-222, 2003. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/183085?locale-attribute=pt_BR. Acesso em 22 jul 2017.

FRANCHI, Carlos. Teoria da adjunção: predicação e relações “temáticas”. **Rev. Est. Ling.**, Belo Horizonte, v.11, n.2, p.155-176, jul./dez, 2003. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2372/0>. Acesso em 22 set 2020.

FRANCHI, Carlos; NEGRÃO, Esmeralda Vailati; MÜLLER, Ana Lúcia. **Mas o que é mesmo “gramática”?** São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

FREITAS, Judite Gonçalves de. A História Política e a Periodização da História de Portugal: problemas, métodos e soluções. **Revista de Teoria da História**, v. 17, n. 1, p. 11-29, 2017.

FROMM, Guilherme. Obras lexicográficas e terminológicas: definições. **Revista Factus**, n. 2, 2004. p. 1679-1851. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/guifromm/wp-content/uploads/2014/05/obraslexicograficaseterminologicasdefinicoes.pdf>. Acesso em 22 jul 2017.

GARVÃO, Maria Helena. **Foros de Garvão**. Edição e Estudo Linguístico. (Dissertação de Mestrado). Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1992.

GEERAERTS, Dirk. Les donnés stéréotypiques, prototypiques et encyclopédiques dans le dictionnaire. **Cahiers de lexicologie** 46, I, p. 28-43, 1985.

GEERAERTS, Dirk. Functional explanations in diachronic semantic. **Belgian Journal in linguistics**, vol. I, 1986. p. 67-93.

GIMENO MENÉNDEZ, Francisco. Hacia una sociolingüística histórica. **E.L.U.A.**, 1, 1983, p. 181-226. Disponível em: https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/6678/1/ELUA_01_06.pdf. Acesso em 15 fev 2019.

GIVÓN, Talmy. Prototypes: between Plato and Wittgenstein. In: CRAIG; Colette. **Noun classes and categorization**. Amsterdam: Jonh Benjamins Publish Company, 1986. p. 77-102.

GODINHO, Vitorino Magalhães. A Divisão da História de Portugal em períodos. In: **Ensaio II. Sobre História de Portugal**, 2a ed., Lisboa: Sá da Costa, 1978. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4823553/mod_resource/content/1/00.%20Vitorino%20Magalhães%20Godinho.pdf. Acesso em 18 mar 2017.

GOMES, Dias. **O bem-amado**. 24. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina (Orgs.). **Introdução à gramaticalização**: princípios teóricos e aplicação. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

GONZÁLEZ CALVO, José Manoel. Sobre la palabra y las clases de palabras. **Revista Española de Lingüística**. Año 30, fasc. 2, p. 309-329, 2000. Disponível em: <http://revista.sel.edu.es/index.php/revista/article/view/1655>. Acesso em 28 ago 2021.

GRZYBOWSKI, Lukas Gabriel. A imagem de D. Fernando na Crônica de Fernão Lopes. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Paraná. 2006.

HAESCH, G. La selección del material léxico para diccionarios descriptivos. In: **Philologica Hispaniense in honorem Manuel Alvar**, II, Madrid: Gredos, 227-254.

HALLIDAY, Michael. Estrutura e função da linguagem. In: LYONS, John. **Novos horizontes em linguística**. São Paulo: Cultrix, 1976. p. 134-160.

HOPPER, Paul. On Some Principles of Grammaticalization. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd. (Orgs.). **Approaches to Grammaticalization**. Amsterdam: John Benjamins, 1991. p. 17-36.

HOPPER, Paul; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

HUBER, Joseph. **Gramática do português antigo**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1933.

ILARI, Rodolfo *et al.* Considerações sobre a posição dos advérbios. In.: CASTILHO, Ataliba de (Org.). **Gramática do português falado**. 4. ed. Campinas: Fapesp, 2002, v. 1. p. 53-120.

ITKONEN, Esa. What is methodology (and history) of linguistics good for, epistemologically speaking?. In: **Histoire Épistémologie Language**, tome 13, fascicule 1, 1991. Épistémologie de la linguistique. p. 51-75.

KLEIBER, Georges. **La semántica de los prototipos**: categoría y sentido léxico. Madrid: Visor Libros, 1995.

KRIEGER, Maria da Graça *et al.* O século XX, cenário dos dicionários fundadores da lexicografia brasileira: relações com a identidade do português do Brasil. **ALFA: Revista de Linguística**, v. 50, n. 2, 2006. p. 173-187. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1418>. Acesso em 14 fev 2017.

KRIEGER, Maria da Graça. Heterogeneidade e dinamismo do léxico: impactos sobre a lexicografia. **Confluência**, v. 1, n. 46, 2014. Disponível em: <https://www.revistaconfluencia.org.br/rc/article/view/22/12>. Acesso em 14 fev 2017.

LABOV, William. **Principles of language change**. Vol. 1. Oxford/ Cambridge: Blackwel, 1994.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metaphors We Live By**. Chicago: University Chigago Press, 1980.

LANGACKER, Ronald. Syntatic Reanalysis. In: LI, Charles. (Org.). **Mechanisms of Syntatic Change**. Austin: University of Texas Press, p. 53-139, 1977.

LANGACKER, Ronald. **Foundations of Cognitive Grammar: descriptive application**. Stanford: Stanford Univerty Press, 1991.

LARA, Luis Fernando. **Curso de lexicologia**. México, D.F.: El Colegio de Mexico, 2006.

LEÃO, Duarte Nunes de. **Ortografia e origem da língua portuguesa**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1983.

LEHMANN, Christian. **Trought on Grammaticalization**. Munich: Lincom Europa, 1995.

LONGHIN-THOMAZI, Sanderléia Roberta. Gramaticalização de conjunções coordenativas: a história de uma conclusiva. **Gragoatá**, v. 11, n. 21, 2006. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33214>. Acesso 14 mar 2020.

MACHADO, José Pedro. **Dicionário etimológico de língua portuguesa: com a mais antiga documentação escrita e conhecida de muitos vocábulos estudados**. 5 v. Lisboa: Livros Horizonte, 1977.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. **Um Flos Sanctorum do século XIV: edições, glossário e estudo linguístico**. Tese de Doutorado em Linguística apresentada ao Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. Breve incursão pelo léxico medieval do português: o testemunho de um manuscrito trecentista. **Estudos linguísticos e literários**, Salvador, n.29/ 30, p. 15-29, 2003. Disponível em: https://gruponemesis.ufba.br/sites/gruponemesis.ufba.br/files/breve_incursao_-_revista_estudos.pdf. Acesso em 05 jan 2017.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. Três documentos medievais trecentistas em confronto: indícios paleográficos e linguísticos recorrentes e divergentes nos manuscritos Serafim da Silva Neto. **Filologia e Linguística Portuguesa**. São Paulo, vol. 6, p. 39-51, 2004. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/flp/article/view/131301>. Acesso em 05 jan 2017.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. **Para um dicionário etimológico do português arcaico**. In: XII Euralex International Congress, 2006, Torino. Proceedings XII Euralex International Congress. Alessandria: Edizioni dell'Orso, 2006. v. I. p. 61-64. Disponível em: <https://euralex.org/wp->

content/themes/euralex/proceedings/Euralex%202006/007_2006_V1_Americo%20Venancio%20LOPES%20MACHADO%20FILHO_Para%20um%20dicionario%20etimologico%20do%20portugues%20arcaico.pdf. Acesso em 05 jan 2017.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. **Diálogos de São Gregório**: edição e estudos de um manuscrito medieval português. Salvador: Edufba, 2008.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. Um ponto de interseção para a dialectologia e a lexicografia: a proposição de um dicionário dialetal brasileiro com base nos dados do ALiB. **Estudos** (UFBA), v. 41, p. 49-70, 2010. Disponível em: https://gruponemesis.ufba.br/sites/gruponemesis.ufba.br/files/projeto_ddb.pdf. Acesso em 05 jan 2017.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. Lexicografia histórica e questões de método. In: LOBO, Tânia, CARNEIRO, Zenaide, SOLEDADE, Juliana, ALMEIDA, Ariadne, RIBEIRO, Silvana (orgs.). **ROSAE: linguística histórica, história das línguas e outras histórias**. Salvador: EDUFBA, 2012, p. 381-389.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. **Dicionário Etimológico do Português Arcaico**. Salvador: EDUFBA, 2013a.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. Léxico de étimo árabe em uso no período arcaico do português. **Entrepalavras**. Fortaleza, ano 3, v. 3, 2013b. p. 61-70. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/175>. Acesso em 14 mar 2017.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. Do conceito de “variante” nos estudos do léxico de perspectiva histórico-variacional. **Filol. Linguíst. Port.** São Paulo, v. 16, n. 2, 2014, p. 261-275. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/flp/article/view/83852>. Acesso em 28 abr 2017.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. Do conceito de nomia para os estudos do léxico em perspectiva variacional e histórica. In: RASKY, Abdelhak; SFAR, Inès; SOUTET, Olivier; MEJRI, Salah. (Org.). **A variação nas línguas: universais compartilhados e idiomaticidade dinâmica / De la variation dans les langues : universaux partagés et idiomaticité dynamique**. 1ed. Araraquara: Letraria, 2020, v. 1, p. 361-371.

MAIA, Clarinda de Azevedo. **História do Galego Português**: estado linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI (com referência à situação do galego moderno). Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1986.

MAIA, Clarinda de Azevedo. Sociolinguística histórica e periodização linguística: algumas reflexões sobre a distinção entre português arcaico e português moderno. **Revista Diacrítica**, nº 10, 1995. p. 3-30.

MAIA, Clarinda de Azevedo. Linguística Histórica e Filologia. In: LOBO, Tânia, CARNEIRO, Zenaide, SOLEDADE, Juliana, ALMEIDA, Ariadne, RIBEIRO, Silvana (orgs.). **Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias**. Salvador: EDUFBA, 2012, p.533-542.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué; CEZÁRIO, Maria Maura. O paradigma da gramaticalização. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué; CEZÁRIO, Maria Maura. (Orgs.). **Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional**. Rio de Janeiro: Grupo de estudos Discurso & Gramática / UFRJ, 1996.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; AREAS, Eduardo Kenedy. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: CUNHA, Maria Ângela Furtado da; OLIVEIRA, Mariângela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo (Orgs.). **Linguística funcionalista: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DPA, 2003, p. 17-28.

MARTÍN, Ana María García. **Coronica troiana em linguoajem purtuguesa**. Edición y estudio. Salamanca: Luso-Española de Ediciones, 1998.

MARTÍN, Ana María García.; SERRA, Pedro. **Autos: Índia, Barca do Inferno, Inês Pereira**. Gil Vicente. Coimbra: Angelus Novus/ Centro de Literatura Portuguesa, 2014.

MARTINS, Ana Maria. Gramáticas históricas do português. In: **Actas do XI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística**, v. III, Lisboa, 1995. p. 53-71.

MARTINS, Ana Maria. **Documentos Portugueses do Noroeste e da Região de Lisboa: da produção primitiva ao século XVI**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda. 2001.

MARTINS, Ana Maria. Copiar o português duocentista: A Demanda e o José de Arimateia. In: Álvarez, Rosario, Ana Maria Martins, Henrique Monteagudo & Maria Ana Ramos (eds.). **Ao Sabor do Texto. Estudos dedicados a Ivo Castro**. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, Servizo de Publicacións e Intercambio Científico, 2013, p. 383-402.

MASIP, Vicente. **Gramática histórica portuguesa e espanhola: um estudo contrastivo**. São Paulo: EPU, 2003.

MATEUS, Maria Helena Mira et al. **Gramática da língua portuguesa: elementos para a descrição da estrutura, funcionamento e uso do português actual**. Coimbra: Livraria Almedina, 1983.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1989.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **O Português Arcaico: fonologia**. São Paulo: Contexto, 1991.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Para uma caracterização do período arcaico do português. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, nº especial, 1994, p. 247-276. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/45395>. Acesso em 16 nov 2016.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **O português são dois: novas fronteiras, velhos problemas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **O Português Arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe**. São Paulo: Contexto, 2006.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **O Português Arcaico**: uma aproximação. 2 vols. (I: Léxico e Morfologia; II: Sintaxe e fonologia). Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2008.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **Caminhos da Linguística Histórica**: ouvir o inaudível. São Paulo: Parábola, 2008.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. O conceito relativo de neologismo e arcaísmo: um estudo pancrônico. In: OLIVEIRA, Klebson; CUNHA E SOUZA; Hirão Fernandes; SOLEDADE, Juliana (Orgs.). **Do português arcaico ao português brasileiro: outras histórias**. Salvador: EDUFBA, 2009a.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia; MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. Fontes para o conhecimento da língua portuguesa de trezentos: os mais antigos manuscritos portugueses existentes no Brasil. In: MASSINI-CAGLIARI, Gladis; MUNIZ, Márcio; SODRÉ, Paulo. (Orgs.). **Série Estudos Medievais 2 – Fontes**. Araraquara: GT Estudos Medievais ANPOLL, 2009b, p. 189-202.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **Tradição gramatical e gramática tradicional**. São Paulo: Contexto, 2019.

MEILÁN GARCÍA, Antonio José. Los adverbiales medievales suso y yuso: morfosintaxis y desaparición. **Revista de Historia de la Lengua Española**, n. 11, p. 89-112, 2016. Disponível em: <https://rhle.es/index.php/revista/article/view/299>. Acesso em 14 jun 2021.

MELO, Gladstone Chaves de. **Iniciação à Filologia Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1957.

METTMAN, Walter (Ed.). **Cantigas de Santa Maria**. vol. I. Madri: Classicos Castalia, 1986, p. 54-56.

MITHUN, M. The Grammaticization of Coordination. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. (Orgs.). **Clause Combining in Grammar and Discourse**. Amsterdam: John Benjamins, 1988, p. 331-360.

MÓDOLO, Marcelo. A estrutura correlativa aditiva ‘não só... mas também’ de uma perspectiva multissistêmica. **Estudos Linguísticos XXXIV**, 2005, p. 171-176. Disponível em: <http://www.gel.hospedagemdesites.ws/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2005/4publica-estudos-2005-pdfs/a-estrutura-correlativa-aditiva-599.pdf?SQMSESSID=a38ffc79c82bcbe561e1c641326fd16c>. Acesso em 12 nov 2021.

MOLINA, Javier Rodríguez. La difícil sucesión del latín vix en las lenguas romances: a propósito de los adverbios medievales abés y malavez. In: HERNÁNDEZ, Esther; BUTRAGUEÑO, Pedro Martín (Orgs.). **Las palabras como unidades lingüísticas**. Madri/Cidade do México: Consejo Superior de Investigaciones Científicas/el Colegio de México, 2020, p. 295-336.

MONTEIRO, João Gouveia. **Fernão Lopes: texto e contexto**. Coimbra: Livraria Minerva, 1988.

MONTEIRO, José Lemos. As ideias gramaticais de João de Barros. **Revista de Letras**, v. 1, n. 19, 1997. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/revista/14/05.pdf>. Acesso em 27 de out 2019.

MONTENEGRO, Helena Margarida Mateus. Os adverbiais na estrutura verbal: estudo sintático-semântico-pragmático (Tese de Doutorado). Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 1999.

MOURA NEVES, Maria Helena de. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 15-98.

MOURA NEVES, Maria Helena de. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

MOURA NEVES, Maria Helena de. **A gramática: história, teoria e análise, ensino**. São Paulo: Editora UNESP, 2002, p. 163-188.

MOURA NEVES, Maria Helena de. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MOURA NEVES, Maria Helena de. **A gramática passada a limpo: conceitos, análises e parâmetros**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo. Lexicografia e História: o Dicionário Histórico do Português do Brasil – Séculos XVI, XVII e XVIII. **Os Estudos Lexicais em diferentes perspectivas**. p. 23-38, 2009.

MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo. Dicionário histórico do português do Brasil: um modelo de dicionário histórico. **Revista de Filologia e Linguística Portuguesa**, n. 12(2), 2010, p. 329-349. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59872>. Acesso em 29 mai 2017.

NUNES, José Joaquim. **Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa**. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1919.

NUNES, José Horta. **Dicionários no Brasil: análise e história**. Campinas: Pontes Editores, São Paulo: Fapesp, São Paulo/José do Rio Preto: Faperp, 2006.

OITICICA, José. **Manual de análise**. 5. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1947.

OITICICA, José. **Teoria da correlação**. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1947.

OSÓRIO, Paulo. A entrada de latinismos e cultismos em português. A situação da língua desde meados do século XIII até meados do século XVI. **Gramática e léxico em sincronia e diacronia. Um contributo da Linguística portuguesa**. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela. Servicio de Publicacións e intercambio Científico, p. 167-178, 2003.

PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino. A estrutura correlativa como operador discursivo na articulação de cláusulas. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 5, n. 9, p. 119-125, 2001. Disponível

em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/11729>. Acesso em 28 mar 2018.

PERINI, Mário Alberto. **Gramática descritiva do português**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1996.

PERINI, Mário Alberto; LIBERATO, Yara G., SARAIVA, Elizabeth , FULGÊNCIO, Lúcia. Sobre a classificação das palavras. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v. 14, nº especial, 1998, p. 15-25. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/43404>. Acesso em 14 fev 2017.

PERINI, Mário Alberto. **Estudos de gramática descritiva: as valências verbais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

PERINI, Mário Alberto. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

POGGIO, Rosauta Maria Galvão Fagundes. **Processos de Gramaticalização de preposições do latim ao português: uma abordagem funcionalista**. Salvador: EDUFBA, 2002.

POGGIO, Rosauta Maria Galvão Fagundes. Aspectos da gramaticalização na história das preposições do latim ao português. **Estudos Linguísticos e Literários**, nº 29/30, 2002/2003. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9081>. Acesso em 27 abr 2017.

POTTIER, Bernard. **Lingüística Moderna y Filología Hispánica**. Madrid: Biblioteca Románica Hispánica/ Gredos, 1976.

RAMOS, Maria Ana. **O Cancioneiro da Ajuda: confecção e escrita**. Tese de doutoramento apresentada à Universidade de Lisboa, Lisboa, 2009.

RAPOSO, Eduardo Buzaglo Paiva. Categorias funcionais na gramática gerativa. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 9, n. 2, 1993. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/45519>: Acesso em 27 ago 2016.

RAPOSO, Eduardo Buzaglo Paiva et al. **Gramática do português**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique de. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. 28. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.

RODRÍGUEZ MOLINA, Javier. La gramática oculta de la polaridad positiva en español antiguo. **Revista de Filología Hispánica**, 2014. p. 861-915. Disponível em: <https://dadun.unav.edu/handle/10171/37903>. Acesso em 14 jan 2021.

ROSCH, Eleanor; LLOYD, Barbara (eds.). **Cognition and categorization**. Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1978.

SANTOS, Antonia Vieira. Padrões de composição de palavras no Foro Real, de Afonso X. In: ROMERO, Marta Negro; ÁLVAREZ, Rosario; MATO, Eduardo Moscoso (Eds.). **Gallaecia: estudos de linguística portuguesa e galega**. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago

de Compostela, 2017, p. 163-179. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/24387>. Acesso em 14 jun 2018.

SANTOS, Ione Pereira dos; COSTA, Sônia Bastos Borba. Proposta de Categorização para Bases Lexicais de Advérbios Formados com o Morfema *-mente* em *Corpus* do século XIV. **Revista Inventário**, 10 ed., Salvador, 2012.

SANTOS, Ione Pereira dos. **Gramaticalização de Advérbios Formados com o Morfema -mente**: uma proposta de categorização semântica. (Dissertação de mestrado). Salvador: PPGLINC/ UFBA, 2014.

SARAIVA, Fernanda Cristina. Advérbios, uma abordagem crítica. **SOLETRAS**, ano VIII, nº 15. São Gonçalo: UERJ, 2008. p. 10-106. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/4838>. Acesso em 14 out 2019.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. 28. ed. São Paulo, Cultrix, 2012.

SCHLIEBEN-LANGE, Brigitte. Reflexões sobre a pesquisa em mudança linguística. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v. 1, 1994. p. 223-246. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/45393>. Acesso em 29 nov 2016.

SILVA, Augusto Soares da; Hanna Jakubowicz BATORÉO. Gramática Cognitiva: estruturação conceptual, arquitectura e aplicações. In: Ana Maria Brito (org.). **Gramática**: história, teorias, aplicações. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2010. p. 229-251. Disponível em: <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/9353>. Acesso em 23 jul 2019.

SILVA, Camilo Rosa. **Mas tem um porém...**: mapeamento funcionalista da oposição e seus conectores em editoriais jornalísticos. (Tese de Doutorado). João Pessoa: CCHLA/UFPB, 2005.

SILVA, Jaime Ferreira da; OSÓRIO, Paulo. **Introdução à História da Língua Portuguesa**: dos factores externos à dinâmica do sistema linguístico. Chamusca (Santarém): Edições Cosmos, 2008.

SILVA NETO, Serafim. **Textos medievais portugueses e seus problemaas**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/ Casa de Rui Barbosa, 1956.

SILVA NETO, Serafim. **Fontes do Latim Vulgar**. 3. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1956.

SOUZA, L. M. de .; FOLTRAN, M. J. Advérbios em *-mente* modificando adjetivos em português brasileiro: modificação gradual e conteúdo expressivo. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 62, n. 00, p. e020007, 2020. DOI: 10.20396/cel.v62i0.8657146. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8657146> . Acesso em: 20 out. 2021.

STERKENBURG, Piet Van (ed.). **A Pratical Guide to Lexicography**. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publish Company, 2003.

STOCK, Leon. **Gramática de latim**. Lisboa: Editorial Presença, 2000.

TEIXEIRA, Zenaide Dias. Propriedades sintáticas e semânticas dos advérbios em português. In: **Anais do VII Congresso Internacional da Abralín. Curitiba**. 2011. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/18679/1/2015_ZenaideDiasTeixeira.pdf. Acesso em 13 abr 2018.

TEYSSIER, Paul. **História da língua portuguesa**. Lisboa: Sá da Costa Editora, 1982.

TEYSSIER, Paul. **História da língua portuguesa**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VASCONCELLOS, José Leite de. **Lições de Philologia Portuguesa**. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1911.

VASCONCELOS, Carolina de Michaëlis. **Lições de Filologia Portuguesa, seguidas das Lições Práticas de Português Arcaico**. Lisboa: Dinalivro, 1912.

VAZQUÉZ CUESTA, Pilar; LUZ, Maria Albertina Mendes da. **Gramática da Língua Portuguesa**. Lisboa: Edições 70, 1990.

VILELA, Mário. **Gramática de valências: teoria e aplicação**. Coimbra: Almedina, 1992.

VILELA, Mário. **Estudos de lexicologia do português**. Coimbra: Almedina, 1994.

XAVIER, Vanessa Regina Duarte. Lexicologia, Lexicografia e Filologia: intersecções e especificidades epistemológicas. **Anais do SILEL**. Volume 2, Número 2. Uberlândia: EDUFU, 2011. Disponível em: http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2011_1001.pdf. Acesso 28 jun 2017.

WEEDWOOD, Barbara. **História concisa da linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. HERZOG. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006.

WITTGENSTEINS, Ludwig. **Philosophical Investigations**. Oxford: Basil Blackwell, 1953.